



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

SARA MARLI MAGALHÃES BELARMINO DA SILVA

**HISTÓRIAS DA UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE
DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

FORTALEZA

2014

SARA MARLI MAGALHÃES BELARMINO DA SILVA

HISTÓRIAS DA UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE
DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutora.

Área de concentração: História e Memória da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Robéria Rodrigues Lopes

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

- S583h Silva, Sara Marli Magalhães Belarmino da.
 Histórias da universidade: trajetórias e experiências de docentes da Universidade Federal do Ceará / Sara Marli Magalhães Belarmino da Silva. – 2014.
 205 f. : il., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.
 Área de Concentração: História e memória.
 Orientação: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.
 Coorientação: Profa. Dra. Robéria Rodrigues Lopes
1. Professores universitários – Fortaleza(CE) – 1960-2013. 2. Narrativas pessoais. 3. Educação Métodos biográficos. 4. Universidade Federal do Ceará. I. Título.

CDD 378.81310904

SARA MARLI MAGALHÃES BELARMINO DA SILVA

HISTÓRIAS DA UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE
DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutora Área de concentração: História e Memória da Educação.

Aprovada em: 11/06/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Robéria Rodrigues Lopes (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^ª. Dr^ª. Samara Mendes Araújo Silva
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Prof^ª. Dr^ª. Maria das Dores Mendes Segundo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Valdemarin Coelho Gomes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Izaias Belarmino da Silva e Regina Beleza Magalhães da Silva (*in memoriam*), os inventores e precursores da minha existência que me levaram ao respeito da pessoa humana.

Ao meu marido Airton Silva pelo entendimento, tolerância e carinho dedicados a minha pessoa, haja vista sua solidariedade, no decorrer da minha árdua jornada de estudar, que me favoreceu na conquista do meu grande sonho - cursar o Doutorado.

Aos meus filhos, Jussara e Airton Júnior, pela ajuda nos equipamentos de informática, pelo apoio, tolerância e paciência comigo no decorrer dos meus estudos, os quais foram relevantes no prosseguimento da minha caminhada em busca da realização do meu doutoramento.

In memoriam:

A minha querida e saudosa Mãe, por tudo o que me ensinou, em especial, a perseverança e a determinação em nossos propósitos. Graças ao Meu Grande Deus, o Todo-Poderoso, isso aconteceu em minha vida, pois sem Ele nada podemos fazer!

AGRADECIMENTOS

Especial e extraordinariamente ao meu Senhor Deus, por todos os momentos que Ele me favoreceu para que pudesse realizar esse meu grande sonho, e tenho certeza que continuará me abençoando, pois Ele é fiel para cumprir todas suas promessas em nossas vidas.

Ao professor, orientador, doutor Luís Távora Furtado Ribeiro pela sua disposição, direção indispensável ao encaminhamento e elaboração da minha Tese, notadamente pela sua brilhante capacidade profissional, principalmente admirável pela sua simplicidade e exemplo de grande professor e amigo de seus alunos.

A minha querida professora, co-orientadora, doutora Robéria Rodrigues Lopes, pelo seu esforço, dedicação e paciência por me haver orientado plenamente em minha tese, sem ela não teria obtido o êxito na conclusão da pesquisa.

Ao grande mestre professor doutor Elmo Vasconcelos, que muito me incentivou e me apoiou no transcurso da realização do meu curso de Doutorado, professor admirável, pelo seu entusiasmo, simplicidade, mas, sobretudo, pela sua competência e comprometimento com a Educação cearense, máxime pela sua qualidade de mestre e amigo querido dos seus alunos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFC, principalmente os que integram a Equipe do Núcleo de História e Memória (NHIME), pelo compartilhamento nos saberes, nas orientações acadêmicas, as quais foram muito relevantes para a minha vida acadêmica, sem considerar o empenho, a dedicação, a amizade e o carinho dispensados por esses docentes com todos os alunos, independentemente de serem ou não seus orientandos. Aos professores da minha 1ª qualificação: Professor Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro (Orientador), Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior e Profª. Drª. Samara Mendes Araújo Silva, pelas grandes contribuições e sugestões na primeira etapa desta pesquisa. Aos professores da minha 2ª qualificação: Professor Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro (Orientador), Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior e Profª. Drª Samara Mendes Araújo Silva, por suas sugestões, e brilhantes anotações adotadas a presente pesquisa.

Aos professores da Universidade Federal do Ceará, que aceitaram participar da minha tese, na qualidade de protagonistas principais desta narrativa, cujas histórias fazem constar desta pesquisa.

Em especial, ao meu grande amigo, gestor público e professor doutor Luís Carlos Uchôa Saunders, pelo grande homem público e professor, que sempre soube desempenhar

suas funções com probidade, inteireza, superação e criatividade ante todas as situações difíceis enfrentadas, tudo na luta em favor do desenvolvimento da Universidade Federal do Ceará.

Aos servidores e funcionários da Faculdade de Educação, desde o mais humilde servidor ao mais graduado do Gabinete da Diretoria e da Reitoria, uma vez que, sem esses profissionais, inexistiria crescimento no processo educacional desta Universidade.

À Universidade Federal do Ceará, pela oportunidade que me concedeu de cursar pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, nas modalidades de Especialização em Direito Administrativo, Mestrado em Administração e Doutorado em Educação Brasileira. Destarte, sou muito grata a esta Instituição, uma vez que, sem a gratuidade desses cursos, jamais teria condições financeiras para custear meus cursos de pós-graduação e, assim, realizar meus sonhos na vida intelectual e de pesquisadora.

À amiga Ana Lúcia Lopes, pelo incentivo especial, pela amizade demonstrada e pelo compartilhar na luta pela conquista da realização do Mestrado e do Doutorado, tendo em vista que lutamos sempre juntas.

Aos meus familiares, pelo apoio e incentivo demonstrados, os quais se fizeram indispensáveis no curso desta jornada.

Enfim, a todos os meus amigos que colaboraram na coleta de informações acerca da minha pesquisa, bem como pelo apoio e incentivo na efetivação dos meus propósitos profissionais e acadêmicos.

“[...] A maior parte desse confiança deriva do fato de experimentarmos o presente em relação com o passado. A nossa experiência do presente fica, portanto, inscrita na experiência passada. A memória representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido, um com o outro. Claro que esta inserção da memória na experiência presente pode também ser a raiz da sua debilidade como fonte de conhecimento do passado.” (FENTRESS; WICKHAM, 1992).

RESUMO

A presente tese objetiva compor a história de vida de quatro professores universitários – Ciro Nogueira Filho, José Maria de Sales Andrade Neto, Luís Carlos Uchoa Saunders e Roberto Cláudio Frota Bezerra, que destinaram suas vidas à academia, as quais se entrelaçam com a trajetória da Universidade Federal do Ceará. Especificamente a pesquisa, com recorte temporal dos anos de 1960 a 2013, pretende (i) conhecer os fenômenos individuais da história familiar, escolar, profissional/acadêmica e sociopolítica dos professores universitários, com vistas a recompor a história da Universidade Federal do Ceará; (ii) delinear apreciações críticas acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará no contexto educacional e sociopolítico cearense. A pesquisa qualitativa, centrada na História Oral de Vida, está sustentada com as contribuições teóricas das áreas da Filosofia, História e Educação, com as quais os conceitos de Memória, Pensamento Crítico, História Oral de Vida e História Social guardam coerência. O procedimento metodológico da investigação decorreu de modo sequencial de julho de 2012 a julho de 2013, e se realizou em três tempos e modos: pesquisa bibliográfica, documental e de campo, subsidiadas pela técnica da entrevista semiestruturada com a finalidade de orientar a narrativa autobiográfica. A análise das histórias de vida dos sujeitos permitiu classificar as falas em cinco categorias e seus respectivos núcleos de sentido: (i) Família; (ii) Escola; (iii) Professores; (iv) Alunos; e (v) Universidade. Os resultados indicaram que a recomposição da história de vida (familiar, escolar, profissional/acadêmica e sociopolítica) dos professores, sujeitos desta pesquisa, possibilitaram o resgate da história da Universidade Federal do Ceará ao identificar aspectos do ensino superior e fornecer informações sobre a qualidade, a equidade, a eficiência do ensino, pesquisa e extensão, e a interiorização. O posicionamento que se teve ante esse cenário aparece, ao final desta tese, na forma de apreciações críticas acerca do seu papel social no contexto educacional e sociopolítico cearense.

Palavras-chave: Universidade. Educação. Memória. Ensino Superior.

ABSTRACT

This thesis aims to make the life story of four university professors: Ciro Nogueira Filho, José Maria de Sales Andrade Neto, Luís Carlos Uchoa Saunders e Roberto Claudio Frota Bezerra. They devoted their lives to the Federal University of Ceara. Specifically search with temporal clipping the years 1960 to 2013, aims to (i) meet the individual phenomena, school, family history professional / academic and socio-political university teachers, in order to reconstruct the history of the Federal University of Ceará; delineate (ii) critical assessments about the role of the Federal University of Ceará Ceará in the educational context and sociopolitical. Qualitative research focused on Oral History of Life, is supported with theoretical contributions in the areas of Philosophy, History and Education, with which the concepts of memory, Critical Thinking, Oral Life History and Social History guard consistency. The methodological approach of the research was carried out sequentially from July 2012 to July 2013, and was held in three tenses and moods: bibliographic, documentary and field research, subsidized by the technique of semi-structured interviews in order to guide the autobiographical narrative. The methodological approach of the research was carried out sequentially from July 2012 to July 2013, and was held in three tenses and moods: bibliographic, documentary and field research, subsidized by the technique of semi-structured interviews in order to guide the autobiographical narrative. The results elucidated that the recovery of the history of life (family, school, professional / academic and socio-political) of teachers, subjects in this study, allowed the rescue of the history of the Federal University of Ceará to identify different aspects of higher education and provide information about the quality, equity, efficiency of teaching, research and extension, and internalization. The positioning of the researcher towards this scenario appears at the end of this thesis, in the form of critical assessments about their social role in the educational and socio-political Ceará.

Keywords: University. Education. Memory. Higher Education.

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour objectif de rendre l'histoire de vie de quatre professeurs universitaires – Ciro Nogueira Filho, José Maria de Sales Andrade Neto, Luís Carlos Uchôa Saunders et Roberto Cláudio Frota Bezerra – qui ont consacré leurs vies à l'université, lesquelles s'entrelacent avec la trajectoire de l'Université Fédérale du Ceará. La recherche vise plus précisément, prenant comme référence les années de 1960 à 2013, (i) à connaître les aspects individuels de l'histoire familiale, scolaire, professionnelles/académique et socio-politique de ces professeurs afin de reconstituer l'histoire de l'Université Fédérale du Ceará; et (ii) à faire des évaluations critiques sur le rôle social de cette Université dans le contexte éducatif et socio-politique de l'État du Ceará. La recherche qualitative axée sur l'histoire orale de vie est soutenue avec des apports théoriques dans les domaines de la Philosophie, Histoire et Éducation coordonnés avec les concepts de Mémoire, Pensée Critique, Histoire Orale de Vie et Histoire Sociale. L'approche méthodologique de la recherche s'est développée de manière séquentielle entre le mois de juillet 2012 et juillet 2013 et a été effectuée en trois temps et modes : recherche bibliographique, documentaire et sur le terrain, subventionnée par la technique d'entretiens semi-structurés afin de guider le récit autobiographique. L'analyse des histoires de vie des individus nous a permis de classer les discours en cinq catégories avec leurs bases de sens respectives: (i) Famille; (ii) École; (iii) Professeurs; (iv) Étudiants; et (v) Université. Les résultats ont montré que la reprise de l'histoire de vie (familiale, scolaire, professionnelle/académique et socio-politique) des professeurs, objets de cette étude, a permis de récupérer l'histoire de l'Université Fédérale du Ceará lors de l'identification des différents aspects de l'enseignement supérieur et du fournissement des informations sur la qualité, l'équité et l'efficacité de l'enseignement, de la recherche, de l'extention et de l'internalisation. La position de la chercheuse face à cette vision apparaît en fin de cette étude, sous forme d'évaluations critiques à propos de son rôle social dans le contexte éducatif et socio-politique du Ceará.

Mots-clés: 1. Université. 2. Éducation. 3. Mémoire. 4. Enseignement Supérieur.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR	15
2.1	Resgatando Conceitos históricos de memória e pensamento crítico	15
2.2	Delimitando Objetivos e expectativas de resultados da pesquisa	19
2.3	Definindo o Instrumento de coleta de dados e os procedimentos	20
2.4	Realizando um Diagnóstico geral da Universidade Federal do Ceará – UFC	24
2.5	Caracterizando os Participantes no estudo	28
2.6	Refletindo sobre a Análise dos dados	29
3	HISTORICIDADE: POSIÇÕES TEÓRICAS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS ..	32
3.1	O conhecimento e a relatividade do saber histórico	32
3.1.1	<i>O sujeito na produção do conhecimento histórico</i>	39
3.1.2	<i>A verdade histórica: pistas teóricas para a compreensão do vivido-real</i>	43
3.2	A experiência individual como ordenação subjetiva	56
3.2.1	<i>A história oral de vida</i>	59
3.2.2	<i>A personalidade individual: traços do “eu” subjetivo e profundo</i>	64
3.3	A história social	69
3.3.1	<i>Abordagem historiográfica na história social</i>	72
3.3.2	<i>Os reflexos da história de vida na construção da história social da Universidade Federal do Ceará</i>	75
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	84
4.1	Resultados da análise	84
4.2	Discussões	99
5	CONCLUSÕES	103
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE A – ANÁLISE DE CONTEÚDO – CIRO NOGUEIRA FILHO	113
	APÊNDICE B – ANÁLISE DE CONTEÚDO – JOSÉ MARIA DE SALES ANDRADE NETO	124
	APÊNDICE C – ANÁLISE DE CONTEÚDO – LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS	152
	APÊNDICE D – ANÁLISE DE CONTEÚDO: ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA	169
	ANEXO A – AUTORIZAÇÕES DOS PROFESSORES PARA ENTREVISTA	202

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, nas últimas décadas, passa por profundas modificações, em face dos avanços tecnológicos que causam grandes impactos e transformações sociais, políticas, culturais, científicas e educacionais. Também os estudos históricos obtiveram relevância, no sentido de reconhecer, valorizar a pessoa, como sujeito histórico, ensejando-se estudar sua trajetória histórica, experiência de vida, a memória, os sentimentos e valores, tanto nas questões pessoais quanto sociais. Vasconcelos Júnior (2011) admite que é significativo o despertar dos acadêmicos e pesquisadores pelo estudo da identidade histórico-cultural, buscando a recuperação e a reconstituição do passado, cujas pesquisas se destacam acerca da memória, o que enseja uma temática interdisciplinar voltada para as áreas da Sociologia, Antropologia e da Psicologia, com vistas a resguardar a memória e proteger o esquecimento.

Percebe-se que o papel da educação é essencial para favorecer aos agentes históricos uma participação crítica na vida social e política, caracterizada por sua contextualização histórica, em sintonia com as mesmas pessoas concentradas num mesmo espaço e tempo social. A História, por sua vez, é valorizada e reconhecida pelos historiadores, sob um novo enfoque social, objetivando compreender como os sujeitos podem modificar o meio e alterar a realidade, mediante da sua atuação.

Nesse enfoque, a pesquisa sustentou o aporte metodológico da História Oral de Vida para restaurar a história de vida de quatro professores universitários – *Ciro Nogueira Filho*, *José Maria de Sales Andrade Neto*, *Luís Carlos Uchoa Saunders* e *Roberto Cláudio Frota Bezerra*. Estes destinaram suas vidas à academia, as quais se entrelaçam com a trajetória da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mais especificamente, pretende-se contribuir para (i) conhecer os fenômenos individuais da história familiar, escolar, profissional/acadêmica e sociopolítica dos professores universitários, com vistas a recompor a história da Universidade Federal do Ceará; e fazer apreciações críticas acerca do papel social da Instituição no contexto educacional e sociopolítico cearense.

O referencial teórico adotou as contribuições teóricas das áreas da Filosofia, História e Educação Social e suas especificações que serviram de parâmetros para tratar os problemas delineados nas quatro questões iniciais suscitadas como expectativas de resultados: (i) a História Oral de Vida, fundada sobre a exploração pessoal de quatro professores da Universidade Federal do Ceará, permite um retorno reflexivo sobre eles mesmos, seu percurso familiar, escolar, profissional/acadêmica, social e político; (ii) a memória individual, constituída desde as referências e lembranças próprias, refere-se a um ponto de vista sobre a

memória coletiva; (iii) a história social possibilita fazer apreciações críticas acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará; (iv) as memórias individuais dos atores sociais – quatro professores da UFC – expressam a memória coletiva acerca do papel social desta Academia no contexto educacional e sociopolítico cearense.

O caminho percorrido pelos protagonistas leva a se refletir sobre sua atuação na história social da Universidade Federal do Ceará, na qual influenciaram e receberam influências, no processo socioeducativo, como sujeito no ambiente acadêmico, tendo em vista que o ser humano, como socialmente constituído pode transformar o mundo, mediante o estabelecimento de um relacionamento interativo com as pessoas envolvidas no processo.

O modo de conduta dos atores sociais é entendido como a estratégia que eles adotaram como sinônimo de suas práticas docentes, para assinalar a pretensão de seus objetivos e os modos de alcançá-los, cujo procedimento compreende as ações dos sujeitos perante os embates do cotidiano e a maneira como lidam com os transtornos individuais e coletivos (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

Defendo o pressuposto básico de que a memória não é só uma lembrança, mas experiências vividas no presente e relacionadas com o passado, causando o reconhecimento, de um lado, das circunstâncias sociais em que este se fortaleceu, e de outro, da interação do passado com o presente em que se efetuou, sob uma percepção não determinista, mas sim, à luz de uma percepção criadora do tempo.

Nesse sentir, Halbwachs (1990) enfatizou que a força que estruturante da memória são os pontos de referências que vivenciamos e compartilhamos com o grupo em que vivemos.

Nesta perspectiva e em face de estudos anteriores sobre a Universidade Federal do Ceará, surgiu nosso interesse em atuar com a história de vida de professores, ativos ou inativos, com amplas experiências de ensino, pesquisa, extensão e gestão no ensino superior e que tivessem vivenciado, *in loco*, toda a consolidação institucional. Não obstante, não se pretendemos demonstrar respostas prontas e definitivas, mas por meio de uma história singular, suas memórias sobre família, vida escolar e acadêmica, religião, profissão, a universidade, alunados, os valores morais e éticos, as referências sociais e comunitárias, a compreensão de como as pessoas atuam na ambiência social, seja para renovar ou transformar seu contexto particular ou coletivo advindos do ambiente sociocultural; e esquadrihar pistas para apreender as histórias da UFC.

Todo o percurso teórico-metodológico que operacionalizou a feitura desta tese foi descrita no Capítulo que trata da **Trajatória do Pesquisador**, onde, inicialmente buscamos

reaver princípios e conceitos teóricos de Memória e Pensamento Crítico, à luz de Catroga, Le Goff, Gondar, Parker e Moore, Murcho, Sunmer, Ruedell, Certeau, Benjamin, Vaughn e Hobsbawm, para fundamentar, do ponto de vista científico, os resultados produzidos na pesquisa. No segundo momento, foram delimitados os objetivos e as expectativas de resultados da pesquisa; definidos os instrumento de coleta de dados e os procedimentos, o que envolveu a triangulação da pesquisa bibliográfica, documental e de campo, efetivada pela História Oral de Vida, como método, e entrevistas semiestruturadas, como instrumento de coleta de dados. A seguir, foi realizado um diagnóstico geral da Universidade Federal do Ceará (UFC) e foram caracterizados os participantes no estudo. E, por fim, trazemos uma reflexão sobre a análise dos dados, realizados no domínio da *análise de conteúdo*, de Bardin.

No Capítulo que aborda a **Historicidade: Posições Teóricas e Experiências Vividas**, demarcamos teórica e empiricamente as diversas perspectivas do conhecimento e da relatividade do saber histórico, sob uma visão a propósito do sujeito na produção do conhecimento histórico e da verdade histórica. Também analisamos, nesse capítulo, a experiência individual como ordenação subjetiva sob a óptica da história oral de vida e da personalidade individual e, por último, ponderar a respeito da história social do ponto de vista da abordagem historiográfica na história social e nos reflexos na formulação da história social da Universidade Federal do Ceará.

Finalmente, o Capítulo que aponta os **Resultados e Discussões** das memórias dos professores que foram apresentados, acerca de suas percepções contextualizadas com a história da universidade pesquisada, onde se percebe que as conclusões dos protagonistas esclarecem sobre a relevância do papel da memória e das lembranças em nossas práticas, responsáveis pela dimensão subjetiva e qualitativa da percepção do sujeito histórico.

Nas discussões, foram revistas as questões preliminares em vista dos resultados da pesquisa, ressaltando que o fenômeno da história de vida dos quatro docentes universitários se entrelaçam com a trajetória da Universidade Federal do Ceará, onde se deve estar preparado para lidar com opiniões, percepções divergentes e resultados, algumas vezes paradoxais.

Para interpretar os significados exteriorizados nas narrativas das memórias individuais dos atores sociais, foi adotado o método da análise de conteúdo, objetivando a seleção e análise dos resultados, para os quais foram identificadas cinco categorias e seus respectivos núcleos de sentido de melhor representatividade, a saber: (i) *Família*; (ii) *Escola*; (iii) *Professor*; (iv) *Aluno*; e (v) *Universidade*.

Nas conclusões, constatamos a confirmação das questões iniciais suscitadas na pesquisa como expectativas de resultados, uma vez que a história de vida dos protagonistas

lhes favoreceu um regresso de maneira reflexiva sobre si mesmo, sua trajetória familiar, escolar profissional, social e política, assim como notamos que a memória individual, produzida com base nas próprias referências e lembranças, está relacionada à visão e expressa a memória coletiva, a respeito do papel social da UFC na realidade educacional e sociopolítica cearense.

Acreditamos que esta pesquisa possa despertar nos leitores a pretensão de futuras investigações mais aprofundadas sobre o impacto da história social da Universidade Federal do Ceará nos contributos educacionais à sociedade brasileira.

2 TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

Este capítulo reflete sobre os aspectos conceituais da subjetividade da memória, contextualizando-a num pensamento crítico, onde buscamos reaver princípios e conceitos teóricos para fundamentar do ponto de vista científico os resultados produzidos na pesquisa.

Para o alcance desses resultados, delimitamos os objetivos e as expectativas que vislumbramos na obtenção dos resultados, assim como à seleção e adequação do instrumento de avaliação e dos procedimentos a serem adotados para aplicabilidade na pesquisa.

Resgatamos nos documentos oficiais da Universidade Federal do Ceará subsídios técnicos para melhor compreender o papel social da Instituição, como também para realizar um diagnóstico geral da sua abrangência estrutural.

Por último, a análise das histórias orais dos protagonistas sociais possibilitou a imersão em pistas epistemológicas para melhor entender e configurar o percurso teórico-metodológico, o que nos levou a privilegiar a manifestação da produção dos resultados do que foi investigado, à luz de uma reflexão sobre a análise do conjunto de dados e informações colhidas no curso de formação, objeto da pesquisa.

2.1 Resgatando conceitos históricos de memória e pensamento crítico

A análise conceitual de memória e pensamento crítico possibilita a reflexão de que ambos as considerações se distanciam e se aproximam, simultaneamente. Observa-se que, por um lado, a subjetividade da memória e do pensamento crítico se complementam e, por outro, se distanciam por meio da narrativa e estrutura dos acontecimentos históricos.

A Memória e a História podem manifestar-se como narração dos acontecimentos e fenômenos, entretanto, nem toda narração dos fatos e eventos fazem história. Neste sentido, tencionamos expressar a distinção entre memória e pensamento crítico e, principalmente, conferir a possibilidade da distinção dos saberes na estrutura da matéria.

Catroga (2001) mostra que memória é uma elaboração social, indicando que os sujeitos recordam aquilo que é relevante para o seu grupo social, uma vez que suas recordações têm como referências estruturas simbólicas e culturais, haja vista que a memória possui características de ordem natural e múltipla, envolvida pela imaginação.

Para o mesmo teórico, estudos realizados revelam que, assim como a memória, a história também é gerada pelos grupos sociais, haja vista que ambas reconstituem o passado com origem em fatos e eventos de sua cultura. Tal asseveração é ratificada por Jacques Le

Goff (1990), que conceitua a memória como fenômeno individual e psicológico que possibilita ao homem conservar, atualizar ou reinterpretar informações. Com esse entendimento, Le Goff defende a ideia de que,

[...] a primeira (a memória) é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo), onde corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros [...] (GOFF, 1990, p. 29).

[...] existem três princípios que buscam a verificação (veracidade) das referências do passado: 1) Foram as fontes pertinentes utilizadas, e os últimos estágios de investigação foram tomados em consideração? 2) Até que ponto estes juízos históricos se aproximaram de uma integração ótima de todos os dados históricos possíveis? 3) Os modelos explícitos ou subjacentes de explicação são rigorosos, coerentes e não contraditórios? (GOFF, 1990, p. 31).

O teórico Jó Gondar (2008) por vez, postula o argumento de que a memória possui caráter polissêmico, podendo ser entendida em variadas perspectivas – memória individual, social e coletiva. A memória individual é constituída pelas percepções, lembranças e experiência interior e subjetiva, passível de transmissão, por via da palavra, isto é, a memória social é uma elaboração processual que se consolida em um produto ético, político e transdisciplinar, permeando os campos da História, da Filosofia, da Paleontologia, das Ciências Sociais e da Psicanálise; a memória coletiva apoia-se nos acontecimentos vividos no interior dos grupos sociais. Assim, a memória é, sobretudo, um fenômeno coletivo modelado pelos grupos sociais.

Observa-se, pois, que a memória individual se caracteriza pela subjetividade, distante das grandes linhas interpretativas e integradoras da memória coletiva. Cumpre, sobretudo, a indispensabilidade de preservar e transmitir experiências múltiplas e singulares, produzindo reflexo sobre a diversidade e a complexidade na sucessão fática de uma interpretação de imagens e eventos que podem reproduzir um significado interpretativo, único (GONDAR, 2008).

Dessa forma, a memória tem verossimilhança, mas possui critérios e condições de objetividade calcadas no pensamento de quem narra. Por outro aspecto, a história pesquisa argumentos que possam dar razão e estratégias de persuasão.

Por sua vez, o conceito de pensamento crítico pode ser entendido como julgamento propositado e reflexivo sobre o que acreditar ou o que fazer em resposta a uma observação, experiência, expressão verbal ou escrita, ou argumentos.

Parker e Moore (1997) definem pensamento crítico como a determinação cuidadosa e deliberada sobre aceitar, rejeitar ou suspender o julgamento acerca de uma afirmação e o grau de confiança que alguém deve aceitar ou rejeitar. Para esses autores, o pensamento crítico possui enfoque na consideração das evidências, na contextualização do julgamento, na relevância do critério para o julgamento, nos métodos e técnicas aplicáveis para formar a opinião e nos construtos teóricos aplicáveis para entender a natureza da questão e da matéria.

Murcho (2009) declara que pensar de maneira crítica é ter a capacidade de defender nossas convicções com argumentos claros e sistemáticos, pois é exatamente nesse contexto que a Filosofia, entendida como pensamento crítico, se aproxima da Ciência, visto que o pensamento crítico é uma constante invocação à argumentação; é, ainda, o pensamento que contém defesa sólida capaz de subsistir nossas proposições para não praticar argumentos frágeis e inconsistentes. Destarte, segundo o mesmo teórico, a Filosofia e o pensamento crítico correspondem a tolerância e respeito e exigem atitude de cordialidade, de saber ouvir o outro, para que juntos possam alcançar soluções de qualidade e mais adequadas.

Os pesquisadores revelam que é necessário assumir a posição de um pensador crítico, com vistas a identificar e não adotar as discriminações que advêm do conhecimento, mas reconhecer e assinalar as especificidades dos argumentos, bem como avaliar a qualidade das origens dos dados e apreciar as argumentações. Nesse sentir, o pensamento crítico também não objetiva modificar a inteligência das pessoas ou assumir o lugar destinado à afetividade e aos sentimentos, entretanto seu propósito é dificultar que as ilusões e os equívocos se expressem no seu cotidiano.

Sunmer (2006, p. 196) define pensamento crítico de maneira mais ponderada:

[...] é a análise e o teste de proposições de qualquer tipo que nos são oferecidas, de forma a descobrir se elas correspondem à realidade ou não. É um hábito e um poder mental. É uma condição primária para o bem da sociedade que homens e mulheres sejam treinados nele. É a nossa única garantia contra ilusão, enganação, superstição e incompreensão de nós mesmos e de nossas circunstâncias mundanas. Nossa educação é boa na medida em que ela produz uma bem desenvolvida capacidade crítica. A educação na capacidade crítica é a única educação da qual pode-se verdadeiramente dizer que forma bons cidadãos.

Assim, o princípio fundamental deste pensamento crítico é refletir, suscitar questionamentos do que se lê ou do que se escuta e se aproximar o quanto possível das informações objetivas, com o maior e o mais alto grau de exatidão (SANTANA, 2008).

Catroga (2001) leciona que a história pode resultar de um pensamento crítico, adotando uma comunicação conceitual, abstrata e laica, mas que possui uma função

educadora. Tal afirmação confere com a de Ruedell (2008), ao ressaltar que a compreensão e o entendimento da comunicação somente ocorrem por meio da linguagem utilizada, sobretudo, com imaginação e criatividade.

A Linguagem é um distintivo do ser humano e, enquanto tal, é um dado que o acompanha a história da humanidade. [...] ela sempre tem sido um recurso indispensável para a organização coletiva do trabalho e para o estabelecimento das relações sociais”. Observa-se que a linguagem é dialógica por excelência e vai pressupor uma relação existencial com o outro, traduzida numa coordenação de ações consensuais. (RUEDELL, 2008, p. 264).

Certeau (1982) ensina que a história deve ser enfrentada como produção que, embora tenha limite, necessita ser conhecida em um contexto do lugar, dos procedimentos metodológicos de investigação adotados (teoria e empirismo) e da formulação de um texto coerente e estruturado com as respectivas literaturas, capaz de traduzir a realidade.

Percebemos que a especificidade da abordagem da memória diz respeito à interação da complexidade da memória e do pensamento crítico, uma vez que a memória é um mecanismo de lembrar e esquecer que alimenta uma corrente mais profunda, necessária à sobrevivência de variados grupos e pessoas e à reorganização de identidades, de intenções e de valores que, embora não sendo influentes, são imprescindíveis para o que Benjamin (1994) espera da história, ou seja, que demonstre uma expressão às datas.

É nesse prisma que o pensamento crítico interage com a memória, haja vista que é possível utilizarmos esse pensamento, respeitando alguns princípios racionais ou lógicos, de maneira que possamos alcançar a verdade, ou que, pelo menos, estejamos preparados contra diversas formas inadequadas e controvertidas de se pensar.

Vaughn (2004, p. 34), ao analisar o pensamento crítico, admite que,

[...] o pensamento crítico não se foca naquilo que se causa uma crença, mas em saber se vale a pena acreditar nela e uma crença só deve ser aceita se tivermos boas razões para aceitar. Não se assume apenas à lógica formal, mas também se preocupa com a verdade ou falsidade das nossas crenças e com as capacidades, atitudes e práticas necessárias para a construção de uma visão do mundo e para determinarmos aquilo em que vale ou não a pena acreditar.

É importante inferir, pois, que existem tempos históricos, como também espaços de criação, determinando adaptações sociais que lhes são próprias, mas flexíveis mudanças. Nesse entendimento, Hobsbawm (1972) destaca a função social do passado, compreendendo por passado o período anterior aos eventos de que a pessoa se lembra diretamente.

A memória e o pensamento crítico utilizado na história contribuem para desenvolver nos professores/alunos o pensamento reflexivo, numa performance profissional

que se exercita como um sujeito da elaboração de seu pensar e refletir sobre os procedimentos estratégicos para obter um processo de ensinar, e um processo de aprender numa perspectiva crítica, que é capaz de desenvolver em si próprio uma atitude e habilidade de criticidade, como também em seus alunos. Para o momento atual, é propício para se refletir sobre o seu papel no contexto sócio-histórico, de maneira a contribuir para a formação de cidadãos críticos, transformadores e formadores da sociedade.

2.2 Delimitando objetivos e expectativas de resultados da pesquisa

A investigação aqui desenvolvida tem por escopo compor a história de vida de quatro professores universitários: *Ciro Nogueira Filho*, *José Maria de Sales Andrade Neto*, *Luís Carlos Uchoa Saunders* e *Roberto Claudio Frota Bezerra* - que destinaram suas vidas à Academia, as quais se entrelaçam com a trajetória da Universidade Federal do Ceará. Mais especificamente, pretendemos contribuir para (i) conhecer os fenômenos individuais da história familiar, escolar, profissional/acadêmica e sociopolítica dos professores universitários, com vistas a recompor a história da Universidade Federal do Ceará; e (ii) delinear apreciações críticas acerca do papel social da UFC, no contexto educacional e sociopolítico cearense.

O referencial teórico utilizado nesta investigação partiu especificamente dos conceitos de História Oral de Vida e suas inclusões e serviu de parâmetro para tratar os problemas delineados nas quatro questões iniciais levantadas como expectativas de resultados:

- a) a história oral de vida, fundada sobre a exploração pessoal de quatro professores da Universidade Federal do Ceará, permite um retorno reflexivo sobre eles mesmos, seu percurso familiar, escolar, profissional/acadêmica, social e político;
- b) a memória individual, constituída das referências e lembranças próprias, refere-se a um ponto de vista sobre a memória coletiva;
- c) as trajetórias de vida dos professores possibilitam delinear apreciações críticas acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará; e
- d) as memórias individuais dos atores sociais – quatro professores da UFC – expressam a memória coletiva acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará no contexto educacional e sociopolítico cearense.

2.3 Definindo o instrumento de coleta de dados e os procedimentos

A pesquisa empírica foi utilizada para compor a história de vida de quatro professores universitários – Ciro Nogueira Filho, José Maria de Sales Andrade Neto, Luís Carlos Uchoa Saunders e Roberto Cláudio Frota Bezerra – que destinaram suas vidas à academia, as quais se entrelaçam com a trajetória da Universidade Federal do Ceará. Com recortes relativos a domínios restritos de conteúdos teóricos e práticos, frutos de experiências e trajetórias individuais e coletivas dos atores sociais – professores universitários da UFC – o estudo possibilitou conhecer os fenômenos individuais da história familiar, escolar, profissional/acadêmica e sociopolíticas dos professores universitários, com vistas a recompor a história da Universidade Federal do Ceará; e delinear apreciações críticas acerca do papel social da U.F.C. no contexto educacional e sociopolítico cearense.

A compreensão da complexidade das memórias individuais e suas relações com o contexto na qual se produzem requer fundamentar os procedimentos presentes na própria subjetividade do sujeito (experiência vivida). Nesse sentido, a opção por uma abordagem qualitativa é justificada, nesta pesquisa, por envolver a subjetividade e o simbolismo, constituindo-se *uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto*; submergindo em algumas esferas: da empatia aos motivos, das intenções aos projetos dos agentes sociais; das estruturas às relações significativas (MINAYO, 1994).

A propósito do método qualitativo, Minayo (1994, p. 21) observa ainda, “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Bauer e Gaskell (2002) argumentam que o interesse maior dos pesquisadores qualitativos é na tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial. Ressaltam que a forma como os sujeitos se relacionam com seu *mundo vivencial* pode ser observada por intermédio de *opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas*. Para os autores, tais conceitos *expressam as relações sujeito-objeto particulares, ligadas a um meio social*, cabendo ao investigador qualitativo buscar interpretar os ambientes sociais no espaço social.

Polit e Hungler (1995) advertem para a noção de que a pesquisa qualitativa se baseia na premissa de que o conhecimento sobre as pessoas somente se fazem possíveis por meio da experiência vivida, narrada pelos próprios sujeitos.

Com efeito, o método qualitativo, nesta pesquisa, permite ao pesquisador identificar as motivações que levam os protagonistas ao exercício de suas práticas sociais, como também compreender o significado que os acontecimentos e interações acarretaram em suas trajetórias individuais, em situações particulares.

A investigação empírica decorreu, de modo seqüencial, de 2011 a 2013, por meio da triangulação da pesquisa bibliográfica, documental e de campo. No primeiro momento da investigação, foi realizada uma revisão bibliográfica, priorizando autores das áreas da Filosofia, História e Educação, que produziram subsídios teóricos multidisciplinares à pesquisa e serviram de parâmetros para tratar os problemas delineados nos quatro pontos iniciais suscitados como expectativas de resultados. Em consonância com Trivinos (1987), a avaliação do material bibliográfico mostra ao pesquisador o interesse e o esforço de outros investigadores em busca de pesquisar o que ainda poderá ser explorado. Segundo o autor, a revisão “[...] permitirá descobrir as ligações do assunto que lhe interessa com outros problemas, o que, sem dúvida alguma, ampliará na visão sobre o tópico que se pretende estudar” (TRIVIÑOS, 1987, p. 100).

Após a revisão da literatura, efetivamos a pesquisa documental, com o propósito de coletar um maior número de informações, da legislação legal e doutrinária pertinente à Universidade Federal do Ceará, locus da pesquisa. Como leciona Yin (2001), o mais importante na busca de documentos é corroborar e valorizar as evidências oriundas de outras fontes. É relevante destacar o fato de que os documentos foram escritos com um determinado propósito e para um público específico da educação superior.

Por último, estão a pesquisa campo, com auxílio da história oral de vida como método, e entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados utilizado com a finalidade de orientar a narrativa autobiográfica.

A seleção preferencial pela história oral de vida como recurso metodológico se prende ao fato de este recurso se compor, no contexto da pesquisa qualitativa, como um método, rigoroso e fidedigno, propício à obtenção direta das informações na essência subjetiva da vida de uma pessoa. Esse recurso metodológico possibilita a produção de uma nova documentação com a versão de atores sociais – os professores Ciro Nogueira Filho, José Maria de Sales Andrade Neto, Luís Carlos Uchoa Saunders e Roberto Claudio Frota Bezerra; e o estabelecimento de um diálogo entre informante e analista. De um lado, o pesquisador, pode captar as trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas, e, de outro lado, o agente social tem liberdade para dissertar sobre a experiência pessoal vivida no contexto do

fenômeno social, em relação ao que está sendo indagado pelo entrevistador. Ambos compartilham algo novo (CAMARGO, 1994).

Por sua vez, a técnica das entrevistas no método da história oral de vida constitui um conjunto de documentos do tipo biográfico – memórias e narrativas autobiográficas, que, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro, são tomados como fontes para a compreensão do passado. Utilizada com o objetivo de compreender como pessoas experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade, a entrevista possibilita ao investigador efetivar um processo dialógico e a maior interação com o participante da pesquisa.

A narrativa autobiográfica objetiva tornar a pessoa mais visível para si própria, ou seja, se conhecer, para transformar a si e suas ações. Advertimos para o fato de que a decisão de selecionar a estratégia narrativa para a narração das histórias de vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa projetou-se em função das vivências deles com a docência na UFC as quais produziram e produzem saberes e conhecimentos sociopolíticos e culturais que devem ser compartilhados com a história da Instituição.

Isso significa dizer que compreendemos, na visão de Nóvoa (1992), que ensinamos o que somos, e o que somos tem vinculação direta com o que vivenciamos e experimentamos, portanto, não ensinamos somente o que sabemos, mas estamos comprometidos nesse aprendizado, num processo histórico com dimensões cognitivas, políticas, éticas e culturais, que orientam as opções e atitudes assumidas, quer na área pessoal, quer na profissional.

Deste modo, a linguagem, a experiência e a subjetividade contidas nas falas dos professores constituem ferramentas sólidas para trilhar caminhos que desvelam saberes construídos ao longo de suas vidas, as quais foram substanciais à sua formação moral, acadêmica e sociocultural.

Assim, foi elaborado um roteiro da entrevista, semiestruturado, com a finalidade de orientar a narrativa autobiográfica, possibilitando conversar e aprofundar a comunicação (MARTINS; BICUDO, 1986). Estruturado com 16 questões, divididas em quatro temas-objeto – história familiar, história escolar, história profissional/acadêmica, história sociopolítica – o roteiro visou a apreender o ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa, sendo arranjado de forma a permitir perguntas fundamentais para a compreensão da realidade empírica. Tais questões, na sequência expressa, não descartaram a possibilidade de o entrevistado acrescentar outras que entendesse como relevante:

ROTEIRO DA ENTREVISTA
<p align="center">1º TEMA-OBJETO – HISTÓRIA FAMILIAR</p> <p>1. Lembranças mais antigas e também relevantes de sua infância, adolescência e juventude.</p>
<p align="center">2º TEMA-OBJETO – HISTÓRIA ESCOLAR</p> <p>2. Recordações escolares, primário, ginásial.</p>
<p align="center">3º TEMA-OBJETO – HISTÓRIA PROFISSIONAL/ACADÊMICA</p> <p>3. Primeiras experiências profissionais/acadêmicas.</p> <p>4. Escolha da profissão (influências recebida na formação).</p> <p>5. Ingresso na UFC.</p> <p>6. Momentos marcantes na Academia.</p> <p>7. Experiências administrativas e da gestão: período, fatos marcantes.</p> <p>8. Experiências na docência: período, fatos marcantes no ensino, pesquisa e extensão.</p> <p>9. Trabalhos publicados.</p> <p>10. Projetos educacionais;</p> <p>11. Participação em sindicatos, associações, movimentos estudantis.</p> <p>12. Participação reforma universitária na UFC.</p> <p>13. Revisitando a Universidade: participação na construção da UFC; compromisso com a Instituição e com os servidores; inserção sócio- histórica e política na UFC.</p> <p>14. Visão pessoal dos marcos históricos da UFC.</p>
<p align="center">4º TEMA-OBJETO – HISTÓRIA SÓCIO-POLÍTICA</p> <p>15. Interesses na Arte, Literatura, Música, Esporte, Poesia.</p> <p>16. Memórias da ditadura militar</p>

As entrevistas, especificamente, decorreram durante o período de julho de 2012 a julho de 2013, após terem sido recolhidos e sumariamente tratados os dados secundários. As entrevistas foram realizadas em vários espaços, com predominância de residências, escritórios e locais de trabalho. Em todos os casos, foram expressos os objetivos e procedimentos de pesquisa e obtida autorização prévia de forma expressa para gravar as entrevistas. Eles, firmaram uma carta de cessão de direitos de depoimento oral, cujo documento segue apenso.

No decorrer da investigação empírica, a entrevista possibilitou várias leituras de nossa parte e dos entrevistados. A fim de evitar diversificadas interpretações, conscientes e inconscientes, optamos por acrescentar algumas perguntas esclarecedoras aos aspectos relevantes.

As falas dos entrevistados foram transcritas na íntegra, com vistas a facilitar a sua análise e convocar os aspectos pertinentes. Efetivada em duas etapas, a transcrição consistiu, inicialmente, em uma versão preliminar e, em seguida, uma revisão crítica, a fim de situar todos os pontos de vista possíveis e, ao mesmo tempo, identificar os ritmos, entonação e

expressões dos sujeitos limitados na transcrição. Após a transcrição, os dados foram ordenados para análise, de acordo com a proposta de Bardin (2004).

A escolha dos quatro professores universitários para o desenvolvimento da pesquisa justificou-se pelo extenso conhecimento do fenômeno estudado — os sujeitos da pesquisa são docentes de mais de 30 anos de serviço educacional, estando dois deles na ativa e dois na inatividade, os quais atuaram e continuam atuando no ensino, pesquisa, extensão e gestão na UFC, assim como dois destes também, atuaram em movimento sindical; pelo fato de esses protagonistas terem memórias de suas trajetórias de vida que possibilitaram o registro de suas lembranças; sugestão de ex-alunos como professores atuantes; e por suas histórias de vidas estarem entrelaçadas à história social da Universidade Federal do Ceará.

Tais critérios de seleção garantiram uma diversidade para, a partir desta, interpretar criteriosamente o conteúdo manifestado na fala dos sujeitos. Relevante é destacar que uma professora, também da UFC, atuante no movimento sindical, foi insistentemente convidada a participar desta investigação, no entanto, outros compromissos profissionais da referida docente a impediram de participar desta pesquisa.

A seleção desses quatro professores foi pautada pela preocupação em assegurar atores sociais com variadas experiências e responsabilidades no domínio específico da Universidade Federal do Ceará. Na generalidade dos casos, cada entrevista foi precedida de conversas informais que proporcionaram a possibilidade de apurar a disponibilidade do profissional em participar da entrevista.

A sustentação teórica previamente estudada e analisada à luz dos fundamentos proferidos pelos estudiosos da matéria serviu para abrigar a narrativa de vida dos atores e sujeitos da pesquisa, pertinentes às suas histórias de vida e memórias colhidas em contatos sistemáticos com os referidos professores.

2.4 Realizando um diagnóstico geral da Universidade Federal do Ceará - UFC

A história da Universidade Federal do Ceará nasceu no ano de 1944, por iniciativa do médico cearense Dr. Antônio Xavier de Oliveira, com o relatório sobre a refederalização da Faculdade de Direito do Ceará para o Ministério da Educação e Saúde. Posteriormente, quando da visita do Professor Clemente Mariani Bittencourt, então ministro da Educação e Saúde a Fortaleza, os alunos da Faculdade de Direito apresentaram um abaixo-assinado que postulava uma Universidade para o Estado do Ceará. No ano seguinte, em 1954, por meio da Lei nº 2.373, foi criada a Universidade Federal do Ceará como autarquia vinculada ao

Ministério da Educação. A princípio, era formada pela Escola de Agronomia e pelas Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia, tendo a direção de seu fundador o Prof. Antônio Martins Filho (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012).

A Universidade Federal do Ceará tem por finalidade formar profissionais da mais alta qualificação, gerar e difundir conhecimentos, preservar e divulgar os valores artísticos e culturais, constituindo-se numa instituição estratégica para o desenvolvimento do Ceará e do Nordeste. A UFC desenvolve ensino, pesquisa e extensão em seus *campi* instalados na cidade de Fortaleza (*campus* do Benfica, *campus* do Pici e *campus* do Porangabuçu) com 81 cursos; no *campus* de Sobral com quatro cursos; no *campus* do Cariri, com 11 cursos; no *campus* de Quixadá, com quatro cursos; no *campus* de Crateús, com dois cursos; e no *campus* de Russas, com dois cursos. No ano de 2012, a UFC possuía 94.037 alunos matriculados em seus cursos de graduação, tendo ampliado e expandido sua oferta de vagas, mediante a interiorização da Universidade Aberta do Brasil (UAB), atuando assim em todas as direções de sua potencialidade, cujas ações beneficiam, ainda, uma grande parcela da população da Região Nordeste do Brasil (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012).

Em seis décadas de existência, a Universidade Federal do Ceará (2012) contribuiu para expressivos avanços nos padrões de qualidade e excelência na educação superior do Estado do Ceará e da Região Nordeste, no que diz respeito à qualificação do seu corpo docente, ao progresso da pós-graduação *stricto-sensu* e à pesquisa científica. Já foram graduados mais de 70 mil profissionais e se solidificou na produção científica no Estado do Ceará.

A atuação da UFC tem suas atividades- fim com agasalho no Plano Plurianual de Atividades 2012-2015 do Governo Federal, e este, em consonância com o Plano Nacional de Educação 2011-2020 e com o Plano de Desenvolvimento da Educação.

A UFC coloca-se na meta 12 do PNE, cuja finalidade é elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 35% da população de 18 a 24 anos, garantindo a qualidade da oferta (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012).

A Universidade Federal do Ceará cumpre sua finalidade na produção de conhecimentos perante a sociedade, utilizando-se das ferramentas e avanços tecnológicos no desenvolvimento da educação, capaz de promover transformações. A autonomia da Universidade é assegurada pela Constituição, em face da sua importante missão social, para fazer cumprir o seu papel de Universidade pública e gratuita.

Regida administrativa e juridicamente por seu Estatuto, Regimento Geral e regimentos das várias unidades administrativas, a Universidade Federal do Ceará possui um

órgão deliberativo e consultivo (CONSUNI) para traçar a política universitária e decidir em matéria de administração e gestão econômico-financeira; um órgão deliberativo e consultivo (CEPE), para tratar de questões pertinentes ao ensino, pesquisa e extensão; e um órgão com atribuições de fiscalização econômico-financeira (Conselho de Curadores), com natureza colegiada e com a participação estudantil; um órgão superior executivo (Reitoria), com a função de planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar as ações de administração em geral, de assuntos estudantis, de graduação, de pós-graduação, de pesquisa e extensão no âmbito geral da Universidade.

A UFC possui ainda quatro Centros (Ciências; Humanidades; Tecnologia; e Ciências Agrárias) e cinco Faculdades de Medicina, Farmácia, Odontologia e Enfermagem; Direito; Educação; e Faculdade de Economia, Administração, Atuariais e Contabilidade), além dos Institutos de Cultura e Arte; Instituto de Ciências do Mar; Instituto de Educação Física e Esportes; e Instituto UFC Virtual.

No ano de 2010, a unidade acadêmica, Instituto Universidade Virtual/ UFC Virtual, foi a 16ª unidade a sedimentar a modalidade de ensino de graduação a distância, cujo programa visa a ofertar cursos semipresenciais em parceria com os governos do Estado e dos municípios, por meio do projeto nacional Universidade Aberta do Brasil (UAB), que objetiva ensejar o acesso de alunos ao ensino superior a distância para regiões onde existem dificuldades de acesso a cursos superiores na modalidade presencial.

Ainda em 2010, foram ofertadas 2.530 vagas para os cursos semipresenciais em 26 municípios-pólo, os quais foram assim distribuídos: 120 vagas para o Curso de Administração (três pólos), 330 para Licenciatura em Matemática (nove) pólos, 330 para Licenciatura em Química (oito) pólos, 450 para Licenciatura em Letras-Português (quinze) pólos, 330 para Licenciatura em Letras-Inglês (onze) pólos, 330 para Licenciatura em Física (sete) pólos e Licenciatura em Letras-Espanhol (oito) pólos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012).

No que concerne à pós-graduação e à pesquisa científica, o Programa de Pós-Graduação e Pesquisa Científica da UFC tem por finalidade,

[...] a geração de conhecimentos científicos e sua posterior transformação em ferramentas tecnológicas implicam a formação de recursos humanos de alto gabarito, através dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* mestrados e doutorados), e a consolidação de grupos de pesquisadores para incrementar o trabalho cooperativo de investigação e a produção de conhecimentos científicos e tecnológicos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012, p. 16).

Com efeito, o Plano Plurianual (PPA) para o período de 2012 - 2015 cogita no avanço e progresso científico e tecnológico, observando a transformação contínua de processos e produtos, além da concorrência internacional dos mercados, na busca de ampliar e intensificar os esforços em pesquisa, desenvolvimento e inovação.

Ressaltamos que a UFC expressa em 2010 resultados significativos, identificando 349 grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), abrangendo 1.971 pesquisadores, dos quais 1.562 são doutores com atuação em 1.042 linhas de pesquisa. Evidenciamos, ainda, que 2.561 estudantes e 214 técnico-administrativos estavam envolvidos com os grupos de pesquisa (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012).

No concernente à extensão universitária, as ações operacionalizadas estão associadas às diretrizes do PPA 2012 – 2015 do Governo Federal, tais como: a redução das desigualdades sociais e regionais, a ampliação da participação social, a promoção da sustentabilidade ambiental, a valorização da diversidade cultural e identidade nacional, a excelência na gestão para garantir o provimento de bens e serviços, e a garantia da soberania nacional (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012).

A Universidade Federal do Ceará detém duas unidades hospitalares, o Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e a Maternidade-Escola Assis Chateaubriand (MEAC), os quais juntos dispõem de 462 leitos ativos em convênio com o SUS, e contam com 2.543 profissionais com vários vínculos: Regime Jurídico Único, SAMEAC e terceirizados, os quais são administrados por uma Superintendência, que proporcionam indispensáveis serviços à comunidade, por força da sua função social.

O HUWC e a MEAC são centros de atendimento constituídos num instrumento de formação de profissionais para atuarem na área de saúde, como um campo de estágio para as diversas disciplinas da graduação e pós-graduação, além da produção de excelência na residência médica e multiprofissional, bem como oferece atendimento à saúde nas áreas de internação hospitalar, ambulatorial e de serviços auxiliares de diagnóstico e tratamento (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012).

No ano de 2011, a assistência hospitalar obteve os seguintes resultados: a) 16.558 internações; b) 790.145 exames complementares (diagnóstico e terapêutico); c) 8.919 cirurgias; d) 260.904 consultas; g) 4.282 partos normais e cesarianas; h) 249 transplantes (córnea, medula óssea, fígado, rim e pâncreas).

Para o atendimento das ações administrativas, de ensino, pesquisa e extensão, a UFC possui em seu quadro funcional 2.141 docentes, sendo 1.436 doutores, 548 mestres, 70

especialistas e 87 graduados; e 3.458 servidores federais técnico-administrativos, sendo 81 doutores; 317 de mestres; 1.056 especialistas; 656 graduados; 1.082 com o ensino médio; e 266 com o ensino fundamental (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2012).

2.5 Caracterizando os participantes no estudo

O critério de escolha dos entrevistados, em número de quatro, foi intencional docentes que ocuparam cargos na Administração superior da UFC e cujas histórias de vida está entrelaçada à história social da Universidade; e por sugestões de ex-alunos como professores atuantes. (Quadro 1).

Quadro 1 – Caracterização sociodemográfica dos participantes

PROFESSORES	SEXO	IDADE	TEMPO NA UFC	TITULAÇÃO	SITUAÇÃO FUNCIONAL	ÁREA DE ATUAÇÃO
Ciro Nogueira Filho	M	57 anos	34 anos	Mestre	Ativo	Docente, Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, ex- sindicalista.
José Maria de Sales Andrade Neto	M	71 anos	43 anos	Especialista	Ativo e Inativo	Docente, ex-diretor de Unidade Acadêmica, e Chefe Gabinete do Reitor.
Luis Carlos Uchoa Saunders	M	70 anos	46 anos	Doutor	Inativo	Docente, ex- Pró-Reitor de Assuntos Estudantis e Administração, ex –sindicalista, Ex-Reitor.
Roberto Cláudio Frota Bezerra	M	67 anos	36 anos	Mestre	Inativo	Docente, e Ex-Reitor.

Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Diferentemente da pesquisa quantitativa, a de teor qualitativo não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade e sim na profundidade da informação revelada pelo conteúdo das entrevistas, da convergência de informações, de vivências e de experiências que, partindo da percepção de cada sujeito social, levam à compreensão mais clara da natureza e da dinâmica do fenômeno alvo de observação.

2.6 Refletindo a análise dos dados

A análise dos dados, em uma perspectiva qualitativa, arrimou-se em uma discussão no domínio da *análise de conteúdo*. Segundo Bardin (2004, p. 37), a expressão análise de conteúdo representa

[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) e conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) desta mensagem. (BARDIN, 2004, p. 37).

As palavras e as significações são os objetos de estudo da análise de conteúdo, além do “[...] conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de mecanismos de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares.” (BARDIN, 2004, p. 39).

Com efeito, o método da análise de conteúdo aparece como ferramenta para a compreensão dos significados que os atores sociais exteriorizam no discurso. Possibilita ao pesquisador o entendimento das representações a pessoa exprime em relação a sua realidade e a interpretação que faz dos significados a sua volta.

De acordo com Bardin (2004), operacionalmente, a análise de conteúdo pode abranger as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação.

A fase *pré-analítica* tem por objetivo operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento da pesquisa. Procede-se à (i) a constituição do *corpus*¹, ou seja, a escolha dos documentos a ser submetida à análise; (ii) a formulação dos objetivos e das questões iniciais de partida para a pesquisa empírica; (iii) a elaboração de indicadores que orientem a interpretação final dos dados coletados – determina-se a unidade de registro, a unidade de contexto, os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que subsidiaram a análise.

A unidade de registro é um elemento de significação a ser codificada, e corresponde ao menor segmento de conteúdo a ser considerado como unidade de base. Apenas um tipo de unidade deverá ser utilizado para a mesma análise, de forma a permitir a

¹ Essa constituição implica escolhas e regras: *exaustividade* (todos os aspectos do *corpus*, no caso, a entrevista, devem ser contemplados na sua totalidade); *representatividade* (que represente de forma fidedigna o universo estudado); *homogeneidade* (temas registrados com critérios precisos de escolha); e *pertinência* (conteúdos adequados ao objetivo da análise) (BARDIN, 2004, p. 89-90).

aplicação de regras de quantificação: palavras, frases, parágrafos, temas, objeto ou referente (temas eixos, agregando-se ao seu redor tudo o que o locutor diz a seu respeito), personagem (papel familiar, idade, sexo etc), acontecimento (elementos factuais importantes para o objeto em estudo), documento (artigo de jornal, a resposta a uma questão aberta, uma entrevista etc).

A unidade de contexto contribui para a compreensão de sentidos, a fim de codificar as unidades de registro que, agrupando-as, lhes atribui um sentido engajado, ou seja, corresponde ao segmento da mensagem que, pela dimensão superior, propicia entender o significado de registro (BARDIN, 2004).

A construção das categorias de análise surge, no primeiro momento, da teoria em que se apoia a investigação. Esse conjunto preliminar de categorias pode ser modificado ao longo do estudo, numa dinâmica do confronto empiria e teoria, o que dará formação a novas concepções e, por consequência, outras perspectivas sobre o objeto de interesse do investigador. Ludke e André (1986) recomendam que os dados coletados – fala dos sujeitos-sejam continuamente observados, a fim de encontrar aspectos relevantes em contextos variados, estabelecer relações e ampliar o campo de informações.

Esses aspectos que aparecem com certa regularidade são a base para o primeiro agrupamento da informação em categorias. Os dados que não puderem ser agregados devem ser classificados em um grupo à parte para serem posteriormente examinados (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 43).

Na segunda fase, *exploração do material*, os dados do texto são decodificados, a fim de atingir uma representação do seu conteúdo de acordo com as razões da pesquisa. A codificação é o processo mediante o qual os dados brutos são sistematicamente transformados em categorias e que permitam posteriormente a discussão precisa das características relevantes do conteúdo. A codificação, ou seja, a marcação das unidades de análise, com sinais ou símbolos que permitam seu agrupamento posterior (em categorias ou subcategorias), geralmente é muito individual, cabendo ao pesquisador se valer da forma que a ele agrade. Nesse sentido, a organização da codificação compreende o recorte com as escolhas das unidades de contexto e de registro; e a categorização com a classificação dos elementos de significação constitutiva. Para Bardin (2004, p. 99), a categorização

[...] é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. Podem ser feitos recortes dos textos, em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadoras de significados isoláveis.

A autora explana, ainda, que o desenvolvimento da análise temática é rápido, eficaz, aplicável a discursos diretos e por possuir validade de ordem psicológica para estudar opiniões, valores, crenças, atitudes e tendências.

Para *tratamento e interpretação dos resultados*, a frequência absoluta foi convertida em frequência relativa, expressa em porcentagem de falas de uma categoria em relação ao total de falas analisadas. A frequência do aparecimento das falas em cada categoria foi convertida em percentual, evitando-se, dessa forma, distorções na interpretação dos resultados. Se adotássemos os números absolutos das falas, correríamos o risco de conferir maior importância a uma determinada categoria indevidamente, uma vez que havia diferença na quantidade de entrevistados em cada grupo. É importante destacar também o fato de que a quantificação do número de falas foi uma opção adotada com a finalidade de assegurar melhor representatividade às “ideias” identificadas.

O estudo empírico desenvolvido possibilitou a superação das “versões oficiais” encontradas nos documentos, relatórios e estatísticas governamentais. Sem as categorias da análise de conteúdo, tudo o que seria possível era continuar repetindo o discurso oficial dos organismos governamentais, sem uma noção muito clara de como esses discursos são constituídos em relação ao contexto no qual adquirem um efeito de sentido ou não.

3 HISTORICIDADE: POSIÇÕES TEÓRICAS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Na perspectiva de Reis (1999), a atual comunidade dos historiadores tem razão em suas observações quanto à epistemologia prática da história, em face do conhecimento histórico que ensejaria sua validade na execução concreta de historiadores, e não baseado em uma conclusão ideal e apriorística, de modo atemporal, do que deveria ser.

O autor também assinala que é necessário pensar o tema da verdade histórica sob os variados pontos de vista para não proporcionar decisões simplificadas, mas, também, para suscitar reflexões mais complexas, com vistas a buscar um pensamento histórico mais profundo acerca da verdade historiográfica.

Com efeito, neste capítulo, pretendemos demarcar teórica e empiricamente as diversas perspectivas do conhecimento e da relatividade do saber histórico, a propósito do sujeito na produção do conhecimento histórico e da verdade histórica e, por outro lado, analisar a experiência individual como ordenação subjetiva sob a óptica da história oral de vida e da personalidade individual e, por último, ponderar a respeito da história social do ponto de vista da abordagem historiográfica na história social e nos reflexos na elaboração da história social da Universidade Federal do Ceará.

3.1 O conhecimento e a relatividade do saber histórico

O estudioso Reis (1999) assevera que a identidade epistemológica da História traz à baila várias questões que põem em dúvida a verdadeira probabilidade do conhecimento histórico, onde o historiador não pode prescindir de dispor ou de contrapor os limites dessa possibilidade. Ele declara que o conhecimento histórico se baseia na formação de sujeitos orientados por códigos linguísticos, por práticas especializadas, pelos regimes de verdade, por poderes institucionais, os quais são finitos e históricos.

Há cerca de 2.500 anos, nos séculos V-IV a.C., surgiu a história da História, considerada por alguns, como um caleidoscópio², embora duradoura, porém sempre em crise, que buscava autodefinição, contrapondo-se, concomitantemente, na época, ao aparecimento do mito, da lenda, da poesia épica, da especulação filosófica, tendo com essa realidade

² Um caleidoscópio ou calidoscópio é um aparelho óptico formado por um pequeno tubo de cartão ou de metal, com fragmentos de vidro colorido, que, pelo do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos inclinados, apresentam, a cada movimento, combinações variadas e agradáveis de efeito visual (REIS, 1999).

provocado um novo realce nesse contexto, como a revolução cultural, que apreciava o eterno, caminhando em busca da verdade das transformações humanas no tempo (REIS, 1999).

Mais adiante, Reis (1999) relata que a História foi confundida com a mitologia política, onde o historiador a pesquisava para justificar o poder, atribuindo-lhe uma tradição, uma procedência que assegurasse a sua efetividade. Empós, a História foi entrelaçada com a fé cristã, das manifestações divinas, milagres e teofanias, em que predominava a vontade Deus.

No século XVIII, ocorreu uma especulação filosófica na história, tendo alcançado um grande discurso especulativo, de cunho universalizante, teleológico e utópico, muito embora, a história tenha sido considerada perfeita no século XVII.

Não obstante, no sentir do mesmo teórico, no século XIX, a história interrompeu com as abordagens anteriormente mencionadas, para retornar a sua origem grega, mais especificamente Tucídides (historiador e general grego, nascido em Atenas provavelmente no ano de 460 a. C. e desaparecido cerca de 400 a. C., escreveu a História da Guerra do Peloponeso, o qual a considerava como um dos acontecimentos mais importantes da história da Grécia), e criou uma identidade, dando ênfase ao sucesso das ciências naturais, adotando, ainda, os métodos, empirista e indutivista.

Nessa época, descreve Reis (1999), a história buscou atos concretos, documentos, e instituir leis de desenvolvimento histórico, apesar desta abordagem não ter sido a sua última imagem. Assim, com o aparecimento das ciências sociais no final do século XIX e inicial do XX, a história tomou um novo rumo e objetivou transformar-se numa ciência social, cuja identidade, não a fez se realizar integralmente, a qual retornou para uma abordagem de um inter-relacionamento de uma aliança mais estreita com a Literatura, com a Poesia, com a Psicanálise, com a Antropologia e com a Filosofia.

No entendimento do autor acima mencionado, a História, como conhecimento da modificação, da inovação, permite aos saberes sucessividade, historicidade, lugar e época, nomes e datas, bem como favorece a desintegração da ambição de verdade universal, global, total, absoluta e final, mas por outro lado, declara seus fracassos, decepções, frustrações e traições. A própria História mostra o transcurso, a passagem do ser ao novo ser, apesar de sofrer e a assumir esta passagem.

O próprio termo “História” é polissêmico, referindo-se ao conhecimento e sua matéria, a exemplo da História do Brasil, constituída de fatos e processos da sociedade brasileira, como também às obras de História do Brasil. O conhecimento se mistura com sua matéria, haja vista que a informação do passado é o que se considera como o conhecimento,

uma vez que o passado não fala por si, mas por meio do que se conhece dele (THOMPSON, 1992).

Dessa forma, segundo o mesmo teórico, o historiador não está obrigado a registrar fatos, a constatar-los, mas refletir sobre eles, com vistas a buscar possibilidades objetivas, a fim de lhes conferir ressignificação para a verdade real. Nesse sentido, a crítica erudita, a apuração e o estabelecimento de fatos são pressupostos indispensáveis, mas não suficientes, para uma Ciência Histórica. Com efeito, é imprescindível formar um juízo de valor histórico, para conceder-lhe uma interpretação aos fatos.

Para Certeau (1976), a História tem o propósito de bem representar o real que vai muito além da ciência e da ficção. Ela é oposta da ciência e da ficção, porém, simultaneamente, possui com ambas um relacionamento bastante estreito. Mesmo assim, a História tem uma semelhança com a ficção, quando oculta em sua refiguração do passado o presente organizado por ela, mesma. A representação do passado omite e disfarça o aparelho social e técnico que produz – a instituição profissional.

A representação histórica tem uma finalidade social que objetiva ser realista na visão de Certeau (1976), que visa a restaurar as rupturas entre o passado e o presente para garantir um significado que possa superar as violências e divisões do tempo, gerar valores e referências comuns que traduzam ao grupo uma comunicabilidade simbólica. Nesse sentir, a História é uma imitação da presença, que luta em desfavor da corrupção do tempo, cujo dever social obriga a inclusão e cria a habitabilidade do presente. Ela é de um lado, uma ferramenta particular capaz, que objetiva a produção de narrativas que interpreta o passado, de outro, cria e explica em nome do real o que é preciso dizer, crer e fazer.

Destarte, a História se aproxima da ciência, na medida em que luta contra a ficção, o lendário e o falso. Ela busca, no controle da prova e da linguagem, imitar a ciência, tanto quanto busca a objetividade inspirada no rigor do seu espírito científico, que tanto almeja, voltada para a apreensão e ao domínio da realidade empírica.

O teórico Descartes (1993) entende que a História é um conhecimento impossível, visto que o relato histórico nunca se refere ao que se passou, e as explicações produzidas sobre os homens do passado estão determinadas pela subjetividade e pela arbitrariedade. O conhecimento histórico produz uma retaliação da experiência, tendo em vista que este conhecimento é uma organização ilusória e fantasiosa dos homens do passado, pois são os historiadores que proferem os fatos do passado. Afinal o que é a história e o que faz o historiador? É o conhecimento do passado humano, dos homens do passado, dos fatos e feitos humanos do passado. É um conhecimento que tem o propósito obter a verdade do seu objeto,

mediante a investigação, a interrogação e o controle das fontes. Portanto, o historiador é o que exerce a comunidade dos historiadores.

Questões epistemológicas trazem incertezas acerca da possibilidade do conhecimento histórico, uma vez que o historiador não pode deixar de se pôr e repor, embora seja inexorável a legitimidade do trabalho histórico. Nesse sentido, Reis (2006) entende que, como não existe consenso sobre tais questões, ele busca respostas definitivas, notadamente para consubstanciar e fortificar a práxis do historiador. Portanto, pensar é problematizar um objeto bem determinado, criar as hipóteses, e por fim, experimentá-las, para depois articular um discurso sobre o objeto em linguagem, clara e comunicável, a fim de debater, publicamente, sob os diversos ângulos. A Teoria da História acompanha e se confunde com a História da História.

A História, portanto, se esforça contra a ficção, o lendário e o falso, para estreitar-se com a ciência. Para Veyne (1983), ciência não é um vocábulo nobre, mas um termo teoricamente preciso.

É importante asseverar que o estudo do conhecimento histórico traz a abordagem da relatividade do saber histórico para se compreender melhor que o relativismo consiste na recusa de qualquer proposição filosófica ou ética de valor universal e absoluto, chegando a afirmar que tudo o que se declare ou proceda é relativo ao lugar, à época e demais circunstâncias nas quais o homem se situa. A ideia de relatividade de todo saber histórico não é uma ideia nova, ao revés é quase tão antiga quanto a Filosofia. Não obstante, neste século e em dias atuais, ela está alcançando nova característica.

Nesse sentido, surgiu no final do século XX o fenômeno do relativismo. Na conformidade desta corrente, o intelecto humano não pode atingir a verdade como tal, mas, apenas, aspectos emoldurados com suporte no subjetivismo de quem os confessa ou declara. Com a relatividade do saber, permite-se um componente de inverdade, de imperfeita validade objetiva. Esta teoria formou-se em oposição à consciência comum, provocando em nossos conhecimentos verdades legítimas e ilimitadas, que em seu máximo pode contraditar a ocorrência dos fatos (BARRETO, 1990).

O relativismo, pois, é uma corrente que nega toda a verdade absoluta e perene, assim como toda a ética absoluta, ficando a critério de cada sujeito definir a sua verdade e o seu bem. Em oposição a esta corrente, temos o fundamentalismo, que assevera peremptoriamente a existência de algumas verdades e normas fundamentais. A pessoa se transforma no padrão ou na medida de todas as coisas. Tal procedimento está baseado em fatores diversos, entre os quais o historicismo.

Nesta abordagem, a História demonstra que tudo progride, tudo se inova e evolui, e outras coisas se transformam em obsoletas, mas, em tempos pretéritos, eram plenamente válidas (BITTENCOURT, 2006).

Destarte, a relatividade do saber histórico está imbricada no relativismo filosófico, corrente que apregoa, que não se pode pretender chegar à verdade objetiva, uma vez que a mente humana desconhece a realidade como ela esta é, mas, mesmo assim, a pessoa consegue ajustá-la dentro dos seus limites de pensamento. Nesse entendimento, a verdade, portanto, não é algo que a Filosofia clássica ensina (conformação do intelecto com a realidade em si), mas, ao contrário, é a conformação da realidade com o intelecto (BITTENCOURT, 2006).

Nesse sentir, o saber histórico não muda em razão de uma “ego-história” que se considera subjetiva e individual, mas sim em função de novas abordagens metodológicas que se alteram de acordo com as transformações culturais e paradigmáticas, as quais se associam a novas fontes necessárias à pesquisa histórica (MELO, 2011).

Assim, podemos depreender que relativismo é um termo filosófico baseado na relatividade do conhecimento e repudia qualquer verdade ou valor absoluto, partindo do princípio de que todo ponto de vista é válido. Denegar esta distinção, todo o saber, inclusive o histórico, é decerto relativo a nós, porém esta relatividade não significa qualquer inverdade dos conhecimentos históricos, nenhuma limitação da sua validade.

A verdade, assim, é tratada por Bittencourt (2006) como algo de subjetividade, de singularidade do sujeito, em vez de considerá-la como objetiva e universal para todos os homens, haja vista que não existe um só intelecto para todos os homens, mas, cada um tem o próprio intelecto, diferente do intelecto do próximo ou mesmo em oposição a este. Por conseguinte, haverá muitas verdades, considerando que cada pessoa possui a própria verdade.

Nessa óptica, e como efeito do fenômeno relativista, Bittencourt (2006) assevera que com o surgimento do historicismo, esta corrente nos ensina que tudo é histórico, quer seja provisório ou variável, pois o que ontem era relevante hoje poderá não ser mais. A verdade é conhecida e experienciada na História, sujeita a sucessivas transformações, pois ela é fruto do seu tempo, ou seja, tudo o que é “bom” ou “verdadeiro” será especialmente para o seu tempo, e não de uma maneira universal e coletiva que servirá para todos os tempos e a totalidade dos seres humanos.

Adam (1978), referindo-se a relativismo em suas obras sobre Epistemologia, defende o ponto de vista de que a ciência é verdade para todos que querem a verdade. Por mais divergentes que sejam as análises produzidas por prismas culturais diferentes, elas sempre serão verdadeiras cientificamente, enquanto não forem refutadas; e, ainda, segundo

Weber (1992), cada pessoa age levada por motivos que são resultados de influências da tradição dos interesses racionais e da emotividade.

Assim, o relativismo do conhecimento abraça várias vertentes. A versão mais fundamental é a de que, se compreende que qualquer que seja a opinião, são igualmente plausíveis, ou seja, existe a possibilidade de se atribuir razões justificáveis, tanto para se admitir quanto para se recusar qualquer opinião, partindo-se do princípio de que a verdade é realmente relativa, por isso nunca nos obrigará a substituir uma verdade, uma por outra.

O relativismo do saber histórico também se incorpora às correntes filosóficas de certos autores, como a do pensamento filosófico de Max Weber, tendo em vista que não se funda apenas em certificar que a verdade (ou a justificação) de toda crença é relativa a padrões de um conjunto de regras de evidência, mas trata-se ainda de denegar a hipótese de um sistema absoluto, neutro (independente) e universal no que concerne ao fato de que toda crença ou verdade possa ser julgada, por conseguinte, o relativista não pode impedir que o absolutista defenda o relativismo como falso. Com efeito, o relativista não se obriga a comprovar que, a partir de certas premissas, segue-se irrefutavelmente a verdade do relativismo, *in casu*, do saber histórico (KUHN, 2003).

Nesse prisma, Kant (1989, p. 31) admite que

A relatividade do saber encerra dois momentos: primeiramente, o conhecimento dos objetos, dados como coisas externas no espaço, só é válido com relação ao ponto de vista da consciência comum, mas objetivamente, ou em si, inexato, não verdadeiro. As coisas têm no espaço só uma realidade empírica, nenhuma realidade transcendental. Em segundo lugar, os objetos empíricos são simples fenômenos, não apresentam a realidade em sua essência originária, absoluta, porém na forma estranha da pluralidade da mudança e da antítese ou dualidade de sujeito e objeto de conhecimento.

Deve-se observar que, no relativismo epistemológico “moderado” e “limitado”, a existência de razoáveis motivos para uma alteração científica não desconhece a probabilidade de existirem outras apreciáveis razões para sustentar a organização global anterior e, também não exclui a probabilidade de imensurável local, isto é, o que se reputa ser uma robusta razão, esta também poderá ser passível de modificações, dependendo da conjuntura histórica e dos compromissos assumidos (HESSEN, 1987).

Contrapondo a interpretação do princípio da relatividade, que reconhece o valor relativo do conhecimento, no que concerne à convicção indicada à consciência como produto da experiência, opõe-se Barreto (1990, p. 90), declarando:

Mas isto envolve um engano. Com a relatividade do saber admite-se um elemento de inverdade, de imperfeita validade objetiva. Afirmar que os nossos conhecimentos são relativos só tem sentido sob o pressuposto de que as coisas em si não são tais, quais são para nós, e que só podemos conhecer tais quais elas nos parecem.

Barreto (1990) garante que a relatividade se manifesta com o caráter de limitação dos nossos conhecimentos, no sentido de que não se consegue explicar tudo de uma forma mecânica, considerando o método experimental das ciências da natureza. Por isso, referido autor, apoiado na defesa kantiana, reconhece que somente conhecemos das coisas naquilo em que a razão humana pode favorecer o seu alcance. Destarte, e tendo em vista a probabilidade da razão humana tudo saber, pode-se declarar que a imperfeição ou ignorância é subjacente ao ato de conhecer como condição ontológica das ciências que produzimos, ou seja, como requisito para o conhecimento. É na concepção da ignorância que se revela o movimento dialético entre saber então-saber, indispensável ao conhecimento.

Por fim, para inferir esse pensamento teórico, é reconhecido o fato de que a relatividade científica não garante a formação do consenso, uma vez haver na ciência, legítimos desacordos racionais, haja vista que nem todo método racional produz um consenso, assim como nem toda consensualidade produz razão fundada em torno de uma verdade absolutamente científica. Percebe-se que a recomendação é não contrariar o relativismo cognitivo histórico, mas sim reconhecer os limites e as dependências do que pode ser demonstrado em um debate racional, mesmo sob o domínio da ciência.

Nesse sentido, a recomendação é de não contrariar o relativismo cognitivo histórico, mas aceitar os limites e as dependências do que pode ser demonstrado em uma reflexão racional, embora sob o controle da ciência (BRASIL, 2008).

A teoria do relativismo histórico defendida por Foucault (1986) encontra, nesta pesquisa, o resguardo para justificar o alcance científico do debate epistemológico da história de vida dos atores sociais, em destaque, para dizer que todas as verdades são relativas, isto é, a relatividade do conhecimento histórico não aceita qualquer “verdade” como valor absoluto, vez que a presente teoria relativista defende a posição de que o verdadeiro para uma pessoa poderá ser falso para outra, em uma determinada situação, logo, nesse contexto, argumenta-se que todo ponto de vista pode ser validado.

Destarte, o historiador deve admitir um comportamento crítico e dialético que reúna todas as “verdades” proferidas pelo sujeito histórico. Nesse contexto, Reis (1999) assinala que a conduta crítica é deveras relevante no estudo da historiografia, ao ponto de anular a divergência clássica entre falso e verdadeiro.

Para Foucault (1986), o que se nomeia como “verdade” não possui um entendimento uníssono, sendo, a priori, uma habilidade histórica, uma proposição dramática ou comovente, que funciona como ferramenta capaz de complementar a lacuna que delimita o nosso pensamento determinado, ou um argumento lógico que produzimos para melhor entendimento de nossas práticas diárias, ou, ainda, para a proteção e defesa ante as instabilidades que nos amedrontam.

Assim, o entendimento da aceção de “verdade” poderá igualmente estar ligado a perigos ou ameaças que estamos enfrentando em face de recusas, e optamos por manter uma identidade social associada a crítica de nosso ser histórico.

No entendimento de Candioto (2006, p. 8), a verdade significa

[...] o fundo da sua identidade e o reconhecimento daquilo que ele mesmo é. Na história das práticas de subjetividade, as verdades somente são subjetivadas se forem matrizes de ação e instrumentos válidos para que alguém se torne sujeito de ações, de modo que haja como convém, conforme exige a circunstância ou o ritual. Se não existe a verdade como objeto dado, necessário e universal, não quer dizer que ela deixe de ser algo determinado pelo jogo rarefeito estabelecido nas práticas históricas.

Corroborando, também, esta teoria da relatividade histórica Max Weber (1992) que, ao explicitar sobre epistemologia, acolheu o relativismo, ressaltando que este está presente nas ciências da cultura, pois, “ciência é verdade para todos que querem a verdade”, isto é, embora sejam as análises produzidas por interpretações culturais diferenciadas, ainda assim, elas serão, sob o ponto de vista científico, plenamente verdadeiras, enquanto não forem negadas ou rejeitadas.

Por fim, com base nos argumentos teóricos da literatura, na subjetivação/objetivação contidas nos depoimentos e informações dos atores sociais e das provas documentais, sustentamo-nos na teoria de Max Weber, para perceber que existe verdade histórica ou até mesmo verossimilhança histórica dos atores sociais desta investigação.

A seguir, apontamos que a análise e a compreensão do pensamento histórico mais complexo se fazem necessárias de decomposição, a luz da teoria, o sujeito na produção do conhecimento histórico, assim como tecer teórica e empiricamente a verdade histórica.

3.1.1 O sujeito na produção do conhecimento histórico

A ciência moderna e, conseqüentemente, os ideários pedagógicos orientadores da prática educativa acentuaram, cada vez mais categoricamente, o papel do sujeito na

elaboração do conhecimento histórico. A experimentação, a aprendizagem por conhecimento histórico, o papel ativo do sujeito desse processo, são algumas máximas bastante em voga na atualidade histórica (MARX; ENGELS, 2006).

Nessa perspectiva, o sujeito do conhecimento histórico é o historiador, cujo trabalho é interpretar fatos históricos ou as vivências humanas, com o apoio dos registros e resquícios deixados ou guardados por um povo em um determinado local e por um certo lapso-temporal. Por tais motivos é relevante o estudo da História, mediante o processo da investigação e da compreensão dos acontecimentos históricos ao longo dos tempos e dos espaços históricos.

O historiador produz História, advinda da experiência, cujo conhecimento visa a desviar-se do senso comum, do conhecimento sensível ou empírico, para estreitar-se da ciência e do pensamento científico escrito. Destarte, o historiador busca fazer História por intermédio da História, haja vista que pretende conciliar dois aspectos divergentes de uma mesma realidade, onde a História assume dois papéis, de um lado, como fato ou concretização do sucedido e, de outro, como ideia ou narração também do sucedido.

A História é um campo do saber, que pode tratar da realidade e de fatos vividos no passado, bem como tratar a História como reconstituição, donde se conclui que História é um conjunto de saberes escritos acerca das sociedades, com fundamento nos marcos selecionados pelo próprio historiador em conjunto com pressupostos delimitados pela historiografia, levando-se em conta que esta, se vincula à produção socioeconômica, política e cultural de um povo, de uma sociedade (VEYNE, 1983).

Desta forma, Ribeiro (2009) declara que, para produzir um conhecimento histórico, não é indispensável recorrer à memória e às lembranças coletivas ou individuais, mas é indispensável planejar, pesquisar e organizar um banco de dados, e escrever, respeitando a natureza e a destinação do texto histórico, cuja tarefa exige conhecimento e método.

A produção do conhecimento histórico é processada em tempo presente, embora faça tratar de acontecimentos passados, mais próximos ou mais distantes de quem produz a história – o historiador. Este pesquisador relata os eventos ou movimentações relevantes, entre as relações sociais de cada época, que ainda, nos tempos atuais, podem ser certificados, como o declínio feudal, o fortalecimento das monarquias absolutistas e, a elevação da burguesia (RIBEIRO, 2009).

Na realidade, a hierarquização sempre existiu nesses movimentos, sendo a responsável por criar certas modalidades de valores, os quais têm a capacidade de determinar

a disposição do homem, seu espaço, seu lugar na sociedade, sem que ele, muitas vezes, não reflita tais valores, o espaço, o lugar e sua classe social (SANTOS, 2009).

Filipak (2009) defende o argumento de que a produção do saber histórico deve ter uma base teórica com uma fundamentação sólida, para que o historiador possa examinar as diversas fontes, mesmo sendo uma história do tempo presente ou histórias de um passado mais remoto, com vistas a entrelaçá-las, mediante o uso de suas ferramentas profissionais, na perspectiva de desconstituir a formular conhecimentos novos, na busca de obter uma história mais próxima da sua real essência.

Efetivamente, o historiador deve se conduzir em seu trabalho de pesquisa de forma imparcial, para que não se presuma que houve um prejulgamento do sujeito da pesquisa, mas uma ferramenta que lhe possibilite estudar os conceitos intrínsecos inerentes à pessoa, capaz de explicar o fenômeno investigado. Também é essencial que o historiador se aproprie do estudo da Epistemologia da História, com vistas a elaborar um conhecimento científico, a fim de explicitar os condicionamentos humanos e os aspectos técnicos, históricos e sociais, com a intervenção de adequadas técnicas e ferramentas apropriadas, para encaminhar sua investigação e perseguir seu ideal, objetivando assumir uma posição social, política, religiosa e cultural.

Nesse sentir, Ribeiro (2009, p. 72) assevera que esse profissional deve reunir todas as bases teóricas e críticas, os subsídios plausíveis para que, em sua análise e produção histórica, não venha a praticar injustiças, como bem assinalou,

[...] como não há uma única forma de enxergar e escrever a história, cada olhar possível valorizará aspectos explicativos diferentes, que considerarão importantes e válidos, para entender o passado de acordo com as teorias, as metodologias, as ideologias e os conceitos deles decorrentes construídos e aplicados nas pesquisas.

Nessa perspectiva, o historiador, com base nos seus estudos observa que em uma manifestação histórica não existe uma verdade absoluta, entretanto, esse profissional busca sempre mais estreitar esse relacionamento para deparar esta verdade. Para reforçar esse entendimento, Santos (2009) defende a ideia de que a finalidade da ciência, da investigação ou de qualquer outra área da cultura, não é atingir a verdade, mas sim solucionar problemas.

Por outro turno, a expressão predominante de outras correntes é a de provocar uma “verdade” absoluta, em função de interesses individuais, visando a obter benefícios para si ou para uma categoria social, mediante a concepção de várias histórias da Pós-Modernidade, significando dizer que o passado poderá ser fabricado e direcionado da maneira que possa trazer significados para várias posições teóricas, ideológicas e políticas.

O conceito de verdade é ponto que desafiou vários intelectuais durante os séculos XVIII e XIX, apesar de que a ideia de verdade se estabeleceu com o movimento da ruptura da estrutura tradicional do pensamento positivista. Não obstante, sob o fundamento do pensamento marxista, foi possível expandir a ideia de verdade, para a verdade relativa, a qual é relativa à história. Ela não é de todo relativa, porém, como afirmam os relativistas e como é atualmente concebido pela corrente pós-moderna.

Interessante é verificar o que leciona Fontes (2001, p. 129), quando assim assevera:

[...] Se não devemos nos iludir com a tentação do absoluto – risco político e cognitivo – podemos construir uma verdade em processo. Considerar a verdade como processo é admitir que tendemos a ela, mas que ela jamais será terminada. Significa também admitir que o contraditório exige discussão e debate, e não imposição unilateral.

De efeito, a verdade do ponto de vista histórico, deve ser compreendida em um contexto vigente, porquanto, à luz dos ensinamentos marxistas, este é o desafio da verdade nas pesquisas científicas.

Contrariando esse entendimento, os historiadores profissionais contemporâneos adotaram um procedimento metodológico reflexivo, para não se deixarem lograr pelos discursos supostamente predominantes, e por certezas tradicionalmente conservadoras, para empreenderem novas possibilidades, com vistas a criar uma história escrita para as pessoas que detêm interpretações divergentes.

Desta forma, o historiador, num processo reflexivo remontado para os pensamentos do passado, favorece a produção do conhecimento histórico, mediante um diálogo entre o “passado” e o “presente”, que favorecerá o entendimento não apenas da contextualização do fato explicitado, mas também de várias interpretações optativas (FONTES, 2001).

Segundo referido autor, a produção do conhecimento histórico envolve o sujeito, que na sua relação entre o singular particular e o universal, constitui-se num fenômeno histórico, visto que as características humanas subjetivas e objetivas que a integram produzem amplas e complexas relações do homem com a natureza. Nesta articulação, entre a ideia e a ação ou entre a teoria e a prática do sujeito é que se realiza a historicidade humana, implementada no deslocamento de formulação da realidade social.

Nesse entendimento do autor, o objeto a ser conhecido é a realidade histórica e que se verificam a atividade humana e as divergências internas essenciais que podem instituir

o movimento histórico, embora esse mesmo objeto possa se manifestar no pensamento de forma perfeita. Ainda assim, nele estão contidas as conexões sociais de produção expressas nas contraposições da ontológica entre aparência e essência, necessárias para o conhecimento da ciência e do método de se compreender o real.

Nessa perspectiva, o conhecimento não provém nem do eixo concreto, configurado pelo objeto (realidade), nem do eixo abstrato, configurado pelo sujeito (pensamento), mas, reunindo-se no movimento entre os dois polos, na relação entre a realidade e o conhecimento sobre ela, isto é, a unidade sujeito - objeto do conhecimento histórico, renova a finalidade do pensamento no processo de conhecer a realidade, ao mesmo tempo em que declara a essencialidade da realidade no que concerne ao pensamento. É com fundamento nessa premissa que se consolida o trabalho intelectual sobre a realidade histórica e, uma vez instituídas as determinações na sua unidade aparência – essência, emerge a expressa teoria (HOBSBAWM, 1998).

O desenvolvimento do pensamento e, por conseguinte, a produção de conhecimentos, surgem de questões práticas e da consciência de que possa dispor o sujeito em relação à realidade histórica, ou seja, as experiências práticas funcionam como articuladoras da elaboração do conhecimento real e efetivo (concreto), que provoca a necessidade de um modelo de conhecimento específico acerca de um fenômeno desconhecido que se necessita investigar para conhecer.

Neste sentido, a inferência de que a conexão do sujeito do conhecimento com a realidade histórica a ser conhecida (e transformada) se inicia pela prática social, implica dizer que o sujeito deve aproximar seus vínculos desta realidade, para permitir o acompanhamento do movimento histórico e desvelar os determinantes desconhecidos em sua aparência exterior (HOBSBAWM, 1998).

3.1.2 A verdade histórica: pistas teóricas para a compreensão do vivido-real

Para o entendimento da acepção de verdade histórica, faz-se imperativo examinar todas as leituras acerca de um objeto, até mesmo de modo exaustivo, sob várias faces, aspectos e detalhes de uma matéria, para que se possa proferir a sua verdade. São infinitas as probabilidades de cuidar de temáticas históricas, visto que a investigação carece de leituras variadas no presente e no transcorrer do tempo, por conseguinte conhecer a verdade de um determinado assunto histórico requer a união, a associação de todas as interpretações do passado e do presente acerca do tema estudado (REIS, 2006).

Para o mesmo autor, a verdade histórica é similar a um poliedro, cujo vértice jamais poderá ser observado integralmente por um olhar humano, em face da individualidade de cada pesquisador. Argumenta, ainda, que, se a teoria é quem determina o que se deve narrar do passado e suas fontes, uma vez que ela tem a atribuição de organizar, estruturar a subjetividade do historiador, então, se torna indispensável buscar com habitualidade a bibliografia clássica, com exame e apreciação dos diversos argumentos acerca da verdade histórica, sem a preocupação de estabelecer qualquer conclusão a respeito da matéria.

As teorias sobre a temática enfocada defendem vários posicionamentos teóricos, cujas correntes em debates não possuem a pretensão de oferecer enunciados conclusivos ou finalísticos, mas de promover reflexões sobre os valores, historicizar e relativizar as posições, fomentar a subjetividade historiadora complexa, porém, reflexiva e competente, com vistas a redimensioná-las, para dar-lhes um ressignificado.

Essas escolas procuram explicar o papel do sujeito na relação cognitiva, na delimitação e definição do que é real, no controle do resultado e condições de possibilidades da relação entre elas.

Ranke (1946) defende a ideia de que, para obter a verdade, o sujeito realmente se anula ou cria uma estratégia de autocontrole que, na verdade, intensifica a sua presença. Essa corrente corresponde à escola histórica metódica, dita como positivista, mecanicista e objetivista, pois trata de uma ideia de reconstituição do passado, haja vista a pretensão de reconhecer os fatos como ocorreram em sua realidade, com vistas a obter a validade absoluta, isto é, proibido falsear o conhecimento da verdade real do passado que deverá ser restaurado em sua integralidade.

Domingues (1996) assevera que, para essa escola o historiador deve oferecer uma imagem estrita, uma cópia fiel e uma representação adequada da realidade dos fatos, pois a história não é uma criação do sujeito, não é literatura, é o vivido-real pensado. Tais aspectos positivistas do “vivido-real” podem ser observados nos discursos dos professores, sujeitos sociais desta investigação:

Poucas recordações guardo do período passado em Redenção, entretanto recordo ter visto a passagem de uma aeronave Zeppelin; ser advertido com veemência por minha mãe quando encontrou-me com pequeno galho na mão brincando com uma pequena cobra venenosa; e ainda, a viagem que fizemos para Canindé pagando promessa por minha mãe, feita por ter se recuperado de uma enfermidade considerada grave. Isso foi em 1948 quando já éramos cinco filhos, o último com menos de um ano de idade. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

A minha infância foi fortemente marcada pela ambiência, no local da residência tudo fluiu em torno dessa ambiência, eu morava na Rua Franklin Távora, na Praça chamada Praça Cristo Rei. [...] Nosso ambiente de brincadeira era um pouco no

quintal e um pouco também na calçada, que era muito tranquilo, ou então num campo de futebol que depois foi murado, que é o atual campo do Colégio Militar de Fortaleza, certo? (ROBERTO CLAÚDIO DA FROTA BEZERRA).

Destarte, anota Ranke (1946) que esse pensamento doutrinário não se reveste de uma atitude ingênua, nem mecanicista, nem objetiva, mas de uma atitude hipercrítica, rigorosa, astuta, de um espírito que, embora em silêncio, mesmo suprimindo o fôlego com muita propriedade, é um observador intenso do real em suas evoluções mais discretas e objetivas.

Por outro lado, o teórico Weber (1992) defende a tese de que, para obter a verdade, o sujeito se divide em esferas autônomas – a científica e a político-moral. Ele não propõe a nulidade da subjetividade (construções e escolhas de projetos do sujeito) para garantir a verdade, mas a sua identificação e diferenciação, isto é, são esferas distintas, induzidas por lógicas diferenciadas, cuja indiferenciação leva à perda do conhecimento objetivo e da verdade, cujo sujeito não pode misturar a argumentação científica com a fundamentação política.

Weber (1992) postula a noção de que umas das características da subjetividade é a possibilidade de invenção do sujeito, visto que poderá ser dissimulado, em face de sua habilidade e talentos em fazer parecer lógico o que é puro sentimento, pura emoção e interesse e, fazer parecer pura paixão o que é lógico, isto é, a linguagem pode ser representar a paixão lógica e vice-versa.

O autor não acredita que se possa apropriar do real em si, ou jamais se obtenha integralmente o real, mas, construído o pensamento selecionado pelo sujeito, nos seus aspectos, partes e relações. Acredita, porém, que o sujeito no exercício de sua capacidade cognitiva possa constituir de modo eficaz o seu objeto, ou melhor, mesmo fazendo esse objeto, pode ser capaz de dizer a verdade, mediante a determinação de enunciados estáveis e intersubjetivos sobre eles. Atente-se para estes depoimentos:

Quando eu entrei na UFC alguns professores estranhavam a minha performance no vestibular e a escolha por ser professor de Matemática. No entanto, a maioria dos professores do Departamento de Matemática me recebeu de braços abertos, me acolheram, me incentivaram, me cuidaram. Isto foi muito importante para mim, pois foi a confirmação do acerto de uma decisão muito difícil e que eu tinha tomado muito jovem, com apenas 17 anos. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

Após o Curso de Agronomia, no mesmo ano que eu terminei, no ano seguinte eu já era professor, inclusive eu fui professor dos meus colegas repetentes. [...] Eu acho que não fui um péssimo professor porque lá tem um bocado de placa com meu nome, muitas vezes sou o paraninfo da turma, outra eu sou o homenageado. Eu terminei em 1966 o curso de Agronomia, e em 1967 eu já era professor. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

A análise desses depoimentos permite advertir que a subjetividade busca a verdade do real que, para ser adequada o sujeito tem que diferenciá-la de suas nuances afetivas, políticas, morais, culturais, sociais e religiosas. A verdade não expressa valores, nem defende interesses pessoais, também não ataca adversários, por isso é um conhecimento empírico, universal, objetivo, válido e necessário para todos.

Marx e Engels (1977), em sua corrente teórica acerca da verdade histórica, defendem o argumento de que, para se obter a verdade, o sujeito reintegra as esferas cognitivas e moral, dominadas pelo interesse social. Eles consideram que a divisão da subjetividade para se alcançar a real verdade histórica é impossível, uma vez que esta verdade é irreal, inexistente. Para eles, o sujeito do conhecimento deve aceitar a sua total subjetividade e conceber que não pode produzir um discurso universal, pois inexistente que a exibição do particular sob a ideia do universal é, apenas, uma estratégia de dominação, pois inexistente sujeito capaz de ter uma visão universal, global, da realidade social.

Marx e Engels (1977) entendem que a História constituída por meio de uma verdade universal se utiliza do discurso científico para legitimar o domínio de uma classe social sobre a outra. Eles propõem revelar que a subjetividade da burguesia dissimula o discurso universal para propor outro critério de “verdade” para a História. A verdade, para eles, se sujeita ao interesse social, e há um interesse social em falsear a consciência da realidade. Por conseguinte, haverá um interesse social em manifestar a sua verdade.

Dessa forma, o sujeito da verdade histórica, em Marx e Engels (1977), é social, haja vista que esse sujeito produz um conhecimento histórico objetivo, embora parcial e relativo. No entanto, precisa, ser revelado e explicitado para que se obtenha o conhecimento realmente objetivo, a fim de não se oculte e predomine o interesse particular perante o universal. Os depoimentos dos professores atestam em explicitar suas verdades:

[...] minha mãe me deu a vida duas vezes. A primeira, a comum à todas as mães. A segunda, durante cinco anos me tratando, me levando a todos os médicos possíveis e aos hospitais. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

Minha mãe era aquela soberana dona de casa, e criava todos esses filhos, de tal forma que até hoje se você chegar na casa dela, hoje com 99 anos de idade, se tiver 5 filhas, ela vai dizer que tem pouca gente lá, e que ela não vai dormir porque tem medo da noite, de alma. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

Observa-se na análise das discussões que a subjetividade em Marx e Engels (1977) é hesitante, pois a verdade assume particularidade, a vontade, a tendência, os afetos e paixões, o interesse de classe, o que os torna universais. Destarte, para ser objetivo e fazer referências ao real social, o historiador carece adotar um partido.

Ricoeur (1968) e Marrou (1968) sustentam que para obter a verdade, o sujeito é ético e comunicativo e toma consciência de si como universal humano. Os autores contrapõem-se à tese marxista da universalidade da relação de identidade entre o interesse social, o revolucionário e a verdade. Acreditam que existe possibilidade de obter uma verdade do mundo humano universal, mesmo em outro direcionamento. Também sustentam que a História é capaz de proporcionar a verdade do seu objeto, mas deve-se esperar da História sua objetividade específica, divergente das ciências naturais. Para eles, a verdade aparece na História quando leva as pessoas a uma comunicação íntima, plena, integradora da sua vivência comum, sem omitir a diferença das experiências humanas, mas consolidá-las. Para os autores, o que impede a verdade histórica é uma atitude aética, preconceituosa e fechada do historiador, pois, ao revés, o historiador deve ser justo.

Ricoeur (1968) entende que a verdade história é possível, visto que o sujeito do conhecimento pode atingir a subjetividade humana universal se possuir uma atitude ética e justa. A boa subjetividade detém a verdade possível nas abordagens humanas. Assim, deve ser justa, objetiva e, por conseguinte, pode ser expressa, compreendida e comunicável, podendo ser representada por palavras e sinais que ensejam a aproximação e reconhecimento entre o eu e o você, entre presente e passado.

As memórias dos entrevistados que vivenciaram os movimentos estudantis na década de 1960 são exemplos que traduzem um sentido subjacente desta concepção de verdade história:

Era um outro tempo. [...]. A sensação é que tínhamos a universidade toda para nós. Contudo estávamos ainda na época da ditadura militar e havia um permanente clima de tensão. As pessoas não conversavam sobre a situação política do País. Havia um clima de desconfiança mútua. Você temia que seu interlocutor pudesse ser um informante do sistema e talvez a recíproca fosse também verdadeira. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

[...] na época da ditadura eu não tinha essa ideologia toda, não era de esquerda, nem de direita, mas era um cara que andava por ali e acompanhava o movimento mais do pessoal de esquerda. Quando veio a ditadura eu vi muita coisa grosseira, como exemplo, sujeito chegar e ter que enterrar todos os livros, todos os discos do nosso Centro Acadêmico porque o pessoal da direita vinha para quebrar tudo, outra coisa eu vi muitas vezes, vi, presenciei estudante que se dizia de direita e bater no rosto do professor que se dizia de esquerda. Isso dava uma revolta muito grande. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

No dia 22 de maio começou a primeira greve geral de estudantes universitários no Ceará que logo se alastrou por todo o País. Todas as dependências UFC tiveram as portas lacradas, e logo a Reitoria foi ocupada impedindo o funcionamento normal. Quando o movimento foi radicalizado, com quebra-quebra da Imprensa Universitária e ameaça de outras depredações, a pedido do Reitor, o Exército ocupou

todas as dependências na noite do dia 27 de julho. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

Ai veio o último ano de Agronomia que foi o ano que me despertou para as mazelas que a gente tinha no país. Primeiro o clima nacional de ditadura e processo de aprofundamento ai alguns fatos importantes reforçaram isso. Foi o assassinato do jovem estudante Edson Luis que era um estudante secundarista com 18 anos, de Belém, humilde que foi para estudar e estudava no próprio restaurante calabouço, lá tinha uma parte de educação secundária e ele foi assassinado com um tiro a queima roupa e consequência desse assassinato foi que houve uma mobilização nacional na rua e tudo. A própria missa foi muito complicada porque os padres saíram na frente fazendo uma espécie de corredor todos de mãos dadas para proteger os alunos que iam saindo, mas mesmo assim a policia fez uma repressão muito pesada. (ROBERTO CLAÚDIO FROTA BEZERRA).

O movimento estudantil brasileiro ocorrido nas décadas de 1960 e 1970 transformou-se num importante foco de mobilização sociopolítica. Orquestrado pelas organizações representativas de âmbito universitário (os DCEs: diretórios centrais estudantis), estadual (as UEEs: uniões estaduais dos estudantes) e nacional (representada pela UNE: União Nacional dos Estudantes), o movimento estudantil teceu importantes reivindicações, protestos e manifestações que influenciaram significativamente os rumos da política nacional, em especial o sistema de ensino superior público do País.

Observa-se que, no final da década de 1950, o acesso ao ensino superior no País passou a ser condição fundamental para acelerar o desenvolvimento e a modernização, ao mesmo tempo em que abria caminhos para a mobilidade e ascensão social. Sua expansão resultou da criação de inúmeras faculdades e universidades, de um aumento progressivo da oferta de vagas, preenchidas por jovens provenientes, sobretudo, dos estratos médios da sociedade.

O golpe militar de 1964 alterou plenamente o quadro político. O movimento estudantil se reorganizou como resistência ao regime e a universidade pública tendo assim iniciado um enfrentamento direto entre os estudantes e o Governo. Houve a primeira intervenção nas universidades públicas com o afastamento de docentes considerados marxistas e aliados dos estudantes. O governo militar não retrocedeu em suas posições e a repressão castrense destruiu o movimento estudantil em 1968, tendo ocorrido a prisão das suas lideranças e cassação de docentes. Frise-se que, por mais de uma década, as universidades foram consideradas pela repressão militar como focos de subversão e mantidas sob severa vigilância (DURHAM, 2003).

Derrotado o movimento estudantil, o governo militar fomentou intensa reforma do ensino superior, num contexto político de enorme repressão. Nas reformas, foram incorporadas aquelas reivindicações do movimento estudantil, relativas a um consenso dos

meios acadêmicos do período, incluindo técnicos do Ministério da Educação. Nessa época, a ruptura da autonomia das faculdades foi afetada, e a sistematização interna foi reformulada no sentido dos institutos básicos, distribuídos por áreas de conhecimento e as faculdades ou escolas, que proporcionavam a formação profissional (DURHAM, 2003).

Na verdade, segundo a autora, não houve reforma curricular, pois a expansão do acesso se multiplicou, mediante a matrícula dos alunos nos mesmos cursos tradicionais, conservando a “velha” concepção do diploma profissional e o mesmo tipo de ensino.

A riqueza da história está na presença da subjetividade, pois a diversidade de posições e percepções é fecunda, uma vez que o resultado do conhecimento racional é infinito sobre o passado e até sobre o mesmo passado, ao se ter a possibilidade de suscitar questões indefinidas.

Nesse sentido, os professores-atores da pesquisa desenvolveram uma lembrança sobre o clima nacional da ditadura, o que nos leva à noção de memória coletiva, ou memória oficial, Vasconcelos (2010) declara que é necessária certa precaução, uma vez que essa ideia poderia desempenhar uma imagem indiferenciada de disposição de um universo subjetivo, o que ensejaria uma violência simbólica, denominada por Pollak (1989), uma vez que não levaria o sujeito a refletir sobre as experiências coletivas marginais e, por conseguinte, abeirar-se da memória oficial.

A memória oficial, no sentido de “revolução” levou a sociedade à ideia do estadista humano e bondoso, o possuidor do legítimo padrão ético e o mais perfeito “senso de justiça”, podendo-se perceber que nesse aspecto existirá uma modalidade de memória de maneira semelhante excessiva, mas, por outro lado, poderá também reaver o sentido coletivo no relacionamento do sujeito com a sociedade. É por estas razões que memória oficial não deve ser caracterizada obrigatoriamente como memória coletiva (VASCONCELOS, 2010).

Nesse entendimento de memória oficial, importante é demonstrar, as palavras de um homem que queria conflagrar a nação em nome da revolução: “[...] espero ver os anistiados reintegrados na vida nacional. E que, isto feito, saibam, possam e queiram participar do nosso esforço em prol dos ideais que – sendo os da revolução de 1964 – são os de toda nação.” (FIGUEIREDO, 1979, p. 13).

A lembrança facilita-nos estruturar a recepção dos estímulos que advêm do inconsciente e recuperar a experiência vencida no tempo (BENJAMIN, 1994), entretanto, onde houver experiências resgatadas, existirá a conexão entre passado individual e referências coletivas (BORELI, 1992).

Tais asserções encontram respaldo em Marrou (1968), ao exprimir que o historiador cuida do homem em sua riqueza, complexidade e diversidade. O autor adverte que a intensidade da verdade na história pode alcançar patamares elevados, na medida em que o historiador conhece seus limites para conhecer o outro e reconhecer que não é Deus, haja vista que somos inesgotáveis, porque nenhum esgota o outro ou o diminui no seu conhecimento. A história é o encontro com a vida e não amontoados de detalhes. A verdade que modela a criação do historiador torna-se confiabilidade para o leitor, pois não pretende saber mais do que lhe é permitido saber, e o historiador, por sua vez, sabe o que é possível saber do passado, visto que, com o seu conhecimento, espera contribuir para uma sociedade universal, integrada, consciente, em que o nosso eu possa reconhecer e ser reconhecido pelo outro, como parte integrante do universal humano.

Outro teórico também muito importante em suas revelações sobre verdade histórica foi Foucault (1984), ao defender a noção de que a verdade são as linguagens múltiplas que emergem de relações de poder e legitimam um regime de verdade e uma vontade de potência. Para ele, a verdade histórica não diz respeito a um real humano universal e exterior ao sujeito do conhecimento, mas à formação de um sujeito particular que faz emergir a sua particularidade, pois a verdade é o que está sobre os interesses e forças particulares, de forma atemporal universal. Esta verdade indica relações de poder e práticas concretas. Para Foucault (1984), a verdade é o conjunto de regimes, com o qual podemos classificar o verdadeiro do falso e se atribui aos verdadeiros efeitos de poder. Ela se vincula a relações de força e ao entrelaçamento de poder. A verdade é uma relação de força e não de sentido.

Foucault (1984) declara, ainda, que a verdade emerge e se solidifica pelas práticas do poder, mediante a articulação do saber, do discurso, que é uma elaboração para justificar um poder concreto e temporário e não para associar um sentido transcendente e atemporal. A verdade é regulada e regula esses poderes; sua dimensão é particular, histórica, vinculada ao micromundo humano, que institui, pessoas, corpos, funções, saberes e forças. Sua ressonância sobre os homens é guiada e não emancipatória.

Na perspectiva do mesmo autor, a verdade é uma máscara discursiva, elaborada para um exercício aguerrido, mas difícil de ser extirpado, haja vista as mais variadas máscaras utilizadas pelo sujeito. Exatamente em função dessas características é que Foucault (1984) acentua ter a verdade perdido sua essência tradicional, tais como a universalidade, o sentido, a emancipação, a consciência, a continuidade, a integração, a objetividade, a estabilidade, a coerência lógica interna, a transcendência, a transitoriedade, a reciprocidade, o

reconhecimento, o diálogo, a identidade, a transparência, o reencontro, o desmascaramento e a atemporalidade.

A respeito da “certeza pronta”, de “verdades permanentes”, e de “princípios universais”, Foucault se manifestou em entrevista concedida ao *Le Monde*:

O que é a filosofia senão uma maneira de refletir, não exatamente sobre o que é verdadeiro e o que é falso, mas sobre nossa relação com a verdade? Nenhuma filosofia soberana, é verdade, mas uma filosofia, ou melhor, a filosofia em atividade. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é [...] (1984, p. 105).

Foucault (1984) traz à baila a problematização do que se considera verdadeiro em determinado campo do saber, e em certo momento histórico. Percebe-se que Foucault entende a Filosofia como diagnóstico, que permite identificar nossas possibilidades de ação. Para o Filósofo, isso é a liberdade.

Os depoimentos dos professores oferecem uma análise dessa acepção de verdade por campo do saber e tempo histórico:

Na administração do Professor Anchieta ficou muito claro na Nova República, o Programa, o Projeto da nova Universidade que foi um projeto que tinha um grupo de notáveis da área acadêmica, pesquisadores, professores, e reitores tentando dar um exemplo de como seria a nova Universidade brasileira. Uma tentativa de reforma que nas discussões não avançaram, como era esperado, principalmente nesse momento, porque foi o momento de consolidação da organização do lado Sindical, tanto da Associação Docente, como da Associação do Técnico-Administrativo. (ROBERTO CLÁUDIO DA FROTA BEZERRA).

A Universidade Federal do Ceará só funcionava em Fortaleza. A partir da administração do Roberto Cláudio criou-se o Curso de Direito em Sobral, onde a Universidade foi responsável pelo desenvolvimento do curso. Quando o curso estava estabilizado a Universidade Federal do Ceará, entregou o Curso para a Universidade Vale do Acaraú. Com o passar do tempo na mesma época do Roberto Cláudio foram criados dois cursos de Medicina, um em Sobral e outro lá no Cariri lá em Juazeiro. Não há em Barbalha, Curso de Medicina e o Curso aqui da Região Norte foi lá em Sobral. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

Observa-se nesse sentido que o sujeito não recua à vontade individual de força, não aceita se anular em favor de uma compreensão que se torna impossibilitada em sua exata e fiel vontade do outro sujeito, isto é, ele tem um olhar de determinada aresta, com a pretensão de afirmar ou negar, visto que o olhar do sujeito é absoluto em sua parcialidade, porquanto sabe que, diante do que olha, este olhar é absoluto.

Michel de Certeau (1976) declara que a História é um discurso emerso de uma prática e de um lugar institucional e social. Ele sustenta a posição de que a História é uma

produção do historiador, tendo em vista que ele cria a História desde um lugar particular incontestável. A verdade histórica, nesse caso, não se refere a um discurso filosófico, tampouco a um lugar indeterminado e atemporal, haja vista que esse lugar é uma sociedade, uma política e uma instituição, as quais estão jungidas às redes de poder, que instituem uma realidade social ordenada, pois a História é uma ação humana que dentre outras pretensões, é parte integrante da realidade social que ela própria representa. A História, como prática, engendra seus rituais, seus modelos de produção e de reprodução do conhecimento, a exemplo de hierarquia, recrutamento e regulamento, pois ela é a composição de um lugar social com práticas científicas.

A inquietação fora encontrar elementos nas falas dos entrevistados que apontassem para uma visão crítica da realidade social, por eles representada, encontrou respaldo nas declarações seguintes:

Em 1962 a União Nacional dos Estudantes-UNE, aproveitando o período de cento e oitenta dias concedidos pela nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, concedidos nessa lei para que as universidades reformulassem seus estatutos, desencadeou em todas as Universidades Federais, um movimento para conseguir que em todos os órgãos de deliberação coletiva, fosse assegurada a participação de um terço dos membros para os estudantes. Iniciou-se primeiramente no Ceará, com a chegada da UNE-Volante, que incitou todos os estudantes a aderirem ao movimento. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

A Reforma Universitária mais séria foi na época da Lei de Diretrizes e Bases, foi em 68, então aquilo promoveu um desmando tão grande na Universidade que fazia gosto. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

Ficou um clima de gato e rato, então, nós no Brasil inteiro organizamos rapidamente passeatas, fazíamos a manifestação e depois vinha a policia para bater, era uma correria para todo lado. Isso foi acontecendo, foi crescendo e ai foi organizado o Congresso da UNI em Ibiuna que ficou uma coisa mais fechada por conta da repressão e o Congresso foi em outubro de 1968. (ROBERTO CLÁUDIO DA FROTA BEZERRA).

Percebemos Certeau (1976) assegurar que a história presume uma instituição, que encampa uma profissão, postos, grupos, pressões, subserviências, privilégios e interesses, e o historiador, paulatinamente, compreende as regras, a hierarquia, a linguagem, as referências e contrareferências, visto que não nasce produzido, pois é fabricado, moldado, plasmado por grandes coerções e prêmios, pressões e reconhecimentos, fracassos e sucessos.

O entendimento do autor é o de que o conhecimento histórico não é, tampouco pretende ser, isento ou tenciona expressar alguma universalidade, pois ele é orientado a um regime de verdade, para que possa discernir o verdadeiro do falso e relacionar bem essa distinção. Profere, ainda, que o historiador sabe que a verdade histórica não pode ser um discurso sobre um tempo indeterminado, haja vista que a teoria com a qual trabalha o

historiador não é pertinente a nem um lugar, nem a nenhum tempo, ao revés, teorizar é conduzir as ideias ao seu lugar certo, pois a teoria não universaliza mais o particular, mas tenta demonstrar a imutabilidade de sua origem.

É ideológico o discurso universalizante, uma vez que objetiva uma verdade histórica mais ampla, retirando a particularidade do historiador, haja vista que a verdade histórica, procura explicitar sua origem, controlar sua base subjetiva, eleger quem fala e quem ouve, assumir certa relatividade, com vistas a superá-la, a assumi-la e torná-la mais objetiva e controlável. Portanto, jamais a presença da característica universal.

Por outro giro, Duby e Lardreau (1989) exprimem que a história é um discurso e uma prática, ao mesmo tempo, social e individual. Eles avançam na subjetivação do saber histórico, afirmando que a subjetividade é assumida, mas é uma subjetividade disciplinar e institucional. Os autores asseveram que, quando se escreve a História, quem está falando é o próprio historiador, não tem nenhuma intenção de omitir ou de ocultar a subjetividade do seu discurso, visto que o sujeito não é tão livre assim e está vinculado às exigências da comunidade: vestígios, cronologia, instrumentos, técnicas, relevância, bibliografia. O “nós” de uma comunidade ou de uma instituição assegura a eficácia e a reprodução do saber.

Para esses teóricos, resta clarificado ser impossível a reconstrução integral do passado, pois não se pode ressuscitá-lo, porquanto se escolhe sempre um passado, pois ninguém possui o privilégio de expressar a verdade do que se passou. Duby e Lardreau (1989) se apropriam da ideia de que não se tem o propósito de falar a verdade do passado ou de seus predecessores, uma vez que em cada época é reconstruída representação do passado, cuja representação do passado pode ser fecunda, mais rica, mas não mais verdadeira. Ademais, tem-se sempre uma construção imaginária do passado, mais adequada e integrada ao presente, mas não é necessariamente mais verdadeira do que as histórias precedentes. Nas reminiscências dos professores entrevistados está a concepção de verdade história:

[...] ingressei no curso de Matemática em 1975. Alguns professores e praticamente toda a família e amigos estranharam muito a escolha, visto que minha classificação permitia cursar áreas consideradas mais nobres. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

[...] eu fui me candidatar, eu era Presidente da Associação dos Agrônomos, aí o Reitor, com raiva, na época em que ele foi tomar posse, eu não o defendi porque os meninos jogaram ovo nele, foram os alunos da Agronomia, ele queria que eu desse uma nota como Presidente da Associação. Eu disse não, eu como Presidente da Associação dos Agrônomos era para defender os Agrônomos, não tinha nada para me envolver com os problemas da Universidade Federal do Ceará. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

Entrei na primeira classe da carreira do magistério superior como professor auxiliar de ensino nível I e galguei todas as classes e níveis dessa carreira até aposentar-me

em 04 de fevereiro de 2004, como professor adjunto IV após trinta e quatro anos de atividades. A minha vida com professor totalizou trinta e oito anos de serviço, pois incorporei um ano na Faculdade de Ciências e Letras e três anos no Curso Pré-Universitário Walter Bezerra de Sá. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

Abriam um concurso de Estatística, [...] e eu me escrevi e proibiram minha inscrição dizendo que era para ser economista e proibiram minha inscrição. Ai eu reverti, ai tive sorte porque no concurso eu tirei o primeiro lugar. (ROBERTO CLAÚDIO DA FROTA BEZERRA).

A verdade histórica é, pois, aquela que faz o homem reviver de forma presente os fatos do passado, cujas representações são formuladas com o seu passado, que atende mais aos interesses do presente do que ao conhecimento daquele passado. Isto implica dessumir-se, a idéia de que, na relação presente-passado, o aspecto presente tem mais peso e o passado passa a ser o objeto do que o presente representa do mesmo. Por fim, declara, ainda, o teórico que a verdade histórica como simbolismo do passado é um sentido conferido pelo presente ao passado, que lhe possibilita escapar-se e que o transforma em mais estável e mais produtivo.

Para Duby e Lardreau (1989), a representação do passado é irrefutavelmente prejudicada pelo tempo. O passado é delimitado, selecionado, recortado e reconstituído criticamente em cada presente; este, sempre, é arremessado sobre o passado com um novo prisma, com vistas a promover uma ressignificação. No presente, também o historiador se relaciona com o futuro, quando se decide por um partido, adota planos e programas políticos, julga e age. O presente não é um mero receptáculo do passado. Já o passado é ressignificado em cada presente sempre sob um novo aspecto, pois um fato poderá ser inócuo no presente e decisivo no futuro.

Koselleck (1990), por sua vez, assevera que a verdade histórica é um sentido atribuído pelo presente ao vivido humano. Ele declara que a verdade histórica se relaciona muito com a História da História.

Durante quatro anos, 1991 a 1994, desse período a Universidade foi dirigida por um Reitor, legalmente escolhido pelo Presidente da República, já que encabeçava a lista sêxtupla, porém que não havia sido o mais votado em uma consulta pública realizada pela comunidade universitária. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

[...] ele teve alguns problemas ligados a relação com os movimentos, porque quando ele assumiu, foi o primeiro da lista, mas como não tinha sido o mais votado, houve um certo grau de reação e os primeiros anos foram de alguns conflitos, aconteceram, mas ele com o passar do tempo superou os conflitos e entregou a Universidade em um determinado padrão. (ROBERTO CLAÚDIO DA FROTA BEZERRA).

Percebe-se que a verdade histórica seja um significado que se confere ao conhecimento do passado e do futuro em um presente definido, e é constituída mediante a

identidade das sociedades em seu tempo e lugar, isto é, a verdade histórica é uma representação constituída em cada presente na relação do passado, futuro e que sustenta um diálogo permanente com as representações desta relação- presente, passado e futuro.

Por fim, Koselleck (1990) exprime que cada presente estabelece relação individual ou particular entre passado e futuro, isto é, confere significado ao desmembramento da história e realiza uma representação de si consoante suas diversidades – o passado e o futuro.

Em síntese, percebemos que os teóricos buscaram salvar o rigor da verdade histórica, destacando que a presença do sujeito nesta relação constitui e controla a mencionada verdade. Os positivistas, de um lado, tentaram tornar sem efeito a influência da subjetividade na produção da verdade histórica. Notou-se que existe intensa concorrência entre os autores e propostas de estabelecer a verdade, tanto que se uma for a mais adequada e orientar de fato à verdade, isso inviabilizaria as demais, visto que se teria o caminho real para a essência universal. Nenhuma das teorias, porém, consegue explicar de forma absoluta e definitiva a essência da verdade histórica, o que revela serem discursos particulares, que não alcançaram o universal.

As teorias vertentes – realistas metafísicos e nominalistas, por suas complexidades e multidimensionalidade, abarcando visões sociofilosóficas, que vão do individual ao sociocultural, possibilitaram uma reflexão acerca das narrativas individuais dos protagonistas-professores.

Para embasamento teórico desta investigação, entretanto, haja vista algumas correntes, a pesquisadora elegeu uma só corrente teórica – a da relatividade do saber histórico, defendida por Foucault (1986) a qual será fundamentada mais adiante.

Certeau (1976) declara que fazer História significa fomentar uma produção narrativa inexaurível conforme o outro do passado. O autor demonstra ter particular interesse pela procura do ausente que perpassa lugares de eleição e composição do seu pensamento, no qual revela as práticas ou procedimentos do homem ordinário, ou seja, os modos de pensar e de atuar.

Como leciona Orellana (2012), a obra da História deve compreender o resultado de um lugar institucional que a determina em virtude da sua conexão de fundo com o corpo social, no qual se inscreve o “não dito” do dizer do historiador. Por esse motivo, a produção historiográfica vincula-se a um lugar de produção social que insere privilégios decisivos para a organização dos métodos, interesses e modos de interrogar os documentos.

Destarte, essa condição equivaleria a analisar o discurso histórico no final da sua dependência de uma instituição social, que normalmente se encontra silenciada no seu ambiente particular, ou específico, cuja conexão se conduz juntamente com a instituição, quando se adota a figura do “nós”, como autor, para se garantir num campo que exclui a história como produto de uma pessoa ou de um sujeito global e geral.

Ao narrar uma história de vida, Marx e Engels (1977) declaram que temos até mesmo de superar a ideia de razão pura, pois não existe razão pura, não há racionalidade sem afetividade. Precisamos de uma dialogia entre racionalidade e afetividade, uma razão mesclada com o afetivo, uma racionalidade aberta.

Segundo eles, precisamos de uma racionalidade complexa que enfrente as contradições e a incerteza sem afogá-las ou desintegrá-las. Isso significa uma revolução epistemológica, uma revolução no conhecimento histórico, com o envolvimento e participação do sujeito na produção desse saber histórico.

3.2 A experiência individual como ordenação subjetiva

Ao tratarmos da experiência individual como ordenação subjetiva, é imprescindível contextualizá-la na história oral de vida e nos aspectos da personalidade individual, como fontes para perceber a composição da história individual das pessoas.

Partindo da premissa de que homens e mulheres são autores de sua vivência, cujo agente é o elemento primordial do processo social, pode-se examinar as experiências de subjetividade docentes desde a geração de atividades alternativas, que favorecem aos sujeitos projetarem o desenho de suas vidas, sob o aspecto da concepção de si mesmo e do mundo que o cerca (MARQUEZ, 2004).

Nas últimas décadas, nas ciências humanas de um modo geral, a Psicologia atua acerca das reflexões sobre o particular e o plural, o específico e o universal, o único e o repetível, o indivíduo e a sociedade, cujos debates provocam efetivos estudos e discussões sobre a constituição da subjetividade, mediante as formas pelas quais o sujeito narra a própria vida. Destarte, em vez de demonstrar eventos psicológicos como bem dirigidos e progressivos, a análise dos dados históricos narrados pelos personagens desta pesquisa evidencia que o desenvolvimento deve ser compreendido como um processo que inclui, simultaneamente, avanços e retrocessos, bem como antiguidades, rupturas e discontinuidades.

Marquez (2004) assevera que memórias pessoais sistematizadas em depoimentos autobiográficos são fontes valiosas no empenho de compreender a constituição da história de

cada pessoa. Desta forma, ao expressar uma narrativa autobiográfica, restringida pelas características do gênero discursivo, o sujeito formaliza a exibição do seu passado no mesmo momento da narração. Assim, lembrar é recriar as experiências com os olhos do presente (BOSI, 1994; BRUNER, 1997; SOARES, 1990). Esse fato ilustra bem a natureza construtiva do ato de narrar uma trajetória de vida.

Nas últimas décadas, a História Oral é centrada nos aspectos da subjetividade e menos na objetividade. Nesse sentido, Portelli (1981) sustenta que as fantasias, e mesmo os casos de transferência que se apresentam nas estórias, são relevantes para a memória das pessoas. Desta forma, os fatos de que os sujeitos trazem à lembrança ou simplesmente levam ao esquecimento seriam a substância da qual é realizada a História. Assim, os fatos históricos, são aqueles que fazem sentido e que, portanto, conseguiram sobreviver na vida das pessoas. Por conseguinte, não há fonte oral falsa.

Para se tratar da credibilidade da fonte oral, é necessário refletirmos sobre a natureza da memória, que nos encaminha indubitavelmente para um dos aspectos bastante questionáveis acerca das fontes orais, em que a discussão primordial é a de que não se deve aquilatar o que e como o testemunho oral poderá normalmente ocultar, nem pela imprecisão dos fatos, todavia na divergência deles.

Nesse sentido, é primordial analisar a ideia de que homens e mulheres narram suas histórias de formas diversificadas. Os homens adotam uma voz com altivez e as mulheres, por sua vez, adotam uma voz passiva, sem a observância das formas de imaginação e simbolismo presentes nessas fontes orais, cuja divergência está no fato de que os depoimentos não legítimos são psicologicamente verdadeiros, e que esses pseudoerros, eventualmente cometidos, revelam mais informações e dados do que o próprio relato contido de exatidão (FREITAS, 2002).

Freitas (2002) observa que, para alguns historiadores tradicionais, os depoimentos orais são considerados fontes subjetivas, pois estas se alimentam da memória individual, que eventualmente pode ser enganosa ou fantasiosa. Não obstante, em História Oral, o protagonista é compreendido como sendo ele próprio, isto é, um agente histórico. Nesta perspectiva, compreende-se, de um lado, que é primordial o resgate visional em torno da sua vivência e dos fatos sociais dos quais foi parte integrante da própria história e, de outro, que a subjetividade está presente em todas as fontes históricas, quer sejam orais, escritas ou visuais.

Quanto às fantasias praticadas pelos sujeitos, Thompson (1992) assevera que inventar um passado imaginário, que poderá ter ocorrido, é uma maneira velada de proteger suas crenças e ideologias. Nesse sentir, a subjetividade é realmente a única força da História

Oral, haja vista que aquilo que o ator acredita ser é, para ele próprio, mais relevante do que aquilo que realmente ocorreu.

Por isso, segundo o autor vertente, a fonte oral – por ser uma fonte gravada, não necessariamente, transcrita, introduz uma revolução historiográfica, malgrado impossibilitar que diálogos sejam manipulados. Assim, o referido teórico privilegia a gravação como instrumento mais adequado e primordial, por tratar-se de uma origem que advém da oralidade.

Por outro giro, partindo da hipótese de que o crescimento não observa roteiro linear, lógico e definido, é relevante analisar a natureza fracionada da subjetividade, nos momentos contraditórios de sua constituição, visto que a pesquisa enseja compreender, sobretudo, o modo como o sujeito empresta sentido à trajetória individual, mas, também, visa a analisar a diversidade dos caminhos individuais ocorridos no processo intrínseco do sujeito da história (BRUNER, 1997).

Nesse entendimento, concordamos com Bruner (1997), quando ele assevera que o estudo autobiográfico pode refletir um procedimento metodológico interessante para as investigações na área psicológica, notadamente no que concerne à constituição da subjetividade, considerando que as narrativas exprimem um grupo de significados gerados culturalmente pelo sujeito, os quais se constituem em sinais das características históricas e culturais que foram introjetados pelo sujeito em determinadas época e sociedade.

Em sintonia com o autor, a vontade de narrar diz respeito à condição da pessoa humana e está jungida à imprescindibilidade de preservar a experiência, fixar ordem, dar continuidade e sentido à própria existência, atribuindo-lhe a intuição de controle, especialmente, acerca do futuro, bem como afirma, ainda, que a pesquisa das narrativas autobiográficas possibilita a obtenção de uma noção geral de si mesmo em uma diversidade de contextos culturalmente específicos, quando assim declara:

O si-mesmo como narrador não apenas relata, mas justifica. E o si mesmo como protagonista está sempre, por assim dizer, apontando para o futuro.

Obviamente não podemos acompanhar as pessoas ao longo de toda a sua vida, observando-as ou interrogando-as a cada passo do caminho. Mesmo que existisse essa possibilidade, empregá-la transformaria o significado pretendido da ação. E, de qualquer modo, no fim da pesquisa, não saberíamos como unir os pedaços. Há obviamente uma alternativa viável, fazer uma investigação retrospectiva, através de autobiografias.

[...] Refiro-me simplesmente a um relato do que se pensa que se fez, em que cenário, de que modo, por que razão. Ela será inevitavelmente uma narrativa [...], sua forma será tão reveladora quanto a sua substância. Não importa se o relato se adapta ao testemunho dos outros. [...] Estamos interessados apenas no que a pessoa pensou que fez, para que ela pensou que fazia alguma coisa, em que tipo de situação ela pensou que estava, e assim por diante (BRUNER, 1997, p. 103-104).

Com efeitos, inexistente o cuidado de observar se o entrevistado proferiu a verdade ou não, se os fatos narrados se aproximaram ou não da realidade. O interesse está exatamente no que foi selecionado e trazido à lembrança do agente, a fim de que haja uma perpetuação na sua história de vida, mesmo que seja, apenas, na contextualização daquela narrativa (BOSI, 1994).

Nesse sentir, as memórias pessoais agrupadas em depoimentos autobiográficos constituem fontes primárias na reconstrução da história de vida de cada sujeito, uma vez que eles interpretam e proferem seu cotidiano individual, que para eles é legítimo e incontestável.

As histórias de vida dos atores sociais desta pesquisa presumimos se harmonizar à imagem-síntese do homem contemporâneo sugerido pelo teórico Bauman (1998), ao assinalar que, por meio da incerteza e da indefinição do mundo presente, existe a subjetividade, para agrupar um conjunto de autoimagens repentinas, haja vista a sucessividade de novos recomeços. Esta estratégia se contrapõe à progressiva e paulatina construção da identidade, uma vez que essa característica se encontra sem uso pelas instituições clássicas, mas que, em épocas pretéritas, esse caráter identitário era garantido pela sua durabilidade e constância.

Nessa perspectiva, Dubet (1998) compreende que o método privilegiado de ordenação subjetiva das atuais circunstâncias socioculturais é classificado pela noção de experiências, as quais só foram permitidas e apropriadas pelos sujeitos contemporâneos por via do plano da consciência individual.

Nos tempos presentes, os processos de subjetivação têm ocorrência presumida à proporção que se seleciona um grupo de experiências individuais memoráveis, com as quais podemos persuadir num plano dialético. Com efeito, há que se obter a exuberância de esforços sob o manto do caráter autobiográfico na contemporaneidade, e sua eficácia como instrumento simbólico de subjetivação. Daí o conceito de experiência individual como normatizadora dos processos de subjetivação na contemporaneidade (DUBET, 1998).

3.2.1 A história oral de vida

Na visão da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), criada em junho de 1998, as gravações de entrevistas com testemunhas da História teve início na década de 1950, após a invenção do gravador fita, na Europa, nos EUA e no México. Nos anos de 1970, as técnicas da história oral difundiram-se bastante e ampliou-se o intercâmbio dos que a praticavam, enquanto, na década de 1990, assistiram à consolidação da história oral no meio acadêmico.

A história oral de vida, como narrativa, corresponde a uma das maneiras como o sujeito se entende, como explica a autoimagem e como pretende ser conhecido pelos outros. O narrador, em suas entrevistas, tem liberdade para constituir a própria versão, na qual tem liberdade de expressão, para ocultar, revelar e reconstituir a vivência pessoal. A versão exibida pelo narrador é sempre calcada nos fatos reais da sua vida, como na história oral.

A narrativa, notadamente na modalidade de autobiografia, traz a invenção de si mesmo e é organizada em volta da dimensão temporal que traz significados às etapas relativas a infância, juventude e, idade adulta, por meio da ficção e criatividade do narrador. Assim, o conjunto de experiências vividas pelo narrador, representadas pela sua biografia, que visa, sobretudo, à fala, se configura e ganha vida própria com base nessas complexas elaborações biográficas.

É relevante, pois, destacar que existe grande diferença entre as entrevistas de pessoas comuns, não celebridades, e as pessoas públicas, que já possuem um notório discurso oficial estruturado com base nas pretensões pessoais de dar visibilidade a questões consideradas mais valiosas, heroicas, de suas vidas. O diálogo e as constantes reflexões e produções favorecem inovações e interpretações diversificadas, haja vista o fato de reconstituição dos fatos e as experiências vividas e descobertas integram permanente elaboração da história de vida dos atores educacionais ora pesquisados.

A fonte oral uma proposta de produção de conhecimento em história de vida se institui como alicerce primordial na busca de toda forma de conhecimento, seja científica ou empírica. Para Queiroz (1987), o relato oral foi difundido ao longo dos tempos, se revertendo na maior fonte humana de conservação e difusão do saber, contribuindo para a ciência em geral, haja vista que a palavra precedeu o desenho e a escrita.

Corroborar esse mesmo entendimento Thompson (1992), pois declara que a história oral é tão secular quanto a própria História, uma vez que ela foi a primeira modalidade de história. Destarte, paulatinamente, as ciências sociais consideram e respeitam os relatos orais, na proporção em que se denota que os comportamentos, valores e emoções ainda não se manifestam ou ainda são omitidos dos dados estatísticos.

O discurso do ator social tem uma coerência própria e organiza-se como linguagem, após o avanço de outras disciplinas, como a Antropologia e a Linguística, para possibilitar a compreensão de fenômenos sociais que fogem à observação fria e distante do pesquisador (CAMARGO, 1994).

Desta forma, selecionamos para esta pesquisa o estudo investigativo por via do método da história oral, haja vista que os sujeitos das pesquisas que percorrem às instituições

sociais, exigem outra visão, expressa como valioso construto para as ciências sociais, e mesmo para a educação. Nesse sentir, a história de vida também pode ser apoiada na autobiografia, essencialmente focada em pessoas ou grupos sociais, com vistas ao resgate e a elaboração narrativa de memórias, biografias e perfis. É sabido que, para existir uma “história de vida”, é fundamental haver agente social, isto é, uma personagem ou alguém que possa narrar esta história.

Camargo (1994) compreende que o método da história oral, na modalidade trajetórias de vida, objetiva adotar sua aplicabilidade em investigações científicas, como é o caso desta investigação, para que, mediante os fundamentos epistemológicos da história oral, lhe possa ser atribuída natureza científica. Em sua perspectiva, a autora acentua, ainda, que a história oral é uma ferramenta pós-moderna para se compreender a realidade contemporânea, haja vista sua imprevisão e maleabilidade. Nesta abordagem, a espécie de trajetórias de vida atua como uma formulação histórico-social que se aplica em técnicas de entrevista para dar ênfase aos sujeitos até então imperceptíveis, revelando os principais estágios dos procedimentos metodológicos adotados.

Nesse mesmo entendimento, Thompson (1992) assevera que o modelo de história oral, sob o fundamento da realidade das trajetórias de vida dos sujeitos pesquisados projeta para o pesquisador uma proposta investigativa que resulta em compreender o universo sociopolítico e educacional dos protagonistas dessa história, haja vista que o método de história oral, além de ser uma ferramenta de pesquisa qualitativa, também é empregado não só por historiadores, mas também por cientistas sociais, antropólogos, educadores e profissionais dos mais variados ramos das ciências humanas.

Destarte, a história oral procura valorizar as memórias de pessoas, reaver tradição oral e a “história tradicional” dos atores sociais, deixadas no tempo, com vistas a difundir experiências e controvérsias vividas ao longo de um tempo. Nesse sentido, assim como a história oral representa um instrumento da pesquisa qualitativa, o método de história de vida está intimamente vinculado à história oral.

Para corroborar esse entendimento, Queiroz (1988) explicita que a história de vida está inserida num amplo contexto da história oral que, por sua vez, também agrega depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias.

[...] um instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos. (QUEIROZ, 1988, p. 272).

As histórias orais são destacadas pelo estilo do narrador, o qual dá vida às personagens, visto que gestos e expressões integram a forma de contá-la. Quando escritas as histórias narradas, estas podem livrar-se da magia das expressões do contador, porém alcançam uma nova perspectiva no sentido de alterar a essência de sua natureza, por conseguinte poderá provocar uma história diferente, que posteriormente será lida e não mais narrada (FERNANDES, 2011).

O método de história de vida, como maneira de expressar e narrar a própria vida e/ou as experiências de formação profissional, permite maior entendimento de si mesmo, ocasionando uma perspectiva mais consciente e independente. Por conseguinte, a história oral de vida é adotada, cada vez mais, como um recurso pedagógico nas habilidades conceituais e intelectivas na formação profissional. Por isso, a função pedagógica de uma entrevista de história de vida não se limita ao narrador que busca novos contextos de autoconhecimento, mas direciona, também, o pesquisador que pretende uma experiência densa, consciente e humanizadora (ATAÍDE, 2003).

Nas narrativas autobiográficas, utilizadas na história oral de vida, é comum o depoimento iniciar-se com a manifestação de suas emoções e afetos imersos e concentrados em si mesmos. Apresentam no entanto, uma abordagem social em que conceitos acerca do civismo são fortalecidos à luz do reforço da propaganda de realizações concedidas a países do mundo ocidental. Esta reflexão traz imagens de uma sociabilidade em transformação, advinda do campo para o fortalecimento de um ideal de urbanização (CHAVES, 2006).

Nesse sentir, Benjamin (1987) declara que a caracterização, do ponto de vista documental, é constituída pela multiplicidade de imagens e de linguagens, cujo aspecto documental de uma época que configura histórias de vida também caracteriza a história da educação de um determinado momento em certo determinado contexto social. Segundo ele, o dizer não é apenas a expressão do pensamento, mas também sua realização.

Atuar com memórias narrativas significa conceber a ideia de que a realidade possui diversas interpretações, considerando que não se buscam dados e informações privilegiadas acerca de uma celebridade em lugares e espaços determinados, os quais estavam arquivados ou disponíveis aguardando coleta de si mesmos. Destarte, os “dados” são construídos de forma subjetiva, porque são sistemas interpretativos, os quais têm relação estreita com as trajetórias de vida e conexões teóricas das personagens narradoras (CHAVES, 2006).

Adotar esse pensamento conforme Brockmeier e Harré (2003) defendem que é prevenir o risco de submissão do equívoco ontológico que as narrativas são ilusões de que

existe uma estória a ser revelada, independentemente da análise mais profunda do processo narrativo, ou, ainda, é presumir que há apenas uma realidade humana que todas as outras narrativas devem retratar.

Aprofundando nessa temática, Ezpeleta e Rockwell (1989) conceberam a ideia de que a homogeneidade presente na história oficial, na história documentada, dissocia-se em diversas realidades rotineiras, em histórias não registradas, que nos falam mais do que as primeiras (histórias oficiais) acerca das nossas possibilidades pedagógicas e políticas na área da educação, visto que, sem pretenderem ser verdades universais, são principalmente plenas de significado social.

Nessa trajetória, a narrativa no contexto de autobiografia constitui a forma de ensinarmos a nós mesmos e aos outros, bem assim, favorece o processo formativo, tanto quanto a produção de conhecimento, na proporção em que nos

Dá acesso à realidade, sem exclusão do particular, do marginal, das rupturas que normalmente escapam às estatísticas. Além disso, os relatos de vida produzem um material que simultaneamente exprime o peso das determinações sociais nas trajetórias individuais e as reações dos indivíduos a estas determinações [...] (FONTOURA, 1992, p. 179).

Nesse prisma, Foucault (1986) declara que a narrativa de si é uma partícula da autobiografia ao se examinar acerca da sua formação teórica. Corrobora esse mesmo entendimento, Santos (2009), ao postular o argumento de que a autobiografia é um instrumento capaz de potencializar a emancipação da história, da memória, da trajetória individual, da forma de estar sendo no mundo, nossas inquietações, como indicadores presentes na formação de memória.

Pérez-Gomez (1992) acentua que traduzir uma experiência em uma história, talvez seja o ato mais fundamental da compreensão humana, haja vista que através das vozes autorais, pela prática de rever, dizer ou narrar suas próprias vidas e suas experiências profissionais, pode-se teorizar sua vivência.

Portanto, o ato de narrar sua história, mais do que contar uma história sobre si, é um ato de conhecimento. Narrar a vida, escrever sua autobiografia é, sob o aspecto da criação, uma prática de autotransformação, onde a escrita como experiência e dispositivo de autoconstituição é um trabalho que encampa a vida, e nisso consiste a maneira de ser de uma pessoa (PÉREZ-GOMEZ, 1992).

Prudente é destacar a noção de que, para se construir uma narrativa, é imprescindível dizer que é necessário um encontro, uma conversa, a qual é uma característica

adotada pelo método da entrevista, que se pode traduzir numa interatividade dos atores da pesquisa, cujo método também é utilizado por jornalistas para construção de suas narrativas. Nesse entendimento, Martins e Bicudo (1986, p. 102), quanto ao método da entrevista, assim se manifestaram: “[...] a entrevista pode ser construída como um encontro social, cujas características, entre outras, seria a empatia, a intuição e a imaginação, e nela ocorre uma penetração mútua de percepções, sentimentos, e emoções.”

Por fim, esses autores concluem que a entrevista constitui instrumento de conquista, com vistas a produzir narrativas por parte de alguns profissionais da Comunicação Social, notadamente de pesquisadores que adotam o método de história de vida.

Pela narrativa, o sujeito constrói uma cadeia de significantes que estrutura formas (visíveis e invisíveis) de representar o mundo e compartilhar a realidade social, ao mesmo tempo em que engendra sonhos, desejos e utopias (PÉREZ-GOMEZ, 1992). Nesse sentir, Sontag (1986) declara que a narrativa autobiográfica é um texto vivo, de um sujeito historicamente datado e socialmente situado; desvela modos de pensamento e reflete formas de estruturar, criar, recriar cotidianamente o mundo, de sentidos concretos, de enunciados que criam significados particulares e modos de entendimento.

Olhar para a história de vida dos atores desta pesquisa, com suporte na trajetória de vida desses educadores, pode trazer luzes à tarefa de pensar, idealizar e arquitetar a formação da especificidade de suas vidas, que compõe um conjunto das políticas públicas, notadamente nas políticas educativas. Ao compartilhar suas vivências, lembrando momentos que marcaram sua trajetória, estas podem colorir o passado com tonalidades diferentes, dando vida as estruturas que de outro modo nos pareceriam distantes (ARROYO, 1996).

3.2.2 A personalidade individual: traços do “eu” subjetivo e profundo

As teorias e reflexões acerca da personalidade são controversas e sempre estão presentes em toda a história da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da Medicina Geral de outros ramos da ciência. Desta forma para caracterizar a personalidade de modo mais favorável, podemos considerar que a personalidade é a organização dinâmica dos traços no interior do eu, formados dos genes pessoais que herdamos, das existências singulares que experimentamos e das percepções individuais que temos do mundo, as quais são capazes de tornar cada indivíduo que é único em sua maneira de ser, de sentir e de desempenhar o seu papel social (BALLONE, 2008).

No entendimento de Marquez (2004), personalidade é o modo de ser da pessoa. Com base nesta expressão, queremos dizer que a personalidade é uma construção formal sobre o indivíduo e que ela abstrai todos os seus conteúdos. Com esse conceito, constatamos que cada pessoa é tendente a ser de uma determinada forma, que predomina sobre sua história e sua atualidade. Tais traços de personalidade são delineados e percebidos desde a infância, como pode ser observado nas falas dos atores sociais, sujeitos desta pesquisa.

[...] com dez anos de idade, fui matriculado no Curso Klein, dirigido por um mestre muito reconhecido à época o Professor Luciano Klein. O curso era caro e lá estudavam crianças notáveis. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

Segundo meus pais, sempre fui uma criança "buliçosa", isto é, gostava de mexer nos objetos com curiosidade. Muito cedo "fabricava" meus brinquedos. Gostava muito de desmontar e montar brinquedos que eventualmente me chegavam às mãos. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

[...] uma das coisas que sempre marcou a minha criação é que nós tínhamos aquelas brigas diárias, certo? Mas sempre fomos muito unidos, até hoje os sete filhos continuam bastante unidos. Em todos os momentos muito solidários de formação complementar, de personalidades diferenciadas, mas todos unidos. (ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

[...] durante meu tempo de estudante do ginásio e do científico, eu me considero um aluno altamente, vamos dizer assim, de conhecimento médio daquilo que deveria ter aprendido nos bancos da escola, era um pouco mesmo relapso, no entanto quando terminado o terceiro científico, nós tivemos então o conhecimento que deveríamos fazer uma faculdade. (LUIS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

O sujeito poderá mudar de convicções, ideias, crenças, profissão e, até realizar revoluções em sua vida, mas permanecerá sempre com o seu mesmo modo de ser, ou seja, sempre fará tudo com suas mesmas tendências. Disto concluímos que a personalidade é inata e não modifica a sua natureza no decorrer de sua existência.

Nesse entender, com o passar dos tempos, é possível que o sujeito possa se transformar, posteriormente, mas, mesmo assim, permanecerá com o tipo de personalidade com a qual nasceu, uma vez que é inata. A maneira de ser do sujeito, e o seu modo, são satisfeitos com sua essência, que lhe dá a unidade da característica de um ser exclusivo e singular, igual a todos os demais seres humanos (DUBET, 1998).

Destarte, falar de personalidade é tratar da pessoa humana, se considerarmos a essência humana sob o aspecto ontológico, embora comprovadamente sejamos diferentes uns dos outros. Nesse entendimento, sobressai o papel social como personalidade, cuja missão é constituída pelos sentimentos, atitudes e comportamentos em que a sociedade busca de um sujeito, mesmo quando este assume posição de destaque na organização social, consoante a

assumir papéis e adaptar-se a eles por designação superior. Podemos observar tal fenômeno nos discursos dos atores sociais, sujeitos desta investigação:

O valor dos estudos, não apenas como única oportunidade de ascensão social e sim pelo seu valor intrínseco do crescimento intelectual, a ética, a retidão, a honestidade e principalmente uma visão otimista sobre o mundo e as pessoas. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

[...], eu fiz concurso para Universidade para professor, entrei como Professor Colaborador, depois eu passei para professor assistente por concurso, depois para professor adjunto por concurso, e professor titular. Quando eu voltei eu fiz concurso para professor adjunto. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

Entre na primeira classe da carreira do magistério superior como professor auxiliar de ensino nível I e galguei todas as classes e níveis dessa carreira até aposentar-me em 04 de fevereiro de 2004, como professor adjunto IV após trinta e quatro anos de atividades. A minha vida com professor totalizou trinta e oito anos de serviço, pois incorporei um ano na Faculdade de Ciências e Letras e três anos no Curso Pré-Universitário Walter Bezerra de Sá. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

Fiz o concurso para assistente e sai, modéstia a parte, muito bem, apesar de não ser mestre. Fui o primeiro [...] fui colaborar com todos os cursos de mestrados que tinham estatísticas na área de Ciências Agrárias e eu fui pioneiro no Programa de Ciências Sociais do Nordeste. (ROBERTO CLAUDIO DA FROTA BEZERRA).

Isto significa dizer que todos os sujeitos exercem alguns papéis sociais, ao seu tempo, em lugar e época, que podemos conceituar essa apresentação social como *Persona*³ (JUNG, 1984). Na realidade, ponderar a personalidade através do papel social pode até não representar a verdade dos fatos, mas corresponde ao papel social de cada *persona*. A interpretação mais eficaz é representá-la por meio dos traços do “eu”, de modo mais subjetivo e profundo.

Semelhante significação ocorre na própria história do sujeito, onde Lipovetsky (1983) nomeia como processo de personalização, sendo o ideal inovador de subordinação do sujeito pulverizado e se subordina a uma conduta racional coletiva, favorecendo a relevância fundamental da realização pessoal, da obediência à singularidade subjetiva, e da personalidade divergente, tendo em vista que a singularidade é o que diferencia um homem do outro, e o torna único na ontogênese.

Por meio dos relatos de vida dos sujeitos sociais, é possível observar que essa singularidade é a responsável pela produção da história relativa às condições sociais e materiais, bem como pelo relacionamento com o homem e a natureza.

³ *Persona* significa máscara, caracteriza a maneira pela qual o indivíduo irá se exibir no palco da vida em sociedade. Conceito de Jung (1984).

Para refletirmos sobre personalidade individual, é relevante dizer que esta característica é interpretada como aquilo que se relaciona à singularidade da pessoa, sem qualquer diferenciação entre subjetividade e personalidade. Nesse prisma, a personalidade, para Leontiev (2004, p.129 e 145), diz respeito à complexidade da individualidade, sendo considerada como a herança biológica de todo indivíduo, que é a base para o processo de subjetivação e de formação do psiquismo, e que, para se entender esta personalidade, é necessária uma abordagem teórico-metodológica numa perspectiva de atividade como unidade de análise, senão vejamos:

[...] dessa forma, não se nasce personalidade, chega-se a ser personalidade por meio da socialização e da formação de uma endocultura, através da aquisição de hábitos, atitudes e formas de utilização de instrumentos. A personalidade é um produto da atividade social e suas formas poderão ser explicadas somente nestes termos.

[...] não é possível obter nenhuma estrutura da personalidade a partir de uma seleção de algumas peculiaridades psíquicas ou psicossociais do homem, mas é preciso, a partir do desenvolvimento da atividade, de seus tipos e formas concretas e dos vínculos que estabelecem entre eles, enquanto seu desenvolvimento modifica radicalmente a significação dessas premissas. Consequentemente, a investigação não deve estar orientada a partir dos hábitos, habilidades e conhecimentos adquiridos nas atividades que os caracterizam, mas no conteúdo e nos vínculos das atividades, na busca do como, mediante que processos se realizam e são possíveis (LEONTIEV, 2004, p.129 e 145).

A aceção de Leontiev (2004) pode ser ilustrada com os depoimentos dos professores, ao discorrerem sobre as influências familiares:

A minha religiosidade e da minha família, eu sou católico não por convicção, mas por família, sou daqueles que não perco uma missa de sétimo dia, nem um casamento, nem um batizado, mas não vou a missa todo domingo. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

[...] é uma espécie de síntese do imaginário que tinha na época, também a religiosidade da minha mãe levou a uma aproximação muito precoce com a igreja. (ROBERTO CLAUDIO DA FROTA BEZERRA).

Criado no seio de uma família católica como a minha, adotei essa religião por convicção e a ainda hoje a pratico. Não tenho preconceito contra nenhuma outra religião, culto ou seita, enfim, qualquer crença que alguém adote ou pratique, desde que contribuam para o bem da humanidade. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

Por outro lado, alguns teóricos, como Martins (2001) definem a personalidade como objetivação da individualidade, a sua manifestação máxima e complexa do ser. Engloba um processo que decorre do relacionamento do indivíduo com o mundo exterior, as particularidades das suas funções psicológicas superiores sociais e do seu temperamento, influenciado pelas experiências vivenciadas pelo indivíduo na sociedade. Para concluir, o

mesmo teórico ratifica a ideia de que a personalidade é um produto da atividade individual condicionada pela totalidade social, isto é, uma ação individual com possibilidade de interpretar a gênese e o desenvolvimento da personalidade, sendo constituída a análise psicológica do processo de personalização.

Por outro giro, relevante é demonstrar que a personalidade é tão primordial que a nossa Carta Magna de 1988, em seu art. 5º, inciso X, a privilegiou como um direito da personalidade, insculpido nas garantias fundamentais dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos do cidadão brasileiro, determinando que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

Art. 5º, X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; entendendo o fundamento dos Direitos e Garantias Fundamentais, nota-se que o legislador assegurou com total proteção estatal a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, como um dos mais importantes componentes de um Estado Democrático de Direito (FERREIRA FILHO, 1998, p. 37).

Nessa perspectiva, o entendimento de Ferreira Filho (1998) traduz que a intimidade se relaciona às relações subjetivas e de trato íntimo das pessoas, suas relações familiares e de amizade, ao passo que vida privada envolve todos os demais relacionamentos humanos, inclusive os objetivos, tais como relações comerciais, de trabalho, de estudo e outros. Assim também, esse direito se relaciona com a história de vida das pessoas, a fim de que a sua individualidade seja respeitada, seja na memória, seja na História.

Por fim, esse direito que acoberta a personalidade individual é tão essencial que o mesmo está ramificado no direito à integridade física, que corresponde ao direito à vida, ao próprio corpo, bem assim à integridade intelectual e psíquica, o qual analisa como o sujeito é visto e, como ser humano, como atua e interage, social e historicamente, além de se preocupar com sua integridade moral, cujo direito tutela basicamente o fato de que toda pessoa não deve ter sua imagem, identidade, intimidade, honra, segurança moral e história de vida, totalmente expostas, sem a sua autorização, a fim de que não seja alcançada pela atividade mercantilizada ou caluniada.

3.3 A história social

Para a abordagem da história social, trouxemos para esta discussão o estudo da historiografia e dos reflexos da história de vida que favoreceram o registro humano dos atores sociais na construção da história social da Universidade Federal do Ceará, conforme explicitaremos a seguir.

Gasparetto Júnior (2011) explicita que a história social é um gênero da História que conquistou destaque e espaço entre os historiadores. Por sua vez, a História é uma ciência que abrange diversos métodos de trabalho com seus objetos, assim como formas de escrita, a qual evoluiu bastante no século XVIII, haja vista que adquiriu relevância como ciência nesse período, passando o historiador a desenvolver novas metodologias de trabalho, resultando maior aperfeiçoamento das fontes, dos novos elementos de pesquisa e das novas maneiras de se escrever seus resultados.

A história social obteve grande destaque no contexto da historiografia, também no século XVIII, evidenciando a eficiência na arte de aprimorar os detalhes do passado. Ela também utiliza fontes variadas, o que a faz considerar, não somente, documentos governamentais oficiais, mas também toda modalidade de registro humano de um grupo ou de uma comunidade. Esse gênero da História cuida de objetos de pesquisa isentos ao mundo elitizante (parte das classes menos favorecidas na sociedade), em que este novo olhar da História confere às classes mais humildes a atribuição de protagonistas dessa História, proporcionando laços sociais e afetivos entre os seres humanos (GAPARETTO JÚNIOR, 2011).

Analisaremos, pois, neste capítulo, os contributos dos protagonistas da pesquisa para o papel social da Universidade, bem como os reflexos das suas histórias de vida na construção da história social e a importância da abordagem da historiografia para o sucesso da pesquisa.

Relevante é destacar, o fato de que a história social é, pois, uma ciência que articula as várias particularidades internas do campo do conhecimento historiográfico, conferindo-lhe identidade, visto que é por seu intermédio que se manifestam as preocupações com a interpretação dos fenômenos históricos sociais.

O homem convive numa sociedade em constante avanço e desenvolvimento, portanto, em um desafio, para não ficar à margem desta, visto que, necessita aperfeiçoar seus conhecimentos, que não somente científicos, mas, também culturais, morais e sociais, cujo aprimoramento ocorre com maior intensidade no curso superior, pois, nessa fase, existe a

preparação do jovem e do adulto para atuar no mercado de trabalho, com vistas a permitir uma visão mais crítica e mais emancipadora acerca das situações a serem superadas (SILVA, 2012).

A Universidade surge como exigência da própria sociedade, a fim de exercer o seu papel social que favoreça atender as necessidades de um novo ambiente intelectual. Universidade, portanto, é a porta aberta para a inclusão de uma sociedade que carece de pessoas pensantes e proativas, para que possa estabelecer o diferente na função que desempenhar, com eficiência e eficácia.

Nesse sentido, Teixeira (1954, p. 68) conceitua Universidade, da forma seguinte: “São as Universidades que fazem, hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil.”

Burke (2003) observa a inovação tecnológica ocorrida na década de 1990, pois fomentou um crescente interesse pela história do conhecimento e da informação. Conclui que apenas a tecnologia avança sem cessar. Ao longo de toda essa história, Burke enfatiza como os avanços são equilibrados por perdas e que a aquisição e a acumulação do conhecimento não constituem história vitoriosa marcada por um progresso constante. Ele destaca que, para algumas pessoas que exercitam o sistema do conhecimento, estas podem transformá-lo em um senso comum, mesmo sem a ideia exata de sua dimensão e contornos.

Sugere, ainda, o mesmo autor, a necessidade de transformar o que é “conhecido” em impróprio e vice-versa, no que apregoa que um mergulho no passado é importante para se atingir esse objetivo. E acrescenta: “É só pela comparação que podemos vê-lo como um sistema entre outros.” (BURKE, 2003, p. 32).

Com suporte nesse entendimento, a história social da Universidade Federal do Ceará tem seu desafio social, na formação científica, política e profissional, mediante o conhecimento ou o saber científico, que é o ensino, a pesquisa e a extensão, que, numa aliança, esses pressupostos ensejam a ação finalística desta Instituição. Historicamente esta Universidade foi e sempre será a representação do saber científico, capaz de garantir o acesso e a permanência dos alunos em seus programas e projetos educacionais, que os possa levar a uma reflexão crítica com autonomia e independência, indispensáveis à democracia e ao Estado Democrático de Direito.

O desafio do saber universitário insere-se na história social de uma universidade confronta os diversos agentes, movimentos sociais e realidades, provocando um novo modo de responsabilidade da instituição e dos demais sujeitos que a formam.

À medida que a ciência se insere mais na sociedade, esta insere-se mais na ciência. A universidade foi criada segundo um modelo de relações unilaterais com a sociedade e é esse modelo que subjaz à sua institucionalidade atual. O conhecimento pluri universitário substitui a unilateralidade pela interatividade, uma interatividade enormemente potencializada pela revolução nas tecnologias de informação e de comunicação (SANTOS, 2008, p. 31).

Assumir essa posição é muito mais do que eclodir com o entendimento dominante de interpretar o conhecimento como produto de mercado, para responsabilizar-se pela apresentação da universidade como uma dimensão social que faz pesquisa, educação e extensão, para compreendê-la numa visão exigida pela contextualização nos processos de construção da história social de um povo ou de uma sociedade.

Nessa perspectiva, a história social é destacada por um compromisso político e acadêmico que manifesta sua apreensão com a escola, com a universidade como espaço de cultura que exclui outras probabilidades culturais (MARTINS, 2007).

Na visão de Goodson (1997), a história social do conhecimento considera, a um só tempo, várias inquietações da teoria social: as indagações sobre o poder, a legitimidade, as exclusões, as geografias e cartografias centrais e periféricas, o que descreve as permanências e as tradições, bem como o que simboliza as inovações, as mudanças e a sucessão de reformas contemporâneas.

Nesse entendimento, Goodson (1997) percebe a história social nas formas narrativas de seus textos, de suas vidas, que têm princípio em um tempo presente, de fatos e dados do presente, para iniciar uma retrospectiva ao passado que não finalizou naquela época, mas que ressurge ao presente e aos problemas recentes, debatendo sobre heranças, tradições, mudanças e, por conseguinte atendendo o compromisso do historiador com sua época. O autor assevera que as histórias de vida podem subsidiar a compreensão das culturas acadêmicas e de aspectos pertinentes à profissionalização, e a prática profissional e legítimo proveito da academia como espaço sociocultural.

Em análise, Goodson (1997) entende que as histórias de vida dos professores possui finalidade de aprendizagem do passado e do presente, pelas formas como se elaboram as narrativas e, tem ainda a favorecer o entendimento da educação como esta se efetivou pelos professores (atores da pesquisa), mediante suas narrativas de ação de vivências e de concepções políticas. Por outro olhar, o autor indica que:

[...] a possibilidade de que as narrativas e as etapas de vida serem mecanismos de um tempo presente e futuro, levando em conta a incidência da pós-modernidade e o fim de uma época em que o domínio dos conteúdos acadêmicos eram determinados.

Ademais, depende, é claro, de ser essa ideia-chave uma possibilidade cultural e política, o que nos leva a pensar sobre a importância das memórias dos professores para conhecermos as marcas da identidade docente, os emblemas racionais e razoáveis da educação no período e os sinais de que outras ações são possíveis (GOODSON, 1997, p. 18).

Trazendo à baila para nossa realidade a luz dos ensinamentos do autor em epígrafe, a história social dos protagonistas em estudo, podemos perceber a relevância dos seus estilos de vida, dentro e fora da academia, e os impactos de suas histórias de vida que podem influir sobre a prática educativa por eles exercida na Universidade Federal do Ceará.

3.3.1 A abordagem historiográfica na história social

A Pós-Modernidade conduziu a História à emancipação de uma suposta objetividade científica, que foi tão tutelada por arquétipos no passado. Destarte, o novo historicismo teorizado por Greenblatt (1982) assegura que a literatura seja protegida como campo de pesquisa para a História e para a ciência, a historiografia, que sob essa perspectiva passa a ser considerada como uma área que favorece a contextualização de campo e não um conceito que possa interessar a uma História, mencionada “tradicional”.

Ao definir a historiografia, Finley (1989) a considera, notadamente, como uma pesquisa crítica (Escola Crítica) e Teoria Literária (libertação), quando declara:

[...] Por historiografia entendo uma pesquisa crítica, sistemática de alguma parte ou aspecto do passado, crítica não só no sentido de avaliação crítica da evidência como também no sentido mais amplo de um exame racional e consciencioso de determinado assunto, suas dimensões e implicações, libertando-nos tanto quanto possível da aceitação automática de opiniões, abordagens e hábitos de pensamentos herdados (FINLEY, 1989, p. 51).

Também aduz o autor que a historiografia traz ao historiador a lembrança de olhar o passado, examinando-o para decifrar fontes disponíveis, sem se preocupar com os limites da sua convivência e experiência pessoal ou particular, com vistas a proporcionar uma ampla discussão nos diversos campos de estudo.

A noção de uma história social tem a atribuição de proporcionar uma sinopse de aspectos pertinentes a várias dimensões ou domínios historiográficos.

Nesse entendimento, Certeau (2007, p. 65) propõe que o próprio historiador repense o ato de fazer História:

O que fabrica o historiador quando “faz história”? Para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante

ele se desprende do estudo monumental que o classificara entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas.

Assim, o procedimento dialético operacionalizado na historiografia visa sobretudo, a reaver, no relacionamento autor-obra-meio, a História não revelada, não escrita e não declarada. A percepção silente dos fatos e dos eventos históricos, das lacunas ideológicas existentes nas obras que se apresentam como o resultado de sua composição social, depende da conduta do historiador e da interpretação do autor na sua contextura social, tendo em vista que a discussão que ele tenta responder em sua obra é inquietude de seu tempo histórico.

O autor explica que a prática do historiador é realizar o elo entre pensamentos e lugares, entre obras literárias históricas e as sociedades, para permitir que este profissional possa ter conhecimento do imaginário coletivo, bem como dos discursos sociais criados historicamente, para que o homem não possa se desvencilhar deles em suas expressões literárias. Ainda nessa conformidade, Certeau (2007, p. 32) entende que

Estes discursos não são corpos flutuantes em um englobante que se chamaria a história (o “contexto”). São históricos porque ligados a operações e definidos por funcionamentos. Tá bem não se pode compreender o que dizem independentemente da prática de que resultam.

Sob tal óptica, Rodrigues (1978, p. 196) acentua que “[...] a história da educação no Brasil ainda não foi escrita. Os estudos publicados sobre evolução geral do ensino em vários graus carecem de pesquisa, desconhecem as fontes e repetem-se na compilação dos fatos sumariados [...]”

Consoante, porém, o mesmo autor, essa condição se alterou nos últimos anos, e vários desafios aparecem no campo da historiografia no século XX, uma vez que a historiografia “tem sido amplamente reconfigurada por redefinições temáticas, conceituais e metodológicas que põem em questão a sua forma tradicional” (WARDE, 1998, p. 76).

Ao se refletir sobre a abordagem da historiografia na história social, logo nos vem a noção de que a história social trata mais da experiência do que da ação e tem prevalência nos documentos humanos, porém, há de se admitir a possibilidade da interferência de ameaças, no sentido de nos distanciarmos do entendimento da sociedade em seu conjunto para destacar o nível do sujeito ou dos membros de seus grupos sociais em particular, o que pode favorecer maior estreitamento no relacionamento psicológico mais que do que com o relacionamento social.

É compreensível que essas e outras ameaças possam existir, em todas as hipóteses ou proposições teóricas, mas, ainda assim, há de se buscar o exercício da História Social, com suporte em pressupostos teórico-metodológicos definidos, a fim de permitir o alcance dos objetivos delineados para a pesquisa. Nesse contexto, a historiografia favorece a inspiração, quando concebemos que as definições, das quais compartilhamos, não são definições, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não determinados (RAYMOND, 1979).

Implica dizer que esta atitude teórica é bastante expressiva, uma vez que os pressupostos teóricos a serem adotados na pesquisa não são imutáveis para ajustá-los ao real. Por isso é prudente experimentá-lo por várias vezes, embora reconhecendo que a afirmação da ideia não nos dá a segurança de imunidade na prática de investigação. Nessa óptica, uma implicação teórico-metodológica que vale a pena ressaltar no uso da historiografia é o comportamento da rotina dos professores como objeto de estudo e importante fonte de conhecimento.

A vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracteriza a reprodução dos homens singulares que, por seu turno, criam a possibilidade de reprodução social. Isso significa que, na vida cotidiana, o indivíduo se reproduz diretamente enquanto indivíduo e reproduz indiretamente a totalidade social (CARVALHO, 1996, p. 26).

Na visão de Le Goff (1992), a historiografia deve enfrentar a missão de cuidar do objeto de investigação, em face da sua intrínseca historicidade:

[...] cada época fabrica mentalmente a sua representação do passado. É a própria atualidade do passado que exige que dele sejam feitas novas leituras. O passado é atual enquanto elemento que se ligou a nossa história de maneira definitiva para sempre, e que obriga a ter em conta um grande complexo de respostas que o homem já deu e das quais não pode esquecer, mesmo que tenha verificado a sua inadequação. Dessa forma a historiografia surge como sequência de novas leituras do passado, plena de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões. (LE GOFF, 1992, p. 164-165).

Compreender, pois, a historiografia no contexto da história social é de natureza correlacional, pois permite à historiografia instigar avanços sob o ponto de vista da crítica epistemológica, com vistas a interrogar a história social como saber histórico e ideológico (WARDE, 1984).

Então, o percurso teórico e metodológico da historiografia destaca uma área bastante fértil que se mostra para exploração do campo da história social, como um novo cenário que se destaca como espaço promissor e de probabilidades para ressignificação da

história social e educacional cearense, notadamente, da universidade pública federal de ensino.

3.3.2 Os reflexos da história de vida no estabelecimento da história social da Universidade Federal do Ceará

A história de vida, como procedimento metodológico que integra a História Social, possibilita sua inserção no âmbito da discussão sobre os construtos sociohistóricos, associando-a no estudo da História e da Sociologia. Dahrendor (1979, p. 129) delibera história de vida a partir da visão de construção social:

Antigamente, a construção social sobre a vida de uma pessoa demarcava uma infância disciplinada, seguida de um longo reinado de penúrias e necessidades e ao final, a senilidade obscura e sombria. Atualmente, a construção social sobre vidas humanas inicia com o suave alvorecer da infância, estampa o brilho áureo da juventude, enfatiza a fase produtiva e o desempenho profissional estabelecendo um paralelo com horas livres, para enfim apresentar o lento crepúsculo das energias vitais e a chegada da aposentadoria. Deveria haver, uma construção social da vida humana que intercalasse livremente uma infinidade de variáveis e perspectivas, estabelecendo diferentes combinações descontínuas e multififormes, desde a infância até a velhice, entre formação, trabalho e tempo livre [...]

No entender de Dausien (1996), a história de vida ou trajetória de vida é conhecida cientificamente por “transcurso”, haja vista que interpreta mudanças sociais, situação econômica, atividades profissionais, datas significativas, períodos, números, enfim de aspectos qualitativos e quantitativos relacionados com essa abordagem. Nesta concepção, a história de vida é conceituada como instituição social, que possui um sistema de regras integrantes das relações do indivíduo na modernidade.

As histórias de vida, suas ações e identidades e as narrativas sobre o passado dos protagonistas revelam muito mais do que simples memórias de outras épocas, uma vez que indicam o poder atualizador desta memória e a capacidade de caracterizar esses professores como aqueles sujeitos que detêm o conhecimento de suas potencialidades, reconhecendo que seus sonhos foram responsáveis pela constituição da história social da Universidade (GOODSON, 1997).

Arango (1998) também utiliza a expressão “história ou trajetória de vida”, com destaque para a trajetória social como estágio de vida, como um ciclo de vida. A autora classifica “trajetória social” como a concatenação temporal do posicionamento que os sujeitos ocupam sucessivamente nos variados campos do espaço social, resultantes da inter-relação dos campos profissionais e familiares. Já para Bourdieu (1989), o conceito de trajetória de

vida é uma série de posicionamentos continuados por um mesmo indivíduo – ou mesmo grupo – em um espaço onde é submetido a transformações constantes.

Trajatória de vida é entendida como partes integrantes de uma história de vida, de determinada trajetória ou etapa que se coaduna ao interesse profissional do pesquisador. Utilizando o método da história oral na espécie “história de vida” no processo investigativo, têm-se o ensejo de identificar a relevância e a riqueza de experiências individuais e coletivas narradas pelos próprios sujeitos pesquisados, assim como um universo que se configura com o início da construção e reconstrução dessas experiências, mediante a concatenação e análise desses saberes históricos que favorecerão do conhecimento nas ciências humanas e sociais (LISBOA, 2003).

Viana (2007) entende também que é necessário se refletir sobre a história social, contextualizando-a, com vistas a constituir histórias coletivas. Isto não significa dizer que a narrativa pessoal seja ignorada e que vise somente a conhecer o outro, mas que venha a se caracterizar como um fomento colaborativo entre o ator social (os docentes), que narra seus ciclos vividos para compor etapas da sua história social – história familiar, escolar, profissional/acadêmica e que, nesse sentir, coincide com a história da Universidade Federal do Ceará:

No período que passei na Universidade teve a criação de uma nova Universidade Federal no Estado que foi a UNILAB. Naquela época que começou a UNILAB seria Universidade Luso Brasileira, depois foi que botaram um nome mais bonito, essa Universidade foi instalada exatamente em uma Região muito carente do Estado do Ceará, embora uma região muito propícia a Agricultura, mais carente de desenvolvimento. Ali tem dois municípios importantes que ela domina, como Redenção e Maciço de Baturité, uma região carente da parte de conhecimento científico. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

Percebemos que as memórias individuais permitem questionamentos sobre a cultura da educação e acerca da história social que proclama a alternativa de compreensão dos conhecimentos, pois se nota que a memória promove um lembrar ativo sobre o passado, levando em conta a capacidade de uma análise e de uma elucidação do passado, mas também do presente (GAGNEBIN, 2006).

Quando se trata de história social do conhecimento, está se apontando um nível de consciência coletiva que necessariamente requer a melhor divisão de saberes e das riquezas produzidas pela sociedade, com vistas a minimizar as desigualdades e socializar o bem-estar, a qualidade de vida, a cidadania e a dignidade da pessoa humana (OLIVEIRA, 2002).

Dessa forma, é possível pensar na construção da história social, da história de vida dos professores, para que se possa criar outra mentalidade que ensinará na formação de uma

cultura que configure uma sociedade mais justa, calcada na informação e na dimensão social do conhecimento humano. No estreito relacionamento entre passado/presente, pode-se compreender a história se entrelaçando com a própria vida, atuando efetivamente no tempo presente. Nesse aspecto, prudente é destacar o que declara (RODRIGUES, 1978, p. 27): “[...] para a história todos são vivos, os que criaram a vida e persistem com sua influência, e os que estão criando a vida, gerando o futuro.”

Nessa perspectiva, é indispensável que o educando e a sociedade do conhecimento acordem para sua atribuição posta no âmbito em que vivenciam, como atores sociais do momento histórico social, os quais podem ser formados pela dimensão social do conhecimento, por meio das histórias de vida de professores que contribuíram para o saber histórico da universidade pesquisada.

Nesse aspecto, a história de vida dos professores, no primeiro instante, realiza-se pela socialização como um “*processo de configuração ou moldagem*” da pessoa humana em conformidade com as normas e padrões preexistentes. Isso é claramente apontado pelos protagonistas, quando narram sua socialização primária, cujo grupo social responsável é a família, ressaltada pelo autor Martins (1977, p. 205) como “[...] um processo de iniciação em um mundo social, em suas formas de interação e nos seus numerosos significados”, como se verifica logo adiante.

No mesmo entendimento acerca da socialização primária, veja-se o que defendem os autores a seguir:

Na socialização primária não há problema de identificação. Não há escolha dos outros significativos. A sociedade apresenta ao candidato à socialização um conjunto antecipadamente definido de outros significativos, que ele tem que aceitar como tais sem possibilidade de optar por outro arranjo. Mantém-se pelo fato de corporificar-se em rotinas, o que é a essência da institucionalização. Ademais disso, porém, a realidade da vida cotidiana é continuamente reafirmada na interação do indivíduo com os outros. (BERGER; LUCKMANN, 1973, p. 180).

Nessa perspectiva, sob influência da família, a criança não imagina mundos possíveis, ainda vive sob as características e normas do mundo adulto, especialmente do seu grupo familiar. Vejamos o que dizem os protagonistas da pesquisa,

A minha família ela é relativamente grande, não na época em que ela foi concebida, mas nos dias de hoje ela é considerada grande porque eu tenho 10 irmãs 1 irmão e ainda tenho 2 agregadas que são parentes nossas e que foram criadas como nossas irmãs, de tal forma que minha mãe com 99 anos ainda toma conta de todo esse pessoal. (LUIS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

Contando com uma prole de dez filhos, quatro dos quais homens, cuja alfabetização de todos os filhos, sendo a dos sete primeiros até o quinto ano primário foram cursados em casa, ensinados por minha mãe, que sempre dedicou-se ao lar, em

alguns períodos com o auxílio de professora particular. (JOSÉ MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

[...] O pouco que meu pai ganhava era integralmente trazido para casa e aí entrava minha mãe que com muito esforço e economia multiplicava esse pouco. Tudo que eu e meu irmão conseguimos, devemos aos nossos pais. [...] minha mãe me deu a vida duas vezes. A primeira, a comum a todas as mães. A segunda, durante cinco anos me tratando, me levando a todos os médicos possíveis e aos hospitais. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

[...] mãe era Dona de Casa, era pintora. Ela ajudou muito meu pai porque quando na época de ensino de botânica, ainda hoje lá na Botânica na Universidade Federal do Ceará tem os desenhos de flores, de folhas, isso para ajudar na identificação de determinadas espécies. Ela que acompanhava nossos estudos e meu pai sempre foi uma pessoa que não era muito presente em casa porque trabalhava muito, mas ele sempre dizia que estava ali para dar o exemplo e que minha mãe é quem tinha a responsabilidade nos educar. (ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

A família, católica e humilde, tinha algum capital social, isto é, o contato, mesmo que indireto com pessoas de certa influência, as quais foram fundamentais para a realização socioprofissional.

Os depoimentos trouxeram à luz uma variedade de valores, definições e atitudes próprias dos agentes sociais. Percebe-se que as histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de experiências sociais, ou seja, representam o estilo com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual faz parte. Apreende-se, com efeito, que o homem somente se individualiza, por meio da sua subjetividade, na inter-relação com a pessoa humana.

Também a linguagem oral, segundo Araújo (2010), traduzida por lembranças recuperadas pela memória, é privilegiada pela história social. Essa seleção metodológica favorece aduzir realidades indescritíveis, isto é, aquela que a escrita não consegue transmitir. A força da história oral está no fato de trazer voz àqueles que geralmente não a detêm; encarar a memória não apenas como preservação da informação, mas como [...] um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você “recorda” a história, mas memória “como história” (PORTELLI, 1981, p. 69).

Assim, com muito orgulho, alguns atores sociais da pesquisa reconstróem suas memórias, descrevendo fenômenos de sua trajetória socioprofissional, trazendo voz à história da Universidade Federal do Ceará, que se confundem com as próprias histórias de vida, quando assim declaram:

A Universidade do Ceará- UFC foi criada em 16 de dezembro de 1954, pela Lei 2373 sancionada pelo Presidente João Café Filho, que como Vice-Presidente assumiu a presidência após a morte de Getúlio Dorneles Vargas em 24 de agosto de 1954. Foi o projeto de lei da Câmara Federal de número 391/53 que teve como relator o Deputado Federal pelo Ceará, João Otávio Lobo que era médico e professor

da Faculdade de Direito e da Faculdade de Medicina em Fortaleza. (JOSÉ MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

[...] quando entrei na Agronomia, pegamos a primeira turma semestralizada e naquela época fazia pouco tempo que a Universidade Federal do Ceará tinha sido constituída há pouco tempo (LUIS CARLOS UCHÔA SAUNDERS).

Na época, o Ministro era o professor Paulo Renato e o presidente era o professor Fernando Henrique Cardoso, então eu fui escolhido Reitor da Universidade, então iniciei a administração com muito entusiasmo, certo? Vendo, colocando com foco principal numa administração de resgate da ideologia acadêmica e colocando como premissa, apesar do momento difícil que nós vivenciávamos na época, sobre o ponto de vista de financiamento com a premissa maior que a Universidade tinha, trabalho com processo de promoção da Universidade Pública. (ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

Durante quatro anos, 1991 a 1994, desse período a Universidade foi dirigida por um Reitor, legalmente escolhido pelo Presidente da República, já que encabeçava a lista sêxtupla, porém que não havia sido o mais votado em uma consulta pública realizada pela comunidade universitária. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

Relevante é destacar o que Martins Filho (1997, p. 25) relembra em sua Obra *História Abreviada da UFC* sobre a criação da Universidade Federal do Ceará,

[...] O nome do Presidente Getúlio Vargas está relacionado ao movimento pró-fundação da Universidade do Ceará, vez que o mesmo incentivou a criação da Universidade Federal do Ceará. Acompanhando atentamente a marcha dos acontecimentos, nunca imaginei que o ato de desespero do Presidente Vargas iria muito em breve interferir no meu destino, tornando-me candidato à Reitoria e, em consequência, o primeiro dirigente da Universidade do Ceará, no exercício de quatro mandatos consecutivos.

No atual contexto educacional e sociopolítico, a universidade, em sua estrutura social, é cada vez mais a exigência para atuar como um centro de pensamento, criadora de opinião e formadora de profissionais que possam colaborar para o desenvolvimento de um País. Nesta visão, a universidade, na sua relação com o papel social que deve exercer junto à sociedade, tem propósitos de, na área educacional, transformar cidadãos em profissionais capazes de contribuir para o desenvolvimento do País, visando a preservar e fomentar a memória da sociedade e do Estado brasileiro, sem considerar que a universidade, em princípio, para alguns outros setores ligados no âmbito governamental público e privado, é o centro gerador de soluções.

Por estas razões, a universidade tem o seu papel social assegurado de propagar o conhecimento, professar a verdade baseada no método científico com vistas a desenvolver uma ação integrada na sociedade e, paralelamente, adquirir outras especificações que possam fornecer subsídios, gerar pesquisas, mais conhecimentos, inserções no contexto de ensino da instituição, com vistas proporcionar um ensino de melhor qualidade, atualizado e moderno, a

fim de que os objetivos da universidade, como formadora de pensamento, de conhecimento científico e de recursos humanos sejam alcançados sempre em favor da sociedade (JAFELICCI JUNIOR, 2002).

Nesse entendimento, registra-se o depoimento de um dos agentes sociais desta pesquisa, o Prof. Luís Carlos Uchôa Saunders:

Hoje a UFC está altamente envolvida com a inserção daquele órgão que trata das empresas FIEC, acho que a Universidade Federal do Ceará tem uma relação muito boa com as entidades de classe, SESC, SENAC, SESI, A universidade está com a inserção muito boa, tem muitos convênios parcerias. Entrevistadora: Esse trabalho que a universidade tem com essas empresas é para quê? Tem o desenvolvimento de determinada tecnologia avançando na pesquisa, por exemplo, de determinada atividade, o cara da empresa da FIEC conversa com Jesualdo, manda um técnico daquela área, lá eles firmam um convênio, pode desenvolver lá dentro da empresa, lá fora na universidade, como os organismos federais, a Marinha que tem um bom relacionamento com a universidade, antigamente não existia nada disso, cais do porto. O LABOMAR tem convênio também com esses órgãos [...] (PROF. LUIS CARLOS UCHÔA SAUNDERS).

Na defesa que faz Jafelicci Junior (2002) acerca do papel social da universidade, ele declara que o ensino, a pesquisa e a extensão representam uma das mais importantes áreas de sustentação da universidade em benefício da sociedade, uma vez que se torna o difusor do conhecimento a partir de situações que devem ser enfrentadas pela sociedade. Para o autor, o professor universitário é o ator primordial e o autor intelectual nas ações de ensino, pesquisa e extensão que potencializam a universidade como o cérebro pensante das questões sociais que propagam as soluções a todos os órgãos públicos e privados, mediante a celebração de convênios com entidades e instituições ligadas à políticas públicas e, ao mesmo tempo, em que é o agente das ações que solidificam o papel social da universidade para a Nação.

Nesse sentir, relevante é destacar algumas das falas dos protagonistas da pesquisa, a seguir alinhadas:

[...] As coisas que consegui na UFC foi com esforço próprio aconteceu naturalmente. O ensino, todo dia se moderniza, eu tenho certeza que daqui uns dias o aluno não vai mais para sala de aula, a extensão ela hoje tem um caráter, ela cresceu muito porque se você olhar esses hospitais essas maternidades isso tudo é extensão. Esse trabalho que esse menino aí fez, eu gosto e muito dele, ele é coordenador da Pró-Reitoria de Graduação, esses projetos que estão abrangendo os índios, MST, tudo isso tem crescido muito e tem feito verdadeiras aberturas [...]. (PROF. LUIS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

[...] Tem uma [...] lá dos índios que vive aperreando agente e o Fonteles. Na pesquisa a tendência é cada vez continuar, crescer, pois a universidade tem que investir em pesquisa até para a própria existência dela, isso é fundamental. Outros interesses que o senhor tem de esporte literatura, poesia? A única poesia que estou ouvindo agora é quando as aves estão com fome. Entrevistadora: Algum tema importante que o Senhor foi apresentar? Acho que um tema que eu apresentava com muita força e vontade foi na área de conservação de solo [...] PROF. LUIS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

[...] Foi um período no qual eu aprendi a exercer uma condução conciliadora, visto que apesar das reações políticas da comunidade universitária (estudantes, servidores e professores), o Reitor conseguiu, fruto de um imenso esforço pessoal, realizar um bom mandato [...]. (PROF. CIRO NOGUEIRA FILHO).

[...] aí nós melhoramos duas coisas, o alunado com menos ociosidade e melhor aproveitamento dos professores e melhoramos a produtividade da Universidade. (PROF. ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

[...] E estamos fazendo agora um trabalho também grande de avaliação e monitoramento e ao mesmo tempo de análise na área de Educação Profissional brasileira junto aos Centros e Institutos Federais de Educação Científica e Tecnológica [...]. (PROF. ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

Com efeito, se compreende Jafelicci Junior (2002) que o papel social da universidade é idealizado pelo professor universitário, do qual fazem parte os protagonistas da história da Universidade Federal do Ceará, a qual é responsável pela difusão de ideias, formação de pensadores e transmissão de conhecimentos, capazes de proporcionar implementações à arte da criatividade e assim fomentar o processo educacional e a transformação social na perspectiva do progresso e do desenvolvimento do Estado brasileira. Nisto é que está o cerne do papel social desta universidade.

Ao se abordar sobre transformação social, progresso e desenvolvimento de uma universidade, relevante, pois, é destacar o seu papel social, ao se verificar nas palavras de um dos agentes da pesquisa, as quais vem ao encontro do que afirma o autor anteriormente mencionado:

[...] o grande marco histórico da UFC foi essa expansão dela hoje, a UFC não é mais capitalista, hoje a UFC é regionalista. Outro marco histórico que eu acho da UFC é essa valorização da UFC a nível nacional. Nós estamos acabando com essa questão de não resolver os problemas para não trabalhar com Ministério, não responder essa questões. (PROF. LUIS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

[...] A administração do professor Paulo Elpídio algumas, (Eu vou falar um pouco externamente o que se refere a universidade) teve uma forte recuperação no que se refere uma política forte cultural e uma política bem forte extensionista. Foi nessa administração que nos tivemos a Rádio Universitária inaugurada, foi nesta administração que nós tivemos a criação da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, foi nesta administração que aconteceram os grandes eventos culturais, foi nesta administração que teve início um certo grau de profissionalização[...]. (PROF. ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

Ante as concepções e tessituras vertentes, a história de vida dos atores desta pesquisa, houve reflexos para a construção da história social da Universidade Federal do Ceará, tendo em vista a importância do papel do professor na interface do conhecimento científico, na pesquisa e na extensão, para levar o aluno em busca do conhecimento próprio, o que implica dizer existir uma constante preocupação do docente com a prestação de serviço à

sociedade. Este, também, exerce o papel de cidadão envolvido com a formação de uma história do País, educador, agente de mudança e propriamente de “espelho” dentro da universidade, visto que seus atos são refletidos em seus alunos e, por conseguinte, responsável pela elevação do nível educacional e cultural do País.

Nesse entendimento, Wanderley (1986) ressalta a importância da função diversificada do professor e o ressalta como educador, generalista, competente para perceber a realidade e identificar o seu papel social na universidade, além de compreender a política social e universitária. Chauí (1994) complementa, expressando que a docência se declina ao consumismo estudantil, à pesquisa, ao mercado, às discussões e às lutas dos interesses conflitantes que tem significados e sentidos diferentes.

Relevante é destacar algumas situações em que o agente social exerce funções diversificadas, dentre elas:

[...] tive a oportunidade na condição de Reitor de várias Missões Internacionais de várias palestras fora do Brasil, uma na Universidade do Arizona, outra na Espanha dentro do Projeto Tordesilhas, duas na Espanha, outra em Portugal na Universidade de Coimbra, participando de mesa redonda relacionada a problemática da Educação Superior no Brasil [...] (PROF. ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

[...] Por um problema político entre o Sindicato dos Ferroviários e Administração local da Rede, fui chamado pela Diretoria Geral no Rio de Janeiro para assumir a gerência do plano de saúde dos ferroviários cearenses que iria ser implantado naquela ocasião. Nessa atividade de Gerente, fui escolhido Coordenador da Comissão de Negociação com os hospitais, representando a Associação dos Planos de Saúde das empresas públicas no Ceará. Essas foram duas outras grandes satisfações em minha vida [...]. (PROF. JOSÉ MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

A universidade possui importante papel social: espaço de aquisição de saberes teóricos e práticos, por meio de novas experiências e da elaboração de projetos díspares e participativos. As experiências participativas empreendidas pelo docente na universidade não somente transformam a realidade, como também têm o comprometimento de formar o aluno para a sociedade (CALDART, 1995).

Outra importante singularidade da universidade é a autonomia universitária, que significa não obter nenhum atrelamento político, mas o compromisso moral e ético, e a autonomia de pensamento e de crítica.

[...] Foi nos anos de 1972 a 1973 que se realizou uma reforma geral nas universidades federais, depois estendido às congêneres dos Estados. Mudaram completamente as estruturas dos cursos e seus currículos restaram modificados. Centros foram criados, embora na UFC algumas faculdades permaneceram como são os casos da Faculdade de Direito, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e a Faculdade de Ciências Econômicas. (PROF. JOSÉ MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

[...] Usei várias vezes o Princípio da Autonomia Acadêmica que a Universidade tem... [...]. Então a minha visão era que a gente tinha que ser mais proativo, retomar o entusiasmo e falar da promoção da Universidade Pública gratuita na Reitoria, eu tive grandes experiências todas elas muito gratificantes para mim, certo? Eu digo experiência no campo político, eu vou falar nos dois focos, a atuação política de um Reitor na condição de líder institucional e na condição de Representante do Poder Central, o Reitor de Universidade, cujo mantenedor é o Governo Federal, não adianta ficar querendo esconder o sol com a peneira, a responsabilidade que eu estava foi por Delegação da Presidência da República apesar de eu ter todo um respaldo e uma legitimação pela votação que eu recebi dos Professores, dos Funcionários e dos Estudantes da minha Universidade [...]. (PROF. ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

Assim, analisando os resultados da investigação, de um lado, nos demonstraram que a memória é uma construção da história de vida desenvolvida de um sistema de interação social, onde se verifica que as ideias evidenciadas favoreceram a formação das memórias dos sujeitos sociais, as quais foram constituídas por via dos seus aspectos de ordem sociopolítica e cultural, psicoafetiva e educacional, cujos fenômenos históricos refletiram nas suas experiências de vida e, de outro, que a memória é uma constituição da história social que destaca a relação destas histórias de vida, ou seja, a memória é uma formação social que se projeta nas histórias de vida (GOMES, 2000).

É preciso, entretanto, a produção de conhecimentos revolucionários para que se constitua numa motivação que fomenta novas pesquisas, a fim de garantir a consecução do papel social das universidades.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, serão delineados os resultados e discussões das histórias de vida dos professores universitários – Ciro Nogueira Filho, José Maria de Sales Andrade Neto, Luís Carlos Uchoa Saunders e Roberto Claudio Frota Bezerra – com vistas a recompor a história da Universidade Federal do Ceará, culminando com o delineamento de apreciações críticas acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará no contexto educacional e sociopolítico cearense.

3.1 Resultados obtidos com a análise

Neste ponto do trabalho, serão expostos os resultados do estudo empírico realizado no âmbito desta tese. A apresentação compreende as histórias de vida (memórias individuais) dos professores da UFC, procurando identificar respostas para os problemas delineados nas quatro questões suscitadas no início deste trabalho. O roteiro das entrevistas visou a apreender o ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa, sendo arranjado de forma a permitir perguntas fundamentais para a compreensão da realidade empírica.

Quadro 2 – Roteiro das Entrevistas - Memórias Individuais

1º TEMA-OBJETO – HISTÓRIA FAMILIAR	
PROFESSORES	1. Lembranças mais antigas e relevantes de sua infância, adolescência e juventude.
Ciro Nogueira Filho	O pouco que meu pai ganhava era integralmente trazido para casa e aí entrava minha mãe que com muito esforço e economia multiplicava esse pouco. Tudo que eu e meu irmão conseguimos, devemos aos nossos pais.
José Maria de Sales Andrade Neto	Segundo meus pais, sempre fui uma criança “buliçosa”, isto é, gostava de mexer nos objetos com curiosidade. Muito cedo “fabricava” meus brinquedos. Gostava muito de desmontar e montar brinquedos que eventualmente me chegavam às mãos.
Luís Carlos Uchôa Saunders	[...] eu nasci no distrito de Guararu na Pitombeira de Caucaia na nossa querida Caucaia onde até hoje eu resido aqui na Jurema.
Roberto Cláudio Frota Bezerra	A minha infância foi fortemente marcada pela ambiência, no local da residência tudo fluiu em torno dessa ambiência, eu morava na Rua Franklin Távora, na Praça chamada Praça Cristo Rei. Nesta praça tinha a Igreja Cristo Rei que era o ícone maior/ tinha o colégio, a Escola Preparatória de Fortaleza, que na época que eu era criança formava os cadetes das forças armadas.

Cont.

2º TEMA-OBJETO – HISTÓRIA ESCOLAR	
PROFESSORES	2. Recordações escolares, primário, ginásial.
Ciro Nogueira Filho	Nessa época havia um exame de admissão ao ginásio organizado pela Secretaria de Educação do Estado. Havia então em 5º ano primário preparatório para este exame. E já gozando de saúde, com dez anos de idade, fui matriculado no Curso Klein, dirigido por um mestre muito reconhecido à época o Professor Luciano Klein. O curso era caro e lá estudavam crianças notáveis.
José Maria de Sales Andrade Neto	Pertencendo a uma família de educação rígida como a minha, o que era o normal naquela época, tive a oportunidade de complementar minha educação no 7 de Setembro, reconhecidamente um dos melhores estabelecimento de ensino do Estado do Ceará.
Luís Carlos Uchôa Saunders	[...] durante meu tempo de estudante do ginásial e do científico, eu me considero um aluno altamente, vamos dizer assim, de conhecimento médio daquilo que deveria ter aprendido nos bancos da escola, era um pouco mesmo relapso, no entanto quando terminado o terceiro científico, nós tivemos então o conhecimento que deveríamos fazer uma faculdade.
Roberto Cláudio Frota Bezerra	[...] foi no Colégio Militar que eu passei a assinar, apesar de ser do Colégio Militar, o Brasil Urgente, que era uma revista dos Dominicanos, Foi também no Colégio Militar que eu assinava o Jornal Panfleto, o editor era Brizola.

3º TEMA-OBJETO – HISTÓRIA PROFISSIONAL/ACADÊMICA	
PROFESSORES	3. Primeiras experiências profissionais/acadêmicas
Ciro Nogueira Filho	[...] minha escolha profissional, reunir o útil, explicar ou ensinar matemática ao agradável: a matemática em si mesma. Paradoxalmente a grande maioria dos professores me orientava a fazer uma das engenharias. Portanto, a minha escolha foi solitária e individual.
José Maria de Sales Andrade Neto	[...] fui admitido como professor na Universidade do Ceará em 04 de junho de 1970. Passei a integrar o Departamento de Termodinâmica e Eletrotécnica, do qual sugeriram os cursos de Engenharia Mecânica e o de Engenharia Elétrica. Também abrigou o Curso de Engenharia Química que foi criado no Instituto de Química e nele funcionava. Durante minha vida de professor na Engenharia ministrei aulas nas disciplinas de termodinâmica, transmissão de calor, máquinas e motores térmicos e física industrial. Essa última para o Curso de Farmácia e as demais para os Cursos de Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil e Engenharia Elétrica.
Luís Carlos Uchôa Saunders	Quando eu tinha 12 anos de idade na segunda, terceira série ginásial, eu passei a trabalhar na Loja Esquisita, aquela da praça do Ferreira, como empacotador de sapato, lá um belo dia eu estourei o sapato da mulher, me jogaram fora e botaram eu para entregar sapato. Então eu ia pela rua entregando sapato.
Roberto Cláudio Frota Bezerra	Dr. Ari, meu vizinho, uma espécie de protetor meu, estimulador, perguntou: você não quer dar aula (não ganharia nada no meu primeiro ano de faculdade) no Farias Brito à noite. Ai me colocou para ser professor de ciências [...]

Cont.

4º TEMA-OBJETO – HISTÓRIA SÓCIO-POLÍTICA	
PROFESSORES	16. Memórias da ditadura militar
Ciro Nogueira Filho	Era um outro tempo. [...]. A sensação é que tínhamos a universidade toda para nós. Contudo estávamos ainda na época da ditadura militar e havia um permanente clima de tensão. As pessoas não conversavam sobre a situação política do País. Havia um clima de desconfiança mútua. Você temia que seu interlocutor pudesse ser um informante do sistema e talvez a recíproca fosse também verdadeira.
José Maria de Sales Andrade Neto	Aqui refiro-me a política profissional, de vez que nunca participei de atividades político-partidárias e nunca fui filiado a partido político. Comecei minhas atividades nessa área, também em 1970, quando, atendendo a convite do Presidente do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Ceará, um colega que como eu, trabalhava na RFFSA, aceitei ser representante desse Sindicato no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CREA/CE. Durante o ano de 1974 fui também Presidente desse Sindicato de Engenheiros.
Luís Carlos Uchôa Saunders	[...] na época da ditadura eu não tinha essa ideologia toda, não era de esquerda, nem de direita, mas era um cara que andava por ali e acompanhava o movimento mais do pessoal de esquerda. Quando veio a ditadura eu vi muita coisa grosseira, como exemplo, sujeito chegar e ter que enterrar todos os livros, todos os discos do nosso Centro Acadêmico porque o pessoal da direita vinha para quebrar tudo, outra coisa eu vi muitas vezes, vi, presenciei estudante que se dizia de direita e bater no rosto do professor que se dizia de esquerda. Isso dava uma revolta muito grande.
Roberto Cláudio Frota Bezerra	Ai veio o último ano de Agronomia que foi o ano que me despertou para as mazelas que a gente tinha no país. Primeiro o clima nacional de ditadura e processo de aprofundamento ai alguns fatos importantes reforçaram isso. Foi o assassinato do jovem estudante Edson Luis que era um estudante secundarista com 18 anos, de Belém, humilde que foi para estudar e estudava no próprio restaurante calabouço, lá tinha uma parte de educação secundária e ele foi assassinado com um tiro a queima roupa e consequência desse assassinato foi que houve uma mobilização nacional n rua e tudo.

Fonte: Dados da pesquisa.

As falas obtidas, meditadas à luz de Bardin (2004), seguiram as etapas: pré-analítica, exploratória e de tratamento e interpretação dos dados obtidos na pesquisa.

Na *fase pré-analítica*, após a organização dos materiais e sistematização das idéias iniciais, procedeu-se à constituição do corpus: (i) leitura exaustiva dos documentos da Universidade Federal do Ceará (Regimento; Pano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2008-2012; e Plurianual – PPA 2012-2015) e transcrição das entrevistas; (ii) formulação dos objetivos e das questões iniciais de partida para a pesquisa empírica; e (iii) elaboração de indicadores que orientem a interpretação final dos dados tendo sido definido que a globalidade das respostas às entrevistas seria tomada como unidades de contexto; e a análise temática (tema-objeto) – segmentos dos conteúdos recortados da fala dos sujeitos –

exprimiria a unidade de registro, visando à categorização e a posterior tessitura com o referencial teórico que serve de orientação à pesquisa.

A fase *exploração do material* foi rematada em etapas. A primeira, unidade de contexto, consistiu na análise do material transcrito (globalidade das falas dos sujeitos entrevistados) e identificação das expressões, reações e observações possíveis de captar,, o que possibilitou fazermos inferências acerca da história de vida dos professores e do papel social da Universidade Federal do Ceará; a segunda etapa, unidade de registro, incidiu no recorte das frases/trechos significativos e seleção das expressões-chave, das quais foram extraídas as ideias centrais, visando a alcançar o núcleo de compreensão do texto. A terceira etapa versou na categorização dos dados, utilizada como indicadora de influência no resultado da análise, considerando-se que todos os itens tinham a mesma importância; a escolha das subcategorias, indicadas para comandar a delimitação dos temas; e, por último, a quantificação das palavras significativas, identificadas da globalidade das falas – unidade de contexto (Quadros 3 e 4).

Quadro 3 – Registro dos Dados para Exploração

TEMA- OBJETO	UNIDADE DE REGISTRO	CODIFICAÇÃO	
		CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. História Familiar	<ul style="list-style-type: none"> – [...] família pequena, para os padrões da época, pai, mãe e dois filhos – O pouco que meu pai ganhava era integralmente trazido para casa e aí entrava minha mãe que com muito esforço e economia multiplicava esse pouco. Tudo que eu e meu irmão conseguimos, devemos aos nossos pais. – O valor dos estudos, não apenas como única oportunidade de ascensão social e sim pelo seu valor intrínseco do crescimento intelectual, a ética, a retidão, a honestidade e principalmente uma visão otimista sobre o mundo e as pessoas. – A minha infância foi marcada por muitas doenças. – 	<ul style="list-style-type: none"> – Perfil pessoal e familiar 	<ul style="list-style-type: none"> – Importância e apoio familiar – Família com baixo nível socioeconômico – Infância marcada pela doença – Amizade
UNIDADE CONTEXTO¹			

Fonte: Dados da Pesquisa.

¹ Globalidade da resposta à entrevista.

Quadro 4 – Quantificação do Número de Falas (Frequência absoluta)

<i>PROFESSORES</i>	<i>PALAVRAS SIGNIFICATIVAS</i>	<i>F</i>
Ciro Nogueira Filho	Família – pais, irmão(s)	20
	Valores morais - ética, honestidade, honra	02
	Saúde/doença	06
	Educação	03
	Escola – colégio, exame de admissão ao ginásio, estudo(s)	16
	Vestibular	05
	Professores/docentes	09
	Alunos/estudantes	06
	Universidade	09
	Cargo/função (administrativo/gestão institucional)	05
	Política	02
	Sindicato	02
	Ditadura militar	01

<i>PROFESSORES</i>	<i>PALAVRAS SIGNIFICATIVAS</i>	<i>F</i>
José Maria de Sales Andrade Neto	Família – pais, irmão(s)	64
	Valores morais - ética, honestidade, honra	22
	Saúde/doença	04
	Educação	10
	Escola – colégio, exame de admissão ao ginásio, estudo(s)	55
	Vestibular	09
	Professores/docentes	41
	Alunos/estudantes	59
	Universidade	36
	Cargo/função (administrativo/gestão institucional)	07
	Política	02
	Sindicato	07
	Ditadura militar	00

<i>PROFESSORES</i>	<i>PALAVRAS SIGNIFICATIVAS</i>	<i>F</i>
Luís Carlos Uchôa Saunders	Família – pais, irmão(s)	29
	Valores morais - ética, honestidade, honra	00
	Saúde/doença	00
	Educação	04
	Escola – colégio, exame de admissão ao ginásio, estudo(s)	15
	Vestibular	06
	Professores/docentes	07
	Alunos/estudantes	11
	Universidade	65
	Cargo/função (administrativo/gestão institucional)	02
	Política	03
	Sindicato	01
	Ditadura militar	05

Cont.

<i>PROFESSORES</i>	<i>PALAVRAS SIGNIFICATIVAS</i>	<i>F</i>
Roberto Cláudio Frota Bezerra	Família – pais, irmão(s)	33
	Valores morais - ética, honestidade, honra	03
	Saúde/doença	02
	Educação	24
	Escola – colégio, exame de admissão ao ginásio, estudo(s)	70
	Vestibular	18
	Professores/docentes	30
	Alunos/estudantes	30
	Universidade	120
	Cargo/função (administrativo/gestão institucional)	16
	Política	01
	Sindicato	04
	Ditadura militar	02

Fonte: Dados da Pesquisa.

As categorias reuniram os grupos de unidades de registros com o mesmo “núcleo de sentido”. Cada categoria expressou determinada tendência e o sistema de categorias criado refletiu as intenções da investigação. Os distintos núcleos de sentidos encontrados nas falas dos sujeitos foram identificados e, a partir daí, foram armadas categorias para agrupar as falas que contivessem os mesmos significados.

Ressaltemos que, na fase exploratória, foram encontrados os indicadores que permitiram configurar um contexto analítico com base nas diferentes memórias individuais acariciadas pela visão do investigador, possibilitando fazer inferências ou conjecturas segundo as premissas do quadro teórico de referência e justificar posteriormente esses mesmos julgamentos, tendo sempre presente, nomeadamente, os critérios de eles serem interessantes, plausíveis, consistentes e apropriados.

Na *fase de tratamento e interpretação dos dados*, a frequência absoluta das palavras significativas foi convertida em frequência relativa, expressa em porcentagem de falas de uma categoria em relação ao total de falas analisadas. Observa-se que, a princípio, foram quantificadas 13 palavras significativas e, dessas, selecionadas as (cinco) de maior representatividade, para posterior análise dos seus núcleos de sentido. A quantificação do número de falas foi uma opção adotada com a finalidade de assegurar *melhor representatividade* às “ideias” identificadas.

Por fim, emergiram as cinco categorias e seus respectivos núcleos de sentido encontrados na revisão da literatura e memórias dos atores sociais que nortearam a elaboração

deste estudo – (i) Família; (ii) Escola; (iii) Professores; (iv) Alunos; (v) Universidade. (Quadro 5)

Com a identificação das categorias, pudemos compreender a construção de significado que os atores sociais exteriorizam ao relatar suas histórias de vida, assim como entender as representações que a memória individual apresenta em relação a sua realidade e a interpretação que faz dos significados a sua volta. Ressaltamos o cuidado especial do investigador no sentido de evitar interpretações pessoais, preconceitos ou juízo de valor acerca do conteúdo do texto obtido.

Quadro 5 – Resultado Geral da Análise de Conteúdo

CATEGORIAS	CIRO NOGUEIRA FILHO		JOSÉ MARIA DE SALES ANDRADE NETO		LUIS CARLOS UCHOA SAUNDERS		ROBERTO CLAUDIO DA FROTA BEZERRA	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Família	20	33	64	25	29	23	33	11
Escola	16	27	55	22	15	12	70	25
Professor/docentes	09	15	41	16	07	5	30	11
Alunos/estudantes	06	10	59	23	11	8	30	11
Universidade	09	15	36	14	65	52	120	42
TOTAL	60	100	255	100	127	100	283	100

Fonte: Dados da Pesquisa.

A categoria *Família*⁴ foi extraída dos núcleos de significação, tendo sua acepção expressa nas falas dos sujeitos sociais que apontam para a compreensão de que a família é o alicerce da sociedade, formada por pais e seus descendentes. Extratos dos depoimentos são representativos desse núcleo de significação:

Sou membro de uma família pequena, para os padrões da época, pai, mãe e dois filhos. Eu sou o filho caçula. Meu pai foi comerciante a vida toda e minha mãe dona de casa. Éramos pobres, porém meu irmão e eu não percebíamos isso. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

Contando com uma prole de dez filhos, quatro dos quais homens, cuja alfabetização de todos os filhos, sendo a dos sete primeiros até o quinto ano primário foram cursados em casa, ensinados por minha mãe, que sempre dedicou-se ao lar, em alguns períodos com o auxílio de professora particular. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

⁴ Nesta investigação utilizamos o conceito de família expressa pela Constituição Federal Brasileira na qual a família é a base da sociedade e goza de proteção especial do Estado, e para efeito dessa proteção, reconhece a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, entendendo como sendo também parte dessa entidade, a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (art. 226, §§ 3^a e 4^a, da CF/88) (BRASIL, 2000).

A minha família ela é relativamente grande, não na época em que ela foi concebida, mas nos dias de hoje ela é considerada grande porque eu tenho dez irmãs, um irmão e ainda tenho dois agregados que são parentes nossas e que foram criadas como nossas irmãs, de tal forma que minha mãe com 99 anos ainda toma conta de todo esse pessoal. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

[...] as figuras centrais da nossa vida, da nossa educação, era o meu pai que ele dizia que tinha que ser referencia, dá o exemplo, que a maior herança de um pai para um filho é o exemplo. (ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

O papel social da família pode ser considerado como contribuição ofertada pela família à sociedade. Antes de refletirmos sobre esse papel, é importante que se observe, atualmente, a caracterização da família a fim de se assimilar uma visão mais ampla desta realidade. Assim, a família brasileira é organizada preponderantemente pelo “modelo nuclear”, advindo do desenvolvimento industrial e do fortalecimento do capitalismo. Não obstante, esse “modelo” de família ao longo dos anos passando por alterações, notando-se famílias formadas de: “homem, mulher e filhos”; “mulher e filhos”; “homem e filhos”; “mulher, mulher e filhos; homem, homem e filhos, e outras organizações que modificam o modelo tradicional de família (ALMEIDA, 2007).

Em todas, entretanto, se nota haver uma função essencial à sociedade, dentre elas, proporcionar aos novos filhos os princípios basilares do Estado em que vivem, além de favorecer as primeiras relações interpessoais, a formação moral, do caráter e da ética.

Desse entendimento sobre o papel social da família veja-se o que declara Almeida (2007, p. 37):

[...] Disto, destaca-se que a principal função social da família é o acolhimento do indivíduo formando-o como cidadão capaz de representar seu papel na sociedade como filho, irmão, trabalhador, estudante, entre outros. A família adquire importância na vida do indivíduo a partir de seu nascimento em virtude de seu dever de guarda, criação e educação da criança. Posteriormente tem-se uma fase de desenvolvimento, onde se prepara para a vida em sociedade estabelecendo relações de afetividade e trabalho. Conclui-se, portanto que a família tem sim uma função dentro da sociedade e esta é a de formar cidadãos conscientes e aptos para a convivência social, independente de que âmbito esteja inserido, se profissional, se na escola, se entre amigos.

Portanto, pode-se afirmar que a família estabelece a base da sociedade contemporânea, atuando como núcleo em que toda pessoa deve estar integrada para a constituição do seu caráter e da construção do seu eu social.

Convém destacar, que o papel social da família é tão relevante que ela está insculpida na Carta Magna de 1988, em seu artigo 226 e 227, quando assim determinada:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 4º - Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

§ 8º - O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 2000, p. 8).

Desta forma, dessume-se a relevância da família, a qual alcança patamares significativos para o meio social, visto que, além de possibilitar o equilíbrio biopsicossocial dos indivíduos, também contribui para a transformação de uma sociedade mais justa e mais digna.

Para situar a inserção da *Escola*, entendida neste trabalho como o espaço onde é realizado o processo sociocultural que envolve comportamentos sociais, valores, costumes, atividades culturais, repassadas por meio dos currículos das escolas, será destacada a fala dos atores sociais, docentes da UFC, buscando produzir um desenho do cenário e das interações produzidas neste âmbito:

[...] a maior parte do ano, eu não conseguia ir à escola. No começo meu pai e minha mãe explicavam as lições. Depois eu já conseguia aprender sozinho. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

Aos 11 anos submeti-me ao exame de admissão ao ginásio no Liceu do Ceará obtendo aprovação. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

[...] durante meu tempo de estudante do ginásio e do científico, eu me considero um aluno altamente, vamos dizer assim, de conhecimento médio daquilo que deveria ter aprendido nos bancos da escola, era um pouco mesmo relapso, no entanto quando terminado o terceiro científico, nós tivemos então o conhecimento que deveríamos fazer uma faculdade. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

[...] o Colégio São João foi uma escola para mim, primeiro porque era um colégio que era laico, segundo, a variedade de colegas do ponto de vista socioeconômica era o mais amplo possível. (ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

Em períodos históricos anteriores, a família foi basilar na formação dos sujeitos sociais para a integração na sociedade, entretanto, na contemporaneidade, a escola é a principal instituição social responsável pela formação das crianças, jovens e adultos, tendo assumido, segundo Estevão (2004), múltiplas e complexas funções antagônicas, perpassada por princípios reguladores ou por distintas racionalidades que condicionam os sentidos das ações educativas, fazendo-as aparecer imbuídas ora de um instrumental de equalização destinado à correção das *eventuais* distorções sociais, ora o serviço dos desígnios do poder ou

da economia; ora mais emancipatório em torno dos ideais críticos, democratizantes e solidários.

Nesse sentido, o escritor português Estevão (2004) defende o argumento de que a escola deve ser compreendida como *um lugar de vários mundos (cívico, doméstico, mercantil, empresarial, mundial...)*, onde prevaleçam os princípios de justiça educacional ou igualdade de oportunidade a todos. Cabe assim à escola redefinir suas ações socioeducativas para a formação humana, garantindo a apropriação de elementos da cultura que se transformem, na prática social, em instrumentos de poder e do direito de participação dos agentes e autores educativos no enfrentamento da desigualdade social a fim de contribuir para a constituição de uma sociedade mais justa.

A escola somente se justifica e legitima socialmente por intermédio de uma atuação ativa no seu entorno, e no desempenho de sua função social de formadora de sujeitos históricos. Para tanto, necessita ser um espaço de sociabilidade que possibilite a elaboração e a socialização do conhecimento produzido, tendo em vista que esse conhecimento não é dado *a priori*. Trata-se de conhecimento vivo e que se caracteriza como processo em construção nas parcerias inter e interinstitucionais a fim de incitar a troca, a solidariedade, o respeito, a confiança e a participação de pessoas que poderão contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas significativas.

Por sua vez, a categoria **Professor** possui amplos significados. Comumente identificado como profissional da educação, o professor é aquele que ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina (FERREIRA, 2010). No sentido etimológico, a palavra professor tem raízes no latim “*profateri*”, indicando pessoa que professa, que declara conhecimento, saber (*fateri*) diante de todos (*pro*). A palavra docência também vem do latim – *docere* – que significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender. No sentido formal, docência é o trabalho dos professores, que, na realidade, desempenham um conjunto de funções que ultrapassam as tarefas de ministrar aulas.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9394/96 (BRASIL, 1996), em seu art. 13, os professores devem ter como incumbências: (i) participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; (ii) elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; (iii) zelar pela aprendizagem dos alunos; (iv) estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; (v) ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento

profissional; (vi) colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Para o seu exercício, a docência, especificamente aquela integrante das classes da carreira do magistério superior, requer conhecimentos específicos ou, no mínimo, habilidades vinculadas à atividade de ensino, pesquisa, extensão e gestão, além de competências de reflexão, participação e autoconscientização; trabalhar com a diversidade, respeitando a individualidade.

Recortes dos depoimentos exprimem claramente os variados contextos onde é utilizada a expressão “Professor”:

As primeiras letras e os primeiros números, ou seja, aprender a ler, a escrever e a tabuada, foram com a professora Dona Honorina. Ela era afamada no Bairro Monte Castelo. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

Pessoalmente credito o interesse por matemática, ao Professor Chaves que bem vestido e com uma postura elegante, excelente domínio do quadro negro, sobre o qual escrevia com giz por ele apontado a moda lápis, e com uma letra tão regular e bonita e, principalmente, com uma clareza de exposição que não deixava dúvidas aos alunos. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

Após o Curso de Agronomia no mesmo ano que eu terminei, no ano seguinte eu já era professor, inclusive eu fui professor dos meus colegas repetentes. [...] Eu acho que não fui um péssimo professor porque lá tem um bocado de placa com meu nome, muitas vezes sou o paraninfo da turma, outra eu sou o homenageado. Eu terminei em 1966 o curso de Agronomia, e em 1967 eu já era professor... (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

[...] eu comecei também com a atividade de docência. Que tem um fato interessante, Dr. Ari, meu vizinho, uma espécie de protetor meu, estimulador, perguntou: você não quer dar aula (não ganhava nada, no meu primeiro ano de faculdade) no Farias Brito de noite. Ai me colocou para ser professor de ciências, porque meu pai era professor de Agronomia. (ROBERTO CLAÚDIO DA FROTA BEZERRA).

Percebe-se que a escola não está isolada da comunidade e de sua realidade, assim como o professor, que não reduz o espaço de aprendizagem a quatro paredes de uma sala de aula. Professores e alunos ressignificam o espaço escolar, de forma a ampliar as possibilidades de relações e aprendizado individual e coletivo. Entende-se, pois, que a categoria “Professor” representa o papel de transformador do indivíduo, ao qual compete a estruturação do espaço escolar de maneira a promover o processo do ensino e aprendizagem do corpo discente.

O papel do “professor” está intimamente vinculado aos objetivos da educação, voltada para uma pedagogia de ação com características de uma escola proativa, cuja principal atividade está centrada no pleno desenvolvimento do sujeito, considerando que este sujeito é constituído não só da razão, mas também de sentimentos, emoções e ação.

O trabalho docente levado a efeito pelo professor crítico, sob qualquer aspecto educacional, favorece o pressuposto pedagógico, imprescindível ao desenvolvimento do processo didático, com vistas a uma melhor compreensão no relacionamento entre educação e sociedade, uma vez que é essencial para a formação da ideia do professor acerca da sua função social no contexto da aprendizagem. Um dos grandes desafios na constituição de professores é, pois, prepará-los para exercerem de forma adequada ante as expectativas da educação no presente momento históricas, assim como orientá-los no sentido do desenvolvimento da sua consciência política, para que se possa elaborar em conjunto com estes sujeitos uma maneira de atuação de ordem pedagógica e política, objetivando favorecer uma visão, um sentir, uma reflexão e uma ação pedagógica na educação (BAPTISTA, 2008).

Nessa perspectiva a escola é restaurada na sua missão de conceber pedagógica e tecnicamente o professor, na proporção em que ela se deixa cingir pelo seu caráter político e social, onde recebe influência e é influenciada, por via dos movimentos e organizações políticas populares em curso na sociedade.

Desta forma, é inegável a possível influência da práxis política, histórica e social na formação desses professores. E, nesse contexto, abre-se para o professor outra maneira de realizar sua vida profissional, concreta e historicamente participante, da busca renovada da ordem social, mais justa e mais coerente com as necessidades e aspirações de todos os cidadãos (TRINDADE, 2009).

Por sua vez, a categoria *Aluno* remete-nos ao entendimento de que o estudante é um ser social integrado nas relações sociais. À vista disso ele não é um simples agente passivo da sociedade, mas sim um agente transformador desta, o qual deve compreender que a sociedade é o fruto do seu comportamento como um ser social. Destarte, o espaço escolar privilegiado para a atuação e interação do professor para proporcionar o processo de crescimento dos alunos é verdadeiramente a instituição educacional.

Nesta perspectiva, a instituição escolar, conhecida desde a Época Medieval, tem seu papel considerado em favor do aluno de suma importância no processo educativo, e na edificação da sociedade, portanto, para a nossa história, uma vez que difunde, de geração em geração, normas e valores de conduta para saber agir, fazer, pensar e sentir, a fim de que o aluno se ajuste ao meio em que está inserido, como também favorecendo a socialização dos padrões predeterminados pela sociedade destinados a cada sujeito dentro do seu grupo social (SOUZA, 2011).

O entendimento das ações do aluno, por sua vez, também sujeito na sociedade, se configura em frações da realidade social. Em face dessa conclusão, na óptica de Sousa (2011)

o “sujeito não se esquece de nada do que vê e ouve durante sua história de vida, pois as mensagens ficam armazenadas no subconsciente e num momento em que a pessoa menos espera estará praticando um ato que ficou guardado por algum tempo em sua mente.”

Nesse entendimento é oportuno destacar, as falas dos atores sociais que configuram essa realidade:

Quando eu entrei na UFC alguns professores estranhavam a minha *performance* no vestibular e a escolha por ser professor de matemática. No entanto, a maioria dos professores do Departamento de Matemática me recebeu de braços abertos, me acolheram, me incentivaram, me cuidaram. Isto foi muito importante para mim, pois foi a confirmação do acerto de uma decisão muito difícil e que eu tinha tomado muito jovem, com apenas 17 anos. (CIRO NOGUEIRA FILHO).

Tive a honra de ser homenageado por meus alunos escolheu para patrono, paraninfo ou incluído entre os professores e funcionários homenageados ao final de seus cursos. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

Eu lhe digo uma coisa, naquela época havia uma diferença muito grande para o mundo de hoje. Eu fiz muito estudo a respeito do movimento estudantil. Na minha época dava uns 60 ou 70 alunos, a gente gostava de ir para a Quadra do Céu assistir jogo, a gente gostava de ir para a festa na Quadra do Céu. Hoje tem as baladas, mas não com a conotação de estudante. Hoje o número de estudantes que se envolve nisso é muito pequeno. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

E foi ai também, a partir de coisas específicas que eu comecei a minha iniciação no movimento estudantil. Então as histórias dos horários, a história das bibliotecas que os alunos eram proibidos de tirar livros, a história dos critérios de concessão na parte de restaurante universitário como era que funcionava. (ROBERTO CLÁUDIO FROTA BEZERRA).

Observamos que os protagonistas sociais desta história também foram alunos, portanto, frequentaram as escolas, elaboraram suas experiências e trajetórias de vida, o que lhes favoreceu ser um agente de transformação dentro do seu grupo social (universidade) e da sociedade cearense.

A categoria *Universidade*, por sua vez, foi a mais citada entre os docentes. Percebe-se que a instituição universitária torna-se foco de atenção, pelo questionamento da qualidade do conhecimento nela produzido e dos processos educativos pelos quais é responsável, visando à disseminação do conhecimento científico e à formação de profissionais de diversas áreas.

Ao se abordar a categoria *Universidade*, narrada nas falas dos atores sociais, é relevante contextualizar sua origem no processo sociopolítico do Brasil, para melhor interpretar as razões e as dificuldades enfrentadas pela gestão universitária desde os anos 1930, ainda no Governo de Getúlio Vargas (1930-1945), com a reforma educacional fruto do processo de negociação entre forças conservadoras e inovadoras do chamado Estado Novo, de inspiração fascista.

No ensino superior foram criadas as universidades e definida a estrutura legal a que deveriam obedecer todas as instituições que fossem criadas no Brasil. A reforma fomentou a universidade como maneira preferencial para a oferta de ensino superior, mas não eliminou as escolas autônomas. Ao contrário foi mantida a liberdade da iniciativa privada para a instituição de estabelecimentos próprios, mesmo sob a supervisão governamental.

No Brasil o direito à educação é fundamental, portanto assegurado a todos os brasileiros, de forma indiscriminada e universal, e constitui pressuposto para a efetivação do Estado Democrático de Direito que tem como finalidade “a cidadania” e “a dignidade da pessoa humana”. Nesse sentido, a Constituição de 1934, disciplinou a organização da educação nacional, mediante o plano nacional de educação, sob a competência do Conselho Nacional de Educação, destinando recursos para a manutenção e desenvolvimento do ensino. Por sua vez, a Constituição de 1937 vincula a educação a valores cívicos e econômicos, e a educação é facultada à livre iniciativa. Na Constituição de 1946, a educação volta a ser definida como direito de todos, e prevalece a ideia de educação pública, a despeito de franqueada à livre iniciativa.

Convém salientar que o presidente Getúlio Vargas criou a Universidade do Ceará, por meio da Lei nº 2.373, em 16.12.1954, em um momento marcado pela exaltação do nacionalismo e a pseudoideia de progresso como uma porta de entrada para se manter a população na ignorância e no pânico (MARTINS FILHO, 1983). Assim, como a educação está jungida ao processo político, ela se converte em refém usada pelo objeto de repressão de valores autoritários. Entretanto, nesta época, o ensino superior é contemplado por maior atenção em sua reestruturação e maior acessibilidade. Ocorre nesta época o marco do início das universidades públicas.

No período militar, na Constituição de 1967, veio o fortalecimento do ensino privado, ensino oficial gratuito por bolsas de estudo, garantia da gratuidade do ensino médio e superior aos que comprovarem insuficiência de recursos, limitação da liberdade acadêmica, receitas para manutenção e desenvolvimento do ensino.

Por último, a Constituição de 1988, que proclama o direito à educação como um direito, uma ordem social para responsabilizar o Estado e a Família, bem como trata do acesso e da qualidade do ensino e organiza o sistema educacional, prevendo também, as competências para os entes da Federação. A grande inovação do modelo constitucional de 1988, no que se refere ao direito à educação, decorre da sua natureza democrática, notadamente pela preocupação em objetivar instrumentos que visem a sua efetividade (RANIERI, 2000).

Outro marco ocorrido na história da educação foi o advento da Lei nº 9.394/1996, editada com um novo perfil educacional, a qual privilegia o ensino superior, nos termos como se verifica na sequência:

A educação superior tem por finalidade: (i) estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; (ii) formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; (iii) incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; (iv) promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; (v) suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; (vi) estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; (vii) promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (BRASIL, 1996, p. 13).

Embora toda essa turbulência política, ainda assim, a Universidade possui função social de produzir conhecimentos, que visam a favorecer o desenvolvimento da ciência, da cultura, da tecnologia e do próprio ser humano, como núcleo da sociedade. Tal fato é destacado pelos professores:

[...] Durante minha vida de professor na Engenharia ministrei aulas nas disciplinas de termodinâmica, transmissão de calor, máquinas e motores térmicos e física industrial. Essa última para o Curso de Farmácia e as demais para os Cursos de Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil e Engenharia Elétrica. (JOSE MARIA DE SALES ANDRADE NETO).

[...] Quando a Universidade começou foi criado então a área do Pici que era da Agronomia e dois anos mais tarde, transformou-se no Centro de Tecnologia e o Centro de Ciências Agrárias. Isso teve um bocado de reforma na parte administrativa da Universidade onde teve uma época em que o Centro de Ciências Agrárias e o Centro de Tecnologia era um só. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

[...] o primeiro sustentáculo da Universidade Federal do Ceará no nosso sertão do nosso Estado. Com a criação desses dois cursos uma na administração Roberto Cláudio já passando para o René Barreira teve então a implantação de dois campi da UFC no interior, o campi de Juazeiro e o campi de Sobral, aí então a Universidade começou a se implantar no interior. Em Juazeiro foi formado um Núcleo de Tecnologia onde já tinha um Núcleo de Saúde que foi ampliado, e o Núcleo do Pessoal ali da parte de humanas, e a mesma coisa aconteceu em Sobral. A de Juazeiro, a coisa foi tão bem mais sofisticada porque lá em Juazeiro tinha a parte de Tecnologia, Cariri e Crato com a parte de Agrárias e de Humanas. Lá em Barbalha, a parte de Saúde. (LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS).

Nós como Universidade deveríamos aprofundar a relação com a sociedade e passamos a ter representação em todos os fóruns que se discutia ciência e tecnologia e cultura. (ROBERTO CLAÚDIO FROTA BEZERRA).

Percebe-se, pois, que, cabe àqueles que fazem a Universidade Federal do Ceará, formar cidadãos que exerçam liderança intelectual e profissional em suas atividades, a fim de que possam demonstrar responsabilidade ética, moral e social para o fim de desempenhar uma missão democrática nos destinos do Ceará (OLIVEIRA, 2010).

4.2 Discussões

Nesta parte, cabe rever cada uma das questões preliminares em vista dos resultados exibidos na seção anterior. É importante ressaltar que o fenômeno da história de vida dos professores universitários da Universidade Federal do Ceará nos levou a lidar com opiniões e percepções divergentes.

A metodologia de pesquisa desenvolvida por meio da triangulação pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, efetivada com auxílio da história oral de vida, como método, e entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados, oferece robustez suficiente para sustentar a discussão e as proposições expressas a seguir.

Na **questão 1** - a história oral de vida, fundada sobre o estudo exploratório pessoal de quatro professores da Universidade Federal do Ceará, permite um retorno reflexivo sobre eles mesmos, acerca de seu percurso familiar, escolar, profissional/acadêmica, social e político – levantada como expectativas de resultados, **foram encontradas evidências**, especialmente com base na análise da literatura e na história oral de vida, **que confirma o regresso reflexivo sobre o “eu” subjetivo do sujeito histórico e seu trajeto familiar, escolar, profissional/acadêmico, social e político.**

As narrativas dos fenômenos individuais, reais das suas vidas correspondem às maneiras como cada sujeito se entende, como explica a autoimagem e pretende ser conhecido pelos outros. A percepção do passado tem comunicação com o presente, cujo processo histórico encontra-se inacabado. Por outro prisma, possibilita a compreensão de conceitos, e a reconstrução subjetiva de seus saberes, habilidades e desempenhos.

A ênfase atribuída a esses fundamentos que justificam a confirmação dos resultados descritos na questão 1 tem esteio em Vygotsky (1998) que defende a ideia de que sujeito e subjetividade são erigidos numa contextualização histórica e culturalmente estabelecida, constituída pelas relações sociais e seus grupos sociais mais próximos,

decorrentes do seu processo histórico, que pode transformar a dimensão histórica desta realidade social. Observa-se que o conceito de subjetividade está orientado pela Psicologia do século XIX, remetendo às experiências vividas pelo sujeito, especialmente na sua intimidade, pessoais e singulares, isto é, plenamente personalíssimas, permeados pela história que auxilia de forma decisiva para a constituição desse sujeito sociohistórico.

Percebe-se que na **questão 2** – a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias, refere-se a um ponto de vista sobre a memória coletiva – também foram encontradas evidências relacionadas a este ponto:

A análise histórica por nós desenvolvida e as informações colhidas junto aos atores sociais **confirmam a interrogação** apresentada e **explicam que a memória se constitui num elemento significativo que traduz o sentimento de identidade, tanto individual como coletivo**, na proporção em que esta memória também é um componente inexorável do sentimento de perenidade e coesão de uma pessoa ou de um grupo na reconstrução de si ou de sua história (POLLAK, 1989).

Confirmamos essa prerrogativa à luz dos ensinamentos de Halbwachs (1990), ao assinalar que lembrar não significa apenas reviver, mas refazer, com imagens e concepções atuais, as experiências, implicando dizer que a memória não seria individual, mas coletiva. Isto porque a memória do sujeito está ligada ao seu relacionamento com a sua família, classe social, escola, universidade, enfim, com os grupos de referência de que faz parte o sujeito em destaque.

Neste sentido, frise-se o que bem disse Halbwachs (1990, p. 26):

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais só estivermos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. A memória não consistiria em reprodução do passado, mas sim em reconstrução do mesmo, a partir de suas experiências coletivas.

Desta forma, a memória dos protagonistas revela que o trabalho de construção social da memória demonstra intensa influência do passado sobre o presente, tanto em processos individuais, como também coletivos de memória. A compreensão da memória coletiva como atribuição da identidade dos grupos sociais favorece a reconstituição do passado em acordo com os interesses particulares destes componentes sociais (JEDLOWSKI, 1997).

Nesse sentir, Jedlowski (1997) define o conceito de memória coletiva como a vinculação destes componentes sociais à necessidade das sociedades preservarem suas

respectivas heranças socioculturais e transferi-las e difundi-las a outras e novas gerações. E assim a história de vida dos atores sociais desta pesquisa contribuirá de forma significativa para a memória coletiva como fontes históricas de uma memória institucional.

A **questão 3** – as trajetórias de vida dos professores possibilitam delinear apreciações críticas acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará – como expectativas de resultados, é certamente a mais frágil em termos de comprovação, uma vez que foram encontrados elementos contextuais somente nas falas dos professores Luís Carlos Uchôa Saunders e Roberto Cláudio Frota Bezerra.

A análise do discurso desses sujeitos **confirma e clarifica que a história social da Universidade, por excelência, é a de produção do conhecimento, de maneira a impulsionar a tecnologia, a ciência, e o desenvolvimento da cultura, assim como a inserção da pessoa na sociedade, como sujeito integrante da cidadania.**

Nesse sentido, percebe-se que a UFC como instituição de ensino superior, pelo seu caráter de formato da produção teórica e científica, constituiu-se em centros de organização destes conhecimentos produzidos na ação. Nesse prisma, ela é interpretada como um instrumento de edificação de cidadania e de agente capaz de proporcionar mudanças na sociedade, uma vez que encaminha a pessoa a concepções de novos significados para a história.

Para a **questão 4** – as memórias individuais dos atores sociais – quatro professores da UFC – expressam a memória coletiva acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará no contexto educacional e sociopolítico cearense – as falas dos atores sociais **confirmam as ideias** defendidas em Halbwachs, Pollak e Silva.

Para Halbwachs (1990), é impossível entender a vocação e a identificação das lembranças se não adotarmos como fator de adequação o papel social real, utilizados como referência na edificação da memória. Sua noção de memória se agasalha no sentido de que ela está integrada a representações coletivas constituídas por grupos sociais que sua materialidade estão inseridas na sociedade, ou seja, os sujeitos para lembrarem por si mesmos necessitam da memória coletiva, daquela que foi constituída mediante o compartilhar com outras pessoas.

Por sua vez, Pollak (1989) exprime que a memória individual e coletiva se integra, de forma um tanto consciente, ao determinar ou fortalecer os sentimentos de pertencer socialmente entre coletividades diferentes. A memória individual existe sempre desde uma memória coletiva, haja vista que as lembranças são constituídas no interior de um grupo. E, por fim, Silva (2002), que assevera o entrelaçamento de memória histórica e memória

coletiva, demonstrando a possibilidade desta (memória coletiva) de atingir patamares de veracidade, propriedades conferidas à perspectiva histórica.

Ante este entendimento teórico, examinamos que a expressão da memória coletiva possibilitou construir apreciações críticas acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará no contexto educacional e sociopolítico cearense, tendo em vista que o entrelaçamento de memória e história leva a um comprometimento com a reflexão, objetivando que a história seja analisada como memória criticada e não simplesmente oficializada.

5 CONCLUSÕES

Esta investigação destinou-se a compor a história de vida de quatro docentes universitários, que se entrelaçam e se permeiam com as histórias e trajetórias da Universidade Federal do Ceará, instituição federal de ensino superior que tem como objetivo prestar serviços educacionais na área do ensino, da pesquisa e da extensão, atuando em todo o Território cearense.

A tese foi estruturada em Capítulos a saber: Trajetória do Pesquisador; Historicidade: Posições Teóricas e Experiências Vividas; Resultados e Discussões; e à guisa de Conclusão, o delineamento de apreciações críticas acerca do papel social da Universidade Federal do Ceará no contexto educacional e sociopolítico cearense. Para tanto, torna-se essencial tecer algumas conclusões que, apesar de darem uma perspectiva global e integrada do trabalho realizado, não podem, todavia, ser assumidas como verdades absolutas.

Algumas características grifaram este trabalho, que foram as interpretações relativas a história e memória da trajetória de vida dos Agentes sociais da pesquisa que se confundem com a história institucional da Universidade Federal do Ceará, as quais foram tecidas nas contribuições teóricas das áreas da Filosofia, História e Educação, que produziram subsídios teóricos multidisciplinares à pesquisa e serviram de parâmetros para tratar os problemas delineados nas quatro questões iniciais suscitadas como expectativas de resultados.

No Capítulo que versa sobre a Trajetória do Pesquisador, foram revelados os aspectos conceituais da subjetividade da memória, contextualizando-a num pensamento crítico, onde foi comprovado o pensamento de Molon (2003) de que a subjetividade da pessoa se realiza desde as relações sociais deste com o outro. Os princípios e conceitos teóricos utilizados fundamentaram o percurso teórico-metodológico e os resultados produzidos na pesquisa.

Especificamente nesta seção, foram recobrados os conceitos históricos de memória e pensamento crítico e, a seguir, desvelado o caminho metodológico utilizado: delimitação dos objetivos e as expectativas de resultados da pesquisa empírica; os instrumentos de avaliação e os procedimentos de coleta – técnica das entrevistas no método história oral de vida – e análise de dados – análise de conteúdo; a caracterização do *locus* da pesquisa e dos participantes no estudo. Ressaltamos que, para este estudo, optamos pelo método qualitativo, a fim de compreendermos a complexidade subjetiva das memórias individuais dos professores, sujeitos da investigação, suas relações com o contexto social da

Universidade Federal do Ceará; submergindo-se em várias esferas: da empatia aos motivos, das intenções aos projetos individuais e sociais; das estruturas às relações significativas.

Nesse liame, foi possível aplicar uma técnica historiográfica no contexto da investigação do binômio sujeito-objeto baseado no referencial teórico-metodológico adotado, como caráter inovador desta pesquisa, que se coloca a perseguir significados conferidos pelos sujeitos às suas experiências histórico-sociais, assim como a dimensão política que possibilitou a construção coletiva da Universidade, partindo da realidade dos protagonistas da história e que a eles revolveu de forma crítica e criativa, concedendo-lhes voz, e o exercício político sindical.

Essa metodologia pode ser o cerne propulsivo para ser exercido em uma abordagem mais ampla como esta investigação em que a pretensão é conhecer o referencial teórico e prático, requerendo, pois, uma tessitura na relação dialógica e interativa dos sujeitos sociais da investigação, que promove a problematização do próprio fenômeno histórico com a realidade da experiência, que favorece a conscientização e a transformação dos sujeitos sociais.

Verificamos, ainda, que os conhecimentos históricos acumulados pelos sujeitos acerca de seu passado e de seu presente nem sempre são suficientes para que eles a entendam em toda sua complexidade, mas implica a criação de instrumentos mais efetivos de abordagem histórica, com vistas a compreender a realidade para poder agir e transformá-la.

Reconhecemos de que esse formato aplicado à presente pesquisa, oferece certa limitação do estudo, haja vista o fato de desfavorecer o entendimento da globalidade dos resultados da investigação, em face da sua subjetividade. Portanto, buscamos estruturá-la de forma a facilitar a seleção e análise do contexto e o processo de desenvolvimento vivenciado pelos protagonistas desta investigação.

O Capítulo que aborda a Historicidade: Posições teóricas e experiências vividas surge como necessidade para a compreensão de todos os elementos desta investigação. Consideramos por meio da tessitura teoria – empiria, estudar as diversas perspectivas do conhecimento e da relatividade do saber histórico, com um olhar a propósito do sujeito na produção do conhecimento histórico e, de outra parte, analisar a experiência individual como ordenação subjetiva sob a óptica da história oral de vida e da personalidade individual e, por último, ponderar a respeito da história social do ponto de vista da abordagem historiográfica na história social e nos reflexos na elaboração da história social da Universidade Federal do Ceará.

Com base nas várias concepções examinadas, verificamos que a noção de História está presente em nosso cotidiano e nos chama a atenção para a posição de sujeitos (aquele que transforma) e ao mesmo tempo de objeto da História, o qual também é transformado. A História não deve ser percebida como instrumental para desvendar somente aspectos pessoais, mas também os aspectos circunstanciais e pretéritos, consistindo numa formação de fatos e fenômenos concebidos pelos sujeitos sociais.

Por outro lado, a Ciência Histórica pode ser um mecanismo que oferece indagações para o caminho da compreensão da atual sociedade, mediante revisitação do passado e suas fontes do saber. Observamos, ainda que o caminho pela identidade e pela memória não constitui ferramentas de exclusão, e sim é de uma caminhada pela busca da compreensão do outro na História, da cultura diversa e seu entendimento pelo convívio mais harmônico entre todos (BOSCHI, 2007).

O Capítulo que trata dos Resultados e Discussões expõe as implicações do estudo empírico realizado no âmbito desta tese. Na análise de conteúdo utilizada como ferramenta para a compreensão da construção dos significados que os atores sociais exteriorizaram nas narrativas de suas memórias individuais. Selecionamos as ideias sob o olhar das categorias família, escola, professor, aluno e universidade.

Na categoria *Família*, a memória individual dos professores sempre se revelou de forma coerente e linear com as concepções teóricas de família construída ao longo da história, em que despontam as dinâmicas das relações afetivas, de posse ou de aparceramento, imprescindíveis para a formação de suas subjetividades. Em suas falas, os protagonistas demonstraram a importância desta instituição para o desenvolvimento da identidade da pessoa humana, mediante o fortalecimento do laço afetivo, da amizade, do apoio, dos valores morais, da ética, da honestidade e da honra.

Na categoria *Escola* percebemos que o conceito de educação está estritamente vinculado, sendo considerada por todos os entrevistados como a principal instituição social responsável pelo processo de construção dos homens como sujeitos históricos, e a socialização do conhecimento produzido, destacando o papel da organização escolar como uma estrutura educacional gerada pelos sujeitos em benefício da sociedade. Nos relatos, os agentes sociais evidenciaram a importância do valor dos estudos, não somente como alternativa para se obter uma ascensão social, mas, sobretudo, pela valoração intrínseca do desenvolvimento intelectual, baseado numa óptica otimista do mundo e das pessoas, sob o fundamento da ética, da retidão, e da honestidade.

Na categoria *Professor*, a totalidade dos discursos dos atores sociais nos revela ser o docente o agente principal do ensino superior. Assim sendo, refletir a formação no espaço da universidade significa assimilar conhecimentos para ter condições de ensinar e dar significado a professores e alunos, haja vista que ele é o mediador de processos que estabelecem a essência da cidadania do aluno. Aqui, todos os atores sociais sinalizaram para a autorealização pessoal, assim como satisfeitos com a profissão que alguns já exerciam desde a sua graduação, como monitor em sala de aula quer como professor particular para auferir alguma renda, embora inexpressiva, mas pelo prazer de ensinar. O exercício da docência constitui uma das primeiras experiências profissionais e acadêmicas na vida dos protagonistas.

Nesta abordagem, foi evidenciada a participação sindical do professor Ciro Nogueira Filho como membro da diretoria da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará (ADUFC) e no Sindicato Nacional, no biênio de 1994-1996, que lhe possibilitou ser eleito para vice-presidente responsável pela região Nordeste, no período de 1996-1998.

Na categoria *Aluno*, merecem destaques nas narrativas individuais dos protagonistas desta história, dois aspectos, de um lado, a ambiência escolar, e de outro, a condição socioeconômica dos alunos, ora sujeitos sociais desta investigação. O primeiro aspecto diz respeito à ambiência escolar, fundamental no processo educativo, tendo em vista que educação e ambiente estão interligados. Assim, ao professor, como transformador de um ambiente, é dispensável pretender impor suas regras, ao contrário, deve colaborar com os alunos, com as pessoas da comunidade escolar e no entorno dela, com vistas a obterem a consciência crítica da realidade e do meio em que convivem.

Destarte, a aplicação da ambiência escolar deve ser flexível, a fim de conceber qualquer modalidade de ambiente, para que, mediante processo avaliativo, possa adequar às particularidades de cada lugar, de sua complexidade, do contexto humano e das características ideais, levando em conta as condições e limites da comunidade escolar que está sendo mediada.

No segundo aspecto, acerca da condição socioeconômica dos atores sociais, pode-se observar que são variáveis, visto que as famílias de alguns deles possuíam melhores condições financeiras para garantir maior e melhor comodidade de estudo aos seus filhos.

Ao contemplar esta realidade socioeconômica, Barbosa (2001, p. 416) revela a influência da variável socioeconômica no resultado do desempenho do aluno e das turmas, ao afirmar que “[...] a escola faz a diferença e que essa diferença se manifesta comparando tanto

turmas como escolas. Mesmo após o controle pelo nível socioeconômico, variáveis relacionadas à escola, como didática do professor e sua expectativa de aprovação dos alunos, mostram-se importantes para o desempenho do aluno.”

Na categoria *Universidade*, de maior representatividade entre os discursos proferidos, foi relatado o início da vida acadêmica dos entrevistados, assim como as experiências administrativas nos centros, departamentos, faculdades e coordenações de cursos de graduação e pós-graduação. Destacaram-se, ainda, a expansão da Universidade Federal do Ceará, com a implantação de alguns *campi* em alguns municípios do Estado do Ceará, bem como o crescimento e o fortalecimento tecnológico de laboratórios de pesquisa em definidas áreas do conhecimento científico, sem considerar a expansão de projetos de extensão, mais especificamente, voltados para a inclusão social de grupos e de classes menos beneficiados pelos programas socioeducativos dos governos e o fomento a qualificação e aperfeiçoamento profissional dos servidores da instituição.

Estas reflexões, teórica e empírica, possibilitaram alicerçar espaços coletivos de socialização e de enfrentamento, fundamentais para um pensamento compartilhado das distintas trajetórias, que mantêm relação intrínseca com os fatos e acontecimentos do coletivo, e por isso mesmo, encontra ressonância nas demais histórias que transcendem e se tecem no social.

Nesse sentido, compreender a historicidade da Universidade, principalmente em face do cenário sociopolítico e econômico da contemporaneidade, exige além da formação de um trabalhador qualificado e com as competências para a inserção no mercado, o comprometimento dos atores educativos com a construção de uma sociedade democrática pautada em valores de humanização e cidadania. Percebemos, pois, a importância da exequibilidade de programas e projetos voltados para o aperfeiçoamento da educação superior na UFC, capazes de proporcionar experiências significativas compatíveis às necessidades, interesses, aptidões, capacidades e motivações, com vistas a alcançar os objetivos efetivos que favoreçam a satisfação pessoal e profissional dos sujeitos, tais como:

- 1 desenvolvimento de uma práxis-metodológica de ação social na Universidade, objetivando promover o desenvolvimento social e pessoal do ser histórico no reforço da autovalorização e na reconstrução do seu projeto de vida;
- 2 criação de mecanismos de intervenção nos setores sociais, que possam favorecer o apoio à comunidade no enfrentamento de carências, em respostas às suas demandas;

- 3 integração da Universidade no contexto regional nordestino, com vistas à expansão do processo sócio-educacional;
- 4 produção e socialização de conhecimentos em diversas áreas do saber, promovendo a capacitação de um ser crítico em relação a si próprio e em relação à realidade sociocultural;
- 5 geração de ciência e tecnologia voltadas para o interesse da sociedade;
- 6 fomento à criação de uma unidade histórica dentro do Setor da Comunicação da UFC, como forma de incentivar pesquisadores a investigar sobre a memória universitária, atualizando-a, descobrindo e privilegiando histórias de vida de servidores e de outras pessoas da sociedade que contribuíram para a existência e/ou reconstrução da identidade social dessa instituição de ensino superior; e
- 7 criação de um banco de informações acerca dos fenômenos individuais da história familiar, escolar, profissional/acadêmica e sociopolítica dos docentes universitários e de servidores da UFC, com vistas a recompor a história da UFC.

Portanto, pode-se inferir que o papel social da Universidade perpassa um ambiente de formação da cidadania e de construção de saberes, razão por que se constitui num agente de transformação da sociedade, principalmente levando-a a formular novos sentidos para essa história.

Infere-se ainda, que o ator social ao partilhar suas histórias de vida, possibilita a quem conta sua história, ter uma atitude reflexiva e de avaliação de um caminho percorrido, entendendo o sentido e suas nuances para reaprender com ele. E quem as ouve ou lê a história, enseja depreender que a sua história está entrançada de alguma maneira com aquela e/ ou com outras narradas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lara Oleques de. **A função social da família e a ética do afeto**: transformações jurídicas no Direito de Família. 2007. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Direito) – Centro Universitário Eurípides de Marília, Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha, Marília, 2007.
- ARANGO, L. **Família e trabalho**. São Paulo: Diadorim: FINEP, 1998.
- ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. **Fonte oral e história local**: experiências reais na tessitura da escrita da historiografia educacional. Fortaleza: Ed. UFC, 2010.
- ARROYO, Miguel G. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- ATAIDE, Yara Dulce Bandeira. **Clamor do presente**: história oral da família em busca da cidadania. São Paulo: Loyola, 2003.
- BALLONE, G. J.; ORTOLANI, I. V. Teoria da personalidade. **PsiquWeb**, 2008. Disponível em: [HTTP://WWW.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br)>. Acesso em: 2 jul. 2013.
- BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida. **Ideologia e educação**: contradições e mudanças. Um estudo sobre a concepção do mundo de docentes e discentes. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- BARBOSA, Carlos Soares. **A participação da sociedade civil no campo da educação profissional**: uma análise sobre o consórcio social da juventude do Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARRETO, Tobias. **Relatividade de todo conhecimento**. São Paulo: Ed. Instituto Nacional do Livro, 1990.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **As imagens da história**. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1994.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomaz. **A construção social da realidade**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BITTENCOURT, Estevão. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2006.

BLOCH, Marco. **Apologia da história**: o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia e psicologia e o compromisso social. São Paulo: Ed. PUCSP, 2009.

BORELI, Silvia Helena Simões. **Memória e temporalidade**: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson. São Paulo: PUC-EDEC, 1992.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

BRASIL, R. A. M. **O menino que disse sim**. Fortaleza: Premius, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96. **Diário Oficial da República Federativa da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRISOLA, Sandra Negraes. O projeto “Universidade e Empresa, Ciência e Tecnologia”. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, ano 17, n. 56, dez. 1996.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativas: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 525-535. 2003.

BRUNER, Jerome. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. *In*: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1997.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 2003.

CALDART, R. S. Sobre a função Social da Escola. **Revista Contexto e Educação**, Ijuí, n. 10, 1995.

CAMARGO, A. História oral e política. *In*: MORAES, M. de. **História oral**. Rio de Janeiro: Diadorim: FINEP, 1994.

CANDIOTTO, César. Foucault: uma história crítica da verdade. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 29, n. 2, p. 65-78, 2006.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Conhecimento e crítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

CATROGA, Fernando. Memória e História. *In*: PESAVENTO, Sandra. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, Universitária, 1976.

CHAUÍ, M. de S. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1994.

CHAVES, Silvia Nogueira. **Memória e auto-biografia**: nos subterrâneos da formação docente. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

DAHRENDOR, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro/RJ, 1979.

DAUSIEN, B. **Biographie und geschlecht**: zur biographischen Konstruktion sozialer Wirklichkeit in frauenlebensgeschichten. Bremen: Donat, 1996.

DESCARTES, R. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Abril Cultural, 1993.

DOMINGUES, I. **Verdade, tempo e história**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

DUBY, G.; LARDREAU, G. **Diálogos sobre a história**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

DURHAM, Eunice R. **O ensino superior no Brasil**: público e privado. São Paulo: NUPES/USP, 2003.

ESTÊVÃO, C. A. Vilar. Formação, gestão, trabalho e cidadania: contributos para uma Sociologia crítica da formação. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, 2004.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elisie. **Pesquisa participante**. 2 ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

FERNANDES, Michele Longatti. **Histórias da vida de Belina Faccion**: formação educativa pelo trabalho e ação social. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, São João Del-Rei, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves. **Comentários à Constituição brasileira de 1988**. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

- FIGUEIREDO, João. Revolução de 1964. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 28 jun. 1979.
- FILIPAK, A. **Produção do conhecimento histórico I**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.
- FINLEY, Moses. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. São Paulo: EDUSC, Roma, Skira: 1989.
- FONTES, José Carlos. **Verdade do ponto de vista histórico**. São Paulo: Forense, 2001.
- FONTOURA, Maria Madalena. Fico ou vou me embora? *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. Cidade do Porto: Porto Editora, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. Imprensa Oficial, São Paulo, 2002.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar; escrever; esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GASPARETTO JÚNIOR, Antônio. **A história social**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2011.
- GOMES, Celestina. **Construção social da memória autobiográfica e histórias de vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GONDAR, Jó. **Quatro proposições sobre memória social**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- GOODSON, Ivor. **A construção social do currículo**. Portugal: Educa, 1997.
- GOODSON, Ivor. A construção social do currículo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 18, n. 2, maio/agosto de 2007.
- GREENBLATT, Stephen. **Renaissance self-fashioning**: from more to Shakespeare. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. Coimbra: Arménio Amado, 1987.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1972.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JAFELICCI JUNIOR, Miguel. **O papel social dos professores universitários**. São Paulo: UNESP, 2002.

JEDLOWSKI, P. **Collective memories**: theoretical, methodological and practical issues. *In*: SMALL – group meeting on collective memory. Bari: European Association of Experimental Social Psychology, 1997.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1984.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultura, 1989.

KOSELLECK, R. **Point de vue, perspective et temporalité**: contribution à l'appropriation historique de l'histoire. Paris: Ehes, 1990.

KUHN, A. **Estrutura das revoluções científicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

LEONTIEV, A. N. A imagem do mundo. *In*: GOLDBERGER, M. (Org.). **Leontiev e a psicologia histórico-cultural**: um homem em seu tempo. São Paulo: Xamã, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, classe, etnia**: trajetórias de vida de mulheres migrantes. Florianópolis: Edufsc; Chapecó: Argos, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividade**: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. São Paulo: Proposições, 2004.

MARROU, H-L. **Do conhecimento histórico**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

MARTINS FILHO, Antônio. **História abreviada da UFC**. Fortaleza: Ed. UFC, 1997.

MARTINS FILHO, Antônio. **O Outro lado da história**. Fortaleza: Ed. UFC, 1983.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes: EDUC, 1986.

MARTINS, Maria do Carmo. **Histórias do currículo e currículos narrativos**: possibilidades de investigação na história social do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: LPM, 1977.

MELO, Francisco Egberto de. **Virgílio Távora**: Repensando os conceitos de coronel e coronelismo. Fortaleza: Ed. UFC, 2011.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MURCHO, Orlando Figueiredo. **Filosofia e pensamento crítico**. Belo Horizonte: UFOP/MG, 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NÓVOA, Antônio. **O passado e o presente dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão Professor*. Cidade do Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Cecília Leite. **A revolução tecnológica e a dimensão humana da informação: a construção de um modelo de mediação**. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2002.

OLIVEIRA, José Carlos Parente de. **Professor de Física da UFC**. Fortaleza: Conselho de Educação do Ceará, 2010.

ORELLANA, Rodrigo Castro. Princípios. **Revista de Filosofia**, Natal, n. 31, 2012.

PARKER, Richard; MOORE, Brooke Noel. **Pensamento crítico**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PÉREZ-GOMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio, estudos históricos**. São Paulo: Vértice, 1989. (Memória, n. 3).

PORTELLI, Alessandro. The Peculiarities of oral history. **History Workshop Journal**, Oxford, v. 12, n. 1, p. 96-107, 1981.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O. M. (Org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. v. 5.

RANIERI, Nina Beatriz. **Educação Superior, Direito e Estado**: na Lei de diretrizes e bases (Lei n° 9.394/96). São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2000.

RANKE, S. B. Holanda. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Renascença, 1946.

RAYMOND, Williams. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1979.

REIS, José Carlos. **A História, entre a filosofia e a ciência**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

REIS, José Carlos. **História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. **História, memória e as instituições escolares**. Fortaleza, Edições UFC, 2009.

RICOEUR, P. **História e verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RODRIGUES, Augusto. **História da educação no Brasil**. São Paulo: FTD, 1978.

RUEDELL, Aloísio. **Comunicação conceitual e a linguagem: discussão hermenêutica**. Porto Alegre: Veritas, 2008.

SANTANA, Ana Lúcia. Pensamento crítico. **Revista de Filosofia**, Porto Alegre, 2008.

SANTOS, A. P.; RIBEIRO, S. L. S.; FILIPAK, A. **Produção do conhecimento histórico I**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.

SILVA, Camila Sousa. **A função social da universidade**. 2012. Disponível em: <<http://www.revistanossoestilo.com.br>>. Acesso em: 30 set. 2012.

SILVA, H. R. Rememoração / Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

SOARES, Magda Becker. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 1990.

SONTAG, Susan. **Sob o signo de Saturno**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

SOUZA, Leci de Paula Costa. **A realidade social do aluno: sujeito construtor e construído**. Curitiba, 2011. Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia da UNOPAR da Universidade Norte do Paraná, Curitiba, 2011.

SUNMER, William Graham. **Uma introdução ao pensamento crítico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Renascença, 2006.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **A Universidade e a liberdade humana**. Brasília, DF: Ministério de Educação e Cultura, Departamento de Imprensa Nacional, 1954.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRINDADE, Rui. **Escola, poder e saber: A relação pedagógica em debate**. Porto: LivPsic, 2009.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional.** Fortaleza, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional.** Fortaleza, 2007-2011, Fortaleza, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional.** Fortaleza, 2013-217, Fortaleza, 2013

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. **Quem é de Benfica: o bairro como lugar da sociabilidade e espaço das práticas de resistência.** 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

VASCONCELOS, José Gerardo. **O barão e o prisioneiro: biografia e história de vida em debate.** Fortaleza: Edições UFC, 2011.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Esquecimento e sonho dos militares de esquerda nos cárceres políticos do Brasil.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.

VAUGHN, Schick. **How to Think about Weird Things.** New York: McGraw Hill, 2004.

VEYNE, P. **Como se escreve a história.** Lisboa: Ed. 70, 1983.

VIANA, Moisés dos Santos. **O desafio social do saber universitário.** São Paulo: Cortez, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WANDERLEY, L. E. **Universidade e democracia: relações do professor com o desenvolvimento. Universidade, escola e formação de professores.** Brasília, DF: Brasiliense, 1986.

WARDE, P. **História e historiografia.** São Paulo: Ed. Lisboa, 1998.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais.** São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1992.

YIN, Roberto. **Pesquisas de estudo de caso: design e métodos.** São Paulo: ECA, USP, 2001.

APÊNDICE A – ANÁLISE DE CONTEÚDO – CIRO NOGUEIRA FILHO

Memórias - Ciro Nogueira Filho

TEMA-OBJETO	UNIDADE DE REGISTRO	CODIFICAÇÃO	
		CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. História Familiar	<ul style="list-style-type: none"> – Sou membro de uma família pequena, para os padrões da época, pai, mãe e dois filhos. Eu sou o filho caçula. Meu pai foi comerciante a vida toda e minha mãe dona de casa. Éramos pobres, porém, meu irmão e eu não percebíamos isso. – O pouco que meu pai ganhava era integralmente trazido para casa e aí entrava minha mãe que com muito esforço e economia multiplicava esse pouco. Tudo que eu e meu irmão conseguimos, devemos aos nossos pais. – O valor dos estudos, não apenas como única oportunidade de ascensão social e sim pelo seu valor intrínseco do crescimento intelectual, a ética, a retidão, a honestidade e principalmente uma visão otimista sobre o mundo e as pessoas. – A minha infância foi marcada por muitas doenças. – Dos cinco aos dez anos eu tive que fazer quatro cirurgias. Fui vítima de uma tuberculose, altamente resistente, que exigiu muito do meu sistema linfático. – Minha mãe me deu a vida duas vezes. A primeira, a comum à todas as mães. A segunda, durante cinco anos me tratando, me levando a todos os médicos possíveis e aos hospitais. – A maior parte do ano, eu não conseguia ir à escola. No começo meu pai e minha mãe explicavam as lições. Depois eu já conseguia aprender sozinho. – As professoras vinham aplicar provas. A maioria delas não queriam vir por medo de contraírem a doença. – Nesse ano veio a cura da doença. Tal não teria acontecido se não fosse também a competência e a persistência de um médico chamado Fernando Diógenes. – Iniciei, portanto, a adolescência com saúde. Mas, o que fazer de posse dela? Eu não sabia. – A partir dos catorze anos, quando a idade permitia, passei a frequentar umas sessões do cinema de arte no Cine Diogo. – Eu então tinha que pegar o último ônibus da linha Monte Castelo. Algumas vezes eu perdi esse ônibus o que me forçava a pegar qualquer um que passasse na Avenida Bezerra de Menezes, conhecida simplesmente como “Bezerra”, à época. – Quase a meia-noite, quando identifiquei 	<ul style="list-style-type: none"> – Perfil pessoal e familiar 	<ul style="list-style-type: none"> – Importância e apoio familiar. – Família com baixo nível socioeconômico. – Infância marcada pela doença. – Amizade.

	<p>uma pessoa na mesma rua, vindo em minha direção. Preocupado, resolvi mudar para a outra calçada no outro lado da rua. Baixei a cabeça e resolvi atravessar a rua, só que quando estava no meio da rua, resolvi olhar de soslaio, e para meu desespero a pessoa também estava mudando de calçada. Para minha sorte quando me aproximei mais, vi que se tratava do Anastácio, um vizinho meu. [...] Fomos juntos e voltamos juntos.</p>		
<p>2. História Escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> – As primeiras letras e os primeiros números, ou seja, aprender a ler, a escrever e a tabuada, foram com a professora Dona Honorina. Ela era afamada no Bairro Monte Castelo. – Como a sequência era o 1º ano primário, fui matriculado no Colégio Mater Amobilis, dirigido por freiras. Todavia apesar de eu ter boas notas, as freiras queriam me reprovar em função do grande número de faltas. – A partir do 2º ano, e até o 4º ano, fiquei matriculado no Educandário Aída Costa, cuja diretora compreendeu minha peculiar situação. Essa senhora chamava-se Dona Alocoque. Tal mudança foi providencial, pois cheguei a passar várias semanas seguidas sem ir a uma aula. – Com dez anos de idade, fui matriculado no Curso Klein, dirigido por um mestre muito reconhecido à época o Professor Luciano Klein. O curso era caro e lá estudavam crianças notáveis. – Prestado o exame, fiquei em quinto lugar dentre todos os alunos do Estado, sendo o mais bem colocado dos alunos do curso Kelin. – Meu irmão estudava no Colégio Júlia Jorge que era muito barato, por receber subsídios do governo federal, e me falava muito bem do Colégio. Resolvi ir para lá e foi uma decisão muito acertada. Lá tive grandes professores, fiz grandes amigos e tive na figura do seu Diretor, Professor Oscar Rodrigues, um exemplo para o restante de minha vida. – No final do ano por sugestão de um Professor Capistrano de Matemática, prestei vestibular para a UFC. E para minha surpresa, e de todos, fui aprovado em 14º lugar dentre todos os concorrentes, que eram cerca de sete mil. – Este “feito” me valeu uma bolsa integral no Curso CIPAM, um dos mais prestigiados à época, que tinha um convênio com o Colégio Santa Cecília. No meio do ano eu fiz vestibular novamente como uma forma de fazer jus à bolsa que 	<ul style="list-style-type: none"> – Recordações escolares: do primário ao ginásial. 	<ul style="list-style-type: none"> – Primeiras letras. – Exames de admissão ao ginásio organizado pela Secretaria de Educação do Estado. – Criança notável. – Estudo como possibilidade de ascensão social.

	<p>detinha. E aí tirei o 1º lugar geral.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ao final do ensino médio fiz o vestibular pela terceira vez ficando em 6º lugar geral. Embora tal classificação me permitisse cursar Medicina, Direito ou Engenharia e eu resolvi cursar matemática. E até hoje não me arrependo, muito pelo contrário. 		
<p>3. História profissional/ acadêmica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ingressei no curso de matemática em 1975. Alguns professores e praticamente toda a família e amigos estranharam muito a escolha, visto que minha classificação permitia cursar áreas consideradas mais nobres. - Isto me permitiu dar aulas particulares de matemática à alunos que eram inclusive, mais adiantados do que eu. Além de começar a ajudar no orçamento familiar, o que por si só já me deixava muito satisfeito, eu descobri que tinha facilidade de explicar coisas complicadas de matemática às pessoas. - A minha escolha profissional, reunir o útil, explicar ou ensinar matemática ao agradável à matemática em si mesma. Paradoxalmente a grande maioria dos professores me orientavam a fazer uma das Engenharias. Portanto, a minha escolha foi solitária e individual. - Quando eu entrei na UFC alguns professores estranhavam a minha performance no vestibular e a escolha por ser professor de matemática. No entanto, a maioria dos professores do Departamento de Matemática me recebeu de braços abertos, me acolheram, me incentivaram, me cuidaram. Isto foi muito importante para mim, pois foi a confirmação do acerto de uma decisão muito difícil e que eu tinha tomado muito jovem, com apenas 17 anos. - A enorme diferença para os dias de hoje, reside nas instalações físicas e equipamentos. As salas não eram climatizadas. Não havia aparelhos de ar-condicionado e havia poucas salas com ventiladores. Não existiam ainda os chamados computadores pessoais. - O primeiro cargo que ocupei foi de Chefe do Departamento de matemática de outubro de 1998 à setembro de 1990. Foi em desafio à época, visto que o departamento encontrava-se dividido em dois grupos: o dos mestres e o dos doutores. Eu que, era apenas Mestre, fui eleito pelos meus pares. E ao final do mandato de dois anos consegui iniciar a formação de um novo grupo, este agora integrado por mestres e doutores, que tinha como característica principal a 	<ul style="list-style-type: none"> - Experiência Docente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Docência. - Carreira administrativa. - Sindicalismo.

	<p>dedicação integral (e não apenas exclusiva) à universidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Após, em maio de 1991, fui eleito como tesoureiro para compor a Direção da Associação dos Docentes da UFC, ADUFC, na diretoria presidida pela professora Adelaide Gonçalves Pereira. E a sucedi, a partir de Junho de 1993, como presidente da diretoria da ADUFC para o biênio 1993/1995. - Durante quatro anos, de 1991 a 1994, desse período a Universidade foi dirigida por um Reitor, legalmente escolhido pelo Presidente da República, já que encabeçava a lista sêxtupla, porém que não havia sido o mais votado em uma consulta pública realizada pela comunidade universitária. - Foi um período no qual eu aprendi a exercer uma condução conciliadora, visto que apesar das reações políticas da comunidade universitária (estudantes, servidores e professores), o Reitor conseguiu, fruto de um imenso esforço pessoal, realizar um bom mandato. - Em 1995, retomei a carreira administrativa na universidade ao ser eleito vice-diretor do Centro de Ciências, mandato que exerci até junho de 1999. - Em decorrência de minha participação no Sindicato Nacional fui eleito para sua Diretoria nos biênios 1994-1996 e 1996-1998, sendo nesse último biênio na condição de vice-presidente, responsável pela Região Nordeste. - Em julho de 1999 com a nomeação do então Diretor do Centro para o cargo de Pró-Reitor de Administração, passei a exercer a direção do Centro de Ciências até outubro de 1999. Nesta data após ter sido eleito diretor do Centro para o próximo quadriênio, conduzi o mesmo na condição de eleito até junho de 2003. - Foi então que fui convidado para exercer a função de Diretor do recém-criado <i>Campus</i> da UFC em Quixadá, tendo ficado nessa função até outubro de 2011. - Convidado pelo Magnífico Reitor para dirigir a Secretaria de Desenvolvimento Institucional da UFC, e o fizemos de outubro de 2011 até junho de 2012, Quando fomos convidados pelo Reitor, para ocupar o cargo de Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, cargo no qual estamos até o momento. 		
<p>4. História Sócio-Política</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Era um outro tempo. [...]. A sensação é que tínhamos a universidade toda para nós. Contudo, estávamos ainda na época da ditadura militar e havia um permanente 	<ul style="list-style-type: none"> - Memórias da ditadura militar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Clima de tensão - Desconfiança.

	clima de tensão. As pessoas não conversavam sobre a situação política do País. Havia um clima de desconfiança mútua. Você temia que seu interlocutor pudesse ser um informante do sistema e talvez a recíproca fosse também verdadeira.		mútua.
--	---	--	--------

UNIDADE CONTEXTO

Sou membro de uma família pequena, para os padrões da época, pai, mãe e dois filhos. Eu sou o filho caçula. Meu pai foi comerciante a vida toda e minha mãe dona de casa. Éramos pobres, porém meu irmão e eu não percebíamos isso. Nossos pais foram sempre amantíssimos conosco e muito organizados financeiramente. O pouco que meu pai ganhava era integralmente trazido para casa e aí entrava minha mãe que com muito esforço e economia multiplicava esse pouco. Tudo que eu e meu irmão conseguimos, devemos aos nossos pais. O valor dos estudos, não apenas como única oportunidade de ascensão social e sim pelo seu valor intrínseco do crescimento intelectual, a ética, a retidão, a honestidade e principalmente uma visão otimista sobre o mundo e as pessoas.

A minha infância foi marcada por muitas doenças. Dos cinco aos dez anos eu tive que fazer quatro cirurgias. Fui vítima de uma tuberculose, altamente resistente, que exigiu muito do meu sistema linfático. Uma cirurgia de amígdalas, duas para retirar gânglios e uma quarta nas cordas vocais. Eu costumava dizer que minha mãe me deu a vida duas vezes. A primeira, a comum à todas as mães. A segunda, durante cinco anos me tratando, me levando a todos os médicos possíveis e aos hospitais. Como a tuberculose era altamente transmissível, a maior parte do ano, eu não conseguia ir à escola. No começo meu pai e minha mãe explicavam as lições. Depois eu já conseguia aprender sozinho. De dois em dois meses as professoras vinham aplicar provas. A maioria delas não queriam vir por medo de contraírem a doença. Lembro-me bem de uma que me “adotou”. Seu nome era Francisca, porém ela era chamada de “Fanca”. Ela ensinava no 2º ano primário, mas continuou me aplicando as provas no 3º ano e no 4º ano. Nesse ano veio a cura da doença. Tal não teria acontecido se não fosse também a competência e a persistência de um médico chamado Fernando Diógenes, a quem também sou muito grato.

Iniciei, portanto, a adolescência com saúde. Mas, o que fazer de posse dela? Eu não sabia.

A partir dos catorze anos, quando a idade permitia, passei a frequentar umas sessões do cinema de arte no Cine Diogo. As sessões começavam as vinte e uma horas, e por vezes estendiam-se além das vinte três horas. Eu então tinha que pegar o último ônibus da linha Monte Castelo. Algumas vezes eu perdi esse ônibus o que me forçava a pegar qualquer um que passasse na Avenida Bezerra de Menezes, conhecida simplesmente como “Bezerra”, à época. Nesse caso, eu andava quase um quilômetro até minha casa. E lembro que certo dia eu fazia esse percurso, quase a meia-noite, quando identifiquei uma pessoa na mesma rua vindo em minha direção. Preocupado, resolvi mudar para a outra calçada no outro lado da rua. Baixei a cabeça e resolvi atravessar a rua, só que quando estava no meio da rua, resolvi olhar de soslaio e para meu desespero a pessoa também estava mudando de calçada. Embora à época andar na rua nessa hora fosse mais ou menos seguro, eu pensei “é hoje meu Deus”. Para minha sorte quando me aproximei mais, vi que se tratava do Anastácio, um vizinho meu, que ia comprar um remédio para a irmã na única farmácia que ficava aberta no bairro. Fomos juntos e voltamos juntos.

As primeiras letras e os primeiros números, ou seja, aprender a ler, a escrever e a tabuada, foram com a professora Dona Honorina. Ela era afamada no Bairro Monte Castelo. E já no final do ano com ela iniciaram meus problemas de saúde. Como a sequência era o 1º ano primário, fui matriculado no Colégio Mater Amobilis, dirigido por freiras. Todavia apesar de eu ter boas notas, as freiras queriam me reprovar em função do grande número de faltas. Foi então feito um acordo com meus pais, eu seria aprovado, todavia teria que mudar para um outro colégio que aceitasse melhor um grande número de faltas.

Então, a partir do 2º ano, e até o 4º ano, fiquei matriculado no Educandário Aída Costa, cuja diretora compreendeu minha peculiar situação. Essa senhora chamava-se Dona Alcoque. Tal mudança foi providencial, pois cheguei a passar várias semanas seguidas sem ir a uma aula. Quando eu ia, ficava distante de meus coleguinhas. Eu era muito preocupado com isso e convencido dessa cautela, pois eu não desejava que qualquer coleguinha passasse o que eu estava passando. Nessa época havia um exame de admissão ao ginásio organizado pela Secretaria de Educação do Estado. Havia então no 5º ano primário preparatório para este exame. E já gozando de saúde, com dez anos de idade, fui matriculado no Curso Klein, dirigido por um mestre muito reconhecido à época o Professor Luciano Klein. O curso era caro e lá estudavam crianças notáveis. Meu pai conseguiu uma meia bolsa de estudos e eu teria que responder com a aprovação no exame de admissão. Ao final do ano, prestado o exame, fiquei em quinto lugar dentre todos os alunos do Estado,

sendo o mais bem colocado dos alunos do Curso Kelin. Tal fato me abriu as portas para o Colégio Sete de Setembro e outros da “Aldeota” com bolsa.

Todavia meu irmão estudava no Colégio Júlia Jorge que era muito barato, por receber subsídios do Governo Federal, e me falava muito bem do colégio. Resolvi ir para lá e foi uma decisão muito acertada. Lá tive grandes professores, fiz grandes amigos e tive na figura do seu Diretor, Professor Oscar Rodrigues, um exemplo para o restante de minha vida. Estudei no Júlia Jorge até o 1º ano do Ensino Médio e só saí porque houve grandes mudanças na orientação pedagógica do colégio. Fui então para o Colégio São João onde fiz o 2º ano do ensino Médio. No final do ano por sugestão de um Professor Capistrano de Matemática, prestei vestibular para a UFC. E para minha surpresa, e de todos, fui aprovado em 14º lugar dentre todos os concorrentes, que eram cerca de sete mil.

Ressalte-se que na época, o vestibular era um só para todos os cursos. Portanto, com esta classificação eu poderia entrar para cursos tradicionais como Medicina e Direito. Este “feito” me valeu uma bolsa integral no Curso CIPAM, um dos mais prestigiados à época, que tinha um convênio com o Colégio Santa Cecília. Então fiz o 3º ano do ensino Médio no Santa Cecília. No meio do ano eu fiz vestibular novamente como uma forma de fazer jus à bolsa que detinha. E aí tirei o 1º lugar geral. Tal como no final do 2º ano, alguns outros colégios procuraram meus pais para fornecer o Certificado de Conclusão do Ensino Médio.

Todavia meus pais e as irmãs do colégio me orientaram a concluir naturalmente o ensino médio. Ao final do ensino médio fiz o vestibular pela terceira vez, ficando em 6º lugar geral. Embora tal classificação me permitisse cursar Medicina, Direito ou Engenharia, eu resolvi cursar matemática. E até hoje não me arrependo, muito pelo contrário.

Como já foi dito, ingressei no curso de matemática em 1975. Alguns professores e praticamente toda a família e amigos estranharam muito a escolha, visto que minha classificação permitia cursar áreas consideradas mais nobres. A questão é que durante toda minha vida escolar a matéria que eu mais gostava de estudar era matemática. Já no final do 1º ano do ensino médio, eu havia estudado, e resolvido praticamente todos os exercícios de uma famosa coleção, composta de nove livros de autoria de Cid A. Guelli. Eram ao todo, alguns milhares de exercícios. E eu os resolvia nos feriados e finais de semana. Eram para mim uma diversão. Isto me permitiu dar aulas particulares de matemática à alunos que eram inclusive mais adiantados do que eu. Além de começar a ajudar no orçamento familiar, o que por si só já me deixava muito satisfeito, eu descobri que tinha facilidade de explicar coisas complicadas de matemática às pessoas.

Aí então, deu-se a minha escolha profissional, reunir o útil, explicar ou ensinar matemática ao agradável a matemática em si mesma. Paradoxalmente a grande maioria dos professores me orientavam a fazer uma das Engenharias. Portanto, a minha escolha foi solitária e individual. Todavia eu contei com o apoio integral de meus pais e meu irmão. Quando eu entrei na UFC alguns professores estranhavam a minha performance no vestibular e a escolha por ser professor de matemática. No entanto, a maioria dos professores do Departamento de Matemática me recebeu de braços abertos, me acolheram, me incentivaram, me cuidaram. Isto foi muito importante para mim, pois foi a confirmação do acerto de uma decisão muito difícil e que eu tinha tomado muito jovem, com apenas 17 anos. A convivência com professores e alunos era muito agradável.

A enorme diferença para os dias de hoje, reside nas instalações físicas e equipamentos. As salas não eram climatizadas. Não havia aparelhos de ar-condicionado e havia poucas salas com ventiladores. Não existiam ainda, os chamados computadores pessoais. A universidade possuía um “grande” computador localizado no *campus* do Benfica. Então sempre que queríamos executar algum trabalho que necessitasse de computação, tínhamos todos que nos deslocar do *Pici* até o Benfica. Alguns trabalhos demoravam dias para serem realizados. Era um outro tempo. O número de alunos era muito menor. A sensação é que tínhamos a universidade toda para nós. Contudo estávamos ainda, na época da ditadura militar e havia um permanente clima de tensão. As pessoas não conversavam sobre a situação política do País. Havia um clima de desconfiança mútua. Você temia que seu interlocutor pudesse ser um informante do sistema e talvez a recíproca fosse também verdadeira.

O primeiro cargo que ocupei foi de Chefe do Departamento de Matemática de outubro de 1998 à setembro de 1990. Foi em desafio à época, visto que o Departamento encontrava-se dividido em dois grupos: o dos mestres e o dos doutores. Eu que, era apenas, Mestre fui eleito pelos meus pares. E ao final do mandato de dois anos consegui iniciar a formação de um novo grupo, este agora integrado por mestres e doutores, que tinha como característica principal a dedicação integral (e não apenas exclusiva) à Universidade.

Após, em maio de 1991, fui eleito como tesoureiro para compor a Direção da Associação dos Docentes da

UFC, ADUFC, na Diretoria presidida pela Professora Adelaide Gonçalves Pereira. E a sucedi, a partir de Junho de 1993, como Presidente da Diretoria da ADUFC para o biênio 1993/1995.

Este momento de minha vida acadêmica talvez, tenha sido o mais relevante que eu tenha vivido, por três razões que passo a expor. A primeira é que eu tive a oportunidade de conhecer a universidade por inteiro, em toda sua amplíssima diversidade, pois nesses quatro anos tive a oportunidade de discutir Política Universitária em todos os Centros, Departamentos e em todas Faculdades e Coordenações de Cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Foi, portanto, em período de grande aprendizado. A segunda foi o fato de que a Universidade Federal do Ceará vivia em momento político particularmente muito delicado. Durante quatro anos, 1991 a 1994, desse período a Universidade foi dirigida por um Reitor, legalmente escolhido pelo Presidente da República, já que encabeçava a lista sêxtupla, porém que não havia sido o mais votado em uma consulta pública realizada pela comunidade universitária.

Foi um período no qual eu aprendi a exercer uma condução conciliadora, visto que apesar das reações políticas da comunidade universitária (estudantes, servidores e professores), o Reitor conseguiu, fruto de um imenso esforço pessoal, realizar um bom mandato. A terceira razão foi a de que nesse período eu viajei bastante e em consequência, aprendi a conhecer melhor nosso País e nosso povo.

Como membro da Diretoria da ADUFC eu tive a oportunidade de fazer doze viagens (uma média de três por cada ano) para participar de Colóquios, Congressos e Seminários realizados pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior- ANDES. Tais eventos eram sempre realizados em universidades diferentes como forma de aproximar a direção do Sindicato de sua base. Em consequência, isso me permitiu conhecer, *in loco*, a estupenda diversidade de nossa nação.

Em decorrência de minha participação no Sindicato Nacional fui eleito para essa Diretoria nos biênios 1994-1996 e 1996-1998, sendo nesse último biênio na condição de Vice-Presidente responsável pela Região Nordeste.

Todavia em 1995 retomei a carreira administrativa na universidade ao ser eleito Vice-Diretor do Centro de Ciências, mandato que exerci até junho de 1999. Em julho de 1999 com a nomeação do então Diretor do Centro para o Cargo de Pró-Reitor de Administração, passei a exercer a Direção do Centro de Ciências até outubro de 1999. Nesta data após ter sido eleito Diretor do Centro para o próximo quadriênio, conduzi o mesmo na condição de eleito até junho de 2003. Nesta data, o convite do então Reitor da Universidade foi nomeado para o cargo de Pró-Reitor de Planejamento da UFC, tendo ficado no mesmo até o fim do mandato em junho de 2007.

Foi então que fui convidado para exercer a função de Diretor do recém-criado *Campus* da UFC em Quixadá, tendo ficado nessa função até outubro de 2011, quando então realizamos eleições para a Direção daquela unidade acadêmica. Fomos então, convidado pelo Magnífico Reitor para dirigir a Secretaria de Desenvolvimento Institucional da UFC, e o fizemos de outubro de 2011 até junho de 2012, quando fomos convidados pelo Reitor para ocupar o cargo de Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, cargo no qual estamos até o momento.

**APÊNDICE B – ANÁLISE DE CONTEÚDO – JOSÉ MARIA DE SALES
ANDRADE NETO**

Memórias - José Maria de Sales Andrade Neto

TEMA-OBJETO	UNIDADE DE REGISTRO	CODIFICAÇÃO	
		CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. História Familiar	<ul style="list-style-type: none"> – Nasci em Fortaleza-Ceará, ás 15h do dia 23 de agosto de 1942, na casa de meus avós paternos. – Poucas recordações guardo do período passado em Redenção, entretanto recorde ter visto a passagem de uma aeronave Zeppelin, ser advertido com veemência por minha mãe quando encontrou-me com pequeno galho na mão brincando com uma pequena cobra venenosa e ainda a viagem que fizemos para Canindé pagando promessa por minha mãe feita por ter se recuperado de uma enfermidade considerada grave. Isso foi em 1948 quando já éramos cinco filhos, o último com menos de um ano de idade. – Contando com uma prole de dez filhos, quatro dos quais homens, cuja alfabetização de todos os filhos, sendo a dos sete primeiros até o quinto ano primário foram cursados em casa, ensinados por minha mãe, que sempre dedicou-se ao lar, em alguns períodos com o auxílio de professora particular. – Meu pai foi desde jovem apaixonado pela agropecuária. – Segundo meus pais, sempre fui uma criança "buliçosa", isto é, gostava de mexer nos objetos com curiosidade. Muito cedo "fabricava" meus brinquedos. Gostava muito de desmontar e montar brinquedos que eventualmente me chegavam às mãos. – Ensinava-nos a tratá-los com cuidado e carinho, respeitando os riscos de conviver com cada um deles. – Tive uma infância em contato com a natureza em vista dos locais onde moramos. – O Posto Agropecuário de Quixeramobim-PAP, que assim se denominava o local em que morei a maior parte de minha infância e parte da adolescência, excluído um pequeno período morando com minha família, no Distrito de Redenção no Município de Acarape, possuía uma infraestrutura que permitia ensinar os campesinos as técnicas de produção agropecuária. – Muito cedo aprendemos a andar a cavalo, acompanhando os vaqueiros nos seus trabalhos diários, sempre após as aulas que 	<ul style="list-style-type: none"> – Perfil pessoal e familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> – Nasceu em 1942 em Fortaleza-CE. – Importância e apoio familiar. – Pai. Agropecuarista. – Criança "buliçosa", curiosa. – Infância em contato com a natureza. – Ajudava os operários nos seus labores. – Família católica. – Infância e adolescência feliz no Distrito de Redenção no Município de Acarape. – Publicou livro de poesias.

	<p>eram em casa.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entendia-me muito bem com os mecânicos ajudando-os nos seus labores e aprendi muito com eles. Frequentemente chegava em casa com a roupa suja de óleo e graxa. - Felizmente minha mãe apoiava minhas preferências nada reclamando do trabalho que dava para a limpeza de minhas roupas, que, aliás, resumia-se a um calçãozinho que ela mesma fazia utilizando sua máquina Singer de pedal. Sendo quatro os filhos homens e os calções que ela mesma confeccionava, eram conjuntos com todos da mesma fazenda, ela numerava-os de 1 a 4, para que cada um aprendesse a zelar pelas suas roupas. Eu como o mais velho deles tinha o número 1. - Posso assegurar que tive uma infância muito feliz e não foi diferente a adolescência e a juventude. Quando tinha cerca de doze anos estudando em Fortaleza arranjei, como se dizia à época, a primeira namorada. Daí para frente foram várias, chegando a ter mais de uma ao mesmo tempo. - Para ajudar nas despesas, meus pais exploravam uma fazenda de gado, com uma boa vacaria, vendendo parte da produção de leite na cidade de Quixeramobim e parte minha mãe transformava em produtos derivados do leite, tais como: queijo, manteiga, tijolinhos, doces etc. - Morava eu com meus pais e irmãos na casa de numero 1365 da Rua D. Tereza Cristina na esquina com a Rua Antonio Pompeu número 1649. Diariamente fazia a pé o percurso entre minha residência e a Escola de Engenharia, situada na Av. da Universidade esquina com a Av. 13 de Maio. - Em 08 de novembro de 1970 nasceu nosso primeiro filho, GUSTAVO MAGALHÃES DE SALES ANDRADE e em 1974, no dia 15 de junho nasceu nossa filha, FABIOLA MAGALHÃES DE SALES ANDRADE. Deu-nos ela duas lindas netinhas, a primeira IARA DE SALES ANDRADE MENDES nascida no dia 07 de julho de 2006 e LUÍSA DE SALES ANDRADE MENDES que nasceu no dia 03 de setembro de 2009. - Criado no seio de uma família católica como a minha, adotei essa religião por convicção e a ainda hoje a pratico. Não tenho preconceito contra nenhuma outra religião, culto ou seita, enfim, qualquer crença que alguém adote ou pratique, desde que contribuam para o bem da humanidade. - Apaixonado que sempre fui por automobilismo, não como prática, mas como 		
--	---	--	--

	<p>forma de satisfação pessoal.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Outra diversão é o cinema. - Apesar de não ser escritor, tenho produzido minhas poesias, chegando a publicar algumas em um dos livros que a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará publicou com o título de Poemas do Intervalo. 		
<p>2. História Escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Pertencendo a uma família de educação rígida como a minha, o que era o normal naquela época, tive a oportunidade de complementar minha educação no 7 de Setembro, reconhecidamente um dos melhores estabelecimento de ensino do Estado do Ceará. - Quando ainda frequentava o curso de agronomia, explorava uma vacaria que instalou em Fortaleza, na área onde hoje é o campo do Ceará Esporte Clube, de onde tirava recursos financeiros para seus estudos e auxiliar em casa. - Aos 11 anos submeti-me ao exame de admissão ao ginásio no Liceu do Ceará obtendo aprovação. - E o professor disse de imediato: “será que essa criança, desse tamanho, vai conseguir passar no exame?”. Meu tio então disse: “e o exame é para luta livre ou para medir conhecimentos?”. O professor nada mais disse tendo eu conseguido aprovação. - Foram quatro anos de aprendizado nesse Ginásio, não só do conteúdo das disciplinas, mas também aprimorando as qualidades de civilidade e amor a Pátria, respeito ao próximo, retidão de caráter e cumpridor das obrigações que nos eram exigidas. - Pessoalmente credito o interesse por matemática, ao Professor Chaves que bem vestido e com uma postura elegante, excelente domínio do quadro negro, sobre o qual escrevia com giz por ele apontado a moda lápis, e com uma letra tão regular e bonita e, principalmente, com uma clareza de exposição que não deixava dúvidas aos alunos. - Concluído o curso ginásial em 1958, fiz nova seleção para o Liceu do Ceará, onde obtendo sucesso, cursei todo o curso científico. - Apesar disso, foi um período em que me senti muito feliz, principalmente por sentir que eu aprendia com facilidade o conteúdo das disciplinas ministradas por competentes professores, principalmente nas disciplinas de matemática, física e química, além do português. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recordações escolares: do primário ao ginásial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação rígida. - Exames de admissão de admissão ao ginásio no Liceu do Ceará. - Aprendia com facilidade. - Primeiro lugar geral entre os alunos do CPOR - Ingresso na vida universitária em fevereiro de 1963 – cursos de engenharia e bacharelado em física. - Pesquisador e monitor na área de Física.

	<ul style="list-style-type: none"> – Concluído o curso científico em 1961, no ano seguinte ingressei no Curso de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR em Fortaleza. – Conhecendo como era o nível de dificuldade e exigência no CPOR e considerando-me preparado, submeti-me ao vestibular no início de 1963 para os cursos de engenharia e de física, obtendo êxito nos dois. – Passei o ano de 1963 cursando o último ano do CPOR e os primeiros anos de engenharia e de física. Ao final fui aprovado nos três cursos e ainda consegui obter novamente o primeiro lugar geral entre os alunos do CPOR. Por esse motivo fui premiado, recebendo do Exército Brasileiro a espada de Oficial entregue pelo comandante da 10ª Região Militar e um cheque no valor de duzentos cruzeiros concedidos pela Universidade do Ceará, que me foi entregue pelo Vice-Reitor da Universidade do Ceará, no exercício da Reitoria, Professor Raimundo Renato de Almeida Braga. – Comecei minha vida universitária em fevereiro de 1963, após aprovado nos vestibulares para engenharia e para o curso de bacharelado em física. – Foi um período de transformação na minha vida. Primeiro, por ter atingido uma grande meta que tracei para mim. Segundo, por me encontrar com uma intensa disposição de aprender cada vez mais, construindo assim o meu futuro. Terceiro, por ter iniciado a satisfazer o desejo de meus pais em ver todos os seus dez filhos possuindo um título superior, o que quase conseguiram, pois, somente duas das irmãs não o fizeram. – Bolsista, um projeto de pesquisa num convênio entre a Universidade e o Governo do Ceará, orientado por um professor dos cursos de física e engenharia, para utilização da energia solar. Fui monitor de Física durante o terceiro e quarto anos e passando a auxiliar de professor no quinto e último ano, sempre apoiado pelo meu professor de Física. Nessas atividades eu era o responsável pelo Laboratório de Física II nas áreas de eletricidade e eletrotécnica. Existiam mais dois colegas que comigo ministravam as aulas práticas. 		
<p>3. História profissional/ acadêmica</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Minha experiência mais intensa no ensino, até então, foi quando, faltando um professor para a disciplina de álgebra no curso pré-universitário, o mesmo que frequentei quando me preparava para o vestibular, fui convidado por um colega que era professor desse curso. Isso ocorreu quando cursava o terceiro ano e continuei ensinando nesse curso até ao final 	<ul style="list-style-type: none"> – Experiência Docente. 	<ul style="list-style-type: none"> – Professor de um curso pré-universitário. – Diretor do curso pré-universitário.

	<p>do quinto ano. Fiquei então com três atividades: cursando engenharia pela manhã, auxiliar de ensino ministrando as aulas práticas à tarde e professor de um curso pré-universitário durante a noite.</p> <ul style="list-style-type: none"> - No último ano da faculdade absorvi, mais uma atividade, pois, além de professor, fui Diretor desse mesmo curso. - Em 16 de dezembro de 1967, data de fundação da Universidade do Ceará, coleí grau como Engenheiro Mecânico. - Em 1974 obtive o diploma de Engenheiro de Segurança do Trabalho em curso promovido pelo Ministério do Trabalho e ministrado na Universidade Federal do Ceará e por ela considerado como curso de especialização acadêmica. - A partir do ano seguinte fui professor desse curso, ministrando a disciplina de ventilação industrial. Também ministrei essa disciplina na Escola Técnica Federal e na Universidade de Fortaleza. - Sempre tive muito bom relacionamento com meus professores e quando faltavam oito meses para concluir meu curso, fui por um deles convidado para estagiar no Serviço Telefônico de Fortaleza-STF, empresa pública, pertencente à Prefeitura Municipal dessa cidade. Depois soube que a indicação havia partido do Prefeito Municipal de Fortaleza, que havia sido meu professor tanto quanto o Presidente da empresa telefônica que citei. - Essa minha atitude mostra a responsabilidade e a dedicação que os professores do curso pré-universitário tinham na missão de ensinar os futuros engenheiros. Foi mais uma oportunidade de sentir-me feliz. Fiz meu estágio sob a coordenação de um experiente profissional na área de rede de telefonia, que pertencia a uma empresa internacional, contratada há vários anos pelo STF e com quem muito aprendi. - E assim ocorreu quando fui admitido como engenheiro em 01 de janeiro de 1968, ele apresentou-se a mim no dia seguinte ficando sob minha subordinação daí em diante. Dediquei-me integralmente a essa atividade profissional, permanecendo nela por dois anos seguidos, até que fui obrigado a decidir sobre novo rumo para exercer minha profissão de engenheiro. - Durante o segundo semestre do ano de 1969, fui procurado por outro ex-professor, engenheiro mecânico dos mais conceituados, que me propôs transferência para a Rede 	<ul style="list-style-type: none"> - Experiência profissional na área de Engenharia. - Movimento estudantil década de 1960. 	<ul style="list-style-type: none"> - Docente da Escola técnica Federal e da Universidade de Fortaleza. - Carreira de Engenheiro Mecânico. - Docente da Universidade Federal do Ceará. - Carreira administrativa. - Homenagens. - Ocupação da reitoria, ameaça de depredações, intervenção do exército. - Conselho de Honra. - Renovação das lideranças, tão necessária ao exercício da democracia, principalmente as políticas. - Associações e fundações que auxiliam a UFC e suas atividades de ensino, pesquisa extensão.
--	---	---	---

	<p>Ferroviário Federal S.A., onde ele chefiava a área de engenharia mecânica na manutenção de carros, vagões, locomotivas e de produção industrial de peças e acessórios. Lá, tive a grande satisfação de exercer a engenharia mecânica como eu sempre imaginei fazer um dia. Trabalhei 25 anos na RFFSA, onde fui admitido em 01 de fevereiro de 1970 e aposentei-me em 31 de março de 1995.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Por um problema político entre o Sindicato dos Ferroviários e Administração local da Rede, fui chamado pela Diretoria Geral no Rio de Janeiro para assumir a gerência do plano de saúde dos ferroviários cearenses que iria ser implantado naquela ocasião. Nessa atividade de Gerente, fui escolhido Coordenador da Comissão de Negociação com os hospitais, representando a Associação dos Planos de Saúde das empresas públicas no Ceará. Essas foram duas outras grandes satisfações em minha vida. - Fui admitido como professor na Universidade do Ceará em 04 de junho de 1970. Passei a integrar o Departamento de Termodinâmica e Eletrotécnica, do qual sugeriram os cursos de Engenharia Mecânica e o de Engenharia Elétrica. Também abrigou o Curso de Engenharia Química que foi criado no Instituto de Química e nele funcionava. Durante minha vida de professor na Engenharia ministrei aulas nas disciplinas de termodinâmica, transmissão de calor, máquinas e motores térmicos e física industrial. Essa última para o Curso de Farmácia e as demais para os Cursos de Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil e Engenharia Elétrica. - Entrei na primeira classe da carreira do magistério superior como professor auxiliar de ensino nível I e galguei todas as classes e níveis dessa carreira até aposentar-me em 04 de fevereiro de 2004, como professor adjunto IV após trinta e quatro anos de atividades. A minha vida com professor totalizou trinta e oito anos de serviço, pois incorporei um ano na Faculdade de Ciências e Letras e três anos no Curso Pré-Universitário Walter Bezerra de Sá. - Fui eleito algumas vezes Subchefe do Departamento. - Aposentando-me na RFFSA em março de 1995, fui admitido como funcionário na função de Gerente do Serviço Social das Estradas de Ferro-SESEF onde permaneci até o dia 31 de agosto desse mesmo ano. - Na UFC exerci as seguintes atividades, além da chefia dos dois Departamentos, de 	<ul style="list-style-type: none"> - Reforma universitária no início dos anos 1970. - Associações e Fundações de Apoio à UFC. 	
--	---	---	--

	<p>Coordenador de Curso e do atual cargo de Chefe de Gabinete: Conselheiro do Conselho de Centro do Centro de Tecnologia; Conselheiro Representante do Ministro da Educação no Conselho de Curadores sendo eleito e reeleito seu Presidente; Presidente da Comissão nomeada pelo Reitor para apurar em profundidade as condições de segurança na UFC e em especial o assassinato de um aluno do Curso de pós-graduação no CAEN; representante da UFC no Conselho Diretor do Núcleo de Tecnologia no Estado do Ceará órgão do Governo Estadual. Participei de muitas comissões com diversos objetivos acadêmicos ou não.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Tive a honra de ser homenageado por meus alunos escolheu para patrono, paraninfo ou incluído entre os professores e funcionários homenageados ao final de seus cursos. – Recebi vários certificados de serviços relevantes prestados à Nação, pelo cumprimento das atividades de conselheiro regional e federal no Sistema CONFEA/CREAs. Também recebi o certificado de serviços relevante prestados à RFFSA. Fiquei mais uma vez muito feliz ao saber de minha indicação promovida pelo Clube de Engenharia de Ceará, do qual sou sócio há muitos anos, e pelo CREA/CE, para disputar e ser galardoado pelo CONFEA, com a Medalha do Mérito da Engenharia em 2012. – Em 1962 a União Nacional dos Estudantes-UNE, aproveitando o período de cento e oitenta dias concedidos pela nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, concedidos nessa lei para que as universidades reformulassem seus estatutos, desencadeou em todas as Universidades Federais, um movimento para conseguir que em todos os órgãos de deliberação coletiva, fosse assegurada a participação de um terço dos membros para os estudantes. Iniciou-se primeiramente no Ceará, com a chegada da UNE-Volante, que incitou todosos estudantes a aderirem ao movimento. – No dia 22 de maio começou a primeira greve geral de estudantes universitários no Ceará que logo se alastrou por todo o País. Todas as dependências UFC tiveram as portas lacradas, e logo a Reitoria foi ocupada impedindo o funcionamento normal. Quando o movimento foi radicalizado, com quebra-quebra da Imprensa Universitária e ameaça de outras depredações, a pedido do Reitor, o Exército ocupou todas as dependências na noite do dia 27 de julho. – Foi criado o Conselho de Honra, aprovado em 		
--	--	--	--

	<p>assembleia geral de todos os alunos da Escola realizada nessa data. Era composto por um representante de cada uma das turmas existentes na EEUC, eleitos por seus colegas de turma para mandato de um ano.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Código de Honra vigorou de 1956 até 28 de setembro de 1971. Os termos do Código de Honra são os seguintes: “Assumo, perante mim mesmo, meus mestres e companheiros de estudo o compromisso de proceder com lisura e honestidade na realização de minhas provas e trabalhos escolares, de modo que eles representem sempre e unicamente o meu conhecimento, não me servindo de meios incompatíveis com a dignidade da pessoa humana. Comprometo-me a zelar o patrimônio moral e material da Escola, defendendo sempre o seu nome e as suas tradições, colaborando dentro de minhas possibilidades para o soerguimento da minha pátria.” - Foi entre os anos de 1972 e 1973 que realizou-se uma reforma geral nas universidades federais, depois estendido às congêneres dos Estados. Mudaram completamente as estruturas dos cursos e seus currículos restaram modificados. Centros foram criados, embora na UFC algumas faculdades permaneceram, como são os casos da Faculdade de Direito, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e a Faculdade de Ciências Econômicas. - Sendo polêmica o entendimento sobre a reforma universitária de 1972, expressei aqui a minha visão sobre este assunto que tenho certeza é o pensamento da grande maioria dos que tiveram a oportunidade de vivenciá-lo. - Sei que pode ser interpretado como saudosismo, mas uma coisa é certa, a renovação das lideranças, tão necessária ao exercício da democracia, principalmente as políticas, tem ocorrido num ritmo incompatível com o nosso país, onde vemos se perpetuarem por longos anos os líderes políticos. - Foi fundada uma associação, cujos sócios eram os professores e os ex-alunos do curso de engenharia da Universidade Federal do Ceará. A idéia da criação dessa associação foi do Diretor da Escola de Engenharia em 1973. - A criação efetivou-se no dia 07 de agosto de 1973 e o registro em cartório, em outubro do mesmo ano. Essa entidade que no corrente ano de 2013 completará 40 anos destinava-se, ao ser fundada, a permitir que os conhecimentos disponíveis na Escola de Engenharia através de seus professores, 		
--	--	--	--

	<p>pudessem ser disponibilizados para auxiliar os profissionais e empresas cearenses na aplicação de novas tecnologias e métodos mais modernos, permitindo assim o desenvolvimento tecnológico do nosso Estado, de vez que foi, exatamente para isso que os cursos de engenharia foram criados. Fui durante muitos anos representante dos ex-alunos no Conselho Diretor da ASTEF.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Em 1994 foi promulgada a Lei 8958 criando a figura das fundações de apoio às universidades públicas, concedendo 180 dias para sua regulamentação. Somente dez anos depois, em setembro de 2004, essa lei foi regulamentada criando uma dificuldade para a ASTEF continuar as atividades que executava até então, de vez por essa lei e o decreto que a regulamentou, somente fundações poderiam dar apoio às universidades públicas. Para que novos projetos pudessem continuar a ser administrados, a ASTEF instituiu a Fundação de Apoio a Serviços Tecnológicos, Ensino e Fomento a Pesquisa-FUNDAÇÃO ASTEF. – Quando passei a dedicar-me inteiramente ao ensino universitário em 1995, assumi a Diretoria da ASTEF por convite de seu Presidente. Permaneci nessa função até o dia de minha aposentadoria em 2004, assumindo a Gerência Executiva dessa entidade de apoio à UFC, que exerci até o dia 09 de outubro de 2011, e no dia seguinte iniciei minhas atividades à frente da Chefia do Gabinete do Reitor, ainda em exercício. – Existem hoje três associações e quatro fundações que auxiliam a UFC em suas atividades de ensino, pesquisa, extensão. São fundações: Fundação de Apoio a Serviços Tecnológicos e Fomento a Pesquisas-FUNDAÇÃO ASTEF, Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura-FCPC, Fundação Paulo Bonavides e a SAMEAC. São as Associações: Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico Regional-CETREDE, ACEP, ACEG. – É o CETREDE a mais antiga dessas entidades. Foi criado em 1962 em reunião do Conselho Interamericano Econômico e Social. – CIES, órgão da Organização dos Estados Americanos – OEA. Era inicialmente um projeto de desenvolvimento criado para ser realizado entre 1964 e 1970. A sede seria na Universidade do Ceará tendo essa Universidade e o Banco do Nordeste como Instituições-Sede. 		
<p>4. História Sócio-Política</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Aqui refiro-me a política profissional, de vez que nunca participei de atividades político- 	<ul style="list-style-type: none"> – Participação em entidades 	<ul style="list-style-type: none"> – Atividade política

	<p>partidárias e nunca fui filiado a partido político. Comecei minhas atividades nessa área, também em 1970, quando, atendendo a convite do Presidente do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Ceará, um colega que como eu, trabalhava na RFFSA, aceitei ser representante desse Sindicato no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CREA/CE. Durante o ano de 1974 fui também Presidente desse Sindicato de Engenheiros.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Foi interessante o resultado de uma disputa para presidente CREA/CE, no dia em que assumi como Conselheiro para um mandato de três anos. Estava havendo uma forte polarização entre engenheiros e engenheiros agrônomos para presidência dessa entidade de fiscalização profissional. - Também tive a honra e imensa satisfação de ser um dos sócios fundadores da Mútua de Assistência aos profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia, quando eu era Presidente do CREA/CE. Foi no ano de 1977 em 07 de dezembro quando foi promulgada a Lei 6194 que criou essa entidade de assistência aos profissionais registrados no Sistema CONFEA/CREAs. Com ela foi instituído primeiro seguro- desemprego no Brasil. - Sou sócio fundador da Associação dos Engenheiros Industriais do Ceará. Fui sócio fundador e Presidente da segunda diretoria do Lions Clube Fortaleza Abolição. - Sou associado à Associação dos Professores do Ensino Superior no Ceará-APESC. A Associação dos Professores da Universidade Federal do Ceará-ADUFC foi fundada em 1980. Com a criação da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior-ANDES, passou a ser uma Seção Sindical dessa entidade. Associei-me à ADUFC em 1994, vinte quatro anos após ingressar na UFC, portanto não tinha participado de qualquer atividade da ADUFC até então. - Nessa mesma eleição fui eleito para membro do Conselho de Representantes, representando os professores do Centro de Tecnologia. Na eleição seguinte, tive a honra de ser eleito Presidente da ADUFC durante o biênio 2001/2002. Nesse período enfrentamos uma das mais e acirradas greves das Universidades Federais. - Após conseguirmos vencer a eleição em 1999, nosso grupo continua até hoje na liderança dos rumos da ADUFC. Encerrado o mandato da Diretoria que presidi, continuei participando por diversas vezes do Conselho 	de classe e sindicato.	profissional.
--	--	------------------------	---------------

	<p>de Representantes e das reuniões de Diretorias subsequentes, como convidado, formando o que se denominava de Diretoria Ampliada.</p> <p>– Continuando no movimento sindical universitário, participei da Fundação do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior – PROIFES Sindicato sendo eleito Diretor Financeiro de sua primeira Diretoria, e da transformação do PROIFES Fórum em Federação ocorrida e dezembro de 2011, com início de atividades a partir de 1º de janeiro do ano seguinte. Compus com outros companheiros de luta a primeira Diretoria desse novel Sindicado, eleito que fui para Diretor Financeiro, exercendo simultaneamente as duas Diretorias Financeiras, do PROIFES Fórum e do PROIFES Sindicato. Do primeiro por dois mandatos consecutivos.</p>		
--	---	--	--

UNIDADE CONTEXTO

Nasci em Fortaleza-Ceará, às 15h do dia 23 de agosto de 1942, na casa de meus avós paternos, José Maria de Sales Andrade e Elizabeth Lourinho de Sales Andrade, na casa de nº 286 da Rua Jaime Benévolo. Terceiro filho de José Maria de Sales Andrade Filho e de Maria José Monteiro de Sales Andrade. Interessante notar que o nome do meu avô paterno é José Maria, o do meu pai José Maria, o meu José Maria e o de meu padrinho de batismo também José Maria e o da minha mãe é Maria José, tenho uma irmã Maria José e a minha madrinha é Maria de Lurdes. Meu padrinho, cujo nome completo é José Maria Monteiro de Andrade era médico e foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Logo após concluir o curso de Agronomia em 1937, pela Escola de Agronomia do Ceará, que era um órgão do Ministério da Agricultura, no ano seguinte, no dia 03 de outubro, casou-se com minha mãe e logo mudaram-se para a cidade de Iguatú-CE, no Centro Sul do Estado, para exercer sua profissão, pela qual era amante. Desse ano em diante moraram até 1961 no Interior do Ceará, passando ainda pelo Distrito de Redenção no Município de Acarape, de 1946 à 1949 e por Quixeramobim, de 1949 até 1961 e daí em diante moraram em Fortaleza.

Poucas recordações guardo do período passado em Redenção, entretanto recordo ter visto a passagem de uma aeronave Zeppelin, ser advertido com veemência por minha mãe quando encontrou-me com pequeno galho na mão brincando com uma pequena cobra venenosa e ainda a viagem que fizemos para Canindé pagando promessa por minha mãe feita por ter se recuperado de uma enfermidade considerada grave. Isso foi em 1948 quando já éramos cinco filhos, o último com menos de um ano de idade.

Meus pais a pé e nós em caçoás, que são uma espécie de cesto pendurados na cangalha, um em cada lado do animal que os conduz, seja cavalo, burro ou jumento. Em nossa viagem eram burros, por serem mais adequados para subidas e descidas de serras, como era o caso. Cruzamos a Serra de Baturité, passando por Guarimiranga e Pacoti, num final de inverno, quando a temperatura era mais baixa. Cada criança dentro de um caçoá sendo que, no caçoá ao lado do que ia o menor dos filhos, foram colocados mantimentos para equilibrar a “carga”.

Um auxiliar que não lembro quem era, ajudou muito, cuidava dos outros animais de carga e de uma vaca e seu bezerro que foi levada para garantir o leite para as crianças. Meu pai faleceu em Fortaleza em 20 de julho de 1963, cinco dias após completar oitenta anos. Minha mãe, nascida em Fortaleza, no dia 03 de outubro de 1914, faleceu com 92 anos em 06 de julho. Quase todos os filhos nasceram em Fortaleza para onde minha mãe se deslocava a fim de ter melhor assistência em seus partos. Somente uma filha nasceu em Quixeramobim na casa onde morávamos, pois, estando meus pais nos preparativos para a viagem à Fortaleza marcada para o dia seguinte, minha irmã resolveu nascer. Contando com uma prole de dez filhos, quatro dos quais homens, cuja alfabetização de todos os filhos, sendo a dos sete primeiros até o quinto ano primário foram cursados em casa, ensinados por minha mãe, que sempre dedicou-se ao lar, em alguns períodos com o auxílio de professora particular.

Eu ainda estudei seis meses num grupo escolar na cidade logo que lá chegamos, tempo suficiente para a construção de uma casa fora da cidade para onde nos mudamos. Não existindo colégio em Quixeramobim, para prosseguir os estudos dos filhos, à medida que concluíam o quinto ano primário, eram matriculados em

colégios fora de Quixeramobim. Assim é que em 1961, já com os dez filhos, duas filhas eram internas em colégio em Fortaleza, dois moravam com um tio também nessa Capital, quinto interno em Aracati/CE e outro interno em Baturité,CE. As quatro filhas mais novas estudaram em colégios, em Quixeramobim, recém instalado. Com essa situação e por insistência de minha mãe, a transferência para Fortaleza foi aceita por meu pai.

A vontade de meu pai era permanecer em Quixeramobim, sua terra natal e também de seu pai, cuja mãe de nome Idalina Sales foi a primeira professora dessa cidade e que lá chegou por volta do ano 1896. Viúva e com uma filha de nome Eugênia, casou-se com Plácido Francisco de Assis Andrade, filho de portugueses que por lá chegou. Meu pai foi desde jovem apaixonado pela agropecuária.

Segundo meus pais, sempre fui uma criança “buliçosa”, isto é, gostava de mexer nos objetos com curiosidade. Muito cedo “fabricava” meus brinquedos. Gostava muito de desmontar e montar brinquedos que eventualmente me chegavam às mãos. Também gostava de animais. Criei cachorros, passarinhos e pombos. Meu pai gostava criar animais, inclusive alguns selvagens apreendidos para que os filhos e todos que com ele trabalhavam aprendessem a lidar com eles tratando-os bem. Assim é que existiam: uma grande cobra jibóia também denominada cobra de veado, uma onça vermelha, um veado, jaboti, tatus, cágados, tejos, preás, pebas, araras, papagaios, periquitos, além de cachorros, carneiros, cabras, suínos, galinhas, capotes, gansos, patos, pombos, vacas, cavalos, jumentos e burros.

Tínhamos um verdadeiro mini zoológico. Interessante é notar que todos esses animais foram provenientes da região onde morávamos. Ensinava-nos a tratá-los com cuidado e carinho, respeitando os riscos de conviver com cada um deles. Chegamos a ter uma cobra preta, não venenosa, que se alimentava de ratos e de outras cobras venenosas, morando no telhado de nossa casa e podíamos vê-la com muita frequência passeando por entre as telhas e não raro ouvíamos os gemidos de um rato ao ser por ela capturado.

Dentro dessa perspectiva de ensinar a conviver com os animais, um caso especial era o dos sapos. Apareciam muitos sapos durante os períodos de chuvas pelo fato de ser abundante a quantidade de besouros que se faziam presentes nessas épocas. Aprendemos a pegar os sapos sem risco de sermos molhados por sua urina, que eles expeliam em jato e que, atingindo os olhos, provocava dor e os inflamava muito. Como era grande a quantidade desses répteis, à noite fazíamos uma brincadeira, disputando quem pegava a maior quantidade colocando-os numa lata. No dia seguinte bem cedo, um operário leva-os para o leito do rio que ficava a pouco mais de um quilômetro de nossa casa. Era nesse mesmo rio onde tínhamos momentos de muita alegria quando éramos levados a tomar banho nele nas épocas invernosas.

Tive uma infância em contato com a natureza em vista dos locais onde moramos. Em Quixeramobim o local era um posto de extensão rural, distante cinco quilômetros da sede do Município, pertencente ao Ministério da Agricultura do qual meu pai foi funcionário durante trinta e cinco anos, quando se aposentou. Após isso continuou explorando duas propriedades rurais, a primeira em Quixeramobim, denominada Fazenda Boa Vista, e adquiriu paulatinamente outras contíguas, que ao final mediam mais de um mil hectares. Outra, em Canindé, denominada “Fazenda Pedras”, herdada de meus avós maternos, Álvaro Alves Monteiro e Almerinda Monteiro de Andrade. Era uma das três fazendas que possuíam meus avós. Era uma fazenda com cerca de três mil e duzentos hectares.

O Posto Agropecuário de Quixeramobim-PAP, que assim se denominava o local em que morei a maior parte de minha infância e parte da adolescência, excluído um pequeno período morando com minha família, no Distrito de Redenção no Município de Acarape, possuía uma infra-estrutura que permitia ensinar os camponeses, as técnicas de produção agropecuária. Isso era o serviço pelo qual meu pai era responsável. Existiam outros postos idênticos em vários municípios do Estado do Ceará.

Tudo em amplas instalações. Existia também um pequeno açude e extenso pomar. Dispunha de um campo de pouso para pequenas aeronaves conhecidas como teco-teco. Era dotado de hangar para uma aeronave, onde meu pai sempre mantinha reserva de gasolina de aviação para eventuais necessidades, as vezes hospedando gratuitamente pilotos e passageiros das aeronaves, muitos destes últimos, políticos em campanha nos períodos eleitorais. Dispunha de um grupo gerador de energia que funcionava todas as noites até as vinte e uma horas, iluminando todas as casas e áreas externas em rede de elétrica suportada por postes de madeira. Todo esse complexo foi construído sob a administração de meu pai, que chegou à Quixeramobim, sua terra natal como já afirmei, em dezembro de 1949 e de lá só saiu em 1961. Tudo foi iniciado com o desmatamento das áreas necessárias à construção da infraestrutura e pela construção da cerca de contorno do terreno destinado ao PAP Quixeramobim, isto é, toda a área era de mata.

Muito cedo aprendemos a andar a cavalo, acompanhando os vaqueiros nos seus trabalhos diários, sempre após as aulas que eram em casa. Apesar de gostar muito desse passatempo, sempre preferia ficar ajudando nos afazeres das oficinas especialmente da oficina mecânica, principalmente na manutenção dos veículos, tratores e

dos implementos agrícolas. Muito cedo meu pai ensinou-me a dirigir uma camionete tipo pick-up, autorizando-me a conduzir os operários aos seus locais de trabalho. Tinha eu nessa ocasião onze anos.

Também cedo aprendi a dirigir trator. Entendia-me muito bem com os mecânicos ajudando-os nos seus labores e aprendi muito com eles. Frequentemente chegava em casa com a roupa suja de óleo e graxa. Felizmente minha mãe apoiava minhas preferências nada reclamando do trabalho que dava para a limpeza de minhas roupas, que aliás, resumia-se a um calçãozinho que ela mesma fazia utilizando sua máquina Singer de pedal. Sendo quatro os filhos homens e os calções que ela mesma confeccionava, eram conjuntos com todos da mesma fazenda, ela numerava-os de 1 a 4, para que cada um aprendesse a zelar pelas suas roupas. Eu como o mais velho deles tinha o número 1.

Interessante registrar que meus pais preocupavam-se com que altura eu ficaria quando adulto, embora, com um pai com estatura de 1m82 e minha mãe medindo 1m50, seria normal nascer filhos que tivessem baixa estatura. Havia um método sempre usado pelas famílias para prever com que altura uma criança deveria ficar quando adulta. Era assim: a altura que a criança atingia aos dois anos de idade era multiplicada por dois e o resultado seria a altura quando adulta. Em minha casa, essa medida era sempre parte da comemoração do aniversário de dois anos de cada um. No meu caso deu certo, segundo meus pais. Eles queriam que eu ficasse mais alto, por isso até orientação médica procuraram. Acho que o resultado foi pífio. Fiquei só com 1m60 e sempre franzino. Uma coisa é certa, nunca me preocupei com isso.

Posso assegurar que tive uma infância muito feliz e não foi diferente a adolescência e a juventude. Quando tinha cerca de doze anos estudando em Fortaleza arranjei, como se dizia à época, a primeira namorada. Daí para frente foram várias, chegando a ter mais de uma ao mesmo tempo. Refiro-me a todo o período de solteiro. Era muito vaidoso. Só vestia boas roupas, com camisas sempre bem passadas, usando um bom perfume importado e uma cheirosa brilhantina no cabelo, costume da época.

Nunca, até hoje faço isso, eu vestia uma camisa usada no dia anterior. Gostava das camisas de linho branco, costume que me obriguei a abandonar para satisfazer o desejo de minha mulher. Isso era possível pelo zelo que sempre tive de meus pais e de meus tios que me proporcionaram condições para tanto. Com meus tios, morei sete felizes anos.

Para ajudar nas despesas, meus pais exploravam uma fazenda de gado, com uma boa vacaria, vendendo parte da produção de leite na cidade de Quixeramobim e parte minha mãe transformava em produtos derivados do leite, tais como: queijo, manteiga, tijolinhos, doces etc.

Esses produtos também eram vendidos na cidade e parte enviavam semanalmente para mim em Fortaleza. Atendidas as necessidades da casa de meus tios o que sobrava eu vendia a fregueses que conquistamos. Por serem de excelente qualidade, eram de fácil colocação e não poucas vezes deixavam alguma insatisfação entre eles por não haver como atender a todos o que me obrigava a contornar o problema, fazendo isso com habilidade, na grande maioria das vezes conseguia. Esses produtos vinham de trem e eu sempre ia à estação central, Estação Engenheiro João Felipe, da Rêde de Viação Cearense-RVC, depois Rede Ferroviária Federal S.A.-RFFSA, empresa em que, no futuro, já como engenheiro, trabalhei por vinte e cinco anos.

O CASAMENTO, ESPOSA, FILHOS E NETAS

Morava eu com meus pais e irmãos na casa de número 1365 da Rua D. Tereza Cristina na esquina com a Rua Antonio Pompeu número 1649. Diariamente fazia a pé o percurso entre minha residência e a Escola de Engenharia, situada na Av. da Universidade esquina com a Av. 13 de Maio. Normalmente ia acompanhado de um colega de turma que morava um pouco além de minha casa, de tal sorte que eu em geral o aguardava e seguíamos juntos. Na casa de número 1649 na mesma rua que eu morava, morava uma família que não era minha conhecida nem de meus pais e irmãos. Quase diariamente via um cidadão de baixa estatura preparando-se em tomar seu carro e junto, um jovem fardado do Colégio Militar e saírem no veículo. Vezes havia em que eu via também uma jovem loura, muito bonita próxima ao senhor e ao jovem.

Todas as vezes que isso acontecia, eu olhava de soslaio para ela sem que obtivesse correspondência com seu olhar. Num certo dia, ela olhou para mim e achei que havia correspondido meu olhar mais demorado naquele dia. Nada aconteceu, nem um sorriso, manear de cabeça, nada. Entretanto o meu colega, observador que era, disse “ela está te dando bola”, uma expressão da época.

No dia seguinte, lá estava ela junto ao portão e senti que observava minha passagem. Daí para as primeiras palavras foi rápido. Passei a cumprimentá-la com um bom dia bem pronunciado e também ao seu pai e irmão quando presentes. Logo indaguei seu nome, pedi o número de seu telefone e em pouco tempo já conversávamos um pouco quando eu passava à tarde ou por telefone e começamos a namorar. Achei Neysse um lindo nome, que é o seu, que isso naturalmente serviu para um elogio. O nome completo dessa jovem, hoje

minha mulher, era NEYSSE BARBOSA MAGALHÃES.

A mãe dela não era muito simpática comigo, diferente de seu pai que me cumprimentava cordialmente. Soube depois que a mãe achava que eu era filho de um professor que morou na nossa casa comprada por meu pai e que passamos a ocupar, tendo esse professor comportamento que ela reprovava. Esclarecido de quem eu era, a futura sogra “amansou” e passou a dispensar a mim atenção cordial, porém mantendo a distância para não ser por mim considerada “alcoviteira”. Esses fatos ocorreram durante o ano de 1966 e já em 23 de dezembro de 1968 casamos numa bonita cerimônia na Igreja de Nossa Senhora do Líbano em Fortaleza, com recepção no salão da mesma igreja. Na noite do casamento fomos comemorar nossa lua-de-mel, no sítio de seus pais na Maraponga onde passamos a residir desse dia em diante, durante quarenta e dois anos. Era uma chácara muito espaçosa, com muitas árvores frutíferas muito agradável, com uma pequena casa que, após reformas, conseguimos ampliar bastante. Após casarmos, minha mulher adotou o nome de NEYSSE MAGALHÃES DE SALES ANDRADE.

Em 08 de novembro de 1970 nasceu nosso primeiro filho, GUSTAVO MAGALHÃES DE SALES ANDRADE e em 1974, no dia 15 de junho nasceu nossa filha, FABIÓLA MAGALHÃES DE SALES ANDRADE. Deu-nos ela duas lindas netinhas, a primeira IARA DE SALES ANDRADE MENDES nascida no dia 07 de julho de 2006 e LUÍSA DE SALES ANDRADE MENDES que nasceu no dia 03 de setembro de 2009. Em 2011 eu e Neysse passamos a morar no bairro do Cocó num apartamento defronte ao parque de mesmo nome. Gustavo graduou-se em Engenharia Mecânica e trabalha na área metro ferroviária e a Fabíola graduou-se em Engenharia Civil e hoje trabalha na área de construção civil.

A DIVERSÃO E RELIGIOSIDADE

Criado no seio de uma família católica como a minha, adotei essa religião por convicção e a ainda hoje a pratico. Não tenho preconceito contra nenhuma outra religião, culto ou seita, enfim, qualquer crença que alguém adote ou pratique, desde que contribuam para o bem da humanidade. Não discuto esse assunto com quem quer que seja, exceto no seio de minha família.

Como diversão que confundo com passatempo, gosto e pratico a leitura e sempre foi assim, pois ensinado e habituado a ler bons livros como aconteceu comigo durante o curso ginasial no Ginásio 7 de Setembro, permaneço com esse lazer. Mas gosto muito de ouvir música e dançar.

Apaixonado que sempre fui por automobilismo, não como prática, mas como forma de satisfação pessoal, sempre me vi ligado a esse tema. Sou fã das corridas de Fórmula 1, assistindo todas as corridas a cada ano, mesmo aquelas que são transmitidas pela madrugada. Tenho muito prazer em dirigir veículos, mesmo nas cidades, embora mais prazer sinto em viagens por rodovias. Desenvolvi a capacidade de não reagir a imprudências, faltas de educação e desrespeito no trânsito, adotando o lema: “sinta o prazer de fazer uma gentileza no trânsito”. Concedo ultrapassagens, páro para dar oportunidade de outros veículos ingressarem no fluxo do tráfego da via gem que me encontro, quer estejam saindo de garagens, de estacionamento ou de ruas laterais. Vez ou outra escuto forte buzina do veículo que me segue, mas considero não ser comigo e vou em frente.

Tenho desde muito cedo afinidade com mecânica automotiva. Daí um de meus passatempos, por muito tempo, foi proceder eu mesmo a manutenção de meus veículos, desde quando adquiri o primeiro, nos idos do ano de 1965, ainda estudante de engenharia mecânica, um jipe Candango da Vemag usado. Consegui permanecer sempre ministrando disciplinas ligadas aos motores de combustão interna, como são as disciplinas de termodinâmica, transmissão de calor, máquinas e motores térmicos e física. Foi mais um motivo que completava as razões de tanta felicidade que sentia durante meu curso universitário.

Outra diversão é o cinema. Sempre que posso vou ver um filme nas salas de cinema, pois não sou afeito a assisti-los no televisor.

Apesar de não ser escritor, tenho produzido minhas poesias, chegando a publicar algumas em um dos livros que a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará publicou com o título de Poemas do Intervalo, induzindo a interpretação de que foram os poemas escritos nos intervalos das aulas, o que era uma realidade.

Quando ainda frequentando o curso de agronomia, explorava uma vacaria que instalou em Fortaleza, na área onde hoje é o campo do Ceará Esporte Clube, de onde tirava recursos financeiros para seus estudos e auxiliar em casa, de vez que meu avô, como topógrafo do Estado do Ceará, não ganhava o suficiente para assegurar o aluguel da casa onde moravam e as despesas domésticas do casal e três filhos. Um quarto, de nome Edson faleceu ainda criança. Minha mãe tinha como pais, Álvaro Alves Monteiro natural de Itatira, Distrito de Canindé, e Almerinda Monteiro de Andrade, de pais alagoanos e ela também, sendo um de seus tios e Dr. Cesário de Andrade, professor da Faculdade de Direito do Ceará que ocupava o cargo de Presidente do

Conselho Nacional de Educação quando a Universidade do Ceará foi instalada em 1955. Álvaro e Almerinda tiveram oito filhos.

Aos 11 anos submeti-me ao exame de admissão ao ginásio no Liceu do Ceará obtendo aprovação. Com isso tive que morar na residência do irmão do meu pai, meu tio Hugo Lourinho de Andrade, que morava no bairro de Jacarecanga.

Um fato relativo ao meu físico ocorreu quando fui prestar esse exame de admissão. Sem conhecer a cidade, embora freqüentemente meus pais nos trouxessem à Fortaleza para visitar parentes, mas nos limitávamos aos ambientes familiares dos parentes.

O fato é que meu tio Hugo acompanhou-me ao Liceu. Lá chegando encontrou um amigo que era professor desse colégio. Ele disse o motivo por que lá estávamos e o professor disse de imediato: “será que essa criança, desse tamanho, vai conseguir passar no exame?”. Meu tio então disse: “e o exame é para luta livre ou para medir conhecimentos?”. O professor nada mais disse tendo eu conseguido aprovação.

Fui aprovado em todas as disciplinas do primeiro ano ginásial do Liceu com boas notas exceto em francês, como ocorreu com a maioria dos alunos da minha turma. Nosso professor, muito alto, era muito grosseiro e não conseguia motivar os alunos para o aprendizado da língua francesa. Normalmente os alunos se desinteressavam da disciplina e tentavam conseguir aprovação através da prova de recuperação, que era no início do ano seguinte, dispondo de todo o período de férias para estudar. Não obtive sucesso. Fui então transferido para o Ginásio 7 de Setembro (hoje Colégio 7 de Setembro) onde fiz todo o curso ginásial sempre obtendo boas notas e freqüentemente obtinha o primeiro lugar nas avaliações mensais da minha turma.

Quando isso ocorria, minha foto era publicada no jornal O POVO, uma vez que o 7 de Setembro mantinha nesse jornal uma coluna assinada por um de seus professores, que publicava as fotos de todos os primeiros colocados em todas as turmas do ginásial. Era sempre motivo de alegria para meus pais, quando viam minha foto no jornal que chegava à suas mãos com dois ou três dias após a data da publicação, tendo em vista a demora no transporte dos jornais até Quixeramobim.

Foram quatro anos de aprendizado nesse Ginásio, não só do conteúdo das disciplinas, mas também aprimorando as qualidades de civilidade e amor a Pátria, respeito ao próximo, retidão de caráter e cumpridor das obrigações que nos eram exigidas. Pertencendo a uma família de educação rígida como a minha, o que era o normal naquela época, tive a oportunidade de complementar minha educação no 7 de Setembro, reconhecidamente um dos melhores estabelecimento de ensino do Estado do Ceará. Seu diretor, Professor Edilson Brasil Soárez, ao lado de sua esposa Professora Nila Gomes Soárez e a maioria dos professores, conduziam os alunos ao interesse pelos estudos. Os métodos podiam até ser muito rígidos, mas o que seus ex-alunos atestam até hoje, é que o ensino foi excelente e que o sucesso da grande maioria deles se deveu ao que foi aprendido no 7 de Setembro. Os alunos do curso primário eram submetidos “à prisão”, que significava permanecerem todos aqueles que tivessem algum comportamento desrespeitoso às normas do Ginásio ou tirassem notas baixas. Durante uma hora após o término das aulas, ficavam numa sala de aula, na presença de um bedeu, calados e executando alguma tarefa escolar.

Pessoalmente credito o interesse por matemática, ao Professor Chaves que bem vestido e com uma postura elegante, excelente domínio do quadro negro, sobre o qual escrevia com giz por ele apontado a moda lápis, e com uma letra tão regular e bonita e, principalmente, com uma clareza de exposição que não deixava dúvidas aos alunos. Boa parte dos ex-alunos do 7 de Setembro ainda hoje mantêm a tradição de comemorar anualmente o Dia do Ex-Aluno, sempre próximo ao dia da Independência do Brasil, com de um jantar de confraternização, ao qual raramente falta.

O Ginásio 7 de Setembro fundado por Edilson Brasil Soárez no ano de 1935, mantinha uma solenidade sempre realizada no Teatro José de Alencar em comemoração a que, além dos alunos, compareciam os ex-alunos e a sociedade em geral. Também sempre seus alunos desfilavam por ocasião da parada que comemora a Independência do Brasil, juntamente com muitos colégios da Capital. Ainda hoje seus ex-alunos desfilam nessa solenidade.

Durante minha permanência em casa de meus tios Hugo Andrade e Mocinha, cujo nome era Maria de Lurdes Farias de Sales Andrade, foi para mim motivo de muita felicidade. Não havia diferença de tratamento entre os filhos, que eram quatro, e os sobrinhos, que chegaram a ser três morando com eles. Fiquei com eles do início do ano de 1954 até agosto de 1961, portanto, praticamente durante toda a minha juventude. Meu pai e meu tio com quem morei, eram radioamadores, o primeiro com o Prefixo PY 7 YY e meu tio PY 7 VCY. Depois de obterem suas licenças de radioamadores, comunicavam-se diariamente entre si, o que de certa forma reduzia um pouco a saudade de nós, os irmãos que com meu tio morávamos.

Concluído o curso ginásial em 1958, fiz nova seleção para o Liceu do Ceará, onde, obtendo sucesso, cursei

todo o curso científico. Sofri bastante no início do curso, não para aprender o conteúdo das disciplinas, que sempre me fui bem, mas em vista dos trotes a que os alunos novatos éramos submetidos. Eram trotes grosseiros que muitas vezes atingiam moralmente os alunos, não raro descambando para agressão física.

Apesar disso, foi um período em que me senti muito feliz, principalmente por sentir que eu aprendia com facilidade o conteúdo das disciplinas ministradas por competentes professores, principalmente nas disciplinas de matemática, física e química, além do português. Dessa última já trazia um sólida base aprendida no 7 de Setembro. Exceto português, as outras eram disciplinas fundamentais para conseguir aprovação no vestibular de engenharia que eu estava decidido a fazer.

Muito significativas e marcantes na minha juventude eram as viagens de trem nos retornos à casa de meus pais para gozar as sempre esperadas férias e nas voltas para cumprir mais um período de aulas. Em geral íamos nós juntamente com alguns primos e amigos para cumprir felizes e divertidos períodos de férias. Algumas vezes fazíamos essa viagem via rodoviária atravessando péssimas estradas em que chegávamos a levar em torno de nove horas.

Outro meio que usávamos era os aviões que costumavam aterrissar no PAP de Quixeramobim. Essas apesar de muito rápidas, cerca de uma hora, não me agradavam por não serem divertidas e o pior é eu enjoava muito trazendo-me grande mal-estar. As mais divertidas eram mesmos as viagens de trem. Cada estação era uma novidade que, embora não descêssemos do trem, ficávamos apreciando o movimento pelas janelas.

Também tive como atividade dar aulas particulares de reforço em residências, enquanto cursava o científico e depois o curso pré-universitário, para obter algum ganho financeiro, uma vez que a mesada recebida de meu pai era pequena, afinal eram grandes as despesas com família tão numerosa.

O CURSO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA- CPOR

Concluído o curso científico em 1961, no ano seguinte ingressei no Curso de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR em Fortaleza. Por essa razão não me submeti ao vestibular no ano de 1962. Como não sabia como seria esse curso militar, se muito exigente ou não, preferi frequentar o Curso Pré-Universitário Walter Bezerra de Sá mantido pelo Diretório Acadêmico do mesmo nome da Escola de Engenharia da Universidade do Ceará (posteriormente Universidade Federal do Ceará). Walter Bezerra de Sá foi o Deputado Federal pelo Ceará, que propôs a lei de criação da Faculdade de Engenharia do Ceará (depois Escola de Engenharia e hoje Centro de Tecnologia). No aspecto dificuldade, o primeiro ano de CPOR, não achei difícil. Ao concluí-lo obtive o primeiro lugar geral entre os alunos dos primeiros e segundos anos, isto é, das seis turmas, que eram quatro da Arma de Infantaria, da qual eu fazia parte, quatro da Artilharia e duas da Intendência, metade do primeiro ano e a outra metade do segundo ano.

Era eu um dos alunos de mais baixa estatura física entre todos da minha turma e por isso nas formaturas marchava sempre na última fila. Entretanto, durante o segundo ano, nos desfiles públicos em comemoração a eventos militares, como o Dia da Independência, em cada um dos dias das três Armas dos cursos lá existentes (Infantaria, Artilharia e Intendência), Dia do Exército e outros, passei desfilar como um dos porta-bandeiras no pelotão de frente composto de apenas oito alunos, escolhidos entre os de maior estatura e o primeiro aluno em cada ano, qualquer que fosse sua estatura.

Apesar do orgulho que sentia em desfilar com tanto destaque conduzindo a bandeira do Estado do Ceará, me trazia um grande esforço físico, de vez que com pernas tão pequenas me era difícil acompanhar o passo dos demais, principalmente, quando executavam o “passo de ganso” em geral ao passarmos em frente do palanque das autoridades, quando as passadas eram alargadas. Assim mesmo, conseguia chegar ao fim dos desfiles mantendo-me alinhado aos outros na primeira fila da guarda de honra que desfilava à frente da tropa. Conhecendo como era o nível de dificuldade e exigência no CPOR e considerando-me preparado, submeti-me ao vestibular no início de 1963 para os cursos de engenharia e de física, obtendo êxito nos dois.

Passei o ano de 1963 cursando o último ano do CPOR e os primeiros anos de engenharia e de física. Ao final fui aprovado nos três cursos e ainda consegui obter novamente o primeiro lugar geral entre os alunos do CPOR. Por esse motivo fui premiado, recebendo do Exército Brasileiro a espada de Oficial entregue pelo comandante da 10ª Região Militar e um cheque no valor de duzentos cruzeiros concedidos pela Universidade do Ceará, que me foi entregue pelo Vice-Reitor da Universidade do Ceará, no exercício da Reitoria, Professor Raimundo Renato de Almeida Braga. Tais prêmios me foram entregues em solenidade realizada no estádio Presidente Vargas. Como parte do treinamento militar, participei de uma manobra em Sobral e outra no Crato. O deslocamento para ambas foi de trem.

Obtida a condição de Aspirante a Oficial e tendo conseguido o primeiro lugar geral do curso, pude escolher o local em que faria o estágio de instrução para obter a promoção a Oficial da Reserva não remunerada. Escolhi o

23º Batalhão de Caçadores em Fortaleza, cuja conclusão foi antecipada em trinta dias, por ter irrompida a revolução de 1964.

A Universidade do Ceará- UC foi criada em 16 de dezembro de 1954, pela Lei 2373 sancionada pelo Presidente João Café Filho, que como Vice-Presidente assumiu a presidência após a morte de Getúlio Dornelles Vargas em 24 de agosto de 1954. Foi o projeto de lei da Câmara Federal de número 391/53 que teve como relator o Deputado Federal pelo Ceará, João Otávio Lobo que era médico e professor da Faculdade de Direito e da Faculdade de Medicina em Fortaleza.

A Universidade do Ceará foi instalada no dia 25 de junho de 1955. Foi formada inicialmente pela conjunção das seguintes unidades: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia e Odontologia. A Faculdade de Engenharia, depois Escola de Engenharia da Universidade do Ceará-EEUC e hoje Centro de Tecnologia, foi criada no dia 03 de janeiro de 1955 através da Lei 2383, também sancionada pelo Riograndense do Norte, Presidente João Café Filho. Foi incorporada à UC em 29 de dezembro de 1955 pela Lei 2700. No início do ano de 1956 teve início o primeiro curso de engenharia no Ceará. O curso era de engenharia civil e a primeira aula foi ministrada pelo Engenheiro Civil, Professor José Humberto Santana.

Comecei minha vida universitária em fevereiro de 1963, após aprovado nos vestibulares para engenharia e para o curso de bacharelado em física. Nesse ano era Diretor da Escola de Engenharia o Professor Genésio Martins de Araújo, engenheiro do DNOCS. Interessante é que nesse concurso vestibular do qual participei, com cerca de 220 candidatos, somente 24 lograram êxito. Realizada a segunda época, resultou que nenhum dos candidatos obteve aprovação, fato único na história dos vestibulares para engenharia na Universidade cearense até hoje.

O Reitor da Universidade do Ceará era o Professor Antônio Martins Filho que iniciou seu primeiro mandato de três anos em 18 de maio de 1955 e concluiu o quarto e último em 14 de fevereiro de 1967, quando foi substituído pelo Professor Fernando Leite da Faculdade de Odontologia, nomeado pelo então Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. Foi um período de transformação na minha vida. Primeiro, por ter atingido uma grande meta que tracei para mim. Segundo, por me encontrar com uma intensa disposição de aprender cada vez mais, construindo assim o meu futuro. Terceiro, por ter iniciado a satisfazer o desejo de meus pais em ver todos os seus dez filhos possuindo um título superior, o que quase conseguiram, pois, somente duas das irmãs não o fizeram.

Assim é que dois são engenheiros agrônomos, um dos quais, também advogado, um é veterinário, uma dentista, outra arquiteta, outra pedagoga e a última geóloga e advogada. Porém uma frustração me acompanhava nessa ocasião em que iniciei meu curso de engenharia. É que o único curso que existia no Ceará era o de engenharia civil e eu me condicionara a cursar engenharia mecânica. Para atingir esse intento teria que fazer o curso fora do meu Estado. Embora meus pais concordassem com isso, não me senti à vontade de exigir deles tamanho sacrifício financeiro, diante da responsabilidade que tinham de proporcionar a educação dos outros irmãos.

Aliás, conto agora um fato que considero, já estar eu decidido a cursar engenharia mecânica desde os quinze anos, quando cursava ainda o terceiro ano ginasial. Recortei um cartão de dimensões idênticas ao cartão de apresentação de meu pai, no qual constava seu nome completo, seu título universitário de Engenheiro Agrônomo e no rodapé o local de trabalho: Posto Agropecuário de Quixeramobim-CE. Sobre o cartão que recortei escrevi o meu nome embaixo do qual grafiei: Engenheiro Mecânico. Completei o cartão com o mesmo endereço do meu pai. Mostrando a meu pai, ele recebeu, datou no verso e o guardou. Quando casei, ele entregou à minha mulher que ainda hoje o possui.

Foi grande a minha alegria, maior do que aquela que senti quando alcancei aprovação nos dois cursos superiores, quando em 1962 foi criado o curso de engenharia mecânica na nossa Escola de Engenharia.

Muito contribui para isso a disposição de alguns engenheiros da Rede Ferroviária Federal S.A.- RFFSA, do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS e do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem-DAER, que concordaram ministrar as aulas no novo curso e as aulas práticas nas oficinas dessas empresas públicas. Formei-me então, na segunda turma da profissão que precocemente decidi abraçar. Como já citado, deixei o curso de física após ser aprovado no seu primeiro ano. Fiquei, entretanto, desenvolvendo como bolsista, um projeto de pesquisa num convênio entre a Universidade e o Governo do Ceará, orientado por um professor dos cursos de física e engenharia, para utilização da energia solar. Fui monitor de Física durante o terceiro e quarto ano, e passando a auxiliar de professor no quinto e último ano, sempre apoiado pelo meu professor de Física. Nessas atividades eu era o responsável pelo Laboratório de Física II nas áreas de eletricidade e eletrotécnica. Existiam mais dois colegas que comigo ministravam as aulas práticas.

Nós três tínhamos o hábito de varar as noites estudando e o local era o laboratório sob minha responsabilidade. Assim é que com muita frequência eu dormia nesse local onde dispunha de uma cama de campanha numa sala

com ar condicionado (o que era raro naquela época). Morando próximo da Escola de Engenharia era possível ir em casa cedo da manhã para banho e o café, e voltar para assistir aulas a partir das sete horas.

Minha experiência mais intensa no ensino, até então, foi quando, faltando um professor para a disciplina de álgebra no curso pré-universitário, o mesmo que frequentei quando me preparava para o vestibular, fui convidado por um colega que era professor desse curso. Isso ocorreu quando cursava o terceiro ano e continuei ensinando nesse curso até ao final do quinto ano. Fiquei então com três atividades: cursando engenharia pela manhã, auxiliar de ensino ministrando as aulas práticas à tarde e professor de um curso pré-universitário durante à noite.

No último ano da faculdade absorvi, mais uma atividade, pois, além de professor, fui Diretor desse mesmo curso. Foi um período de muito esforço, mas também permitiu-me uma boa folga no meu orçamento, que, dentre outras coisas, adquiri um carro usado, adquiri todos os livros adotados, cuja maioria era importada, em inglês ou espanhol, e ainda fazer um bom pé-de-meia para o futuro.

Durante meu curso de Engenharia, foi inaugurado o Anexo às instalações da Escola. Ficava ele no final da Rua D. Tereza Cristina entre a Travessa Iguatú e a Av. 13 de Maio, onde hoje funciona o Shopping Center Benfica. Com não havia interessados em explorar a cantina desse anexo, e eu passava praticamente o dia todo nesse local, de vez que nele foi instalado o Laboratório de Física do qual eu era o responsável como Monitor. Convidei um de meus colegas, também Monitor do mesmo Laboratório, para juntos explorar tal cantina. Por pouco mais de um ano fui um dos proprietários de uma cantina. Não era muito rentável, mas conseguimos algum lucro para complementar o orçamento. Tive a ajuda de minha mãe, que de bom grado, liberava uma de suas auxiliares para preparar alguns produtos para venda nesse estabelecimento comercial.

Uma boa oportunidade que tive durante meu curso universitário foi o de viajar pelo Brasil.

Durante as férias, após conclusão dos quatro primeiros anos, sempre era proporcionada aos alunos uma viagem para visitar algum local de interesse dos engenheiros. Ora para uma usina hidrelétrica, ora para outra universidade, para complexos industriais etc. Sempre conseguia um jeito de ser aceito no grupo para essas excursões. Eu tinha um forte aliado que era Seu Rocha, motorista do Arara, como assim era denominado o velho ônibus da Escola de Engenharia, que já me conhecia quando era aluno do 7 de Setembro, e ele motorista de um dos veículos de transporte de alunos do qual eu era um deles. Como sabia ele que sempre gostei de mecânica e conhecia bem mecânica automotiva, e como o motorista da Escola, nos primeiros anos, viajava em geral sem ajudante, eu fazia esse papel, nas necessidades, inclusive no caso de defeitos.

Nessas viagens a Universidade garantia o transporte, ficando por conta da turma consegui os locais para a estadia, correndo por conta de cada aluno as despesas de alimentação. O combustível para o ônibus era sempre fornecido pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem-DNER, cujo Diretor local era professor da Escola que conseguia com seus colegas que o ônibus fosse abastecido em um dos locais do DNER existente ao longo dos nossos roteiros estrategicamente traçados.

Outras atividades que consegui foram os estágios, alguns fora do Ceará. Estagiei na Indústria de Automóveis da Willys Overland em Taboão da Serra em São Paulo, na Indústria de Refrigerantes Jesus em São Luis no Maranhão, em uma indústria de rádios em Juazeiro do Norte no Ceará e no Serviço Telefônico de Fortaleza.

Finalmente em 16 de dezembro de 1967, data de fundação da Universidade do Ceará, coleei grau como Engenheiro Mecânico. Foi grande a emoção e maior a minha satisfação por ter atingido aquilo que era meu maior desejo pessoal e a alegria de estar junto à minha mãe, radiante de felicidade como minha madrinha, vendo seu primeiro filho concluindo um curso superior. Não foi menor a satisfação que meu pai sentiu.

Em 1974 obtive o diploma de Engenheiro de Segurança do Trabalho em curso promovido pelo Ministério do Trabalho e ministrado na Universidade Federal do Ceará e por ela considerado como curso de especialização acadêmica. A partir do ano seguinte fui professor desse curso, ministrando a disciplina de ventilação industrial. Também ministrei essa disciplina na Escola Técnica Federal e na Universidade de Fortaleza.

O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DE ENGENHEIRO

Ainda cursando o quinto ano de engenharia mecânica, com as três atividades simultâneas, pensei firmemente em me dedicar somente ao ensino, entusiasmado que estava como professor e diretor do curso pré-universitário. Sempre tive muito bom relacionamento com meus professores e quando faltavam oito meses para concluir meu curso, fui por um deles convidado para estagiar no Serviço Telefônico de Fortaleza-STF, empresa pública, pertencente à Prefeitura Municipal dessa cidade. Depois soube que a indicação havia partido do Prefeito Municipal de Fortaleza, que havia sido meu professor, tanto quanto o Presidente da empresa telefônica que citei. O portador do convite foi um colega de turma que lá já estagiava.

Na primeira vez em que fui procurado, recusei o convite, decidido que estava em abraçar o magistério. Fui procurado por esse colega pelo menos umas três outras vezes. Lembro bem que na última vez encontrava-me ministrando uma aula, por volta das 20h e meu colega me chamou à porta da sala. Já sabendo do que se tratava, pedi que ele esperasse finalizar a aula e conversáramos. Ele insistiu de forma veemente e eu a cedi, sem antes solicitar aos alunos que aguardassem um pouco enquanto atendia o meu insistente colega, de vez que o curso era muito “puxado”, não tolerando embromação de professor, e eu, como Diretor não poderia dá mau exemplo.

Essa minha atitude mostra a responsabilidade e a dedicação que os professores do curso pré-universitário tinham na missão de ensinar os futuros engenheiros. Saí da sala e mais uma vez disse ao colega que não aceitaria o convite cujo motivo ele já conhecia. Ele disse então que o presidente da empresa mandara me convidar a uma audiência com ele. Para ver-me livre mais rapidamente do insistente colega, concordei marcando a audiência para o dia seguinte. Nesse dia apresentei-me ao Presidente do STF, que me recebeu mui gentilmente e ponderou que ele, o Prefeito e vários outros meus ex-professores viam em mim as características de um bom futuro engenheiro e que desperdiçar essa oportunidade, seria para eu deixar de exercer a profissão para a qual, sabia ele e os demais professores, me dedicara com afinco durante o curso. Além do mais, a oportunidade de pertencer ao quadro de funcionários do STF, com um bom salário e perspectivas de progresso, seria jogar fora a possibilidade de exercer a engenharia com toda liberdade profissional, de vez que apenas mais um estagiário, aquele que transmitiu o seu convite, seria admitido como engenheiro, ao final do curso.

Assim seríamos apenas dois engenheiros na área técnica. No STF existiam apenas dois engenheiros nessa ocasião, um na Presidência e o outro no cargo de Diretor Administrativo. Diante de argumentos tão convincentes comprometi-me e confesso, muito orgulhoso, em iniciar o estágio logo na semana seguinte a essa nossa conversa. Foi mais uma oportunidade de sentir-me feliz. Fiz meu estágio sob a coordenação de um experiente profissional na área de rede de telefonia, que pertencia a uma empresa internacional, contratada há vários anos pelo STF e com quem muito aprendi. Era ele muito organizado e muito severo no cumprimento com perfeição das tarefas de cada um a ele subordinado, inclusive eu. Um fato interessante é que eu estava sendo preparado por ele para substituí-lo dentro em pouco tempo, o que era de seu conhecimento.

E assim ocorreu quando fui admitido como engenheiro em 01 de janeiro de 1968, ele apresentou-se a mim no dia seguinte ficando sob minha subordinação, daí em diante. Continuamos com uma excelente convivência, tendo eu oportunidade de aprender mais ainda com ele e com todos os que estavam agora sob minha supervisão os que exerciam atividades mais simples. Dediquei-me integralmente a essa atividade profissional, permanecendo nela por dois anos seguidos, até que fui obrigado a decidir sobre novo rumo para exercer minha profissão de engenheiro.

Durante o segundo semestre do ano de 1969, fui procurado por outro ex-professor, engenheiro mecânico dos mais conceituados, que me propôs transferência para a Rede Ferroviário Federal S.A., onde ele chefiava a área de engenharia mecânica na manutenção de carros, vagões, locomotivas e de produção industrial de peças e acessórios. Descartei de pronto esse convite por me achar muito bem no meu emprego. Durante os meses seguintes, foram seguidos os convites desse ex-professor. Por fim, em novembro daquele ano, identicamente ao que ocorreu no STF, transmitiu-me o convite para uma audiência com o Diretor local do RFFSA, que aceitei.

Os argumentos dele que me convenceram. Disse-me o Diretor que eu teria na RFFSA a oportunidade de exercer a engenharia mecânica em toda sua plenitude e ainda poder exercer atividade de ensino na Escola de Engenharia, de vez que a RFFSA assim permitia, o que não era possível no STF onde eu estava. Após essa audiência resolvi me transferir para a RFFSA. Considero que essa decisão foi a mais acertada para minha vida profissional. Fiz uma carreira que considero de sucesso galgando gradativamente postos mais elevados na empresa em tempo relativamente curto, considerando o que ocorria com outros engenheiros, inclusive mais antigos do que eu na empresa. Lá tive a grande satisfação de exercer a engenharia mecânica como eu sempre imaginei fazer um dia. Trabalhei 25 anos na RFFSA onde fui admitido em 01 de fevereiro de 1970 e aposentei-me em 31 de março de 1995.

Na realidade comecei nesse novo emprego no dia do aniversário de minha mulher, 01 de dezembro de 1969. Quando decidi sair do STF e ao comunicar ao Presidente e meu ex-professor, surpreendi-me com a postura dele ao dizer que não concordava e por isso não me demitiria como eu também solicitei na mesma ocasião. Disse ele que não queria contribuir para um possível insucesso em minha carreira de engenheiro. Outra reação contrária foi de minha mulher que não concordava de forma alguma comigo nessa decisão. Expressou também seu desagrado em receber esse “presente de aniversário”. Decido como eu estava e considerando o compromisso assumido com o Diretor da RFFSA, encontrei uma maneira para chegar mais cedo ao novo emprego. Pedi férias em dezembro e dei aviso prévio em janeiro, de sorte que pude ser admitido em 01 de fevereiro, plenamente integrado no novo emprego.

A GERÊNCIA DE UM PLANO DE SAÚDE

Estava eu na chefia de um órgão técnico de engenharia onde estavam sob minha responsabilidade as atividades de vinte e nove dos trinta e sete engenheiros de todas as modalidades do quadro da RFFSA no Ceará. Por um problema político entre o Sindicato dos Ferroviários e Administração local da Rede, fui chamado pela Diretoria Geral no Rio de Janeiro para assumir a gerência do plano de saúde dos ferroviários cearenses que iria ser implantado naquela ocasião.

Comprometi-me com o Diretor que aqui esteve para contornar o problema, a ficar por quatro meses nesse cargo, tempo suficiente para a implantação e instalação do serviço. Ao final dos quatro meses fui ao encontro do Diretor na Administração Geral da Rede no Rio de Janeiro para tratar da minha substituição, de vez que eu havia cumprido o acertado no prazo previsto. Ocorre que o Diretor não concordou com minha substituição e deu-me como incumbência ficar administrando o serviço recém-implantado.

Assim permaneci por dois anos e meio gerenciando tal serviço tendo numa ocasião, a satisfação de ouvir do Gerente Geral do SESEF - assim denominava-se o plano de saúde – em reunião periódica no Rio de Janeiro, com todos os treze gerentes regionais presentes, que tendo visitado nossa Gerência recentemente, recomendava que todos deviam vir a Fortaleza para conhecer a Gerência que ele considerava a melhor dentre todas apesar de ser a mais nova.

Nessa atividade de Gerente, fui escolhido Coordenador da Comissão de Negociação com os hospitais, representando a Associação dos Planos de Saúde das empresas públicas no Ceará. Essas foram duas outras grandes satisfações em minha vida.

A VIDA ACADÊMICA

Iniciei minhas atividades de engenharia no Serviço Telefônico de Fortaleza meu primeiro emprego imediatamente após formatura. Dediquei-me inteiramente a esse serviço abandonando de vez a atividade de professor. Em determinado momento dei conta de que eu passava por um período de preguiça mental, como assim considerava, de vez que ao final de aproximadamente um ano como engenheiro, não estava conseguindo disposição em ler nem os jornais diários. Imediatamente procurei um professor amigo da Faculdade de Ciências e Letras do Ceará e lhe solicitei que conseguisse para mim uma atividade de ensino. Fui atendido e passei a lecionar à noite, uma disciplina de estatística nessa Faculdade. Foi mais uma iniciativa que deu bom resultado, uma vez que no início do ano seguinte foi aberto concurso para professor da Escola de Engenharia do qual participei e fui aprovado.

Tenho certeza que se eu não estivesse lecionando naquela ocasião, não havia conseguido essa aprovação, talvez nem mesmo teria me inscrito no concurso. Como consequência fui admitido como professor na Universidade do Ceará em 04 de junho de 1970. Aconteceu, portanto, o que previra meu ex-professor que convidara-me a trabalhar na RFFSA. Fique radiante de felicidade. Tudo acontecendo como eu desejara. E em tão pouco tempo.

Passei a integrar o Departamento de Termodinâmica e Eletrotécnica, do qual sugiram os cursos de Engenharia Mecânica e o de Engenharia Elétrica. Também abrigou o Curso de Engenharia Química que foi criado no Instituto de Química e nele funcionava. Durante minha vida de professor na Engenharia ministrei aulas nas disciplinas de termodinâmica, transmissão de calor, máquinas e motores térmicos e física industrial. Essa última para o Curso de Farmácia e as demais para os Cursos de Engenharia Química, Engenharia Mecânica, Engenharia Civil e Engenharia Elétrica.

Era parcial o regime de trabalho na Escola de Engenharia cujo contrato assinado pelos novos professores era de doze horas semanais de segunda à sábado. A rotina passou a ser então, ministrar aulas a partir das sete horas da manhã até às nove horas. Depois mais oito horas numa das oficinas da RFFSA que passei a administrar quando nessa empresa fui admitido.

Entre na primeira classe da carreira do magistério superior como professor auxiliar de ensino nível I e galguei todas as classes e níveis dessa carreira até aposentar-me em 04 de fevereiro de 2004, como professor adjunto IV após trinta e quatro anos de atividades. A minha vida com professor totalizou trinta e oito anos de serviço, pois incorporei um ano na Faculdade de Ciências e Letras e três anos no Curso Pré-Universitário Walter Bezerra de Sá.

Tive convivência muito tranquila com todos os professores, funcionários e os alunos, principalmente os meus, por quem fui escolhido várias vezes como patrono ou paraninfo de turma ou ainda constando na relação de professores e funcionários homenageados, mesmo sendo considerado pelos alunos como um professor muito exigente.

Mesmo sendo um professor de tempo parcial, cujo compromisso com a Universidade era de doze horas

semanais e posteriormente de vinte horas semanais, fui muito presente nas reuniões do meu Departamento, procurando contribuir para seu bom funcionamento. Nessa condição de tempo parcial, concordei e fui eleito algumas vezes Subchefe do Departamento. Numa delas assumi a responsabilidade de coordenar a reforma do prédio onde funciona ainda hoje o Departamento de Engenharia Química, que foi bem sucedida.

Aposentando-me na RFFSA em março de 1995, fui admitido como funcionário na função de Gerente do Serviço Social das Estradas de Ferro-SESEF onde permaneci até o dia 31 de agosto desse mesmo ano. Nessa data fui eleito Chefe do Departamento de Engenharia Química para um mandato de dois anos. Cumprido esse mandato fui reeleito para novo mandato de mesma duração. As disciplinas que eu ministrava faziam e continuam fazendo parte, tradicionalmente, do elenco das disciplinas dos cursos de engenharia mecânica, mas também são disciplinas obrigatórias da engenharia química.

Quando foi criado o Departamento de Engenharia Mecânica essas disciplinas permaneceram no Departamento de Termodinâmica e Eletrotécnica e com elas seus professores. Sempre defendi a transferência delas e dos professores que as ministravam para o Departamento Engenharia Mecânica. Depois de criado o Departamento de Engenharia Elétrica, tal qual ocorrera com a Engenharia Mecânica, tendo como origem dos dois cursos o Departamento de Termodinâmica e Eletrotécnica, passou este a ser intitulado Departamento de Engenharia Química, onde permaneci lotado. Próximo a encerrar meu primeiro mandato de Chefe desse Departamento, fui procurado por dois professores da Engenharia Mecânica, um deles o Chefe do Departamento, que transmitiram o convite para que eu me transferisse para esse Departamento e que imediatamente após a transferência eu seria eleito chefe. Concordei ponderando, entretanto que, estando o mandato do Chefe na Mecânica em curso e faltando pouco mais de seis meses para o seu término, e pouco mais de dois meses para o meu mandato terminar, era melhor que os mandatos de ambos, fossem cumpridos e só após haveria a transferência.

Fiz isso em respeito aos meus colegas de departamento que me haviam confiado a missão de dirigi-los. Também fiz uma exigência que era a transferência juntamente comigo, dos dois outros professores da área da engenharia térmica e a conseqüente incorporação no elenco das disciplinas da Mecânica. Ocorre que ao final do meu mandato fui instado a aceitar ser reeleito para o segundo mandato na Engenharia Química. Alertei-os que, havendo me comprometido com a transferência, não poderia cumprir integralmente o novo mandato e fiz também a exigência de que o Departamento concordasse com a transferência dos três professores e que também liberassem a transferência das vagas que eles ocupavam, o que significava dizer que não iriam exigir outros três professores em substituição aos que saíram.

Fui reeleito, cumpri parte da missão e próximo ao fim do mandato do colega do outro departamento, para lá nos transferimos, eu e os dois outros professores das disciplinas. Não foi fácil para mim deixar um departamento, que embora tivesse mudado de nome, era o departamento onde iniciei minha vida de professor na Universidade do Ceará e convivi durante vinte e sete anos. A transferência dos três professores ocorreu em 27 de dezembro de 1997. No novo local de trabalho, onde passei mais sete anos, fui eleito e reeleito Chefe do Departamento em mandatos subsequentes e Coordenador do Curso de Engenharia Mecânica por um mandato de dois anos.

Ao assumir a Chefia do Departamento de Engenharia Mecânica existiam vinte e cinco professores dos quais vinte e um do quadro permanente sendo oito doutores, três professores substitutos e um professor visitante. Propus ao Departamento a liberação de quantos quisessem fazer doutorado estando aptos para tal. Apresentaram-se dez. Todos foram liberados quase ao mesmo tempo o que acarretou uma sobrecarga de horas aulas semanais para os que permaneceram.

Houve uma desistência com o retorno de um deles pouco antes de completar um ano do seu doutorado. Como Chefe do Departamento fiquei ministrando catorze horas aulas por semana, isso durante quatro anos. Outro compromisso que todos assumimos foi eliminar a contratação de professor substituto, com o qual não concordávamos e ainda não concordo, não pelos professores em si, mas pelo fato de ser um docente provisório e mal remunerado, aviltando a correria do docente nessa condição. Conseguimos as três vagas, foram realizados os concursos e os professores substitutos existentes não foram repostos ao final de seus contratos.

Logo após assumir a Chefia do Departamento, conseguimos superar de forma inteligente uma iminente divisão do Departamento uma vez que os professores da área de Engenharia de Produção queriam criar seu próprio departamento. Com a ajuda das lideranças desse grupo, sugeri a criação do Curso de Engenharia de Produção Mecânica ao invés de outro departamento. Aceita a sugestão o curso foi criado inicialmente para funcionar no turno da noite.

Pude também liderar a reforma do bloco da administração do Departamento (Bloco 714), ampliando sua área com a construção de dois mezaninos, em estrutura metálica, onde foram instalados gabinetes para todos os docentes, com ramal telefônico e condicionador de ar em todos, o que não existia no nosso nem em quase todos os Departamentos da UFC. Para tanto tivemos que deslocar a Oficina Mecânica para o Bloco 715, dotando-a de maior área e melhores condições, eliminando máquinas e equipamentos em desuso, instalando um pequeno

almoxarifado e uma pequena sala para o responsável. Para isso tivemos que extinguir o laboratório de máquinas hidráulicas, que havia caído em desuso uma vez que todos os seus equipamentos achavam-se imprestáveis, além de obsoletos.

Outra obra que construímos foi o Bloco 720, atendendo as necessidades de dotar alguns laboratório de melhores condições e abrir novas áreas para outros em surgimento. Também contribuimos para reformar o local onde anos atrás funcionava uma caldeira térmica para aulas práticas, que infelizmente, por falta de manutenção adequada virou sucata, para em seu lugar abrigar um microscópio eletrônico de varredura, equipamento de última geração com poucos existentes no Brasil, adquirido com recurso de um projeto coordenado por um professor no nosso Departamento.

Outra negociação que participei e obtivemos sucesso, foi a cessão de uma área de terreno contígua ao recém-instalado Laboratório de Energia Solar, contando com as ajudas e compreensões de um colega e de uma colega que ocupavam, respectivamente a Diretoria do Centro de Tecnologia e a Diretoria do Centro de Ciências Agrárias, a que pertencia tal terreno.

Na UFC exerci as seguintes atividades, além da chefia dos dois Departamentos, de Coordenador de Curso e do atual cargo de Chefe de Gabinete: Conselheiro do Conselho de Centro do Centro de Tecnologia; Conselheiro Representante do Ministro da Educação no Conselho de Curadores sendo eleito e reeleito seu Presidente; Presidente da Comissão nomeada pelo Reitor para apurar em profundidade as condições de segurança na UFC e em especial o assassinato de um aluno do Curso de pós-graduação no CAEN; representante da UFC no Conselho Diretor do Núcleo de Tecnologia no Estado do Ceará, órgão do Governo Estadual. Participei de muitas comissões com diversos objetivos acadêmicos ou não.

Com a decisão em exercer a engenharia mecânica e ser professor universitário simultaneamente, além das atividades políticas, de proprietário rural e tantas outras, não consegui cursar mestrado, muito menos doutorado. Somente consegui fazer uma Especialização, cursando a Engenharia de Segurança do Trabalho.

O FAZENDEIRO

Como informado no início, fui criado até a juventude em ambiente sertanejo em vista do exercício profissional de meu pai. Daí que ia com muita frequência passar temporadas ou mesmo finais de semanas ou feriados prolongados a uma das fazendas de meus pais.

Depois de aposentar-se meu pai, continuaram eles administrando suas fazendas em Quixeramobim e em Canindé, para onde viajavam semanalmente. Um de seus amigos, também dono de duas propriedades rurais e bom motorista, aceitava sempre os convites que recebia para viajar com meus pais para as fazendas auxiliando-os principalmente na função de motorista, o que eu muito gostava em vista da idade avançada deles. Num determinado momento, seu amigo precisou vender uma de suas propriedades rurais para investir em outra atividade. Ofereceu a meu pai, que não se interessou. Pediu-me então que eu adquirisse uma das propriedades do amigo o que de principio não me interessei, considerando que já dispunha das fazendas deles, principalmente em Canindé, há poucas horas de viagem.

Diante do interesse de ajudar o amigo, meu pai insistiu e eu anuir em conhecer as fazendas em oferta. Resumindo, adquiri em agosto de 1980, uma propriedade no Distrito de São Domingos no Município de Caridade, distante três quilômetros da propriedade de meus pais em Canindé. Tive que contornar a reação de minha mulher, o que consegui em parte, de vez que diferentemente de mim, ela só veio experimentar a convivência com a vida rural após nosso casamento. Lembro que fui fazer a primeira visita à propriedade que decidira adquirir, num dia de sábado por volta das dezesseis horas, quando a temperatura é mais amena. A casa principal da fazenda era próxima ao portão de entrada e existia uma outra, onde ficava um pequeno criatório de caprinos acerca de três quilômetros da entrada. Não querendo ir, até por que seria a cavalo, embora ela cavalgasse muito bem, fui com o vendedor conhecer a propriedade. Quando retornamos por volta das dezoito horas, encontrei minha mulher aos prantos dizendo que ela não concordava com a aquisição de forma nenhuma. Contando com a compreensão de minha mulher, atendi o pedido de meu pai e comprei a fazenda. Ficou cerca de dois anos quase abandonada, com apenas um morador e pouquíssimo investimento. Eu sempre ia visitá-la todas as vezes que íamos à fazenda de meus pais.

Posteriormente desenvolvi nessa propriedade, com financiamento rural, a criação de caprinos e ovinos, embora mantivesse pequeno rebanho de gado leiteiro. Criar caprinos no Nordeste era motivo de galhofa para os proprietários rurais, pois os que o faziam eram tidos como de segunda categoria. Quem quisesse desqualificar ou zombar de um fazendeiro era só dizer: “você é um criador de bode”.

Consegui produzir leite fornecendo aos consumidores em Fortaleza, em higiênicos sacos plásticos, fornecer caprinos e ovinos criados com cuidados especiais em apriscos, vacinados e vermifugados com a frequência

recomendada. Importei reprodutores de excelente linhagem, com certificado de pedigree. Numa dessas importações o bode reprodutor foi embarcado via aérea para Fortaleza, justamente quando me encontrava em reunião do CONFEA em Brasília. Fui ao aeroporto dessa cidade ver o animal que por lá passava numa conexão do voo. Não me encontrando em Fortaleza, local de desembarque do animal, tive que pedir minha mulher para ir receber tal “encomenda” no aeroporto de Fortaleza. Lá chegando, encontrou um de meus amigos que foi logo perguntando se ela me esperava naquela ocasião. Qual não foi a gargalhada dele ao saber que era a um bode e não a mim que ela esperava, mas riu de mim que passara a exercer atividade desqualificada.

Os meus passatempos prediletos quando estava na minha fazenda ou na dos meus pais, era ler meus livros deitado numa rede no alpendre e andar à cavalo no interior das fazendas. Foram 26 anos de bons momentos para mim, minha família e amigos. Tive oportunidade de ser sócio fundador do Clube do Berro, ainda hoje existente, que é uma associação de criadores de caprinos e ovinos que decidimos fundar para estimular a melhoria da qualidade do rebanho cearense desses animais. Tenho certeza que conseguimos dar início a uma nova mentalidade de criadores que passaram no Ceará, a produzir matrizes, reprodutores, carne e pele de excelente qualidade.

AS VIAGENS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Tenho a satisfação de conhecer muitos locais no Brasil e no Exterior. Sempre acompanhado de minha mulher, visitei quase todas as capitais dos Estados brasileiros e evidentemente, a Capital Federal, além de muitas outras cidades não Capitais de Estado. Conheço a Amazônia, inclusive pontos de sua selva, como as cercanias, com distancia de dez quilômetros, da Cidade de Rio Branco no Acre, o projeto Jari em Almeirim no interior do Pará, Hidrelétrica de Tucuruí onde estive duas vezes, o projeto da Vale do Rio Doce em Carajás as Hidrelétricas de Paulo Afonso, de Avanhandava, Itaipú, Ilha Solteira, Três Marias e ainda Cataratas do Iguazu, Chapada dos Guimarães, Fernando de Noronha e tantos outros locais desse grande e belo País. Fui à Europa, América do Sul, África e Estados Unidos e Caribe. Visitei mais de quinze países europeus, Uruguai, Argentina por diversas vezes e numa delas visitei a região da Patagônia chegando a ir até ao final do continente sul americano, partindo de Hushaia, a cidade mais próxima do Pólo Sul. Visitando também a geleira de Perito Moreno.

No Chile além da Capital Santiago, Valparaíso e Viña del Mar e ainda Puerto Varas e Puerto Monte quando fui conhecer os lagos chilenos. No Peru visitei Lima, Cuzco e Águas Calientes e as ruínas de Machupichu. Estive em Bogotá e Cartagena na Colômbia. Também visitei na África do Sul as cidades de Johannesburgo, Cidade do Cabo, Pretória e Upington, indo até o extremo sul do Continente Africano, que é o Cabo da Boa Esperança, também denominado Cabo das Tormentas. Tive a oportunidade de fazer um safári durante quatro dias nesse país. Também gosto muito de viagens em navios de grande porte. Além de uma excelente viagem pelo Mar Mediterrâneo e Mar Negro visitando Itália, Grécia, Turquia, Romênia e Ucrânia, mais recentemente visitei Orlando, Miami e Boca Raton, prolongando a viagem num cruzeiro no maior navio de turismo hoje em operação no Mundo, que é o Allures of the Seas, quando visitei várias ilhas no Caribe, acompanhado de minha mulher, com quem sempre viajo, os meus filhos, nora e netos.

AS HOMENAGENS RECEBIDAS

Tive a honra de ser homenageado por meus alunos que me escolheram para patrono, paraninfo ou incluído entre os professores e funcionários homenageados ao final de seus cursos. Recebi vários certificados de serviços relevantes prestados à Nação, pelo cumprimento das atividades de Conselheiro Regional e Federal no Sistema CONFEA/CREAs. Também recebi o certificado de serviços relevantes prestados à RFFSA. Fiquei mais uma vez muito feliz ao saber de minha indicação promovida pelo Clube de Engenharia de Ceará, do qual sou sócio há muitos anos, e pelo CREA/CE, para disputar e ser galardoado pelo CONFEA, com a Medalha do Mérito da Engenharia em 2012.

Foram 99 indicações nesse ano, sendo eu um dos doze escolhidos por uma Comissão especialmente existente para isso. Doze é o número máximo de homenageados a cada ano. A solenidade de entrega dessa medalha, fez parte das comemorações da 69ª Semana Oficial da Engenharia e Agronomia que ocorreu em Brasília, a maior em número de presentes entre todas já realizadas, com mais de 1500 participantes. Tive a honra de ser o orador representando os galardoados.

AS OUTRAS ATIVIDADES

Muito cedo, ainda cursando o ginásio, hoje equivalente ao fundamental, fiz um curso por correspondência no Instituto Rádio Técnico Monitor onde aprendi a montar e consertar rádios receptores, dos quais sempre gostei

muito e ainda hoje gosto. Em todas as minhas viagens, todas mesmo, levo meu radinho de pilhas. Raramente ligo o televisor do apartamento que me hospedo, preferindo ligar meu rádio. Diariamente escuto rádio, sejam os noticiários matutinos, sejam os programas de músicas de meu agrado, principalmente de músicas antigas e as das décadas de 1960 e 1970. Sou fã de Roberto Carlos, Nelson Gonçalves, Alcione, Maria Betânia, dentre outros.

Na mesma área de radiofonia, licenciei-me para operador de rádio na faixa do cidadão obtendo o Prefixo PX 7 B1181 e possuía uma estação base em casa e outra móvel no meu carro. Nessa atividade falava muito com os colegas brasileiros e da Itália, África do Sul, Canadá, Argentina e de outros países. Também fiz concurso para Rádio Amador obtendo o Prefixo PT 7 ADO.

É grande o número de congressos, seminários, encontros, simpósios e cursos de aperfeiçoamento de que participei no exercício de minhas diversas atividades.

A GREVE DOS ALUNOS DA ESCOLA DE ENGENHARIA

Zelando com muito cuidado e esforço o padrão intelectual da Escola, seus alunos nos anos primeiros de sua existência, rejeitavam veementemente aceitar transferência de alunos de outras faculdades de engenharia, principalmente se esses alunos tivessem sido reprovados em vestibulares para a Escola cearense.

Na iminência de uma transferência dessa natureza, os alunos sob o comando do Diretório, iniciaram uma greve em março de 1960 que perdurou até 25 de abril desse mesmo ano. Mesmo assim, a transferência foi realizada. Esse aluno passou a ser maltratado moral e fisicamente pelos veteranos, porém manteve uma postura de extrema resignação a esses atos, sem reagir a qualquer um deles, conquistando pacientemente a compreensão e o respeito de todos. Tornou-se um excelente profissional de engenharia.

A GREVE GERAL DE ALUNOS NA UNIVERSIDADE DO CEARÁ

Em 1962 a União Nacional dos Estudantes-UNE, aproveitando o período de cento e oitenta dias concedidos pela nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, concedidos nessa lei para que as universidades reformulassem seus estatutos, desencadeou em todas as Universidades Federais, um movimento para conseguir que em todos os órgãos de deliberação coletiva, fosse assegurada a participação de um terço dos membros para os estudantes. Iniciou-se primeiramente no Ceará, com a chegada da UNE-Volante, que incitou todos os estudantes a aderirem ao movimento.

No dia 22 de maio começou a primeira greve geral de estudantes universitários no Ceará que logo se alastrou por todo o País. Todas as dependências UC tiveram as portas lacradas, e logo a Reitoria foi ocupada impedindo o funcionamento normal. Quando o movimento foi radicalizado, com quebra-quebra da Imprensa Universitária e ameaça de outras depredações, a pedido do Reitor, o Exército ocupou todas as dependências na noite do dia 27 de julho. No dia 1º e agosto as aulas reiniciaram após uma paralisação de setenta e um dias. Como consequência, muitos alunos foram reprovados obrigando a redução do número de vagas para o vestibular do ano seguinte.

O CEU E OS JOGOS ÚNIVERSITÁRIOS

Muito cedo ainda na administração do Reitor Martins Filho, foi construído um bloco ao lado da Escola de Engenharia, com alojamentos para estudantes, um amplo restaurante e uma quadra poliesportiva com amplas arquibancadas. O alojamento abrigava estudantes cujas famílias moravam fora de Fortaleza, o restaurante atendia a toda comunidade universitária com refeições subsidiadas como ainda hoje, acontece, e a quadra na realização de jogos e festas dançantes para os estudantes e convidados também.

Esse conjunto denominava-se Centro de Estudantes Universitários -CEU que representou um importante papel para unidade universitária da UFC. O convívio diário de tantos que lá compareciam, nas freqüentes atrações realizadas, desenvolveu nos estudantes um espírito de corpo em defesa da UFC, de seu patrimônio e de suas atividades. Um evento que anualmente acontecia eram os jogos universitários. Era sempre uma grande festa iniciada com desfile pelas ruas do Centro de Fortaleza em carros na maioria abertos, cuidadosamente preparados para isso. Além de bandeiras do Brasil, do Ceará e da UFC, eram conduzidos troféus conquistados em anos anteriores, bandeiras das Escolas e Faculdades e em alguns desses carros belas estudantes se apresentavam em lindas vestes com destaque para a Rainha dos Jogos. Era uma grande festa aberta que envolvia e movimentava a sociedade em geral.

O CÓDIGO DE HONRA

Nos primeiros anos de funcionamento da Escola de Engenharia, por iniciativa de um grupo de alunos que propôs ao Diretório Acadêmico Walter Bezerra de Sá no ano de 1956, a criação de um Código de Honra a ser assumido por todos os que entrassem como alunos dessa Escola. A ideia foi aceita e teve o apoio irrestrito dos professores. Foi então criado o Código de Honra. Consistia no compromisso que cada aluno assumia ao ingressar no curso de engenharia e ao assinar o Livro de Honra, para zelar pelo patrimônio da Escola e realizar suas tarefas escolares com muita lisura, isto é, jamais utilizar o artifício da cola para realizar suas provas e os outros trabalhos escolares. As provas passaram a ser realizadas sem a presença dos professores ou qualquer outra pessoa nas salas de aulas que não fossem os próprios alunos. Os professores entregavam as questões e permanecia na sala por aproximadamente dez minutos para que os alunos pudessem tirar dúvidas que eventualmente algum aluno que tivesse somente sobre o enunciado das questões.

As indagações eram feitas em voz alta para que todos os demais soubessem o que era solicitado a esclarecer. Também provas eram realizadas em casa com tempo predeterminado por cada professor e controlado pelos alunos. Mesmo existindo essas facilidades, alunos tiravam notas baixas e inclusive eram também reprovados. Posteriormente, em 15 de setembro de 1960 foi criado o Conselho de Honra, aprovado em assembleia geral de todos os alunos da Escola realizada nessa data. Era composto por um representante de cada uma das turmas existentes na EEUC, eleitos por seus colegas de turma para mandato de um ano.

Os membros elegiam um presidente e um secretário entre eles. Os casos de denúncia ou constatação de desrespeito ao CH por parte dos professores, os denunciados eram submetidos a esse Conselho, assegurado ao acusado direito a ampla defesa e o contraditório. Fiz parte desse Conselho.

O Código de Honra vigorou de 1956 até 28 de setembro de 1971, quando, em assembleia geral os alunos decidiram suspendê-lo. Isso se deu em face de que os alunos ingressos nos cursos de engenharia, iam primeiro frequentar as aulas dos dois primeiros anos fora da Escola, onde não havia um Código de Honra, ficando privados nesses períodos do convívio com os alunos veteranos e os professores da Escola.

Quando chegavam para cursar os três últimos anos, já chegavam com comportamentos incompatíveis com as diretrizes do Código de Honra. Também as transferências cada dia mais frequentes de alunos de outros cursos de engenharia contribuíram para a suspensão. Alunos passaram a se aproveitar das facilidades concedidas pelo Código de Honra para se beneficiarem em seus trabalhos escolares. Foram se avolumando os casos, ate que preferiram os alunos em suspendê-lo na esperança de que um dia houvesse condição para o seu retorno.

Ainda hoje permanece suspenso. Encontram-se intactos o Livro de Honra com 942 registros de compromissados que tiveram a honra de apor suas assinaturas nesse livro. Esse livro, com o registro dessa suspensão, bem como o Estatuto do Conselho de Honra, permanecem ainda hoje, em local de destaque na galeria de todos os ex-diretores da Escola de Engenharia e os do Centro de Tecnologia da UFC, no hall e entrada da Diretoria desse Centro, no Bloco 710 no *Campus* Universitário do *Pici*. Tive a honra de como Diretor da ASTEF, coordenar a reforma que nossa Associação promoveu, às suas custas, nas instalações da Diretoria do Centro de Tecnologia, aí incluída a construção dessa galeria, e pude decidir com a arquiteta, o local para colocação de tão importantes documentos como registro de uma época que parece não voltar mais. Num painel, por trás da mesa de reuniões do Auditório Prof. Cândido Pamplona no do Centro de Tecnologia no Bloco 712, encontram-se os termos do Código de Honra, abaixo citados.

Os termos do Código de Honra são os seguintes:

“Assumo, perante mim mesmo, meus mestres e companheiros de estudo o compromisso de proceder com lisura e honestidade na realização de minhas provas e trabalhos escolares, de modo que eles representem sempre e unicamente o meu conhecimento, não me servindo de meios incompatíveis com a dignidade da pessoa humana. Comprometo-me a zelar o patrimônio moral e material da Escola, defendendo sempre o seu nome e as suas tradições, colaborando dentro de minhas possibilidades para o soerguimento da minha pátria.”

A REFORMA UNIVERSITÁRIA EM 1972

Foi entre os anos de 1972 e 1973 realizou-se uma reforma geral nas universidades federais, depois estendido às congêneres dos Estados. Mudaram completamente as estruturas dos cursos e seus currículos restaram modificados. Centros foram criados, embora na UFC algumas faculdades permaneceram, como são os casos da Faculdade de Direito, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e a Faculdade de Ciências Econômicas. Anos mais tarde, o Curso de Medicina desmembrou-se do Centro de Ciências da Saúde, retornando a ser Faculdade de Medicina e os Cursos de Farmácia, Odontologia e o de Enfermagem passaram a ser a Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem. Faculdade de Educação também existe hoje. Isso atingiu em cheio a formação política dos alunos que assistiram desaparecer gradativamente a formação de líderes motivado pelo

desmantelamento da anualização dos cursos, quebrou-se a possibilidade dos alunos permanecerem em uma mesma turma durante todos os anos do curso.

Foi implantado o regime semestral e a adoção dos créditos isolados por disciplinas, permitindo que os alunos pudessem estudar em várias turmas diferentes daquela em que eles iniciavam sua vida acadêmica. No modelo anterior os alunos formavam não só uma turma na academia, estendia-se a convivência para mundo exterior, culminando com a ligação social por anos a fio. Essa convivência facilitava o aparecimento das lideranças, inicialmente acadêmicas e depois políticas e sociais. Como exemplo, nós alunos de engenharia mecânica e de engenharia civil, em número de cinquenta, ainda hoje nos reunimos após quarenta e cinco anos de formados, para confraternização quinquenal e assim é a maioria dos profissionais em todas as modalidades que mantêm essa tradição. Dentre os meus colegas de turma surgiram os líderes políticos, acadêmicos e sociais, exatamente entre aqueles que desenvolveram as qualidades que os levaram a isso, na academia. Nada impedia que o sistema implantado em 1972, conhecido como sistema de créditos, pudesse existir mantendo o sistema anualizado.

Tanto é assim que o Centro de Tecnologia da UFC passou a funcionar novamente no sistema anualizado a partir de 1996. Sendo polêmico, o entendimento sobre a reforma universitária de 1972, expressei aqui a minha visão sobre este assunto que tenho certeza é o pensamento da grande maioria dos que tiveram a oportunidade de vivenciá-lo. Somente quem a vivenciou, acredito, tem a real noção do que essa reforma provocou. Sei que pode ser interpretado como saudosismo, mas uma coisa é certa, a renovação das lideranças, tão necessária ao exercício da democracia, principalmente as políticas, tem ocorrido num ritmo incompatível com o nosso País, onde vemos se perpetuarem por longos anos os líderes políticos.

A ASTEF E A FUNDAÇÃO ASTEF

Três anos após ingressar na Universidade, foi fundada uma associação, cujos sócios eram os professores e os ex-alunos do curso de engenharia da Universidade Federal do Ceará. A idéia da criação dessa associação, foi do Diretor da Escola de Engenharia em 1973. Foram convencidos treze professores, dentre eles me encontrava, a assinarem a ata de fundação de uma associação que foi por ele sugerido o nome de Associação Técnico-Científica Engenheiro Paulo de Frontin-ASTEF. Essa denominação foi uma homenagem ao Patrono da Engenharia brasileira.

A criação efetivou-se no dia 07 de agosto de 1973 e o registro em cartório, em outubro do mesmo ano. Essa entidade que no corrente ano de 2013 completará 40 anos, destinava-se, ao ser fundada, a permitir que os conhecimentos disponíveis na Escola de Engenharia através de seus professores, pudessem ser disponibilizados para auxiliar os profissionais e empresas cearenses na aplicação de novas tecnologias e métodos mais modernos, permitindo assim o desenvolvimento tecnológico do nosso Estado, de vez que foi, exatamente para isso que os cursos de engenharia foram criados. Fui durante muitos anos, representante dos ex-alunos no Conselho Diretor da ASTEF.

Essa associação vem realizando a administração de projetos na elaboração e análise de projetos de pesquisas e outros de extensão universitária, inclusive a administração financeira. Também oferece desde sua fundação, cursos de extensão e cursos de especialização, em várias áreas do conhecimento, a maioria nas áreas tecnológicas.

Em 1994 foi promulgada a lei 8958 criando a figura das fundações de apoio às universidades públicas, concedendo 180 dias para sua regulamentação. Somente dez anos depois, em setembro de 2004, essa lei foi regulamentada criando uma dificuldade para a ASTEF continuar as atividades que executava até então, de vez que por essa lei e o decreto que a regulamentou, somente fundações poderiam dar apoio às universidades públicas. Para que novos projetos pudessem continuar a ser administrados, a ASTEF instituiu a Fundação de Apoio a Serviços Tecnológicos, Ensino e Fomento a Pesquisa-FUNDAÇÃO ASTEF. Mais uma vez me vi à frente das ações para criação de outra entidade, quando tratei da elaboração do estatuto e do registro dessa nova entidade. Foi ela registrada em 04 de junho de 2006, passando eu a exercer a Diretoria Administrativa/Financeira, acumulando com a Gerência Executiva da ASTEF. Gradativamente foi essa fundação assumindo as atividades antes exercidas pela ASTEF, exceto a oferta de cursos que continuam com essa associação.

Quando passei a dedicar-me inteiramente ao ensino universitário em 1995, assumi a Diretoria da ASTEF por convite de seu Presidente. Permaneci nessa função até o dia de minha aposentadoria em 2004, assumindo a Gerência Executiva dessa entidade de apoio à UFC, que exerci até o dia 09 de outubro de 2011, e no dia seguinte iniciei minhas atividades à frente da Chefia do Gabinete do Reitor, ainda em exercício.

Existem hoje três associações e quatro fundações que auxiliam a UFC em suas atividades de ensino, pesquisa

extensão. São fundações: Fundação de Apoio a Serviços Tecnológicos e Fomento a Pesquisas-FUNDAÇÃO ASTEF, Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura-FCPC, Fundação Paulo Bonavides e a SAMEAC. São associações: Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico Regional-CETREDE, ACEP, ACEG.

É o CETREDE a mais antiga dessas entidades. Foi criado em 1962 em reunião do Conselho Interamericano Econômico e Social – CIES, órgão da Organização dos Estados Americanos – OEA. Era inicialmente um projeto de desenvolvimento criado para ser realizado entre 1964 e 1970. A sede seria na Universidade do Ceará tendo essa Universidade e o Banco do Nordeste como Instituições-Sede.

AS ATIVIDADES POLÍTICAS

Aqui refiro-me a política profissional, de vez que nunca participei de atividades político-partidárias e nunca fui filiado a partido político. Comecei minhas atividades nessa área, também em 1970, quando, atendendo a convite do Presidente do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Ceará, um colega que como eu, trabalhava na RFFSA, aceitei ser representante desse Sindicato no Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CREA/CE. Durante o ano de 1974 fui também Presidente desse Sindicato de Engenheiros.

Foi interessante o resultado de uma disputa para presidente CREA/CE, no dia em que assumi como Conselheiro para um mandato de três anos. Estava havendo uma forte polarização entre engenheiros e engenheiros agrônomos para presidência dessa entidade de fiscalização profissional. A discussão foi muito acalorada e ao final foi formada uma chapa na qual só havia engenheiros e um arquiteto.

Outra chapa era formada somente por engenheiros agrônomos e um arquiteto. O resultado apontou como eleita a chapa dos engenheiros e entre os eleitos figurava meu nome para Secretário. Assim passei a exercer três atividades simultâneas: professor de Engenharia, engenheiro da RFFSA e Conselheiro e Secretário do CREA/CE. Sempre participando da sua Diretoria, onde exerci também as funções, não simultaneamente, de Tesoureiro e Coordenador da Câmara de Engenharia Civil, fui eleito Presidente do CREA/CE durante os anos de 1976, 1977 e 1978. Em 1978 realizamos em Fortaleza a 35ª Semana Oficial da Engenharia, Arquitetura e da Agronomia, com o patrocínio conjunto do CONFEA e CREA/CE.

O sucesso foi total. Conseguimos o envolvimento de todos os Conselheiros Regionais e suas esposas e de todas as entidades de classe e empresas vinculadas ao CREA/CE. Terminado o mandato de Presidente, continuei como Conselheiro voltando a participar da Diretoria em alguns anos, até que em outubro 1984 fui eleito Conselheiro do Conselho Federal de Engenharia Arquitetura e Agronomia-CONFEA, em Brasília, exercendo mandato de três anos. Idêntico ao que ocorreu no CREA/CE, participei da Diretoria do CONFEA nesses três anos. No primeiro ano fui eleito Secretário Geral.

No segundo reeleito para esse mesmo cargo e no último ano, eleito Vice-Presidente. Exerci ainda nos dois primeiros anos a Coordenação da Comissão de Resoluções e Normas. Apesar de ter sido novamente indicado em 1988 para Conselheiro do CREA/CE para mais um mandato, preferi renunciar deixando a meu suplente a tarefa de exercer esse mandato. Também tive a honra e imensa satisfação de ser um dos sócios fundadores da Mútua de Assistência aos profissionais da Engenharia, Arquitetura e Agronomia, quando eu era Presidente do CREA/CE. Foi no ano de 1977 em 07 de dezembro quando foi promulgada a Lei 6194 que criou essa entidade de assistência aos profissionais registrados no Sistema CONFEA/CREAs. Com ela foi instituído primeiro seguro desemprego no Brasil. No caso de perda de emprego, os seus sócios passam a receber por até dois anos uma ajuda financeira de um salário mínimo profissional. Além disso a MÚTUA proporciona empréstimos em melhores condições do que a rede bancária, para aquisição de equipamentos de trabalho e veículos, instalação de escritórios para exercício da profissão, para viagens no País, para serviços odontológicos e médicos, auxílio-funeral, auxílio para custear estudos de filhos que estejam cursando um dos cursos nas áreas da engenharia, arquitetura, agronomia, geologia, geografia e meteorologia, além de tecnólogos, todas elas vinculadas ao CONFEA e CREAs.

Os engenheiros de RFFSA no Ceará, anteriormente denominada Rede de Viação Cearense-RVC, fundaram em 1964, a Associação dos Engenheiros da RVC-AERVVC, ainda existente, mesmo após a extinção da RFFSA. Logo que ingressei no quadro da ferrovia em 1970, associei-me à AERVVC e quase obrigatoriamente ao Ferroviário Esporte Clube. Nos primeiros anos de trabalho ferroviário, fui eleito para Secretário dessa Associação e daí em diante participei de suas diretorias, inclusive recentemente, que em 2010 fui novamente um de seus diretores.

Sou sócio fundador da Associação do Engenheiros Industriais do Ceará. Fui sócio fundador e Presidente da segunda diretoria do Lions Clube Fortaleza Abolição. Desenvolvíamos um bom trabalho de companheirismo e ações sociais, envolvendo todos os sócios e suas esposas, até que um pequeno grupo entre seus sócios passou a defender atividades voltadas para o benefício próprio, prejudicando significativamente nosso Clube e em

especial o trabalho da Diretoria por mim presidida. Resolvi renunciar o cargo de presidente e pedir minha exclusão do quadro social do clube. A maioria dos sócios também decidiram fazer o mesmo, e alguns que ficaram transferiram-se para outros clubes. O fato é que pouco tempo depois o clube foi extinto.

Sou associado à Associação dos Professores do Ensino Superior no Ceará-APESC. A Associação dos Professores da Universidade Federal do Ceará-ADUFC foi fundada em 1980. Com a criação da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior-ANDES, passou a ser uma Seção Sindical dessa entidade. Associei-me à ADUFC em 1994, vinte quatro anos após ingressar na UFC, portanto não tinha participado de qualquer atividade da ADUFC até então. Há algum tempo atrás, começou o acirramento entre duas correntes políticas internas formadas na ANDES, culminando com o lançamento de candidatura ao novo mandato que para a Diretoria da ADUFC que se iniciaria em 1999. Anteriormente todas as Diretorias eram eleitas por consenso em chapa única. Eis que em acirrada disputa pelos votos a nossa chapa foi eleita por uma maioria de apenas quinze votos para um mandato e dois anos.

Nessa mesma eleição fui eleito para membro do Conselho de Representantes, representando os professores do Centro de Tecnologia. Na eleição seguinte, tive a honra de ser eleito Presidente da ADUFC durante o biênio 2001/2002. Nesse período enfrentamos uma das mais e acirradas greves das Universidade Federais. Foram cento e sete dias de paralisação e intensa luta com Governo Federal, acirrando-se ainda mais as divergências com a oposição, de vez que eram divergentes o modo como entendiam que devia ser a greve conduzida. Ao final dessa greve, poucos foram os ganhos conseguidos.

Na gestão anterior foi adquirida uma casa encravada em uma área de terreno muito boa, embora a casa se encontrasse em condições precárias, localizada na Av. da Universidade, 2346. Foi uma grande iniciativa dessa Diretoria que trouxe enormes benefícios para nossas atividades sindicais. Durante a gestão que presidi, conseguimos construir a atual sede da ADUFC, uma das melhores entre suas congêneres de outras Universidades Federais. Tivemos o apoio muito forte de toda Diretoria e dos nossos apoiadores, exceto, naturalmente, de nossos opositores que iniciaram movimento contra a construção, continuando a posição contrária enfrentada por ocasião da compra da casa pela gestão anterior. Após conseguirmos vencer a eleição em 1999, nosso grupo continua até hoje na liderança dos rumos da ADUFC. Encerrado o mandato da Diretoria que presidi, continuei participando por diversas vezes do Conselho de Representantes e das reuniões de Diretorias subseqüentes, como convidado, formando o que se denominava de Diretoria Ampliada.

As duas correntes nominadas de A NDES-SIND (ANDES-SINDICAL), a nossa, e ANDES-AD (ANDES-AUTÔNOMA E DEMOCRÁTICA), não conseguiram superar suas divergências o que culminou com a fundação em 14 de outubro de 2004 do Fórum de Professores das Instituições Federais de Ensino Superior-PROIFES. Mais uma vez o destino levou-me a ser um dos fundadores dessa entidade de classe que produziu excelentes frutos na defesa dos interesses dos docentes das Instituições Federais de Ensino Superior-IFES. Particpei da primeira Diretoria dessa entidade como Vice-Diretor Financeiro. Na segunda Diretoria passei ao cargo de Diretor Financeiro.

Continuando no movimento sindical universitário, participei da Fundação do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior – PROIFES Sindicato, no qual fui eleito Diretor Financeiro de sua primeira Diretoria, e da transformação do PROIFES Fórum em Federação ocorrida em dezembro de 2011, com início de suas atividades a partir de 1º de janeiro do ano seguinte. Compus com outros companheiros de luta a primeira Diretoria desse novo Sindicato, eleito que fui para Diretor Financeiro, exercendo simultaneamente as duas Diretorias Financeiras, do PROIFES Fórum e do PROIFES Sindicato. Do primeiro por dois mandatos consecutivos.

Encerrada mais essa etapa de movimento sindical universitário, não mais voltei a atuar diretamente nessa atividade, respeitando a condição de ter assumido em 10 de outubro de 2011 o cargo de Chefe do Gabinete do Reitor, onde permaneço até hoje.

APÊNDICE C – ANÁLISE DE CONTEÚDO – LUÍS CARLOS UCHOA SAUNDERS

Memórias - Luís Carlos Uchoa Saunders

TEMA-OBJETO	UNIDADE DE REGISTRO	CODIFICAÇÃO	
		CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
5. História Familiar	<ul style="list-style-type: none"> – A minha família ela é relativamente grande, não na época em que ela foi concebida, mas nos dias de hoje ela é considerada grande porque eu tenho dez irmãs, um irmão e ainda tenho duas agregadas que são parentes nossas e que foram criadas como nossas irmãs, de tal forma que minha mãe com 99 anos ainda toma conta de todo esse pessoal. – Eu nasci no Distrito de Guararu na Pitombeira de Caucaia na nossa querida Caucaia onde até hoje eu resido aqui na Jurema. – Com 7 anos de idade eu me lembro bem, então meu pai resolveu se mudar com toda família para Fortaleza e de lá para cá nós viemos para Fortaleza e aí nós nos instalamos. – Meu pai mudou de profissão e passou a ser empresário de posto de gasolina, não era posto, era praticamente uma guarita que ficava localizada na Avenida Bezerra de Menezes com a Rua Padre Anchieta, ali então foi que ele sustentou e criou toda sua família, educou, etc, etc e etc. – Minha mãe era aquela soberana dona de casa, e criava todos esses filhos, de tal forma que até hoje se você chegar na casa dela, hoje com 99 anos de idade, se tiver 5 filhas, ela vai dizer que tem pouca gente lá, e que ela não vai dormir porque tem medo da noite, de alma. – Nós temos uma vida, que eu sempre digo, que a casa da minha mãe é a casa de Irene, e que nós somos uma família de amizade muito grande. [...] . Então nós somos muito unidos. [...] pois, a família é unida demais. Briga, briga, mas no outro dia está todo mundo junto, eu tenho todo amor pelos meus irmãos, não tem diferença nenhuma; quando eu estou gostando mais de uma, a outra reclama, aí tenho que voltar. – A minha religiosidade e da minha família, eu sou católico não por convicção, mas por família, sou daqueles que não perco uma missa de sétimo dia, nem um casamento, nem um batizado, mas não vou a missa todo domingo. 	<ul style="list-style-type: none"> – Perfil pessoal e familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> – Nasceu no Distrito de Guararu na Pitombeira de Caucaia –CE. – Família católica, unida, com 10 irmãos. – Pai empresário. – Mãe dona de casa.

<p>6. História Escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nós tínhamos uma tia, irmã do meu pai que tinha um colégio chamado Externato Santa Catarina, antes Externato Catarina, onde lá estudaram todos os filhos de meu pai. - Eu por exemplo fui levado diretamente para o Colégio São José, onde fiz a primeira série ginásial, a partir daí, segui para o Colégio Estadual, que era o Liceu onde cheguei a terminar o segundo grau de hoje, que naquela época era o terceiro científico. - Durante meu tempo de estudante do ginásial e do científico, eu me considero um aluno altamente, vamos dizer assim, de conhecimento médio daquilo que deveria ter aprendido nos bancos da escola, era um pouco mesmo relapso, no entanto quando terminado o terceiro científico, nós tivemos então o conhecimento que deveríamos fazer uma Faculdade. - E, a partir daí foi que apareceu a Universidade Federal do Ceará e outras Universidades Federais no Brasil [...]. Quando entramos no Curso de Agronomia que foi o curso escolhido por nós. A partir daí o primeiro aluno da turma do primeiro ano até o último que foi o quarto, foi o Luis Carlos, isso porque o esforço era muito grande, estudava bastante para recuperar o tempo perdido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recordações escolares: do primário ao ginásial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ginásial no Colégio São João e no Liceu do Ceará. - Estudante do ginásial e do científico com conhecimento médio. - Na Universidade, foi o melhor aluno as turmas.
<p>7. História profissional/ acadêmica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Quando eu tinha 12 anos de idade na segunda, terceira série ginásial, eu passei a trabalhar na Loja Esquisita, aquela da praça do Ferreira, como empacotador de sapatos, lá um belo dia eu estourei o sapato da mulher, me jogaram fora e botaram eu para entregar sapatos. Então eu ia pela rua entregando sapatos. - Passou um tempo e minha tia me chamou para me ensinar no Externato, eu ia ser um quebra galho, faltou um professor, você vai para aquela sala, e lá tinha que saber de tudo, de português, de geografia, de história e do primeiro ao quinto ano. - Após o Curso de Agronomia no mesmo ano que eu terminei, no ano seguinte eu já era professor, inclusive eu fui professor dos meus colegas repetentes. [...] Eu acho que não fui um péssimo professor porque lá tem um bocado de placa com meu nome, muitas vezes sou o paraninfo da turma, outra eu sou o homenageado. Eu terminei em 1966 o curso de Agronomia, e em 1967 eu já era professor. - Quando foi em 1970 eu resolvi fazer o Mestrado, e sair para fazer o Mestrado em março de 1970. Quando foi em maio de 	<ul style="list-style-type: none"> - Primeiro Emprego. - Experiência Docente. - Consultor da Embrapa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Empacotador de sapatos na Loja Esquisita aos 12 anos de idade. - No Externato Santa Catarina como professor polivalente, substituto. - Início como docente da Universidade Federal do Ceará em 1967, após a conclusão do curso de Agronomia. - Administrador da Fazenda da UFC. - Aposentadoria com 51 anos de idade e novo concurso docente para

	<p>1971 eu estava com a dissertação na mão. Fui para o Instituto de Pesquisa Hidráulica fazer o Mestrado em Hidrologia, opção em Irrigação e Drenagem. Era uns 14 meses para fazer o Mestrado completo, voltei e aí fiquei por aqui e continuei minhas aulas, assumi a administração da Fazenda da Universidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Em 76 fui fazer o Doutorado em Piracicaba, quando foi em 78 [...]. Na área de Solos e Nutrição de Plantas, especialmente em Irrigação e Drenagem que era minha área. Com 2 anos e pouco terminei o Doutorado, eu tinha essas coisas comigo, eu não gostava de ficar demorando não, terminei e voltei para cá. E ao voltar andei me candidatando. - Um belo dia eu olhei para o tablado e lá olhei que podia me aposentar com 51 anos quase, e aí eu pedi minha aposentadoria e nessa época eu já dava consultoria a EMBRAPA. - Eu fiz concurso para Universidade para professor, entrei como Professor Colaborador, depois eu passei para Professor Assistente por concurso, depois para professor Adjunto por concurso, e Professor Titular. Quando eu voltei eu fiz concurso para professor adjunto. - Eu não passei nem um ano aposentado, com menos de um ano eu voltei fazer concurso, eu voltei, e comecei a trabalhar. - Eu fui me candidatar, eu era Presidente da Associação dos Agrônomos, aí o Reitor, com raiva, na época em que ele foi tomar posse, eu não o defendi porque os meninos jogaram ovo nele, foram os alunos da Agronomia, ele queria que eu desse uma nota como Presidente da Associação. Eu disse não, eu como Presidente da Associação dos Agrônomos era para defender os Agrônomos, não tinha nada para me envolver com os problemas da Universidade Federal do Ceará. - A UFC quando entrei na Agronomia, pegamos a primeira turma semestralizada e naquela época fazia pouco tempo que a Universidade Federal do Ceará tinha sido constituída, acho que naquela época o Presidente da República era o Juscelino. O Reitor pegou as Escolas isoladas, Escola de Agronomia, Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Farmácia, ele juntou tudo isso e transformou. Esta foi a célula primeira da Universidade Federal do 	<ul style="list-style-type: none"> - Presidente da Associação dos Agrônomos. - Universidade Federal do Ceará. - Carreira administrativa. 	<p>Professor Colaborador e posteriormente Concurso, para Professor Assistente, Professor Adjunto, Professor Titular.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criação da UFC – primeiras células. - Os novos Campi nas administrações Roberto Cláudio e René Barreira. - Supervisor e Diretor do Centro de Ciências Agrárias por durante três anos; Chefe do Departamento de Engenharia Agrícola por três vezes; Pró-Reitor de Assuntos Estudantis; Reitor em exercício; Pró-Reitor de Administração.
--	---	---	--

	<p>Ceará.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando a Universidade começou foi criado então a área do <i>Pici</i> que era da Agronomia e dois anos mais tarde, transformou-se no Centro de Tecnologia e o Centro de Ciências Agrárias. Isso teve um bocado de reforma na parte administrativa da Universidade onde teve uma época em que o Centro de Ciências Agrárias e o Centro de Tecnologia era um só. - O <i>Campus</i> do <i>Pici</i> já se estabilizou tendo ali, a FACED- Faculdade de Educação, o Centro de Humanidades, principalmente com o Curso de Letras, Historia e outros cursos, e mais na frente a FEAAC e a Salamanca, que é a mais antiga delas, que agora está completando 110 anos. - E, daí criou-se outro <i>campus</i>, o da parte de Saúde, Medicina, onde pelearam para levar esse pessoal da Odontologia, da Farmácia, da Enfermagem lá do <i>Pici</i>. Então, começaram a construir o prédio do tempo do BIRD e construíram esses prédios, mas tudo lá foi abandonado. - O aumento da Universidade veio depois da implantação da Universidade, era isso aí, depois é que veio o LABOMAR, como uma instituição de pesquisa, hoje há um trabalho muito forte para juntar o LABOMAR com um Curso de Engenharia de Pesca que funciona com o Curso de Ciências Agrárias, que constitui o Instituto do Mar. - A Universidade Federal do Ceará só funcionava em Fortaleza. A partir da administração do Roberto Cláudio criou-se o Curso de Direito em Sobral, onde a Universidade foi responsável pelo desenvolvimento do curso. Quando o curso estava estabilizado a Universidade Federal do Ceará, entregou o Curso para a Universidade Vale do Acaraú. Com o passar do tempo na mesma época do Roberto Cláudio foram criados dois cursos de Medicina, um em Sobral e outro lá no Cariri lá em Juazeiro. Não há em Barbalha, Curso de Medicina e o Curso aqui da Região Norte foi lá em Sobral. - O primeiro sustentáculo da Universidade Federal do Ceará no nosso sertão do nosso Estado. Com a criação desses dois cursos um na administração Roberto Cláudio já passando para o René Barreira teve então a implantação de dois <i>campi</i> da UFC no interior, o <i>campi</i> de Juazeiro e o <i>campi</i> de Sobral, aí então a Universidade começou a se implantar no interior. Em Juazeiro foi formado um Núcleo de Tecnologia onde já 		<p>- Trabalhos de</p>
--	---	--	-----------------------

	<p>tinha um Núcleo de Saúde que foi ampliado, e o Núcleo do Pessoal ali da parte de humanas, e a mesma coisa aconteceu em Sobral. A de Juazeiro, a coisa foi tão bem mais sofisticada porque lá em Juazeiro tinha a parte de Tecnologia. Cariri e Crato com a parte de Agrárias e de Humanas. Lá em Barbalha, a parte de Saúde.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se sabe que agora em questão de dois anos a Presidente Dilma mandou botar dois <i>campus</i> da Universidade Federal do Ceará, um em Russas e o outro lá no Crateús, de tal forma que a Universidade Federal do Ceará está praticamente dominando as suas expansões, no Cariri, em Sobral, em Russas, e em Crateús na saída do René. - No período que passei na Universidade teve a criação de uma nova Universidade Federal no Estado que foi a UNILAB. Naquela época que começou a UNILAB seria Universidade Luso Brasileira, depois foi que botaram um nome mais bonito, essa Universidade foi instalada exatamente em uma Região muito carente do Estado do Ceará, embora uma região muito propícia a Agricultura, mais carente de desenvolvimento. Ali tem dois municípios importantes, que ela domina, como Redenção e Maciço de Baturité, uma região carente da parte de conhecimento científico. - O Lula veio aqui receber o título de Doutor Honoris Causa da UNILAB e ali já houve uma inauguração pelo governo [...]. Hoje eu vi alguém dizer essa frase: "... que o Lula tinha dito que alguém colocou para ele, que o limite de um País não se mede pela extensão geográfica, mas pela extensão do conhecimento". O Ceará hoje é um Estado que tem uma extensão relativamente muito boa, porque em todas as zonas existem cursos de nível superior, então a estratégia está indo muito bem no Ceará. - Antes da primeira aposentadoria eu fui Supervisor e Diretor do Centro de Ciências Agrárias por durante três anos, foi de 72 até 75, depois disso, eu assumi a Chefia do Departamento de Engenharia Agrícola por três vezes. Esse Departamento eu assumi três vezes a direção dele, depois disso eu ia assumir a quarta, aí me aposentei. Quando eu voltei que não queria saber de envolvimento na parte administrativa, queria saber da parte acadêmica, me veio um cidadão dizendo que eu era o responsável pela votação dele de Reitor nas Agrárias. Esse cidadão se chama Roberto Cláudio da Frota Bezerra. 	<ul style="list-style-type: none"> - Publicações. - Outros trabalhos. 	<p>pesquisa na área da agricultura pura e aplicada.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cursos do PROUNI, Cursos Especiais.
--	--	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> - O Roberto veio e me disse: Luís tu vais ser meu Pró-Reitor de Assuntos Estudantis. Eu disse: Roberto eu não quero, porque eu não queria me meter mais em assuntos de política. Roberto disse: Se você não vier, eu vou botar uma pessoa incompetente, mas a culpa vai ser sua. - Quando o René assumiu veio logo dizendo: você continua. Eu disse: De jeito nenhum, quero ir para a administração. Estava cansado daquilo, cansa porque fica se repetindo. Eu aprendi uma coisa com meu Professor Manuel Negreiro Bessa, um cara que se formou depois de 30 anos, ele me disse: Meu filho nunca se perpetue na administração, porque você pensa que sabe tudo, mas não está fazendo mais nada. Isso tem uma certa validade foi o que aconteceu comigo. E aí quando o René assumiu em 2003, eu fiquei na administração. - Quando o René renunciou eu fui ser Reitor. [...] eu passei a ser Reitor em exercício, aí o Presidente da República me nomeou Reitor <i>pro tempore</i>, com sentido de fazer uma eleição dentro da Universidade. O que aconteceu com toda normalidade pelejaram para melar, mas nunca deixei fiquei segurando todo tempo. Tanto assim, que no final adoeci mesmo, fui lá para o Hospital voltei, mas fiquei até o final e aí quando o Reitor Ícaro assumiu, eu voltei como Pró-Reitor de Administração. - O Ícaro morrendo, o Jesualdo se afastou quase 2 meses para fazer campanha, aí eu assumi em exercício a Reitoria. O Jesualdo me chamou e eu continuei no meu cargo de Pró-Reitor de Administração até maio de 2012. Eu acho o seguinte, uma das coisas interessantíssimas foi quando eu cheguei na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, pois eu não conhecia nada, não conhecia nenhuma residência universitária, não sabia como funcionava aquela coisa, e a gente foi se entrosando com a estudantada. - No começo era muito ruim porque a Universidade quando o Roberto Cláudio assumiu, ele assumiu do Albuquerque que era chamado pelos estudantes daquela época, de Interventor. Então os estudantes viviam espocando tudo, eles faziam tudo pra arrumar uma confusão. Outro dia estava lá na Pró-Reitoria e o telefone tocou, era do jornal "O Povo", e disse: Você que é o Pró-Reitor? O que é que o Senhor me diz da invasão do R.U? Eu disse: Invadiram? - As coisas eram assim, eu e o Roberto Cláudio sofremos muito, mas então eles 		
--	---	--	--

	<p>passaram a ter respeito, passaram a gostar, então os 4 anos seguintes do Roberto foi uma beleza.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Eu tenho um livro publicado com dois autores, eu tenho uma dissertação e uma tese, eu tenho mais ou menos uns 60 trabalhos publicados em revistas especializadas e mais ou menos 60 trabalhos apresentados em congressos. - Os meus trabalhos tem uma cara, uma feição que era a Agricultura propriamente dita, esses trabalhos que eu falei e mais a pesquisa pura, a pesquisa aplicada. Estudamos solo, níveis de adubação, estudamos as variedades, isso e aquilo outro, e isso tornou-se um lugar comum na Universidade. - Outra coisa que não falei ainda, é que eu era Docente na Universidade, além de dar minhas aulas na Economia, eu também assumi a responsabilidade de cursos do Ministério, como Curso do PROINI, Cursos Especiais, Cursos de Projetos. [...] eu dava aula 4 horas na Agronomia, 4 horas no Banco do Nordeste e 4 horas na UNIFOR. Eu era Professor do Curso que era dado na UNIFOR. 		
<p>8. História Sócio-Política</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Na época da ditadura eu não tinha essa ideologia toda, não era de esquerda, nem de direita, mas era um cara que andava por ali e acompanhava o movimento mais do pessoal de esquerda. Quando veio a ditadura eu vi muita coisa grosseira, como exemplo, sujeito chegar e ter que enterrar todos os livros, todos os discos do nosso Centro Acadêmico porque o pessoal da direita vinha para quebrar tudo, outra coisa eu vi muitas vezes, vi, presenciei estudante que se dizia de direita e bater no rosto do professor que se dizia de esquerda. Isso dava uma revolta muito grande. - Eu me lembro do ultimo dia da última prova que realizamos, onde todos saímos para beira-mar para tomar uma para comemorar, e nessa brincadeira nós passamos em frente ao Quartel ali perto da Igreja da Sé, e um doido de um colega nosso gritou: “ Viva a Liberdade” e foi preso. - Eu tenho maior amor pela Quadra do CEU. A história era da Quadra do CEU, onde funciona o CAEN onde era antigamente o DCE. O pessoal que ia para lá, tinha vontade de apanhar. - Eu tinha um grande amigo Valdinar, que a turma dele não podia se formar na Reitoria lá na Concha Acústica porque a polícia 	<ul style="list-style-type: none"> - Ditadu-ra Militar. - Movimento Estudantil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sem ideologia. - Amor pela Quadra do Céu. - Professor da UFC, líder estudantil. - Movimentos diferenciados.

	<p>queria prendê-lo. E o irmão dele, porque era irmão e também tinha culpa, e aí foi feito a colação de grau dele no Auditório da Zootecnia, todo mundo colou grau lá, esse cara chamado Valdinar foi professor lá da Biologia, foi um dos maiores líderes estudantis que essa Universidade já teve.</p> <ul style="list-style-type: none"> - No tempo da ditadura a Universidade era presa, o negócio era muito sério, você sabe que naquela época aconteceram muitos movimentos diferenciados na humanidade. - Eu lhe digo uma coisa, naquela época havia uma diferença muito grande para o mundo de hoje. Eu fiz muito estudo a respeito do movimento estudantil. Na minha época dava uns 60 ou 70 alunos, agente gostava de ir para a Quadra do CEU assistir jogos, agente gostava de ir para a festa na Quadra do CEU. Hoje tem as baladas, mas não com a conotação de estudante. Hoje o número de estudantes que se envolve nisso é muito pequeno. - A Reforma Universitária mais séria foi na época da Lei de Diretrizes e Bases, foi em 68, então aquilo promoveu um desmando tão grande na Universidade que fazia gosto. - Fui Presidente da Associação dos Agrônomos, fui Diretor- Conselheiro do CREA. As três mais importantes, o CREA, a Associação dos Agrônomos, o CLUB de Engenharia e o Sindicato dos Engenheiros. - Eu sou da APESC- Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará e da ADUFCE- Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará. - Hoje a UFC está altamente envolvida com inserção daquele órgão que trata das empresas, a FIEC. Acho que a Universidade Federal do Ceará tem uma relação muito boa com as entidades de classe, SESC, SENAC, SESI. A Universidade está com a inserção muito boa, tem muitos convênios, parcerias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reforma Universitária. - Participação em entidades de classe e sindicato. 	<ul style="list-style-type: none"> - Lei de Diretrizes e Bases foi em 68. - Atividade política profissional.
--	--	--	--

UNIDADE CONTEXTO'

Eu vou fazer um roteiro da minha infância até os dias de hoje. Vamos começar com a minha família. A minha família ela é relativamente grande, não na época em que ela foi concebida, mas nos dias de hoje ela é considerada grande porque eu tenho 10 irmãs, 1 irmão e ainda tenho 2 agregadas que são parentes nossas e que foram criadas como nossas irmãs, de tal forma que minha mãe com 99 anos ainda toma conta de todo esse pessoal. Com respeito ao meu pai, esse falecido em 1977 de tal forma que de lá para cá minha mãe assumiu a frente da casa e até hoje, mesmo de cadeira de rodas nós temos maior respeito, maior amor por ela.

No que tange a minha infância era interessante porque eu nasci no Distrito de Guararu na Pitombeira de Caucaia na nossa querida Caucaia, onde até hoje eu resido aqui na Jurema. A nossa ida para Pitombeira aconteceu, como era um local rural, aconteceu que meu pai era praticamente um agricultor e tanto plantava legumes como criava também alguns animais. Com 7 anos de idade eu me lembro bem, então meu pai resolveu se mudar com toda família para Fortaleza e de lá para cá nós viemos para Fortaleza e aí nós nos instalamos. Meu pai mudou de profissão e passou a ser empresário de posto de gasolina, não era posto, era praticamente uma guarita que ficava

localizada na Avenida Bezerra de Menezes com a Rua Padre Anchieta, ali então foi que ele sustentou e criou toda sua família, educou, etc, etc e etc. , de tal forma que quando agente olha para nossa família [...], eu me formei em agronomia.

Tenho duas irmãs Enfermeiras, tenho uma da Pedagogia e tenho mais uma Dentista e mais duas que fizeram Estudos Sociais. Meu irmão parou os estudos muito cedo e entrou na parte de caminhoneiro viajante por esse país todo e depois se tornou em outras funções exageradas como ele gosta.

Muito bem! Nós podemos dizer o seguinte: essa foi mais ou menos a formação, iniciamos aqui em Fortaleza, nossa adolescência, como toda família de classe média baixa onde agente se divertia bastante nos campos de futebol, de pelada. E, todos estudavam mesmo a contra gosto dos nossos pais, nós tínhamos uma tia, irmã do meu pai que tinha um colégio chamado Externato Santa Catarina, antes Externato Catarina, onde lá estudaram todos os filhos de meu pai. Dali agente saiu do primário para a parte colegial, uns para o Liceu, uns para o Cearense, uns para a Escola Normal, e outros para o Colégio Santa Cecília, assim foi mais ou menos a nossa vida.

Eu por exemplo fui levado diretamente para o Colégio São José, onde fiz a primeira série ginásial, a partir daí, seguir para o Colégio Estadual, que era o Liceu onde cheguei a terminar o segundo grau de hoje, que naquela época era o terceiro científico. Com essa vida muito livre, que meu pai não era de apertar muito agente; agente tinha a facilidade de as vezes sair do normal, sair da aula para se divertir um pouco, brincadeiras maiores como jogar um bilhar, jogar uma sinuca e outras coisas, como futebol, etc., de tal forma que durante meu tempo de estudante do ginásial e do científico, eu me considero um aluno altamente, vamos dizer assim, de conhecimento médio daquilo que deveria ter aprendido nos bancos da escola, era um pouco mesmo relapso, no entanto quando terminado o terceiro científico, nós tivemos então o conhecimento que deveríamos fazer uma Faculdade.

E, a partir daí foi que apareceu a Universidade Federal do Ceará e outras Universidades Federais no Brasil no ano do vestibular. Nesse ano do vestibular seria o que você iria receber o direito de fazer um cursinho dentro da própria Universidade e nesse cursinho se você conseguisse nota igual ou superior a 7, no final dele você estaria dentro da Faculdade. Acontece que dois meses para terminar o cursinho veio uma história da greve dos dois terços, um terço de estudante e um terço de professores. Isso gerou um mal estar, uma greve muito grande dentro da Universidade. Quando voltasse ao normal o cursinho tinha se acabado, e o ano vestibular também. Aí então nós fomos submetidos ao vestibular da nossa turma que começou com 120 e 60 alunos em uma sala e 60 na outra. Só apenas 19 estavam sendo classificados para o vestibular e desses 19 alunos, 18 passaram no vestibular o que mostra que houve um aprendizado muito grande para agente conseguir chegar à Universidade, ao quadro da graduação.

É importante lembrar que desses 19 alunos, nós estávamos participando dele quando entramos no Curso de Agronomia que foi o curso escolhido por nós. A partir daí o primeiro aluno da turma do primeiro ano até o último que foi o quarto, foi o Luis Carlos, isso porque o esforço era muito grande, estudava bastante para recuperar o tempo perdido durante a malandragem do ginásio e do científico. Nós estávamos agora falando agora de concluir a Universidade, de tal forma Doutora Sara, que eu vou falar aqui então da profissão.

Eu já falei um pouco da profissão do meu pai e da minha mãe. Minha mãe era aquela soberana dona de casa, e criava todos esses filhos, de tal forma que até hoje se você chegar na casa dela, hoje com 99 anos de idade, se tiver 5 filhas, ela vai dizer que tem pouca gente lá, e que ela não vai dormir porque tem medo da noite, de alma. Um fato interessante é lembrar, para ninguém se estender muito sobre essa questão, é que há dois meses atrás no ano novo, ela desceu, teve uma pneumonia e foi internada na UTI, e na UTI ela queria porque queria que duas filhas dela ficassem lá no hospital porque ela não aceitava dormir só. E aí minha amiga, ela é de tal maneira que é desse jeito.

Nós temos uma vida que eu sempre digo que a casa da minha mãe é a casa de Irene, e que nós somos uma família de amizade muito grande. Hoje mesmo meu irmão, que mora no Maranhão, ele é 5 anos mais velho que eu, porque já estou completando setenta anos, e ele tem 75 anos, o filho dele ligou para mim e disse: tio, o papai está muito doente, eu vou buscá-lo no Maranhão e juntou-se a outro primo meu. Eu hoje já estou arrumando médico para ele amanhã fazer um tratamento, pois ele está chegando amanhã. Então nós somos muito unidos. Para completar, eu tenho uma irmã que, dessas que só faltou se acabar quando o marido foi atropelado pelo próprio carro dele, tá certo?

O marido ainda conseguiu escapar quebrando todas as costelas e elas, entrando nos pulmões. Aí o que acontece nisso tudo, é que depois de melhorar um pouco o neto dele, que ele tinha, e que era a coisa mais linda do mundo, pegou uma moto e disparou, bateu com a cabeça e acabou-se dentro de todos esses problemas. Ela, minha irmã que era enfermeira, fez um auto- exame dos seus seios e lá verificou-se que tinha um caroço, e lhe disseram que era um câncer, ela ficou desesperada, e bateu lá todos os exames e como amizade que agente faz na Universidade, falei com Doutor Luis Porto, e ele me disse: Luís não te preocupa porque tua irmã está no começo, está iniciando, e vai tratar sem quimioterapia ou radioterapia.

Então eu teria que está lá junto com o médico, pois a família é unida demais, briga, briga, mas no outro dia está todo mundo junto, eu tenho todo amor pelos meus irmãos, não tem diferença nenhuma; quando eu estou gostando mais de uma, a outra reclama, aí tenho que voltar. A juventude, eu acho que era a grande amizade que eu fazia naquela época, morava no Monte Castelo e o Posto era no São Gerardo, então isso nos dava o direito de ter uma amizade muito grande, então festa no Maguary, agente ia muito, fomos a pé para Maguary. Agente saía do posto de gasolina do meu pai e ia à pé para o carnaval.

Todo final de semana, tinha uma festa no Maguary, agente tinha que ir e nós não éramos sócios, então nós colocávamos um borrão na cabeça e dizia: Abençoado Tio Luis. Assistíamos cinema todo domingo de manhã, ia para o Cine Rex, então a noite ia para o Cine Familiar no Otávio Bonfim, até a vinda então do Cine São Luís. Agente ia de manhã e de tarde e de noite, matinal, matinê e suarê.

Entrevistadora: O que é suarê?

Entrevistado: Suarê é a noite, matinê é a tarde, e matinal é de manhã. De tal forma que essa era a vida e outra coisa, a pelada e o futebol, isso é fundamental né? Gostava muito de uma sinuca, isso era fundamental também.

Quando eu tinha 12 anos de idade na segunda, terceira série ginásial, eu passei a trabalhar na Loja Esquisita, aquela da praça do Ferreira, como empacotador de sapato. Lá um belo dia eu estourei o sapato da mulher, me jogaram fora e botaram eu para entregar sapatos. Então eu ia pela rua entregando sapatos.

Passou um tempo e minha tia me chamou para me ensinar no Externato, eu ia ser um quebra galho, faltou um professor, você vai para aquela sala, e lá tinha que saber de tudo, de português, de geografia, de história e do primeiro ao quinto ano. Isso eu fiz em toda minha vida, comecei a ensinar nessa época e aí vim fazer o Curso de Agronomia como eu já falei.

Após o Curso de Agronomia, no mesmo ano que eu terminei, no ano seguinte eu já era professor, inclusive eu fui professor dos meus colegas repetentes. Eu comecei a estudar, e no quarto ano da universidade, no oitavo semestre, que era a disciplina de Irrigação, e eu continuei a vida na Agronomia, ensinando. Eu acho que não fui um péssimo professor porque lá tem um bocado de placa com meu nome, muitas vezes sou o paraninfo da turma, outra eu sou o homenageado. Eu terminei em 1966 o curso de Agronomia, e em 1967 eu já era professor.

Quando foi em 1970 eu resolvi fazer o Mestrado, e sair para fazer o Mestrado em março de 1970. Quando foi em maio de 1971 eu estava com a dissertação na mão.

Entrevistadora: E o Senhor foi para onde?

Entrevistado: Para Porto Alegre, lá fui para o Instituto de Pesquisa Hidráulica fazer o Mestrado em Hidrologia, opção em Irrigação e Drenagem. Era uns 14 meses para fazer o Mestrado completo, voltei e aí fiquei por aqui e continuei minhas aulas, assumir a administração da Fazenda da Universidade, gostava de lá desde do tempo de aluno em que eu era bolsista de Topografia, desde o segundo ano, eu era o terceiro e por aí, iam as coisas.

Assumi a administração da Fazenda, e quando foi em 75 no final do ano eu deixei. Em, 76 fui fazer o Doutorado em Piracicaba, quando foi em 78...

Entrevistadora: Você fez o Doutorado em que área?

Entrevistado: Na área de Solos e Nutrição de Plantas, especialmente em Irrigação e Drenagem que era minha área. Com 2 anos e pouco terminei o Doutorado, eu tinha essas coisas comigo, eu não gostava de ficar demorando não, terminei e voltei para cá. E ao voltar andei me candidatando..

Entrevistadora: O doutorado você fez onde professor?

Entrevistado: Em Piracicaba na Universidade de São Paulo e o Mestrado foi no Instituto de Pesquisas Hidráulicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Um belo dia eu olhei para o tablado e lá olhei que podia me aposentar com 51 anos quase, e aí eu pedi minha aposentadoria e nessa época eu já dava consultoria a EMBRAPA, então eu mesmo sendo consultor da EMBRAPA eu fui convidado a fazer um concurso para Doutor em irrigação na EMBRAPA, quando veio o Departamento de Engenharia Agrícola e me pediram que eu voltasse ao Departamento, mas que fizesse um concurso porque o Mestrado parava, porque não tinha professor. Então eu pensei isso, eu volto para minha casa, e fiz o concurso porque não teve nenhuma novidade, nenhum adversário, eu fiz concurso para Universidade para professor, entrei como Professor Colaborador, depois eu passei para Professor Assistente por concurso, depois para professor adjunto por concurso, e Professor Titular. Quando eu voltei eu fiz concurso para professor adjunto.

Entrevistadora: Quando o Senhor voltou da onde?

Entrevistado: Quando eu voltei da aposentadoria, eu não passei nem um ano aposentado, com menos de um ano

eu voltei fazer concurso, eu voltei, comecei a trabalhar.

Entrevistadora: o Senhor se aposentou como Professor ou como Engenheiro?

Entrevistado: Como Professor Titular, mas isso foi a primeira aposentadoria, na segunda eu entrei como Professor Adjunto, aí daqui para frente eu não me meto mais em política, eu vou viver exclusivamente para ...

Entrevistadora: Para que o Senhor foi candidato?

Entrevistado: Eu fui candidato a Diretor, ganhei dos professores, ganhei dos funcionários e fiquei, e segundo com os estudantes. Quem ganhou foi o cara que tirou o quarto ou quinto lugar na primeira vez, na segunda vez, eu fui me candidatar, eu era Presidente da Associação dos Agrônomos, aí o Reitor com raiva na época em que ele foi tomar posse, eu não o defendi porque os meninos jogaram ovo nele, foram os alunos da Agronomia, ele queria que eu desse uma nota como Presidente da Associação. Eu disse não, eu como Presidente da Associação dos Agrônomos era para defender os Agrônomos, não tinha nada para me envolver com os problemas da Universidade Federal do Ceará. E, por não ter dado apoio, quando veio a campanha para Diretor, ele fez a Campanha do adversário, ele não era adversário, ele era meu irmão praticamente, agente não discutia.

Um dia agente foi para o debate e foi até engraçado. E se eu fosse o pessoal da Fazenda não recebia nada, ele era louco por mim porque eu vivi a vida toda lá desde estudante, aí os cabras com medo da Fazenda não receber nada, aí não votaram em mim. Depois eu vi que isso tudo era tolice, politicagem besta, barata, aí nem liguei para isso, e hoje eu falo com Albuquerque alegre e satisfeito. A minha religiosidade e da minha família, eu sou católico não por convicção, mas por família, sou daqueles que não perco uma missa de sétimo dia, nem um casamento, nem um batizado, mas não vou a missa todo domingo. A UFC quando entrei na Agronomia, pegamos a primeira turma semestralizada e naquela época fazia pouco tempo que a Universidade Federal do Ceará tinha sido constituída, acho que naquela época o Presidente da República era o Juscelino.

O Reitor pegou as Escolas isoladas, Escola de Agronomia, Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Farmácia, ele juntou tudo isso e transformou. Esta foi a célula primeira da Universidade Federal do Ceará.

Entrevistadora: Então ela começou com esses cursos que o Senhor falou agora, Direito, Medicina, Agronomia, Engenharia, e Farmácia? Nessa época quem era o Reitor?

Entrevistado: Martins Filho. Quando a Universidade começou foi criado então a área do *Pici* que era da Agronomia e dois anos mais tarde, transformou-se no Centro de Tecnologia e o Centro de Ciências Agrárias. Isso teve um bocado de reforma na parte administrativa da Universidade onde teve uma época em que o Centro de Ciências Agrárias e o Centro de Tecnologia era um só.

Era o Centro de Tecnologia e Agrárias, coisa desse tipo, onde o Diretor que assinava o diploma de Tecnologia dos cursos era o mesmo Diretor das Agrárias. Além do Centro de Tecnologia veio também o Centro de Ciências, aquele constituído das três fundamentais: Biologia, Física e Matemática, depois veio Geografia, História e Estatística. O *Campus* do *Pici* já se estabilizou tendo ali, a FACED- Faculdade de Educação, o Centro de Humanidades, principalmente com o Curso de Letras, História e outros cursos, e mais na frente a FEAC e a Salamanca, que é a mais antiga delas, que agora está completando 110 anos.

Entrevistadora: Qual é a mais antiga, professor Luis Carlos?

Entrevistado: a Faculdade de Direito. Eu me lembro que agente ia para a Quadra do CEU nos jogos universitários, naquela época era muito vibrante o negócio e lá, agente cantava: "Salamanca não é de nada", houve muita briga entre Agronomia e Medicina e Engenharia. A Salamanca era fraca, Economia era fraca. Esse *campus* ficou bem estabilizado e teve um Curso da Tecnologia que foi para o Benfica que foi o curso de Arquitetura. Entrevistador: O Reitor nessa época quem era? Entrevistado: Martins Filho e daí criou-se outro *campus*, o da parte de Saúde, Medicina, onde pelejaram para levar esse pessoal da Odontologia, da Farmácia, da Enfermagem lá do *Pici*. Então, começaram a construir o prédio do tempo do BIRD e construíram esses prédios, tudo lá foi abandonado.

Hoje funciona um organismo extra- universidade, extra porque a Universidade aluga o prédio para eles, como é o nome do bicho, é um organismo forte como um todo, então lá ficou a Medicina, a Odontologia, a Farmácia e a Enfermagem ao lado do Hospital da Clínicas e da Maternidade Escola. O aumento da Universidade veio depois da implantação da Universidade, era isso aí, depois é que veio o LABOMAR, como uma instituição de pesquisa, hoje há um trabalho muito forte para juntar o LABOMAR com um Curso de Engenharia de Pesca que funciona com o Curso de Ciências Agrárias que constitui o Instituto do Mar.

Eu me lembro que na época em que eu fui Reitor, fui lá no Município perto de Aquiraz, aqui pertinho em uma área de 20 hectares para ver lá as pesquisas, porque hoje tem muita pesquisa nessa área de peixe do mar. Essa era

a Universidade normal, a Universidade do Ceará, ela tinha uma característica..

Entrevistadora: Qual era?

A Universidade Federal do Ceará só funcionava em Fortaleza. A partir da administração do Roberto Cláudio criou-se o Curso de Direito em Sobral, onde a Universidade foi responsável pelo desenvolvimento do curso. Quando o curso estava estabilizado a Universidade Federal do Ceará, entregou o Curso para a Universidade Vale do Acaraú. Com o passar do tempo na mesma época do Roberto Cláudio foram criados dois cursos de Medicina, um em Sobral e outro lá no Cariri lá em Juazeiro. Não há em Barbalha, Curso de Medicina e o Curso aqui da Região Norte foi lá em Sobral.

Isso foi o primeiro sustentáculo da Universidade Federal do Ceará no nosso sertão do nosso Estado. Com a criação desses dois cursos uma na administração Roberto Cláudio já passando para o René Barreira teve então a implantação de dois *campi* da UFC no interior, o *campi* de Juazeiro e o *campi* de Sobral, aí então a Universidade começou a se implantar no interior. Em Juazeiro foi formado um Núcleo de Tecnologia onde já tinha um Núcleo de Saúde que foi ampliado, e o Núcleo do Pessoal ali da parte de humanas, e a mesma coisa aconteceu em Sobral. A de Juazeiro, a coisa foi tão bem mais sofisticada porque lá em Juazeiro tinha a parte de Tecnologia, Cariri e Crato com a parte de Agrárias e de Humanas. Lá em Barbalha, a parte de Saúde. O negócio foi tão bem feito que o Governo Federal em questão de um 1 ano, ou sei lá de 2 anos, criou a Universidade do Cariri e na minha concepção, na minha maneira de ser, o Governo do Estado do Ceará ele não vai sair do Governo sem criar a Universidade da Zona Norte, inclusive agora soube que a Universidade já está querendo lançar *campus* lá no Camocim.

Se sabe que agora em questão de dois anos a Presidente Dilma mandou botar dois *campus* da Universidade Federal do Ceará, um em Russas e o outro lá no Crateús, de tal forma que a Universidade Federal do Ceará está praticamente dominando as suas expansões, no Cariri, em Sobral, em Russas, e em Crateús na saída do René. No período que passei na Universidade teve a criação de uma nova Universidade Federal no Estado que foi a UNILAB. Naquela época que começou a UNILAB seria Universidade Luso Brasileira, depois foi que botaram um nome mais bonito, essa Universidade foi instalada exatamente em uma Região muito carente do Estado do Ceará, embora uma região muito propícia a Agricultura, mais carente de desenvolvimento. Ali tem dois municípios importantes que ela domina, como Redenção e Maciço de Baturité, uma região carente da parte de conhecimento científico.

Então você ver hoje aquele negócio que está crescendo barbaridade. Ultimamente o Lula veio aqui receber o título de Doutor *Honoris Causa* da UNILAB e ali já houve uma inauguração pelo governo, de uma ampliação para um município vizinho, o de Redenção. Então está crescendo. Já para Baturité, então ele está indo muito bem. Hoje eu vi alguém dizer essa frase: "... que o Lula tinha dito que alguém colocou para ele, que o limite de um País não se mede pela extensão geográfica, mas pela extensão do conhecimento". O Ceará hoje é um Estado que tem uma extensão relativamente muito boa, porque em todas as zonas existem cursos de nível superior, então a estratégia está indo muito bem no Ceará.

Entrevistadora: Os cargos que o Senhor ocupou administrativamente na UFC, quais foram? Em que período? Como foi sua experiência?

Entrevistado: Na UFC a realidade nua e crua: primeiro período que tive na Universidade antes da primeira aposentadoria eu fui Supervisor e Diretor do Centro de Ciências Agrárias por durante três anos, foi de 72 até 75, depois disso, eu assumi a Chefia do Departamento de Engenharia Agrícola por três vezes. Esse Departamento eu assumi três vezes a direção dele, depois disso eu ia assumir a quarta, aí me aposentei. Quando eu voltei que não queria saber de envolvimento na parte administrativa, queria saber da parte acadêmica, me veio um cidadão dizendo que eu era o responsável pela votação dele de Reitor nas Agrárias. Esse cidadão se chama Roberto Cláudio da Frota Bezerra.

Eu disse: Roberto eu não vou ficar, ele disse: Você vai ficar, se não eu perco essas eleições, mas não tem problema, outra pessoa eu não quero, eu fiquei e o homem foi eleito, e quando o homem foi eleito eu já tinha sido Diretor antes, mas nessa época que o Roberto tinha sido Reitor, todos diziam que o Diretor do Centro era eu, não tinha outro candidato, aí o Roberto veio e me disse: Luís tu vais ser meu Pró-Reitor de Assuntos Estudantis. Eu disse: Roberto eu não quero, porque eu não queria me meter mais em assuntos de política. Roberto disse: Se você não vier, eu vou botar uma pessoa incompetente, mas a culpa vai ser sua.

Na outra semana eu disse: Aceito na medida que eu aceitei apareceram nove candidatos a Diretor do Centro. Todos sabiam que eu ganhava então não iam. Depois assumi a Pró-Reitoria de assuntos estudantis, eu não sabia nem o que era...

Entrevistadora: Em que ano foi isso?

Entrevistado: Em 1995, passei lá 4 anos até 1999. O Roberto Cláudio foi reeleito passei mais 4 anos até 2003.

Quando o René assumiu veio logo dizendo você continua. Eu disse: De jeito nenhum quero ir para a administração. Estava cansado daquilo, cansa porque fica se repetindo. Eu aprendi uma coisa com meu Professor Manuel Negreiro Bessa, um cara que se formou depois de 30 anos, ele me disse: Meu filho nunca se perpetue na administração, porque você pensa que sabe tudo, mas não está fazendo mais nada. Isso tem uma certa validade foi o que aconteceu comigo. E aí quando o René assumiu em 2003, eu fiquei na administração. Quando o René renunciou, eu fui ser Reitor.

Entrevistadora: Ele renunciou por quê Professor?

Entrevistado: Para ser Secretário do Estado que até hoje é. Eles dois renunciando eu era o Pró-Reitor mais antigo na função do magistério, aí eu passei a ser Reitor em exercício, e o Presidente da República me nomeou Reitor *pro tempore*, com sentido de fazer uma eleição dentro da Universidade. O que aconteceu com toda normalidade pelezaram para melar, mas nunca deixei, fiquei segurando todo tempo. Tanto assim, que no final adoeci mesmo, fui lá para o Hospital e voltei, mas fiquei até o final e aí quando o Reitor Ícaro assumiu, eu retornei, como Pró-Reitor de Administração, e eu continuei até o ano passado.

Entrevistadora: O Senhor ficou como Pró-Reitor de Administração em que período?

Entrevistado: de 2003 até 2006 e no final do ano, de 2007, no meio do ano de janeiro a julho fiquei como Reitor. Aí fiquei como Pró-Reitor de Administração de julho de 2007 a 2012, porque em 2007 o Icaro assumiu, e quando foi em 2008 ele morreu.

O Icaro morrendo, o Jesualdo se afastou quase 2 meses para fazer campanha, aí eu assumi em exercício a Reitoria. O Jesualdo me chamou e eu continuei no meu cargo de Pró-Reitor de Administração até maio de 2012. Eu acho o seguinte, uma das coisas interessantíssimas foi quando eu cheguei na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, pois eu não conhecia nada, não conhecia nenhuma residência universitária, não sabia como funcionava aquela coisa, e agente foi se entrosando com a estudantada, eu me lembro de uma coisa jocosa de se colocar, é que no dia que eu assumi, cheguei na Pró-Reitoria e estava lá sentado, quando chegou a Secretária Tânia, e disse: Professor! Eu disse: O que é? Ela disse: Professor está aí o pessoal da Residência Geraldo Vandré, eles querem uma audiência com o Senhor. Eu não sei o que diabo é isso, e os cabras entraram falando alto.

Eles começaram a falar de tudo do Presidente da Rússia e dos EUA. Eu não entendia nada, eles me olhavam e quando eles cansaram, eu disse: Meus amigos o que é isso? O que é que os senhores desejam? Nós queremos que o Senhor mande ajeitar a porta e a janela tal. Eu vou mandar fazer amanhã, aí eu vi onde era que eu estava sentado, existe toda uma fantasia aqui, mas no fundo o que se quer é que seja o contrário. No começo era muito ruim porque a Universidade quando o Roberto Cláudio assumiu, ele assumiu do Albuquerque que era chamado pelos estudantes daquela época de interventor. Então os estudantes viviam espocando tudo, eles faziam tudo para arrumar uma confusão. Outro dia estava lá na Pró-Reitoria e o telefone tocou, era do jornal "O Povo", e disse: Você que é o Pró-Reitor? O que é que o Senhor me diz da invasão do RU? Eu disse: Invadirão?

As coisas eram assim, eu e o Roberto Cláudio sofremos muito, mas então eles passaram a ter respeito, passaram a gostar, então os 4 anos seguintes do Roberto foi uma beleza. Um fato que eu queria colocar, é que eu estava na minha sala, quando um aluno chegou e disse: Luís aconteceu um fato seríssimo. Eu disse: O que foi? Ele me disse: Os alunos do Senhor foram presos. Eu disse: Quem? Ele me disse: Os meninos aí da frente, o Armando, o fulano e o Beltrano. Eu perguntei: Por quê? Lá na praça da Beira-Mar quebraram o relógio da globo, a globo tinha um relógio para dar meia noite, o Senhor se lembra daquele relógio?

Aí chamaram a polícia, o primeiro cara que veio deu um murro na cara do Coronel que quebrou os óculos do homem, e prenderam tudo e todos. Quando eu cheguei lá no René, falei para ele: Prenderam os meninos, eu disse vamos lá. Então vamos agora. E aí quando saímos para lá, o Roberto Cláudio disse: Luís que história é essa rapaz? Você defendendo baderneiro que fica quebrando as coisas da rua, eu disse: Não, Roberto, eu estou defendendo os estudantes da Universidade Federal do Ceará, se eu não defender quem é que vai defendê-los? Chegamos lá e estava cheio de pessoal da esquerda.

Entrevistadora: Nessa época o Professor René era o quê?

Entrevistado: Era Pró-Reitor de Extensão. Chegamos lá, estava o João Alfredo, a menina da história, aquela danada como todo, que ia com as roupas mais escandalosas do mundo, aquela que tinha o cabelo pintado de vermelho, a senhora Adelaide, estava lá também o senhor Pinheiro, estava a Rosa, estava todo o pessoal da Rosa. Eu me apresentei lá para o Delegado, o René estava do meu lado, então eu falei ao Delegado: Seu Delegado como é que eu faço para soltar os meus meninos? O Delegado respondeu: Você tem que pagar uma caução. Eu disse: Quanto é? O Delegado foi e contou e me disse: Faz a conta aí, cada um dar um cheque de duzentos mil réis, todo mundo deu. Pagamos tudinho, não demos um tostão a mais.

Depois disso, ainda fui almoçar. O fato é esse. Dois fatos aconteceram: Primeiro tinha que identificar quem quebrou os óculos do Coronel. Eles botavam o cara lá em uma sala que você entrava, você os via, mas eles não

lhes via. Aí chegou a mãe do Armando, o Pai do Armando, a mãe do Armando que era Diretora da Biblioteca. Quando livraram o Armando estava m presentes, o pai dele e a mãe dele, a tia e eu. Ele correu para cima de mim e me abraçou e me beijou. Aí o Armando foi embora e aí disseram para mim: Luis vai chegar daqui a pouco o fulano, ele foi quem quebrou os óculos do Coronel, deram uma pisa nele, a cabeça dele está deste tamanho, se ele dormir aqui ele não amanhecerá, eles podem matá-lo. Eu peguei o telefone e liguei para o Roberto e disse: tem um negócio assim, assim, eu preciso salvar uma pessoa. Ele disse: Quem é? Eu disse: Fulano, ele é da Economia, o pai dele é Professor, é um menino bom sempre está junto com agente, gosta da gente.

Ele disse: O que é que tu queres fazer? Eu disse: Chama aí o Aprígio, nesse tempo ele era Diretor do IJF. Eu disse: Aprígio é o seguinte: eu vou mandar um cidadão para lá, se ele aparecer lá pela Policia, tu manda prender esse cara. Aí ele chegou buzinando num carro velho, foi tirado ele de dentro do carro velho e não o conheci. Aí o Armando disse: Ele aí Professor é o menino. Eu disse: O que mandarem você fazer, você faz. O João Alfredo era Deputado, era Vereador, eu sei lá o que aquele (...) era ? Eu disse: João, entra e diz ao menino que desmaie, que ele vai ter que voltar para o Hospital, quando lá vem a história, o homem desmaiou. Aí a Adelaide leva o menino para o AHC. Eu disse: Que AHC, nada, leva mulher, vamos levar para o IJF. Pegaram o cabra e levaram para o IJF, soltaram no outro dia, não foi nem mais para a Delegacia.

Entrevistadora: A escolha da sua profissão que professores e autores mais o influenciaram?

Entrevistado: Você já sabe, eu já lhe disse, que eu estava em uma praça conversando com meu amigo Liberato Gomes de Aguiar, que depois foi ser Agrônomo que me disse que iria ser Médico, mas não passou na Medicina, e ele disse que eu tinha que fazer uma Faculdade, e eu por passar muito pela pista do Antonio Bezerra, onde fica a área da Agronomia, eu via aquele gramado muito bonito, e eu como gostava de animal, pois eu era do interior, resolvi fazer Agronomia, essa foi a razão e porque eu achava difícil aprender matemática.

Eu ainda hoje gosto de Agronomia, mas se hoje fosse fazer o curso eu não fazia Agronomia, faria Veterinária ou talvez fizesse os dois como alguns colegas meus fizeram.

Entrevistadora: Lugares que você trabalhou fora da UFC?

Entrevistado: Foram, a Sapataria Esquisita com 12 anos e o Externato Santa Catarina até entrar na Faculdade.

Entrevistadora: O senhor era remunerado nessa atividade ?

Entrevistado: Agente ganhava parece que era 20 mil réis.

Entrevistadora: Trabalhos publicados.

Entrevistado: Eu tenho um livro publicado com dois autores, eu tenho uma dissertação e uma tese, eu tenho mais ou menos uns 60 trabalhos publicados em revistas especializadas e mais ou menos 60 trabalhos apresentados em Congressos.

Entrevistadora: Nesses trabalhos que o Senhor apresentou foi dado continuidade a algum deles?

Entrevistado: Eu não fui começo, eu fui meio. A minha tese de Doutorado ela continua até hoje, é um trabalho de desenvolvimento de como determinar atividade hidráulica por solos, isso é uma coisa muito complexa, então eu fiz uma teoria que aquilo foi um sucesso, muitas teses você pega por aí.

Os meus trabalhos tem uma cara, uma feição que era a Agricultura propriamente dita, esses trabalhos que eu falei e mais a pesquisa pura, a pesquisa aplicada estudamos solo, níveis de adubação, estudamos as variedades, isso e aquilo outro, e isso tornou-se um lugar comum na Universidade. Teve gente que passou a copiar totalmente meus trabalhos. O Luis Gonzaga por exemplo que trabalha lá na FACED. Mas, aí meu trabalho ainda tem muita gente que se encontra trabalhando na mesma linha, que é da minha linha de pesquisa que vai estudar a mesma variável que influem na mesma cultura.

Entrevistadora: Algum outro irmão que se tornou Professor?

Entrevistado: Tinha a Pedagoga.

Entrevistadora: Como é o nome dela?

Entrevistado: Maria da Conceição Gonçalves, Diretora de Colégio.

Outra coisa que não falei ainda é que eu era Docente na Universidade, além de dar minhas aulas na Economia, eu também assumi a responsabilidade de cursos do Ministério, como Curso do PROINI, Cursos Especiais, Cursos de Projetos. Todos esses cursos eu era muitas vezes, Coordenador Técnico de praticamente 50% ou 80% deles. Dava esses Cursos do Banco do Nordeste do PROINI e eles queriam que eu desse o curso todinho. Eu dizia: Eu não agüento não, essa casa aqui toda ela foi feita com dinheiro que ganhei trabalhando no PROINI. Minha filha, eu dava aula 4 horas na Agronomia, 4 horas no Banco do Nordeste e 4 horas na UNIFOR. Eu era Professor do

Curso que era dado na UNIFOR.

Entrevistadora: O Senhor quem criou o curso?

Entrevistado: Eu que elaborava todinho.

Entrevistadora: Como era o nome do curso?

Entrevistado: O PROINI, Irrigação Nordeste e o Curso de Especialização que era Internacional. Eu desse curso aí, eu era Coordenador Técnico, do Nacional eu era Professor de várias disciplinas, tinham os cursos especiais e tinham os cursos do Projeto, eram bem uns 5 ou 4 sei lá. Está bom.

Entrevistadora: Em que ano o Senhor terminou seu curso na Universidade?

Entrevistado: Em 1966, o Curso de Agronomia Bacharelado.

Entrevistadora: Como era a Faculdade ou seu curso antes da criação da UFC no Ceará?

Entrevistado: O meu curso já foi na época que já era Universidade.

Entrevistadora: Como ficou seu curso de Graduação depois da criação da UFC?

Entrevistado: Acho que o Curso de Agronomia ele sofreu muito com a criação da UFC, houve uma perda de muitos professores. Foram os cursos básicos muito deles, para lá. Foram tudo para o Centro de Ciências, esse pessoal da Matemática, da Química da Física, esse pessoal foram tudo para lá.

Agora a vantagem de ser da Universidade ninguém pode negar, porque uma Universidade é diferente de um mero curso né?

Entrevistadora: Tem algum acontecimento que marcou a sua vida de estudante universitário?

Entrevistado: Foi a ditadura, porque na época da ditadura eu não tinha essa ideologia toda, não era de esquerda, nem de direita, mas era um cara que andava por ali e acompanhava o movimento mais do pessoal de esquerda. Quando veio a ditadura eu vi muita coisa grosseira, como exemplo, sujeito chegar e ter que enterrar todos os livros, todos os discos do nosso Centro Acadêmico porque o pessoal da direita vinha para quebrar tudo. Outra coisa eu vi muitas vezes, vi, presenciei, estudante que se dizia de direita e bater no rosto do professor que se dizia de esquerda. Isso dava uma revolta muito grande. Eu já como professor, cheguei a me deslocar de casa para ir ao IJF, porque um estudante nosso tinha sido baleado por uma policial. Eu me lembro do último dia da última prova que realizamos, onde todos saímos para beira-mar para tomar uma para comemorar, e nessa brincadeira nós passamos em frente ao Quartel ali perto da Igreja da Sé, e um doido de um colega nosso gritou: “ Viva a Liberdade” e foi preso.

Todo mundo aí amanheceu o dia para ver o sol nascer de faixa, não era quadrado, era de faixa, que era dentro de uma sala de aula. Aí perguntaram: O que vocês vinham cantando? Os meninos responderam: Rapaz, agente vinha cantando uma musicazinha, que era fazendo uma paródia da música de um cantor bem conhecido. O Policial disse: Você não viu que estava passando uma autoridade policial, um Coronel? Quando esse cidadão tacou o grito de liberdade? Eu disse: Não, eu vi uma pessoa fardada, se era Coronel, General, eu não sei porque nunca fui do Exército. Aí fui embora, a turma estava esperando lá fora.

Entrevistadora: E dentro da Universidade como era essa influência da ditadura?

Entrevistado: Era muito mais na Quadra do CÉU, por isso que eu tenho maior amor pela Quadra do CÉU. A história era da Quadra do CÉU, onde funciona o CAEN onde era antigamente o DCE. O pessoal que ia para lá, tinha vontade de apanhar.

Entrevistadora: E a Política estudantil dentro da Universidade, o Senhor acompanhou de perto?

Entrevistado: Acompanhei, eu tinha um amigo meu de turma chamado de Eder Moreira que foi candidato. Certa vez, no nosso Centro Acadêmico e ao ser eleito ficharam ele em toda parte de Comunista. Ele não assumiu e tinham muitos colegas nossos que se diziam esquerdistas, e viraram direitistas. Eu tinha um professor chamado de Lopes, que olhou para mim e disse: Luis, esse menino nunca me enganou, esse menino vai virar a casaca e cedo.

Eu tinha um grande amigo Valdinar, que a turma dele não podia se formar na Reitoria lá na Concha Acústica porque a polícia queria prendê-lo, e o irmão dele, porque era irmão e também tinha culpa, e aí foi feito a colação de grau dele no Auditório da Zootecnia todo mundo colou grau lá, esse cara chamado Valdinar foi professor lá da Biologia, foi um dos maiores líderes estudantis que essa Universidade já teve.

Entrevistadora: Como é o nome dele?

Entrevistado: Valdinar Custódio.

Entrevistadora: Essa política estudantil favorecia a Universidade?

Entrevistado: Não favorecia a Universidade, mas de certo modo ela procurava abrir, porque no tempo da ditadura a Universidade era presa, o negócio era muito sério, você sabe que naquela época aconteceram muitos movimentos diferenciados na humanidade. Aquela história de Hippie né? Aquilo cresceu, muitos Hippies se envolviam mesmo, mas porque gostavam mesmo. Eu lhe digo uma coisa, naquela época havia uma diferença muito grande para o mundo de hoje. Eu fiz muito estudo a respeito do movimento estudantil. Na minha época dava uns 60 ou 70 alunos, agente gostava de ir para a Quadra do CÉU assistir jogos, agente gostava de ir para a festa na Quadra do CÉU. Hoje tem as baladas, mas não com a conotação de estudante. Hoje o número de estudantes que se envolve nisso é muito pequeno.

Entrevistadora: Com a Reforma Universitária quais os problemas que a UFC tem enfrentado?

Entrevistado: A Reforma Universitária mais séria foi na época da Lei de Diretrizes e Bases, foi em 68, então aquilo promoveu um desmando tão grande na Universidade que fazia gosto. Essa minha mulher Maria Gomes de Araújo, ela no primeiro ano da Escola fazia a disciplina do último semestre. Desagregou tanto assim que no final do ano, ninguém sabia quem era concludente. Aí o sujeito colocava uma placa quem for concludente, compareça na sala tal. Agora nunca tinham se conhecido, eram concludentes.

Entrevistadora: O Senhor teve algum relacionamento com algum Ministro da Educação ou alguma autoridade que merece destaque?

Entrevistado: Não eu sempre fui um cara muito resguardado, as vezes eu saía daqui para Brasília com Roberto Cláudio com o próprio Jesualdo. Porque esses caras é o seguinte: Só conversa com você para lhe tirar alguma coisa. Ele não vai conversar com você porque gosto da sua cara. Tinha assumido o Ministério da Educação o cidadão que hoje é o Prefeito de São Paulo, o Haddad, você sabe que ele é um sujeito político (...), tanto que ele chegou até ser prefeito.

Entrevistadora: A criação do Hospital Universitário?

Entrevistado: Eu não tenho muito conhecimento, foi muito antes de eu chegar, foi no tempo do Doutor Walter Cantídio, por isso o nome em homenagem a ele.

Entrevistadora: O Senhor participou de alguma Academia de Letras?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: O Senhor recebeu alguma condecoração da UFC ou de algum outro Órgão?

Entrevistado: As que eu recebi foi muito mais representando a Universidade, medalhas dos trabalhos prestados na Universidade Federal.

Entrevistadora: O Senhor tem alguma lembrança da II Guerra Mundial? Entrevistado: Nunca Deus me livre.

Entrevistadora: A morte de Getulio Vargas?

Entrevistadora: Lembranças e Memórias de momentos de sua vida, passagem mais marcante de sua vida na UFC? As coisas que eu consegui na UFC, foi de esforço próprio, aconteceu naturalmente.

Entrevistadora: O ensino, a extensão e a pesquisa?

Entrevistado: O ensino todo dia se moderniza, eu tenho certeza que daqui uns dias o aluno não vai mais para sala de aula. A extensão, ela hoje tem um caráter, ela cresceu muito porque se você olhar esses hospitais, essas maternidades isso tudo é extensão. Esse trabalho que esse menino aí faz, eu gosto é muito dele, ele é Coordenador da Pró-Reitoria de Graduação, esses projetos que estão abrangendo os Índios, MST, tudo isso tem crescido muito e tem feito verdadeiras aberturas.

Tem uma (...) lá dos Índios que vive aperreando agente e o Professor Fonteles. Na pesquisa a tendência é cada vez maior, ela continua. A Universidade tem que investir em pesquisa até para a própria existência dela, isso é fundamental.

Entrevistadora: Outros interesses que o Senhor tem de esporte, literatura ou poesia?

Entrevistado: A única poesia que estou ouvindo agora é quando as aves estão com fome.

Entrevistadora: Algum tema importante que o Senhor foi apresentar?

Entrevistado: Acho que um tema que eu apresentava com muita força e vontade foi na área de Conservação de

Solo.

Entrevistadora: Quais participações em movimentos estudantis, associações, quais, quantos e como?

Entrevistado: Fui Presidente da Associação dos Agrônomos, fui Diretor- Conselheiro do CREA. As três mais importantes, o CREA, a Associação dos Agrônomos, o CLUB de Engenharia e o Sindicato dos Engenheiros.

Entrevistadora: Criação do Hospital e de algumas Fundações?

Entrevistado: Não tive envolvimento nenhum.

Entrevistadora: Participação na Associação de Classe dos Professores?

Entrevistado: Eu sou da APESC- Associação dos Professores do Ensino Superior do Ceará e da ADUFCE- Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará.

Entrevistadora: Há quanto tempo você é membro da ADUFCE e da APESC?

Entrevistado: Desde a sua Fundação em 1970 por aí, da APESC tem 5 anos só .

Entrevistadora: Situação da UFC?

Entrevistado: Compromisso dos servidores com a Instituição. Hoje eu não sei mais de nada disso, eu sair de lá (...) quem sabe é você.

Entrevistadora: Aspecto da Iniciação Sócio- Histórica e Política da UFC?

Entrevistado: Hoje a UFC está altamente envolvida com inserção daquele órgão que trata das empresas, a FIEC, acho que a Universidade Federal do Ceará tem uma relação muito boa com as entidades de classe, SESC, SENAC, SESI. A Universidade está com a inserção muito boa, tem muitos convênios, parcerias.

Entrevistadora: Esse trabalho que a Universidade tem com essas as Empresas para que é?

Entrevistado: Tem o desenvolvimento de determinada tecnologia avançando na pesquisa, por exemplo, determinada atividade que o cara da empresa FIEC quer desenvolver. O cara conversa com Jesualdo e o Jesualdo manda um técnico daquela área lá, eles firmam um convênio, e pode desenvolver lá dentro da Empresa ou fora da Universidade.

Mais organismos federais, como a Marinha tem um bom relacionamento com a Universidade, antigamente não existia nada disso. O Cais do Porto, eles lá com o LABOMAR e Convênio sobre Convênio.

Entrevistadora: Qual o marco histórico que se destacaram na vida da UFC até a atualidade?

Entrevistado: Acho que o grande marco histórico da UFC foi essa expansão dela hoje, a UFC não é mais Capitalista, hoje a UFC é regionalista. Outro marco histórico que eu acho da UFC é essa valorização da UFC a nível nacional.

Nós estamos acabando com essa questão de não resolver os problemas para não trabalhar com o Ministério, não responder essa questões.

Entrevistadora: Professor o Senhor lembra de alguma memória do período autoritário de 64 a 85 dentro da Universidade?

Entrevistado: Eu tinha um professor de desenho, eu não me lembro mais o nome dele hoje, e teve um fato interessante, ele foi procurado pelo Daniel Filho, foi para o Amazonas, chegando lá ele estava dentro do exército (risos), foram daí que surgiram os movimentos estudantis.

Entrevistado: Os movimentos estudantis é de antes.

Entrevistadora: O senhor quer falar mais alguma coisa, professor?

Entrevistado: Estou cansado (risos).

**APÊNDICE D – ANÁLISE DE CONTEÚDO: ROBERTO CLÁUDIO DA FROTA
BEZERRA**

Memórias - Roberto Cláudio da Frota Bezerra

TEMA-OBJETO	UNIDADE DE REGISTRO	CODIFICAÇÃO	
		CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
9. História Familiar	<ul style="list-style-type: none"> – Meus pais eram dois cearenses. – Meu pai, Prof. Prício Bezerra foi professor Universitário, foi Diretor da Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará. – Meu pai liderou o processo de federalização junto ao Ministério da Cultura no Rio de Janeiro. – Ele era também Professor da Escola Normal que hoje é o Justiniano de Serpa que chamavam de Escola Normal. – Ele se submeteu a um concurso Nacional do Banco do Brasil e tirou o primeiro lugar no Brasil inteiro como Agrônomo para trabalhar na área de acompanhamento de empréstimos bancários na área de agricultura. – Minha mãe acompanhando todos nós, minha mãe era Dona de Casa, era pintora [...]. – Ela ajudou muito meu pai porque quando na época de ensino de botânica, ainda hoje lá na Botânica na Universidade Federal do Ceará, tem os desenhos de flores, de folhas, isso para ajudar na identificação de determinadas espécies. – Ela que acompanhava nossos estudos e meu pai sempre foi uma pessoa que não era muito presente em casa porque trabalhava muito, mas ele sempre dizia que estava ali para dar o exemplo e que minha mãe é quem tinha a responsabilidade de nos educar. – Nós éramos sete filhos, uma das coisas que sempre marcou a minha criação é que nós tínhamos aquelas brigas diárias, certo? Mas sempre fomos muito unidos, até hoje os sete filhos continuam bastante unidos. Em todos os momentos muito solidários de formação complementar, de personalidades diferenciadas, mas todos unidos. – A minha infância foi fortemente marcada pela ambiência, no local da residência tudo fluiu em torno dessa ambiência, eu morava na Rua Franklin Távora, na Praça chamada Praça Cristo Rei. Nosso ambiente de brincadeira era um pouco no quintal e um pouco também na calçada, que era muito tranquilo, ou então num campo de futebol que depois foi murado, que é o atual campo do Colégio Militar de 	<ul style="list-style-type: none"> – Perfil pessoal e familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> – Filho de cearenses, nasceu em 1946 em Fortaleza-CE. – Pai professor. – Mãe dona de casa. – Infância marcada pela ambiência - residência . – Família católica.

	<p>Fortaleza, certo?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Eu terminei com dez anos de idade, eu sou de 1946. - É uma espécie de síntese do imaginário que tinha na época, também a religiosidade da minha mãe levou a uma aproximação muito precoce com a Igreja. - As figuras centrais da nossa vida, da nossa educação, era o meu pai que ele dizia que tinha que ser referência, dá o exemplo, que a maior herança de um pai para um filho é o exemplo. 		
<p>10. História Escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Os meus estudos eu iniciei na Cidade da Criança. A Diretora da Cidade da Criança era minha tia, irmã da minha mãe, que era a Alba Frotta. Que inclusive faleceu no desastre do Presidente Castelo Branco. - Também estudei na escola pré-apostólica Nossa Senhora de Fátima que era uma escolinha dos padres jesuítas da Igreja do Cristo Rei. Depois eles passaram a um novo estabelecimento chamado Externato Cristo Rei, jamais formalizado, possuía séries de padrão normal, tinha até o quarto, quinto ano primário, e este Externato Cristo Rei deu origem ao Colégio Santo Inácio. - O Colégio São João foi uma escola para mim, primeiro porque era um colégio que era laico, segundo, a variedade de colegas do ponto de vista socioeconômico era o mais amplo possível. - Passei quatro anos no Colégio São João, quando fui apresentado a todas as minhas iniciações, naquela época com certa precocidade até os quinze anos, que foi a idade que eu saí de lá. - Quando eu estava na chamada na quarta série ginásial por influência do professor Godofredo que foi professor da Universidade Federal do Ceará, que faleceu, Dr. Ari de Sá Cavalcante que era Diretor da Economia, que também por influência dele junto ao meu pai que eu fizesse exame para o Colégio Militar. - Ai chegando lá no Colégio Militar meus professores foram, Professor Cavalcante que foi Diretor do Instituto de Matemática, Dr. Ari, Diretor da Economia, Professor Pedro Paulo lá da Humanidade, Professor Godofredo da Física, da Agronomia, professor Urbano que era da Escola Técnica na época, e outros professores de carreira militar, mas eram da carreira do magistério. - No Colégio Militar eu não fui um aluno brilhante, fui um aluno medíocre, um aluno 	<ul style="list-style-type: none"> - Recordações escolares: do primário, ginásial e universidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Primeiros estudos. - Cidade da Criança. - Escola pré-apostólica Nossa Senhora de Fátima (escolinha dos padres jesuítas da Igreja do Cristo Rei); Colégio São João; Colégio Militar. - Aluno médio, sem destaques; - Época de muita curiosidade e poucos estudos. - Admiração pelo Josué de Castro e Celso Furtado. - Interesses em estudar desenvolvimento regional / economia. - Vestibular para

	<p>mediocre, no sentido de ser um aluno médio, não me destaquei.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Foi no Colégio Militar que eu passei a assinar, apesar de ser do Colégio Militar, o Brasil Urgente, que era uma revista dos Dominicanos. Foi também no Colégio Militar que eu assinava o Jornal Panfleto, o Editor era Brizola. - A revolução não permeou direito dentro do Colégio Militar porque as pessoas tinham no dia-a-dia do Colégio Militar a disciplina natural e não foram contaminados pelos primeiros momentos da revolução. Foi também no Colégio Militar que eu adquiri o livro vermelho dos pensamentos mal e abri minha cabeça para ter uma visão mais social das coisas. - Quando eu estava concluindo o meu último ano estoura a Revolução. Depois sim. Na minha época que foi logo quando o Castelo Branco assumiu, ele assumiu de uma maneira meio light, foi uma Ditadura a meio pau nessa época. - Já começando a ler algumas coisas, comecei a ter admiração pelo Josué de Castro que escreveu a Política da Fome que era um livro da biblioteca do pai que eu tinha lido e outra pessoa que me impressionou muito foi o Celso Furtado - Na minha cabeça a profissão que eu deveria escolher era economia porque eu tinha na minha cabeça se eu quisesse trabalhar com desenvolvimento eu tinha que trabalhar com economia. - O Dr. Ari de Sá Cavalcante, disse: - Meu filho hoje eu sou Diretor de Economia e estimei muito, mas se um jovem viesse falar comigo com interesse em trabalhar em desenvolvimento regional eu não aconselharia fazer economia. Eu acho se fosse quer trabalhar na área industrial eu aconselharia você a fazer vestibular para um curso que está sendo criado na Universidade, que é Engenharia Industrial. Ou então, você fazer Agronomia que é a melhor escola que nós temos aqui na Universidade e pode se dedicar a economia rural. - Eu acabei fazendo Agronomia muito mais pelo padrão de ensino que existia dentro da Escola de Agronomia e aí fiz Agronomia que nessa época eu já tinha uma atração muito grande por um pouquinho de metodologia, por filosofia da ciência, como um jovem curioso e alguma elementar nessa área e um interesse muito grande por um livro, uma apostila até que depois se transformou em 	<p>Agronomia.</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1965, passa a respirar um ar acadêmico. - Iniciação no movimento estudantil.
--	--	---

	<p>livro de um Cearense chamado José Maria Pompeu: “Memoria sobre o uso da estatística na pesquisa científica” (eu nem sabia o que era pesquisa científica), mas esse livro me atraiu bastante e a minha formação matemática me ajudou muito nesse inicial.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrei na Agronomia, fiz o vestibular, certo? E na Agronomia no primeiro ano, na Escola de Agronomia da então Universidade Federal do Ceará, que eram Universidades isoladas em 1965, [...] então, eu passei a respirar um ar acadêmico. - E foi ai também, a partir de coisas específicas que eu comecei a minha iniciação no movimento estudantil. Então as histórias dos horários, a história das bibliotecas que os alunos eram proibidos de tirar livros, a história dos critérios de concessão na parte de restaurante universitário como era que funcionava. 		
<p>11. História profissional/acadêmica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Eu comecei também com a atividade de docência. Que tem um fato interessante, Dr. Ari, meu vizinho, uma espécie de protetor meu, estimulador, perguntou: você não quer dar aula (não ganhava nada, no meu primeiro ano de faculdade) no Farias Brito de noite. Ai me colocou para ser professor de ciências, porque meu pai era professor de Agronomia. - Foi o inicio da minha atividade de docência, que foi um desastre, porque a primeira aula eu preparei na insegurança de quem está iniciando, e outra coisa, eram comerciários que estudavam à noite no Farias Brito, a maioria dos alunos eram mais velhos do que eu, eu tinha exatamente 18 anos de idade. - Então eu fui dar aula de boina, bem novinho, sem muita estatura, e com cara de menino fui dar aula. Escrevi meu nome, e quando eu terminei de escrever meu nome, Roberto Cláudio, Agronomia, quando eu fui sublinhar, eu estava tão nervoso que eu cortei pelo meio ai apaguei. Ai comecei minha aula, só que eu tinha preparado 7 aulas para me dar segurança, e eu sei que eu terminei essas 7 aulas com 45 minutos de aula. - E ao longo da aula eu coloquei um aluno para fora porque eu estava tão nervoso e eu querendo me impor para mostrar que eu tinha atitude, era forte, duro. - Então o moral da história: com uns quinze dias de aula um aluno meio dedo duro veio me dizer: “professor fizeram um abaixo assinado para lhe tirar da aula, porque ninguém está entendendo sua aula porque o senhor ensina muito depressa, dar tudo de uma vez e o pessoal não está entendendo 	<ul style="list-style-type: none"> - Experiência Docente - Carreira administrativa 	<ul style="list-style-type: none"> - Professor de Ciências no Farias Brito. - Ministrou cursos para o Banco do Nordeste, SENDEC, no CETREDE. - 1º lugar no concurso de Estatística. - Concurso para professor assistente. - Bolsista do CNPQ no Laboratório de Ciência do Mar. - Mestrado . - Assessor de planejamento na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. - Pró-Reitor de

	<p>nada”, e ai todo mundo assinou , menos eu. Ai eu fiquei arrasado e fiquei tão encabulado com aquele meu desempenho que eu não tive nem coragem de comentar com o Dr. Ari.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Depois por ironia do destino eu comecei a levar de forma cada vez mais caprichada o ato de dar aula, sob aquele tempo que a aula ainda era expositiva de maneira quantitativa. Em todos os cursos que eu dei no Banco do Nordeste, no SENDEC que era na Presidência da República, no CETREDE, sempre eu tirei nota máxima. Mostrei que tinha didática. Se eu não tivesse na época o poder de me poupar eu não teria sido um professor. - Terminado o curso de Agronomia ficou uma preocupação entre todos nós, porque Agronomia, com AI5 que proibia contratação, concurso e outras modalidades. O AI5 trouxe conseqüências entre outras coisas para a sociedade, muito nefastas, para aquelas profissões que tinham como empregador o Estado Brasileiro, em qualquer nível, prefeitura, estadual, municipal ou federal. Então, o que acontecia na época, os agrônomos quando se formavam, eles iam trabalhar na SUDENE que era um dos melhores empregos que tinha, ou eles iam trabalhar na Secretaria de Agricultura do Estado do Ceará, ou iam trabalhar em algumas instâncias tipo, serviço de extensão rural que era o grande empregador. - Então, no Ceará, nós tínhamos, não só para o Ceará, mas também para os Estados vizinhos que boa parte dos egressos de Agronomia dessa geração, pois parte vinha do Piauí e do Maranhão que não tinham Escola de Agronomia na época. Boa parte vinha do Maranhão, outra parte do Rio Grande do Norte e dos Estados de uma maneira geral do Nordeste. - Agora teve um fenômeno interessante ainda quando nós estávamos para terminar que mostra o espírito da nossa turma. A Escola de Agronomia de Mossoró estava sendo criada em 1968, então eles tinham quatro vagas para professor, isso tudo antes do R5, que era para Genética, Mecânica, Entomologia e outra área, Agricultura, eram quatro vagas. O professor que ficou encarregado de selecionar, ele selecionou a mim, selecionou ao Valdinar, selecionou ao Bosco, que era um colega nosso. Ai nós observamos que os selecionados por ele, eram lideranças estudantis. Então privilegiou o presidente do DCE, dois diretores do centro acadêmico e a mim – eu não aparecia muito, mas era considerado como liderança política. Ai nós 	<ul style="list-style-type: none"> - Assessorais e consultorias 	<p>Planejamento, final de junho de 95, Reitor Raimundo Hélio Leite.</p> <ul style="list-style-type: none"> - SAEB/ INEP/MEC - Banco Mundial . - Secretaria de Educação.
--	---	--	--

	<p>fizemos uma reunião, nós quatro, e tomamos uma decisão, nós não vamos querer essas vagas, vamos voltar essas vagas para nossa turma e nossa turma vai eleger (isso sem emprego).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Então o lado ético marcou muito essa turma de Agronomia, a turma 68, então pessoal eu sou da turma 68, e ficou aquela cultura no movimento estudantil das outras turmas. Isso é só um depoimento. - Quando eu terminei Agronomia, nesse clima, eu era bolsista do CNPQ no Laboratório de Ciência do Mar. Então terminou minha bolsa em dezembro, então tinha uns convênios na Superintendência do Movimento da Pesca e da SUDENE, e o primeiro ato foi me contratar, foram contratadas outras pessoas nessa época por convênio – não podia ter emprego, era convênio. - Abriram um concurso de Estatística, [...] e eu me escrevi e proibiram minha inscrição dizendo que era para ser economista e proibiram minha inscrição. Ai eu reverti, tive sorte porque no concurso eu tirei o primeiro lugar - Nisso inventaram o vestibular geral e no vestibular você dizia qual era o curso que você queria fazer, mas depois zerava tudo e você tinha que estudar um ano de duas frentes, uma frente mais de humanas e outra de ciências, medicina, engenharia, etc. Envolveria tudo. Então foi uma experiência, o professor Moreira Campos foi o Coordenador desse programa e eu fui o Coordenador da disciplina de Estatística, ai teve uma experiência muito rica para mim [...]. - Daí, logo depois dessa turma do básico eu fui para São Paulo, porque tinham me conseguido uma bolsa pelo programa do BIRD e eu fui para São Paulo para fazer o mestrado. - Fiz o concurso para assistente e sai, modéstia à parte, muito bem, apesar de não ser mestre. Fui o primeiro [...] fui colaborar com todos os cursos de mestrados que tinham estatísticas na área de Ciências Agrárias e eu fui pioneiro no Programa de Ciências Sociais do Nordeste. - Comecei a dar aulas nos cursos, mas fora da área das Ciências Físicas Naturais e fui para área de Ciências Sociais. Depois disso, assumi uma coordenação e nunca aceitei ser chefe de departamento e nunca aceitei ser coordenador de curso de graduação, mas sempre fui um professor muito envolvido, muito atuante e muito palpiteiro nessa coisa, 	<ul style="list-style-type: none"> - Administração Paulo Elpidio. - Administração Anchieta. - Administração Raimundo Hélio Leite. - Administração Albuquerque. - Administração Roberto Cláudio. - Experiência como 	<ul style="list-style-type: none"> - Forte política cultural e extensionista e organização dos Centros por academia por áreas do conhecimento. - Projeto da nova Universidade. - Processo de participação mais ampla; modernização administrativa. - Visão de administração ampla da Universidade no ambiente do Estado e no ambiente do próprio
--	--	--	--

	<p>sempre dei muita opinião.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fui convidado para ser Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, para ser assessor de planejamento porque já tinha uma visão diferente, já se falava em avaliação, por isso eu fui convidado pela CAPES e eu fiz uma avaliação junto com um professor da economia. - Eu fiz uma avaliação do projeto Nordeste de pós-graduação que estava começando, contratado na época pelo professor Hélio Barros. Fiz essa avaliação e entrei na Pró-Reitoria e organizei os primeiros contatos para se ter um sistema de informações na área de pesquisa e pós-graduação que nessa época o professor Albuquerque que é da Secretaria da Educação solicita uma cooperação minha para eu dar uma assessoria num projeto de zoneamento escolar que estava parado. - E aí a coisa vai crescendo e eu fiquei esse período na pró-reitoria de assuntos estudantis e aí vem a eleição para Reitor, o professor Anchieta resistiu um pouco, mas entrou com idéias comigo para fazer parte de uma Comissão para dar uma organizada no processo sucessório, então fiz parte dessa Comissão, saiu a eleição e o professor que ganhou foi o professor Helio Leite , aí o professor Raimundo Hélio Leite me convidou para ser Pró-Reitor de Planejamento, e aí ele me convidou foi antes dele assumir. - Então eu assumi a Pró-Reitoria no final de junho de 95, já no período de março, abril, então eu coordenei um projeto com o Carlos Marques e com o grande técnico, já falecido do DENOCS que veio prestar serviço para o CNPQ, Dr. Paulo Sampaio Albuquerque que era muito experiente em administração pública nesses processos administrativos que ocorreu a nível federal no Brasil. Aí montamos um documento prévio que logo quando o professor Helio Leite assumiu foi lançado, que foi o Regimento da Reitoria, e aí foi criada a Pró-Reitoria de Recursos Humanos e a Pró-Reitoria de Planejamento Físico e Operações e as Pró-Reitorias Clássicas. - Terminado o mandato do professor Hélio Leite, eu era Pró-Reitor de Planejamento, teve eleição e saiu Reitor o professor Albuquerque porque era o primeiro da lista do Conselho e aí encerra minha fase de envolvimento continuo na Administração da Universidade e eu fiquei nos próximos quatro anos voltado para as atividades docentes e também um pouco para a atividade de Consultoria, mais no nível Nacional junto ao SAEB que era do 	<p>membro do Conselho Nacional de Educação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Instituto Educar. 	<p>Ministério da Educação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - As iniciativas no ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão. - Vice-Presidente da Câmara de Educação. - Vice-Presidente da Câmara de Educação Superior. - Presidente da Câmara. - Presidente Nacional de Educação. - Consultorias e assessorias em avaliação.
--	---	---	--

	<p>INEP, junto ao próprio MEC para estudos especiais de custos, e também junto ao Banco Mundial para alguns trabalhos isolados relacionados a pessoal na área da Secretaria de Educação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - No ano de 1987 a partir do mês de junho iniciou-se a administração do professor Raimundo Hélio Leite, a administração do professor Raimundo Hélio Leite foi quase um sequenciamento natural de algumas administrações que o precederam. Houve a administração de 1983 á 1987 que foi do professor Anchieta e teve a administração que foi do professor Paulo Elpidio que foi de 1979 a 1983. - A administração do professor Paulo Elpídio algumas(eu vou falar um pouco externamente o que se refere a Universidade) teve uma forte recuperação no que se refere a uma política forte cultural e uma política bem forte extensionista. Foi nessa administração que nos tivemos a Rádio Universitária inaugurada, foi nesta administração que nós tivemos a criação da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, foi nesta administração que aconteceram os grandes eventos culturais, foi nesta administração que teve inicio um certo grau de profissionalização. - Então nessa administração teve inicio o processo de profissionalização, inclusive preparação de quadros. Em outras palavras toda responsabilidade acadêmica dessas áreas do conhecimento, mas já começou com o Professor Paulo Elpidio, numa tentativa de discussão com relação a essa organização em Centros, certo? Ele abriu muito essa discussão, mas não chegou a concretizar nem uma nova divisão. - Na administração do Professor Anchieta ficou muito claro na Nova República o Programa, o Projeto da nova Universidade que foi um projeto que tinha um grupo de notáveis da área acadêmica, pesquisadores, professores, e Reitores tentando dar um exemplo de como seria a nova Universidade brasileira, uma tentativa de reforma que nas discussões não avançaram, como era esperado, principalmente nesse momento, porque foi o momento de consolidação da organização do lado Sindical, tanto da Associação Docente, como da Associação do Técnico-Administrativo. - Então a administração do Professor Raimundo Leite começou neste clima de maior participação, era um movimento de âmbito nacional. O Professor Raimundo Leite foi o primeiro Reitor com o processo de 		
--	---	--	--

	<p>participação mais ampla, certo? Só que na época dele, como não tinha nenhuma normativa nacional houve uma abertura para discussão em diversos ambientes, mas o que foi realmente elaborado foram nomes que foram apresentados nos diversos Centros e Faculdades.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Então, nesse período da administração do Professor Helio Leite existia no ambiente geral das Universidades uma sede muito grande de maior participação, algumas propostas advindas dos Sindicatos no sentido de maior democratização interna, isso era um fenômeno que transcendia o ambiente da Universidade, certo? Os diversos esquemas organizados de representação passaram a ter uma atuação mais forte nesse período e fui escolhido pelo Professor Hélio Leite, convidado e aceitei e passei a ser integrante da sua administração, ocupando a Pró-Reitoria de Planejamento. Nessa época tive uma boa oportunidade com um certo grau de intensidade dos processos de negociação. O Professor Helio sempre foi muito aberto para as manifestações que aconteciam no ambiente acadêmico, até por uma questão de antiga participação dele no movimento estudantil, ele sentia quase na obrigação de dar uma maior abertura, no sentido de discutir determinadas questões acadêmicas ligadas não só a gestão, mas também a alguns aspectos acadêmicos. - Por delegação do Professor Hélio Leite fui responsável para negociar um Sistema de Informações para a Universidade Federal do Ceará. - Foi nesta época que foi criada a grande Superintendência de Recursos Humanos e a grande Superintendência de Planejamento Físico e Operações. Era uma visão mais moderna envolvendo na área de Superintendência de Recursos Humanos todo componente do processo avaliatório que já havia sendo disciplinado no Brasil como um todo, que era a progressão funcional dos técnicos/administrativos, certo? Envolvendo também uma área informatizada mais pesada ligada ao SIAPE que estava sendo implantado um Sistema de Administração de Pessoal Único junto às Universidades Federais e também estava avançando o Sistema de Administração Financeira. - Então dois grandes Sistemas que dariam uma base de todo procedimento administrativo da Universidade que seria e que teria que se pautar por orientações nacionais que existia nessas áreas com sistema centralizado. A partir daí o sistema de administração de 		
--	--	--	--

	<p>pessoal passou inclusive por uma fase mais avançada, emissão de contracheque, sendo tudo feito diretamente do sistema de administração de pessoal de Brasília e vamos dizer assim, emissão de empenho e uma serie de outros procedimentos financeiros e também acoplado ao sistema de administração financeira, processo licitatório e outros eventos administrativos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Então nós passamos por um processo que eu diria assim, de uma modernização administrativa. Questões relativas a avaliação como é que seriam os resultados da avaliação, como é que seria apropriada essas informações para progressão funcional, e assim por diante. Então várias questões desse nível foram tratadas e nas Pró-Reitorias de áreas, da Extensão, da Pesquisa, da Pós-Graduação e Graduação, também vários avanços aconteceram, alguns vamos dizer assim, a própria Gestão Acadêmica dos diversos Cursos, o Programa de acesso à Universidade como também, questões relacionadas a uma interação, uma relação mais forte em uma busca constante de relação da Universidade com a sociedade. - E o Professor Hélio Leite com uma forte relação externa, talvez até uma atuação política forte no ambiente externo da Universidade, então no final dessa administração no que se refere a Pró-Reitoria de Planejamento, nós entregamos um sistema de informações montado numa representação bem atuante do Projeto <i>Columbus</i>, a Reforma da Reitoria. Algumas medidas foram tomadas dentro do Conselho Universitário de atualização da própria normatização e também uma forte atuação do Professor Hélio, ainda no ambiente inicial do clube e depois no ambiente da ANDIFES. - O Professor Antônio Albuquerque que era um perfil de bom Administrador, ele tinha tido uma experiência grande, ele tinha sido por duas vezes Diretor do Centro de Ciências Agrárias, foi Secretário de Educação do Estado, foi Secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério de Educação e Cultura. Então, ele tinha uma visão de administração muito ampla porque não só no ambiente da Universidade como no ambiente do Estado e no ambiente do próprio Ministério da Educação. - Ele teve alguns problemas ligados a relação com os movimentos, porque quando ele assumiu, foi o primeiro da lista, mas como não tinha sido o mais votado, houve um certo grau de reação e os primeiros anos foram de alguns conflitos, aconteceram, mas ele com o 		
--	---	--	--

	<p>passar do tempo superou os conflitos e entregou a Universidade em um determinado padrão.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando eu assumi a Reitoria fui candidato em uma lista de seis, inicialmente, pois eram sete candidatos que depois se transformaram em seis, porque um dos candidatos se retirou e a campanha foi feita de uma maneira inovadora, porque aconteceram grandes debates, inclusive aconteceram debates televisionados, então foi o momento assim, de participação diferenciada, de muitas críticas que as pessoas achavam que a Universidade não devia ter eleição. - Então a minha visão era que agente tinha que ser mais proativo, retomar o entusiasmo e falar da promoção da Universidade Pública gratuita na Reitoria, eu tive grandes experiências todas elas muito gratificantes para mim, certo? Eu digo experiência no campo político, eu vou falar nos dois focos, a atuação política de um Reitor na condição de líder institucional e na condição de Representante do Poder Central, o Reitor de Universidade, cujo mantenedor é o Governo Federal, não adianta ficar querendo esconder o sol com a peneira, a responsabilidade que eu estava foi por Delegação da Presidência da República apesar de eu ter todo um respaldo e uma legitimação pela votação que eu recebi dos Professores, dos Funcionários e dos Estudantes da minha Universidade. - A minha primeira prova de fogo foi a invasão da Reitoria, a Reitoria foi invadida pelos estudantes, eu estava em Brasília. Quando eu cheguei de Brasília um grupo de Pró-Reitores foi me receber dizendo que a Reitoria estava invadida e era melhor ir para casa. Eu disse: não, é melhor eu ir para a Reitoria que é o nosso local de trabalho, cheguei na Reitoria e estava toda invadida pelos estudantes. - O fato também foi quando no momento de greve os professores decidiram que não iriam fazer o vestibular, no meio da greve, eu pedi de uma forma inusitada como Reitor da Universidade. Pedi a ADUFC (Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará), e ao Sindicato uma reunião, uma nova assembleia, que eu queria discutir a decisão que iria defender meu ponto de vista, então em lá chegando foi me dado todo espaço democrático e a ADUFC foi super correta comigo e na assembleia eu argumentei com os professores que um dos grandes objetivos do movimento era ganhar a sociedade, mostrar para a sociedade do que estava acontecendo na Universidade Federal do Ceará e das outras Universidades 		
--	---	--	--

	<p>brasileiras, certo?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Então eu pedi para colocar em votação, então a decisão foi de retomada do vestibular [...] O vestibular ocorreu no meio da greve com toda a segurança e com toda normalização graças a contribuição dos professores e funcionários. - Outro momento foi o momento de greve, quando houve uma greve muito radical no ambiente do sistema hospitalar em que, os residentes, que eram extremamente comprometidos com o trabalho deles que tinha uma importância muito grande na garantia do atendimento das pessoas de uma maneira geral no hospital, porque o residente e a mão de obra médica jovem entusiasmada que está em um processo de complementação de aprendizagem garante o atendimento hospitalar principalmente no hospital de escola pública. - No começo surgiu uma pequena vaia, mas depois que eu comecei a discutir eles começaram a respeitar, para ver como seria o encaminhamento, então eu adotei uma prática, teve greve eu conversava, teve greve eu recebia, teve greve eu ia para assembleias, porque ficava mais fácil no dia -a- dia e sempre definir uma postura, pois eu era o mesmo dentro do meu Gabinete, a mesma pessoa com os mesmos valores e as mesmas falas daquele que iria para a Reitoria do lado de fora. - Agora no que se refere ao lado acadêmico, que foi a grande busca que procurei fazer na Universidade, e o meu primeiro raciocínio, aí talvez o viés, a estatística e o seguinte: Por que é que a Universidade tem vaga ociosa? Segunda pergunta: Por que é que a Universidade não completa as vagas que ela coloca nos editais? E, por que nós passamos tanto tempo para formar um aluno? Onde a Universidade Pública deve dar a oportunidade? - Então, para resolver essas perguntas, nós montamos uma espécie de equação. - Essa história de dizer que nós temos qualidade porque fica 20% sem entrar e tantos por cento fora, isso é uma falácia, nós temos uma obrigação de colocar do grupo de estudantes que tenta a Universidade Pública, nós temos a obrigação de colocar para dentro a totalidade das vagas. Usei várias vezes o princípio da autonomia acadêmica que a Universidade tem. - E aí nós melhoramos duas coisas, o alunado com menos ociosidade e melhor aproveitamento dos professores e 		
--	---	--	--

	<p>melhoramos a produtividade da Universidade. A Universidade estava formando mais gente em menos tempo e fizemos a usurpação dessas pessoas que estavam fora do Regimento para jubilação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Então uma das coisas que eu digo na minha herança, que eu fiquei feliz quando entrei em uma Universidade com 11.000 alunos e sair com a Universidade com 21.000 alunos da Graduação sem ter havido acréscimo de professores sem ter havido acréscimo de área física, nem nada vez que nós tínhamos infraestrutura para suportar aquele tamanho de Universidade. - Queríamos uma Graduação plena e produtiva e formando pessoas no número condizente e com número condizente com a infraestrutura da Universidade que era pública, que permitia a sociedade. - Inventamos também uma fórmula nova, uma inovação que a CAPES assumiu nacionalmente. Nosso projeto era pagar a consultores da CAPES e do Comitê para avaliar os cursos de Pós-Graduação, que fazia <i>ad hoc</i> e tinha um parecer deles que então nós seguimos a receita. A CAPES rapidamente incorporou e nós não precisamos pagar <i>pró-labore</i>, nem passagem a CAPES. Bancou esse esforço nosso e o que, aconteceu 2 anos depois, a Universidade Federal do Ceara foi a única que aprovou todos os cursos de Mestrado e Doutorado. - Nós focamos na Pró-Reitoria de Extensão, inclusive o Pró-Reitor era o professor René Barreira que tinha sido meu concorrente, que foi professor no sentido não só cultural, mas na área tecnológica. Nós como Universidade deveríamos aprofundar a relação com a sociedade e passamos a ter representação em todos os fóruns que se discutia ciência e tecnologia e cultura. - Então, a Pró-Reitoria de Graduação com grandes assessores que ela tinha avançou muito nessa direção que falei e tive a sorte de ter como Pró-Reitor de Planejamento mais tempo, primeiro o Professor Bosco, que depois de um ano saiu, depois tive a oportunidade como primeiro Pró-Reitor de Administração, depois como Pró-Reitor de Planejamento, o Professor Joaquim Aristides que era Arquiteto e que foi uma pessoa da minha confiança que foi um dos grandes responsáveis nos avanços nessa área de Gestão de Planejamento de Operação, e Planejamento mesmo, e tivemos também o Professor Sérgio Bezerra que deu uma boa colaboração. O Professor Guimarães que deu 		
--	--	--	--

	<p>uma boa colaboração, tivemos a Professora Helena em uma segunda etapa como Pró-Reitora de Pesquisa, tivemos a Professora Elza como Pró-Reitora de Graduação que deu uma excelente contribuição e o Professor Melo que foi um excelente Pró-Reitor de Extensão, e no meu segundo mandato o Professor Renê que passou a ser meu Vice-Reitor.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Então, neste quadro todo de muita motivação, com todo entusiasmo que administramos com toda essa equipe, nós tínhamos grandes pessoas, grandes consultores, pessoas experientes. - Aliás, em 1998 eu fui surpreendido com um convite, fui votado pela Associação Brasileira, pela Academia Brasileira de Ciências pela UNE e fui votado pela Sociedade Brasileira do Progresso da Ciência pelo Conselho de Reitores e pela ANDIFE para ser membro do Conselho Nacional de Educação. - No Conselho Nacional de Educação eu considero como grandes contribuições que dei ao realinhamento da Pós- Graduação brasileira, o formato de como fazer a validação dos diplomas estrangeiros. Tive também importância muito grande, e estou sendo modesto na área de educação à distância, pois eu era uma espécie de quadro de Consultor para que o próprio Governo que fez, passou no Governo a Educação à Distância; e tive um certo grau de envolvimento nas reformas universitárias e na pretensa reforma que não aconteceu, e também várias audiências públicas no Congresso voltadas para o Plano Nacional de Educação que estava terminado e o início da discussão de outros e lá aprendi muitas coisas, tive muitos companheiros no Conselho e foi uma época de grandes aprendizados. - Quando eu deixei o Conselho, eu tinha 58 anos, então eu me achava muito novo para parar e resolvi abrir o Instituto Educar e pegar algumas parcerias com alguns companheiros de batente entre eles, o Professor Abílio Barreto Neves, Vice-Presidente da CAPES, Ex-Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais e Ex- Secretário de Ensino Superior, o Professor João Batista Ferreira Gomes, Ex-Diretor de Avaliação da CAPES, e terminou também como Presidente do INEP e nós reunimos e formamos um grupo e a partir desse grupo fizemos alguns trabalhos. - Fomos contratados por licitação para avaliar o Centro de Ciências Agrárias onde tinha sido 		
--	--	--	--

	<p>minha origem de tudo, onde tinha sido a grande ambiência acadêmica da Universidade por Excelência, que estava passando por alguns problemas em função pelo próprio desinteresse do jovem para seguir a carreira agrônômica.</p> <ul style="list-style-type: none"> - E estamos fazendo agora um trabalho também grande de avaliação e monitoramento e ao mesmo tempo de análise na área de Educação Profissional brasileira junto aos Centros e Institutos Federais de Educação Científica e Tecnológica. - Eu participei do grande Centro com dois Reitores e o Presidente da CAPES, foi o Centro de Estudos Brasil e Espanha junto a Universidade de Salamanca com nomeação do Ministério da Educação Brasileira em conjunto com o Ministério da Educação da Espanha e fui Membro desse Conselho Superior. - Tive a oportunidade na condição de Reitor de várias Missões Internacionais de várias palestras fora do Brasil, uma na Universidade do Arizona, outra na Espanha dentro do Projeto Tordesilhas, duas na Espanha, outra em Portugal na Universidade de Coimbra, participando de mesa redonda relacionada a problemática da Educação Superior no Brasil. 		
<p>11. História Sócio-Política</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ai veio o último ano de Agronomia que foi o ano que me despertou para as mazelas que agente tinha no país. Primeiro o clima nacional de ditadura e o processo de aprofundamento, e ai alguns fatos importantes reforçaram isso. Foi o assassinato do jovem estudante Edson Luis que era um estudante secundarista com 18 anos, de Belém, humilde que foi para estudar e estudava no próprio restaurante calabouço, lá tinha uma parte de educação secundária e ele foi assassinado com um tiro a queima roupa, e como consequência desse assassinato foi que houve uma mobilização nacional na rua e tudo. A própria missa foi muito complicada porque os padres saíram na frente fazendo uma espécie de corredor todos de mãos dadas para proteger os alunos que iam saindo, mas mesmo assim a policia fez uma repressão muito pesada. - Ficou um clima de gato e rato, então, nós no Brasil inteiro organizamos rapidamente passeatas, fazíamos a manifestação e depois vinha a policia para bater, era uma correria para todo lado. Isso foi acontecendo, foi crescendo e ai foi organizado o Congresso da UNI em Ibiúna que ficou uma coisa mais fechada por conta da repressão e o Congresso foi em outubro de 1968. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilização estudantil durante a ditadura militar. 	<ul style="list-style-type: none"> - O assassinato do jovem estudante Edson Luis. - A repressão da policia. - O AI5.

	<p>– Nesse Congresso tinha um colega meu de turma, o Raimundo Ferreira Filho, que foi representando toda a Agronomia e ele foi preso. Ai teve uma coisa muito bonita, logo depois que foi definida a prisão e que eles não foram liberados, nós entramos em greve, a minha turma, e o restante da Escola de Agronomia entrou em greve geral. Então nós perdemos prova, perdemos tudo, mas agüentamos em greve já na época de se formar e correndo o risco de perder o ano. Mas, seguramos a greve e ai quando ele retornou nós voltamos e criamos uma grande comissão de negociação para negociar as perdas de provas porque perdemos a primeira e a segunda chamada porque eram todas programadas antes. Ai o argumento foi que nós não tínhamos condições emocionais para fazer as provas e para completar a desgraça de 68 veio o AI5 e saiu uma circular para as regiões militares do Brasil que estava proibida a concentração de estudantes para eventos de colação de grau.</p>		
UNIDADE CONTEXTO¹			
<p>Então, meus pais eram dois cearenses. Meu pai, Prof. Prício Bezerra foi professor Universitário, foi Diretor da Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, que na época na década (eu ainda era criança) era Universidade Estadual, certo? Era Universidade Estadual não, era uma Escola Estadual, a Escola de Agronomia era uma Escola Estadual e meu pai liderou o processo de federalização junto ao Ministério da Cultura no Rio de Janeiro, morou no Rio cerca de quase quatro meses para completar esse processo, ai a Escola de Agronomia foi federalizada e ele era Diretor já antes e continuou como Diretor, era também Professor de Botânica e ensinava como complementação de renda, que nesta época da federalização ele já tinha cinco filhos e o salário não dava. Ele era também Professor da Escola Normal que hoje é o Justiniano de Serpa que chamavam de Escola Normal. Ele se submeteu ao concurso Nacional do Banco do Brasil e tirou o primeiro lugar no Brasil inteiro como Agrônomo para trabalhar na área de acompanhamento de empréstimos bancários na área de agricultura.</p> <p>Então meu pai, eu lembro bem quando eu era criancinha. minha mãe acompanhando todos nós, minha mãe era dona de casa, era pintora e também desenhava muito bem, mas exercia assim como <i>hobbie</i>, tinha alguns quadros dela, mas ela não comercializava. Inclusive ela ajudou muito meu pai porque quando na época de ensino de botânica, ainda hoje lá na Botânica na Universidade Federal do Ceará tem os desenhos de flores, de folhas, isso para ajudar na identificação de determinadas espécies que meu pai era botânico sistemático, e todos são desenhados por ela.</p> <p>Ela que acompanhava nossos estudos e meu pai sempre foi uma pessoa que não era muito presente em casa porque trabalhava muito, mas ele sempre dizia que estava ali para dar o exemplo e que minha mãe é quem tinha a responsabilidade de nos educar.</p> <p>Nós éramos sete filhos, uma das coisas que sempre marcou a minha criação é que nós tínhamos aquelas brigas diárias, certo? Mas sempre fomos muito unidos, até hoje os sete filhos continuam bastante unidos. Em todos os momentos muito solidários de formação complementar, de personalidades diferenciadas, mas todos unidos.</p> <p>Entrevistadora - Todos homens?</p> <p>Entrevistado: Não. Seis homens e uma mulher.</p> <p>A minha infância foi fortemente marcada pela ambiência, no local da residência tudo fluiu em torno dessa ambiência, eu morava na Rua Franklin Távora, na Praça chamada Praça Cristo Rei. Nesta praça tinha a Igreja Cristo Rei que era o ícone maior, tinha o colégio, a Escola Preparatória de Fortaleza, que na época que eu era criança formava os cadetes das forças armadas, e eu morava naquelas casas que são todas geminadas, tinha porta e janela, era uma casa muito comprida e que lá dentro habitavam sete crianças, o pai e a mãe.</p>			

Nosso ambiente de brincadeira era um pouco no quintal e um pouco também na calçada, que era muito tranquilo, ou então num campo de futebol que depois foi murado, que é o atual campo do Colégio Militar de Fortaleza, certo? Então na praça que tinha toda a nossa vivência. Por exemplo: Na praça, dia quarta-feira à tarde (eu lembro como se fosse hoje) toda quarta a tarde minha mãe, dizia (tinha uma moça que ajudava lá) que tinha que dar banho nas crianças para assistir a Retreta. Retreta era o treinamento da Banda Militar, da Escola Preparatória que em praça pública eles faziam, vamos dizer assim, a retreta.

Os meus estudos eu iniciei na Cidade da Criança. Quando eu iniciei os meus estudos a Cidade da Criança corresponderia hoje a educação infantil, ou pré-alfabetização. Tinha o primeiro período, o segundo período, tinham poucos períodos lá, e por coincidência a Diretora da Cidade da Criança era minha tia, irmã da minha mãe, que era a Alba Frota. Que inclusive faleceu no desastre do Presidente Castelo Branco, ela estava no mesmo avião que ela tinha ido visitar a Raquel de Queiroz que era uma grande amiga dela. E ela foi em companhia do Castelo Branco, porque ela ia como uma proteção para o Castelo Branco porque ela era muito amiga da Raquel e a Raquel estava nessa época um pouco distante do Castelo Branco, isso ele já era ex-presidente.

Também estudei na escola pré-apostólica Nossa Senhora de Fátima que era uma escolinha dos padres jesuítas da Igreja do Cristo Rei. Eles iniciaram essa escolinha com séries multisseriadas, fui aluno de séries multisseriadas logo no início do primeiro ano, segundo ano, e assim por diante. Depois eles passaram a um novo estabelecimento chamado Externato Cristo Rei, jamais formalizado, com séries de padrão normal, e este Externato Cristo Rei, né? Até o quarto, quinto ano primário, e este Externato Cristo Rei deu origem ao Colégio Santo Inácio.

Entrevistadora - Que época aproximadamente, professor?

Isso daí eu tinha (quando eu estudei no Externato Cristo Rei) eu terminei com dez anos de idade, eu sou de 1946, então isso era em 1956, e nesta época assim de criança, de infância, um fato que me marcou, posteriormente é uma síntese da ambiência dentro da nossa casa. Meu pai era professor de botânica e microbiologia, e ele insistia muito com a mamãe que tinha que ter muita higiene que nós não devíamos estar em qualquer lugar andando descalço porque às vezes no próprio quintal poderíamos (ele falava mais no inverno, não era nem de micróbios) naquele contato termos uma verminose e tudo. E eu, com quatro anos de idade, fui para a Igreja do Cristo Rei que tinha acabado de construir o altar para Nossa Senhora de Fátima, que é um altar que existe na Igreja do Cristo rei, em azulejos portugueses e esse altar tem uma imagem sacada em alto relevo, imagem sacra em painel de azulejos portugueses com a Virgem Maria e os três Pastores (Lucia, Jacinta e Francisco) e eles olhando para Nossa Senhora com atitude contrita, rezando, minha mãe ajoelhou-se, e fui eu e minha irmã (minha irmã era um ano mais velha que eu) , ai eu olhei para a imagem de Nossa Senhora e ela estava como se fosse em cima de uma nuvem, e eu notei que ela estava descalça e aquilo me marcou. Eu disse:

— Mamãe! Assim uma coisa escandalosa. - Mamãe do céu está descalça!

E minha mãe sem saber o que responder, disse assim:

— Menino cala a boca, ninguém conversa em igreja.

A minha irmã mais solidária, mais atenta e disse:

— Claudinho (o meu nome é Roberto Cláudio e ela me chamava de Claudinho) é que no céu não tem micróbio.

Então, daí é uma espécie de síntese do imaginário que tinha na época, também a religiosidade da minha mãe levou a uma aproximação muito precoce com a igreja. E meu pai tinha uma maneira de ver as coisas. Ele nunca comungou, e dizia que não podia comungar porque só podia comungar é quem peca, então quem comunga é porque pecou, peca se confessa e comunga, essas eram as palavras dele. Então ele nunca pecava, então não podia comungar. E quando era domingo se agente não fosse à missa, minha mãe ficava cobrando, então não podia fazer nada de laser. Então meu pai às vezes passava (porque lá em casa era uma quantidade grande de redes, eram muito filhos, a casa era pequena nessa fase da infância) e ele dizia:

— Vamos, vamos logo para a missa que é para agente ficar livre. Porque ficando livre poderia continuar.

Mas, uma coisa que marcou muito desde essa época para frente, eram as figuras centrais da nossa vida, da nossa educação, era o meu pai que ele dizia que tinha que ser referência, dar o exemplo, que é a maior herança de um pai para um filho, é o exemplo. E minha mãe muito dedicada sempre acompanhou as lições, por ter habilidades, de desenho, de pintura. Por exemplo: a aula de descobrimento de desenho era interessante porque ela ia desenhando as caravelas. Desenhava com muita rapidez o trajeto das caravelas e porque elas não foram para as Índias Ocidentais e sim vieram para o Brasil. E o que ela fazia quando eu era criança em 1951,

já recentemente, nos livros dos netos agente vê gravuras, que eram poucos naquele tempo, os livros eram muito secos, não tinham os recursos gráficos que temos hoje. Então ela já ensinava dessa forma, e ela acompanhava com muita aplicação os deveres de todos. Ela acompanhava, dava certo grau de independência, ela olhava no final, ela não gostava de ensinar o dever, ela orientava.

Depois dessa primeira fase da infância, nós nos mudamos na época que tinha acabado de fazer o quarto ano primário, nós nos mudamos aqui em Fortaleza para o final da Aldeota, era a Rua Leonardo Mota, na época tinham quatro casas nessa rua sem acesso. Meu pai comprou o terreno porque minha mãe tinha recebido uma herança ai ele comprou um terreno e financiou pela Caixa, uma parte construída pela herança. Comprou um terreno grande mais barato por causa do local, não tinha nem calçamento, depois que nós nos mudamos que veio o calçamento. Meu pai tinha um jipe, então não tinha problema. Então nós morávamos numa casa grande que ele fez. Construiu essa casa e em cima tinha uma sala de estudos para ele, que na verdade quem usou ao longo dos tempos fomos nós todos. Certo? A única coisa que tinha no segundo andar era um gabinete de estudos muito grande que ele tinha uma biblioteca muito grande e o restante da casa nós tínhamos um bom quintal, tinha fruteiras, tinha tudo. E ai foi na época que eu já tinha dez para onze anos de idade, então fomos morar nessa época que tinha pouca gente, agora tinha uma espécie de futura favela, que era o seguinte: nós diariamente jogávamos bola no fim da tarde com os jovens da nossa idade que pertenciam a essa favela. Não era favela propriamente, era uma região assim perto da rua, parte das ruas laterais onde, por exemplo, é a Dom Luiz era onde tinha esse aglomerado de casas, tinha um dono de uma mercearia que até casou com a moça que trabalhava lá em casa, e sempre nós tivemos um contato muito próximo com os jovens de uma maneira geral, todos jogavam futebol, convivíamos sem ter a violência, sem ter a discriminação, sem ter a distância que nós sentimos hoje.

No mesmo tempo eu mudei de ares porque eu fui estudar no Colégio São João. E o Colégio São João foi uma escola para mim, primeiro porque era um colégio que era laico, segundo, a variedade de colegas do ponto de vista socioeconômica era o mais amplo possível. Tinham alguns que tinham bolsas que o Dr. Braveza, que na época era o Diretor e conseguiu. Um deles era o Silvio Carlos que estudou lá com bolsa que era filho de uma pessoa humilde, o jornalista Silvio Carlos, e na nossa turma havia uma ligação muito estreita entre todos nós e o ponto alto era o esporte. Também nessa época eu levei vantagem de ter estudado no Colégio Jesuíta, eu cheguei com a base mais forte do que meus colegas. Então, passei quatro anos no Colégio São João, quando fui apresentado a todas as minhas iniciações naquela época com certa precocidade até os quinze anos, que foi a idade que eu saí de lá.

Quando eu estava na chamada quarta série ginásial por influência do professor Godofredo que foi professor da Universidade Federal do Ceará, que faleceu, o Dr. Ari de Sá Cavalcante que era Diretor da Economia, também por influência dele junto ao meu pai que eu fizesse exame para o Colégio Militar, porque até aquele ano, que ele conversou com meu pai, em torno de setembro para outubro, a Escola Preparatória foi extinta e abriram o Colégio Militar. Então fui fazer um curso intensivo de férias e logrei aprovação no Colégio Militar, entraram 56 jovens, e eu era um dos 56, alguns filhos de militares, outros que queriam seguir a carreira militar e a outra parte que eu fazia parte, que eram aqueles que estavam indo para lá para ter uma grande oportunidade de ensino. Ai chegando lá no Colégio Militar meus professores foram: Professor Cavalcante que foi Diretor do Instituto de Matemática, Dr. Ari, Diretor da Economia, Professor Pedro Paulo lá da Humanidade, Professor Godofredo da Física, da Agronomia, professor Urbano que era da Escola Técnica na época e outros professores de carreira militar, mas eram da carreira do magistério. Então era um nível de ensino bem acima do restante da educação que existia em Fortaleza. Só para vocês terem idéia a teoria de conjuntos que ainda não estava incorporadas aos livros textos, eu tive aula no Colégio Militar que o professor Cavalcante tinha um seminário com professores Franceses no Instituto de Matemática e que vieram aqui mostrar os primeiros resultados com teoria dos conjuntos, ai eu tive aula de teoria dos conjuntos. E lá foi importante porque tinha uma disciplina muito forte e a oportunidade de esporte muito boa, porque nós entrávamos 06:30 da manhã e saíamos 16:30 da tarde, éramos semi-internos, tinham os internos e nós éramos semi-internos, e lá tínhamos uma solidariedade muito grande e fizemos grandes amizades. O ponto alto era o esporte e nos estudos éramos muito cobrados pelo estudo, a hierarquia interna que existia entre Coronel e aluno, Capitão e aluno era em função dos resultados.

No Colégio Militar eu não fui um aluno brilhante, fui um aluno medíocre, um aluno medíocre, no sentido de ser um aluno médio, não me destaquei. Coincidentemente foi uma época de muita curiosidade, uma série de coisas e poucas horas de estudo e foi no Colégio Militar que eu passei a assinar, apesar de ser do Colégio Militar, o "Brasil Urgente", que era uma revista dos Dominicanos. Foi também no Colégio Militar que eu assinava o Jornal Panfleto, o editor era Brizola. Mas a Revolução não permeou direto dentro do Colégio Militar porque as pessoas tinham no dia-a-dia do Colégio Militar a disciplina natural e não foram contaminados pelos primeiros momentos da revolução. Foi também no Colégio Militar que eu adquiri o livro vermelho dos pensamentos mal e abri minha cabeça para ter uma visão mais social das coisas. Quando eu

estava concluindo o meu último ano, estoura a Revolução. Depois sim. Na minha época que foi logo quando o Castelo Branco assumiu, ele assumiu de uma maneira meio light, foi uma Ditadura a meio pau nessa época.

E aí, já começando a ler algumas coisas, comecei a ter admiração pelo Josué de Castro que escreveu a Política da Fome que era um livro da biblioteca do pai que eu tinha lido e outra pessoa que me impressionou muito foi o Celso Furtado porque ele tinha inclusive estabelecido alguns cursos, cursinhos que chamavam da SUDENE em algumas áreas técnicas e aí, na minha cabeça a profissão que eu deveria escolher era economia porque eu tinha na minha cabeça, se eu quisesse trabalhar com desenvolvimento eu tinha que trabalhar com economia. E qual não foi minha surpresa que era vizinho do meu pai e sogro do meu irmão mais velho o Dr. Ari de Sá Cavalcante. Aí o Dr. Ari disse:

— Meu filho hoje eu sou Diretor de Economia e estimei muito, mas se um jovem viesse falar comigo com interesse em trabalhar em desenvolvimento regional eu não aconselharia fazer economia. Eu acho se fosse querer trabalhar na área industrial eu aconselharia você a fazer vestibular para um curso que está sendo criado na Universidade, que é Engenharia Industrial. Ou então, você fazer Agronomia que é a melhor escola que nós temos aqui na Universidade e pode se dedicar a economia rural.

Eu fiquei com aquelas duas alternativas. Só que ao longo do ano, isso foi no início do segundo semestre, o curso que tinha sido criado, que ia ser um curso novo de Engenharia Industrial, por dificuldades na implantação desse curso, a Universidade mudou para Engenharia Industrial Mecânica e quando fez o vestibular foi Engenharia Mecânica. Eu não tinha muita atração por essa área e eu acabei fazendo Agronomia muito mais pelo padrão de ensino que existia dentro da Escola de Agronomia e aí fiz Agronomia que nessa época eu já tinha uma atração muito grande por um pouquinho de metodologia, por filosofia da ciência, como um jovem curioso e alguma elementar nessa área e um interesse muito grande por um livro, uma apostila até que depois se transformou em livro de um Cearense chamado José Maria Pompeu “Memória sobre o uso da estatística na pesquisa científica” (eu nem sabia o que era pesquisa científica), mas esse livro me atraiu bastante e a minha formação matemática me ajudou muito nesse inicial.

Aí fui para a Agronomia . Entrei na Agronomia , fiz o vestibular, certo? E na Agronomia no primeiro ano, na Escola de Agronomia da então Universidade Federal do Ceará, que eram as Universidades isoladas em 1965, ela tinha uma organização acadêmica um pouco diferente das outras unidades. Tinha o regime seriado, não era anual, era semestral, e tinha outra característica, a maioria esmagadora dos professores da Agronomia eram todos de dedicação exclusiva, que era novidade, você não tinha isso na Medicina, você não tinha isso na Engenharia, você não tinha isso no Direito, então, eu passei a respirar um ar acadêmico.

A Escola de Agronomia tinha muito mais uma vocação acadêmica do que as outras unidades, porque os professores todos, com exceção de poucos eram (acredito que no meu tempo se tivessem três ou quatro tinha muito), todos eles dedicação exclusiva nessa época, tempo integral, dedicação exclusiva. E a organização acadêmica, por exemplo: uma das coisas que eu participei, todas as provas eram marcadas com antecedência, tudo era feito, os horários de aula, tudo era feito com antecedência e aí eu liderei um movimento, já no final do primeiro ano para o diretório fazer o calendário acadêmico. A Diretoria concordou no sentido da gente fazer a sugestão e depois vinha uma comissão da congregação e examinava. Então pegamos quase o que era o algoritmo usado e aí lideramos um grupo de alunos para fazer isso durante meus quatro anos e depois continuou. E na época por ter vindo do Colégio Militar, mesmo sendo um aluno médio, que eu trazia da parte quantitativa, que era o calo da grande maioria dos alunos que faziam Agronomia me era muito maior. Por exemplo: eu estudei uma disciplina 2 anos no Colégio Militar chamada Geometria Descritiva. Quando eu cheguei na Universidade tinha uma disciplina de Geometria descritiva e o nível era mais baixo que a que estudei 2 anos no Colégio Militar.

Então o nível de abstração que eu trouxe era maior. E matemática nem falar. E com isso, as disciplinas primeiras, matemática, química e física (que era química analítica quantitativa) e desenho, eram disciplinas bastante fáceis para mim por causa da minha origem e do background que eu tinha e eu consegui me destacar muito mais, e ajudei os colegas aí fui criando um espírito de turma interessante, que a minha turma também liderou um movimento na escola, aí que na época, na Engenharia tinha uma história de código de honra, a pessoa assinava para não pescar ou não colar nas provas, então era o código de honra que eles faziam. Então nos fazíamos um movimento diferente que eu também estava no meio da liderança desse movimento. Então vamos fazer por convencimento, vamos mostrar que nós temos capacidade, sem assinar nada, de fazer as coisas direitas. E, na minha geração de alunos nós conseguimos isso a partir do segundo, terceiro ano, já está digamos assim, definido isso sem está nada por escrito. E foi aí também, a partir de coisas específicas que eu comecei a minha iniciação no movimento estudantil. Então as histórias dos horários, a história das bibliotecas que os alunos eram proibidos de tirar livros, a história dos critérios de concessão na parte de restaurante universitário como era que funcionava.

Então nós começamos a dar uma contribuição, como a nossa turma mostrava um padrão de seriedade muito

grande ela começou a ter receptividade na ambiência da direção e da área de gestão e aí eu comecei também com a atividade de docência. Tem um fato interessante, o Dr. Ari, meu vizinho, uma espécie de protetor, meu estimulador, perguntou: Você não quer dar aula (não ganhava nada, no meu primeiro ano de faculdade) no Farias Brito de noite? Aí me colocou para ser professor de ciências, porque meu pai era professor de Agronomia.

Foi o início da minha atividade de docência, que foi um desastre, porque a primeira aula que eu preparei na insegurança de quem está iniciando, e outra coisa, eram comerciários que estudavam à noite no Farias Brito, a maioria dos alunos eram mais velhos do que eu, eu tinha exatamente 18 anos de idade. Então quando eu fui dar minha primeira aula eu fui de boina, certo? Porque na época raspavam a cabeça e na Agronomia pintavam o nosso cabelo com água oxigenada, raspavam na lateral e ficava horrível e você era obrigado a ser ridicularizado (hoje está até na moda), então era obrigado a usar a boina. Então eu fui dar aula de boina, bem novinho, sem muita estatura, e com cara de menino fui dar aula. Escrevi meu nome, e quando eu terminei de escrever meu nome, Roberto Cláudio, Agronomia, quando eu fui sublinhar, eu estava tão nervoso que eu cortei pelo meio e aí apaguei. Então comecei minha aula, só que eu tinha preparado 7 aulas para me dar segurança, e eu sei que eu terminei essas 7 aulas com 45 minutos de aula. E ao longo da aula eu coloquei um aluno para fora porque eu estava tão nervoso e eu querendo me impor para mostrar que eu tinha atitude, era forte, duro. Então eu estava dando as camadas da terra, aí eu disse hirosfera, hidro, quer dizer, água, “piro” era fogo, “litos” era pedra, então eu ia dando o significado dos radicais, e então um aluno lá atrás perguntou: Professor fera? O que quer dizer? Aí eu achei que ele estava fazendo a alusão a minha condição de bicho na faculdade, e aí eu disse: vá para fora. Coloquei o coitado para fora, ele sem entender. Para fora, para fora!

Então o moral da história: com uns quinze dias de aula um aluno meio dedo duro veio me dizer: professor fizeram um abaixo assinado para lhe tirar da aula, porque ninguém está entendendo sua aula, porque o senhor ensina muito depressa, dar tudo de uma vez e o pessoal não está entendendo, e aí todo mundo assinou menos eu. Aí eu fiquei arrasado e fiquei tão encabulado com aquele meu desempenho que eu não tive nem coragem de comentar com o Dr. Ari. Ele era o dono do colégio, e o diretor era um cunhado dele, então esse abaixo assinado foi [...]. Depois por ironia do destino eu comecei a levar de forma cada vez mais caprichada o ato de dar aula, sob aquele tempo que a aula ainda era expositiva de maneira quantitativa. Em todos os cursos que eu dei fora, em todos os cursos que eu dei no Banco do Nordeste, no SENDEC que era na Presidência da República, no CETREDE, sempre eu tirei nota máxima. Mostrei que tinha didática. Sei que se eu não tivesse na época o poder de me poupar eu não teria sido um professor.

Já no segundo, terceiro ano da Escola de Agronomia, eu comecei muito entusiasmado porque eu ganhei uma bolsa do CNPQ, na antiga Estação de Biologia Marinha, que hoje é Instituto de Ciência do Mar, foi também um Laboratório de Ciência do Mar, na especialidade de estatística e matemática aplicada à pesca, então era uma área bem quantitativa dentro de biologia que eu era rei. O meu próprio orientador tinha menos background do que eu na área, mas é um grande biólogo, um japonês que tinha uma experiência de campo muito grande em estudo de pesca, biologia de pesca, e eu fazia mais a parte quantitativa dos modelos que existiam. Fiquei no LABOMAR durante o meu segundo, terceiro e quarto ano, só que o chefe de então que era o Prof. Valkides, ele era muito exigente, nas férias os bolsistas do CNPQ tinham que dar 2 expedientes, uma exigência dele. No período normal o bolsista do CNPQ tinha que bater ponto. Aí qual era a contra partida que ele dava, se você apresentasse resultado, você tinha alguns bônus. Por exemplo: Os primeiros trabalhos científicos que eu publiquei (publiquei três) no quarto ano de Agronomia ele orientou. Ele dava oportunidade. Eu fui autor e co-autor de trabalhos na área quantitativa no meu quarto ano de Escola. Além disso, no segundo ano eu iniciei um cursinho no Farias Brito, que foi um fracasso, porque foi um sucesso, pois preparava para Economia, Agronomia e Medicina, os melhores professores ficaram famosos depois que começaram comigo e eu comecei da maneira bem socialista, pagava os custos e dividia proporcional as aulas com todos os outros professores, eu dava aula também de geometria analítica e eu dividia irmanamente. Só que o meu sócio era um colombiano muito desinibido especialista em marketing e tudo no segundo mês de funcionamento, ele sumiu de Fortaleza, ele que fazia toda a parte da parte financeira e nunca mais voltou, com todas as mensalidades, então foi uma vergonha grande, mas os professores foram solidários comigo e eu discuti com eles e transferimos os alunos. Os da Economia eu transferi para o Professor Américo, que tinha um Curso Américo Peixoto, ele era professor da Engenharia e tinha um cursinho no Colégio Castelo, um cursinho famoso. E o outro virou semente que depois virou um cursinho famoso que era o CIPAM, mudou de sede e eu passei a ser só professor desse cursinho e dei aula lá até me formar, só que eu era um professor diferente, porque como eu era bolsista do CNPQ eu tinha as atividades do diretório da faculdade, eu só dava 10 aulas por semana, só dava geometria analítica, e controlava no diálogo e não podia ser mais do que 10 e aí complementava minha renda e eu não me exagerava.

Aí também, foi o momento alto da participação dentro da Agronomia, os problemas específicos como biblioteca, restaurante, aí nós criamos também o cursinho da Agronomia, agente era do conselho superior que

deveria orientar como era esse cursinho da Agronomia, que era gratuito e ai nós também [...].

Entrevistadora - E nessa época, o Senhor era solteiro? — Sim solteiro. Todos nós éramos solteiros.

E ai nós organizamos o estágio de final de curso, todo organizado pelo diretório junto às empresas que empregavam a grana, foi o grande sucesso de um trabalho da turma toda e eu era um dos líderes desse processo, mas era uma equipe grande.

Ai veio o último ano de Agronomia que foi o ano que me despertou para as mazelas que agente tinha no país. Primeiro o clima nacional de ditadura e o processo de aprofundamento, ai alguns fatos importantes reforçaram isso. Foi o assassinato de um jovem estudante Edson Luis que era um estudante secundarista com 18 anos, de Belém, humilde que foi para estudar e estudava no próprio restaurante calabouço, lá tinha uma parte de educação secundária e ele foi assassinado com um tiro a queima roupa e como consequência desse assassinato foi que houve uma mobilização nacional na rua e tudo. A própria missa foi muito complicada porque os padres saíram na frente fazendo uma espécie de corredor, todos de mãos dadas para proteger os alunos que iam saindo, mas mesmo assim a polícia fez uma repressão muito pesada.

Ficou um clima de gato e rato, então, nós no Brasil inteiro, organizamos rapidamente passeatas, fazíamos a manifestação e depois vinha a polícia para bater, era uma correria para todo lado. Isso foi acontecendo, foi crescendo e ai foi organizado o Congresso da UNI em Ibiúna que ficou uma coisa mais fechada por conta da repressão e o Congresso foi em outubro de 1968. Nesse Congresso tinha um colega meu de turma, o Raimundo Ferreira Filho, que foi representando toda a Agronomia e ele foi preso. Ai teve uma coisa muito bonita, logo depois que foi definida a prisão e que eles não foram liberados, nós entramos em greve, a minha turma, e ai o restante da Escola de Agronomia entrou em greve geral. Então nós perdemos prova, perdemos tudo, mas agüentamos em greve já na época de se formar e correndo o risco de perder o ano. Mas, seguramos a greve e ai quando ele retornou nós voltamos e criamos uma grande comissão de negociação para negociar as perdas de provas porque perdemos a primeira e a segunda chamada porque eram todas programadas antes, ai o argumento foi que nós não tínhamos condições emocionais para fazer as provas. E, para completar a desgraça de 68, veio o AI5 e saiu uma circular para as regiões militares do Brasil que estava proibida a concentração de estudantes para eventos de colação de grau. Então teve um fato importante, teve uma repercussão 30 anos depois e que minha turma não colou grau, a Engenharia não colou grau, a Medicina não colou grau, e assim por diante, nenhuma turma colou grau, as turmas da universidade que sempre tinham uma bela colação de grau na Concha acústica não tiveram colação de grau.

Passam-se 30 anos, e ai em 1998 eu estou na cadeira do Reitor, entra um representante da Escola de Engenharia que tinha terminado também em 68, todo formal que era da minha geração, o Cleto e disse:

— Professor eu queria saber se o Senhor pode colar grau da nossa turma? Nós terminamos em 68 e não colamos grau e queríamos saber se o Senhor pode colar grau? Ai ele perguntou:

— Porque que o Senhor não pode colar grau?

Ai eu respondi: porque eu também não coleí grau. Então eu vou colar grau junto com vocês. Nós vamos fazer outra coisa, nós vamos organizar essa festa. Ai no meio o professor Aroldo Pontes que era meu assessor de gabinete, o professor Renê Barreira que era Pró-Reitor de Extensão se organizaram e ai nomeou-se uma Comissão. O orador da época era o Galba que tinha terminado a odontologia e tinha um discurso para fazer e não deixou agente fazer, também da Comissão e outros ex- alunos da Universidade. E ai foi falar com o Dr. Martins para o Dr. Martins fazer a colação de grau. E o Dr. Martins, 30 anos depois fez a colação de grau. Inclusive tem um fato que ele já em 98 (Dr. Martins devia ter pelo menos uns 93, 94 anos totalmente lúcido, mas com a vista não muito boa) e toda colação de grau tem um texto padrão, fez 56 colações de grau em 8 anos e nunca decorei. Ai dei para ele um texto e mandei digitar na letra máxima que podia, ai eu preocupado disse:

— Dr. Martins quando o Senhor for ler o texto, o Senhor lê devagar. Ai ele disse:

— Não vou ler não.

— Mas, por que o Senhor não vai ler?

— Porque eu já decorei.

Com 90 e tantos anos [...]. Porque antes, tinha um evento que era uma medalha para ele de mérito educacional, comandado por mim. Enquanto eu comandava a solenidade para dar a medalha para ele, ele decorou o texto. E ele tinha acabado de ganhar a medalha e o aposto dele é o seguinte: Professor Antônio Martins Filho, Reitor agregado da Universidade. Ai ele já com a velocidade que só ele conseguia, disse assim: Professor Antônio Martins Filho, Reitor agregado da Universidade Federal do Ceará na categoria de Grande

oficial da Ordem do mérito educacional. E, declarou a todos nós colando grau.

E outras coincidências interessantes, quando tinha colação de grau era contratada a banda da 10ª Região Militar e a banda tocava o Hino Nacional. Ai passou esse fechamento todo e foi esquecido. Quando eu estou na cadeira de Reitor, só tem graça se vier a banda, tudo em paz, regime de direito tudo normal, democracia, acabou tudo com a anistia e tudo. Só tem graça se a banda que vier tocar for da 10ª Região Militar. Ai por coincidência, tinha um colega meu que era do Colégio Militar, que era Coronel, era o Sub- Comandante, Chefe do Estado Maior da 10ª Região Militar, e ai eu liguei para ele, expliquei e mandei um ofício, e a colação de grau não houve. Ai o Comandante da 10ª Região comentou:

— Você vai mandar? Esse Reitor está dizendo que foi a colação de grau que não houve por causa da ditadura. E disse: não, não se preocupe General que ele sabe o que está fazendo. Ai a banda foi, o pessoal emocionou-se. Pediram uma salva de palmas depois dos concludentes, todos estavam com suas famílias para a banda. Depois teve o baile, a réplica do baile da época no próprio Náutico, trouxemos a Banda Ivanildo e seu conjunto, então ficou um momento muito bonito do ponto de vista histórico e certa reconciliação dentro da ambiência da universidade com as outras instâncias.

Terminado o curso de Agronomia ficou uma preocupação entre todos nós, porque Agronomia, com AI5 que proibia contratação, concurso e outras modalidades [...]. O AI5 trouxe conseqüências entre outras coisas para a sociedade, muito nefastas, para aquelas profissões que tinham como empregador o Estado Brasileiro, em qualquer nível, prefeitura, estadual, municipal ou federal.. Então, o que acontecia na época, os agrônomos quando se formavam eles iam trabalhar na SUDENE que era um dos melhores empregos que tinha, ou eles iam trabalhar na Secretaria de Agricultura do Estado do Ceará, ou iam trabalhar em algumas instâncias tipo, serviço de extensão rural que era o grande empregador. Então no Ceará, nós tínhamos, não só para o Ceará, mas também para os Estados vizinhos que boa parte dos egressos de Agronomia dessa geração, parte vinha do Piauí e Maranhão que não tinham Escola de Agronomia na época. Boa parte vinha do Maranhão, outra parte do Rio Grande do Norte e dos Estados de uma maneira geral do Nordeste. Bahia absorvia uma parte, Pernambuco absorvia outra, e ainda na época tinha a Escola de Areias, na Paraíba, ainda não tinha universidade como hoje. Então nesta época o grande temor de inicio foi ficar sem emprego. Ai aconteceram algumas oportunidades em Goiás, fora da malha pública, ou então eram fundações de direito privado. Aconteceram oportunidades no Paraná, aconteceram oportunidades na Bahia, uma espécie de Banco do Desenvolvimento que empregou muita gente, aconteceram oportunidades em Minas e assim por diante, então boa parte dos colegas migraram.

Agora teve um fenômeno interessante ainda quando nós estávamos para terminar que mostra o espírito da nossa turma. A Escola de Agronomia de Mossoró estava sendo criada em 1968, então eles tinham quatro vagas para professor, isso tudo antes do R5, que era para Genética, Mecânica, Entomologia e outra área, agricultura, eram quatro vagas. O professor que ficou encarregado de selecionar, ele selecionou a mim, selecionou ao Valdinar, selecionou ao Bosco, que era um colega nosso. Nós observamos que os selecionados por ele, eram lideranças estudantis. Então privilegiou o presidente do DCE, dois diretores do centro acadêmico e a mim – eu não aparecia muito, mas era considerado como liderança política. Ai nós fizemos uma reunião, nós quatro, e tomamos uma decisão, nós não vamos querer essas vagas, vamos voltar essas vagas para nossa turma e nossa turma vai eleger (isso sem emprego). Então nossa turma elegeu quatro colegas nossos um para cada cadeira, uma era Zoologia, outra era minha, outra era de Mecânica, e a outra era Entomologia (estudo dos insetos). Quatro colegas nossos foram eleitos, eram os melhores nessa área e foram ser professores em Mossoró, por eleição da nossa turma e voltamos para o professor e dissemos, os indicados são esses. Depois os quatro nenhum ficou lá. Um saiu e foi para (...), o outro saiu e foi para o Instituto Agrônomo em Pernambuco e o outro foi para Brasília, trabalhar no Departamento de Jardim. Também saíram por questões políticas que não concordaram com o que estava acontecendo e lá pediram demissão. Então o lado ético marcou muito essa turma de Agronomia , a turma 68 , então pessoal eu sou da turma 68, e ficou aquela cultura no movimento estudantil das outras turmas. Isso é só um depoimento.

Quando eu terminei Agronomia, nesse clima, eu era bolsista do CNPQ no Laboratório de Ciência do Mar. Então terminou minha bolsa em dezembro, então tinha uns convênios na Superintendência do Movimento da Pesca e da SUDENE, e o primeiro ato foi me contratar, foram contratados outras pessoas nessa ocasião por convênio – não podia ter emprego, era convênio. Só para você ter idéia o meu primeiro salário que seria em janeiro, eu recebi em julho. Ai eu fui convidado, que eu tinha feito um curso de férias, eles convidaram quatro pessoas de quatro Estados diferentes. Eu fui um dos quatro para fazer o primeiro curso no Brasil de Estatística, Matemática e Probabilidade em São Paulo. Inclusive, eu sofri muito no começo, mas no final me sai bem no curso e voltei para o Ceará.

Então passei um semestre estudando, fazendo esse curso de especialização, inclusive era um professor americano da sociedade brasileira de Estatística e voltei para o Ceará e fui voluntário no curso de ciências

contábeis e de estatística, mas logo depois fui dar aula por conta do LABOMAR, eu tinha meu trabalho no LABOMAR. Ai abriram um concurso de Estatística, tinham dois estatísticos formados, dois engenheiros formados e dois ex alunos do CAEN, com titulo de na época ainda não tinha mestrado, mas de especialista, alunos do CAEN, pós graduação e eu me inscrevi e proibiram minha inscrição dizendo que era para ser economista e proibiram minha inscrição. Ai eu reverti, tive sorte porque no concurso eu tirei o primeiro lugar, inclusive nesse dia do concurso, quem fez concurso também foi o Gonzaga Mota, no mesmo dia nós fizemos concurso, ele era de uma geração um pouquinho antes que a minha , dois ou três anos mais velho que eu. Ai entrei, mas a economia não era minha ambiência porque na Economia os professores não eram dedicação exclusiva, todos eles tinha outras atividades e eu era professor de Estatística, então eu fiz um requerimento para ser transferido para a Matemática com o compromisso de dar a disciplina na Economia. Então consegui ir para matemática e de lá, coincidentemente, é criado o primeiro curso básico do famigerado básico geral, que era uma experiência estrangeira, porque nos EUA não tem vestibular.

Inventaram o vestibular geral e no vestibular você dizia qual era o curso que você queria fazer, mas depois zerava tudo e você tinha que estudar um ano de duas frentes, uma frente mais de humanas e outra de ciências, medicina, engenharia, etc... Envolvia tudo. Então foi uma experiência, o professor Moreira Campos foi o coordenador desse programa e eu fui o coordenador da disciplina de Estatística, ai teve uma experiência muito rica para mim porque eram nove professores, eu coordenei essa disciplina, mas eu ministrava também a disciplina. Foi uma época muito tensa porque os alunos não se conformavam e com toda a razão. Porque que já tinha conquistado a vaga em arquitetura por exemplo , e ai depois outro pegava a vaga dele, que tinha tirado a nota mínima, e isso valia para várias profissões e isso gerou um certo desconforto, um descontentamento muito grande ao longo do ano, muito atrito, mas no final chegou a bom tempo porque anularam essa condição de zera tudo e começar tudo de novo, mantiveram a condição inicial.

Mas, esse básico foi uma experiência muito rica para mim pessoalmente porque logo depois eu ia sair para o mestrado, mas eu tive a oportunidade de convivência, de uma relação muito coletiva, fazia um seminário semanal com todos os professores, discutíamos os temas que seriam ministrados e as provas também eram discutidas quase com uma espécie de ENEM pioneiro. Daí, logo depois dessa turma do básico eu fui para São Paulo, porque tinham me conseguido uma bolsa pelo programa do BIRD e eu fui para São Paulo para fazer o mestrado. Cheguei seis meses atrasado e meus colegas já tinham feito as disciplinas do primeiro semestre e eu cheguei na segunda prova e ainda teve outro problema, na época quem tinha curso de especialização poderia fazer concurso para assistente, ai com um mês de aula eu sou obrigado a vir embora para fazer o meu concurso para assistente. Fiz o concurso para assistente e sai, modéstia à parte, muito bem, apesar de não ser mestre. Fui o primeiro e voltei para São Paulo, nesse intervalo perdi as primeiras provas.

O primeiro ano do meu mestrado foi muito acidentado, mas deu tempo de eu respirar e me recuperar no finalzinho do ano. Ai eu vim para o Ceará e fiz um curso de verão. Voltei de carro, eu, minha mulher e meu filho, daqui para São Paulo. Lá chegando fiz o segundo ano e depois de dois anos, vim embora com a família porque minha mulher estava sem estudar e eu vim com a família novamente de carro e, minha mulher já estava grávida do segundo filho. Meu primeiro filho foi o Prício. Minha mulher Maria das Graças, foi minha aluna de cursinho, minha mulher e minha companheira para todas as horas, sempre solidária e tudo.

Ai eu volto de São Paulo com mestrado concluído e as disciplinas sem a dissertação, isso é uma novidade que inventaram na matemática para usar no doutorado que era o exame de qualificação, que o normal lá era a pessoa parar de estudar para fazer o exame de qualificação. Voltei em março e fiz exame de qualificação. Na minha turma eram quarenta, se submeteram ao exame nove, dos nove só passaram três eu fui um, ai voltei para cá para dar aula e fazer tudo que eu tinha que fazer e escrever a minha dissertação Ai escrevi a dissertação ao longo do ano e ai no outro ano eu fui para lá e defendi a minha dissertação de mestrado.

Retornei e fui colaborar com todos os cursos de mestrados que tinham estatísticas na área de ciências agrárias e eu fui pioneiro no Programa de Ciências Sociais do Nordeste e eu fui dar estatística ,depois uma ex- aluna minha assumiu a Ciências Sociais e ai eu fiquei com a prática. Assim, que eu ficava revoltado porque todas as pessoas tinham [...]. Comecei a dar aulas nos cursos, mas fora da área das Ciências Físicas Naturais e fui para a área de Ciências Sociais. Depois disso, assumi uma coordenação e nunca aceitei ser chefe de departamento e nunca aceitei ser coordenador de curso de graduação, mas sempre fui um professor muito envolvido, muito atuante e muito palpiteiro nessa coisa, sempre dei muita opinião.

Fui convidado para ser Pró-Reitor ia de Pesquisa e Pós-graduação para ser assessor de planejamento porque já tinha uma visão diferente, já se falavam em avaliação, por isso eu fui convidado pela CAPES e eu fiz uma avaliação junto com um professor da economia. Eu fiz uma avaliação do projeto Nordeste de pós-graduação que estava começando, contratado na época pelo professor Hélio Barros. Fiz essa avaliação e entrei na Pró-Reitoria e organizei os primeiros contatos para se ter um sistema de informações na área de pesquisa e pós-graduação que nessa época o professor Albuquerque que é da Secretaria da Educação que solicita uma

cooperação minha para eu dar uma assessoria num projeto de zoneamento escolar que estava parado. Eu aceitei o desafio e chegando lá, tinha equipe maravilhosa com quinze pessoas, mas era iguala a torre de Babel, todo mundo tinha competência e eu não fiz nada mais nada menos dar uma de gestão no projeto. Ficava indo uma vez por semana e ficava fazendo o dever de casa para todo mundo e depois cobrava.

Devagarinho foi fechando, fechando e deu como resultado um documento interessante para o BIRD sobre o zoneamento escolar de Fortaleza. Esse material depois não foi aproveitado. O professor Albuquerque na época já estava no MEC. Depois eu, no final da minha assessoria, eu fui convidado para organizar o primeiro projeto internacional que envolvia várias universidades da região com PIB ou CNPQ sobre transferência de tecnologia para o pequeno produtor rural. Então com vários projetos de pesquisa me envolvi bastante, aí com o projeto todo aprovado, quando vai iniciar, aí muda o Reitor, o professor Anchieta vai ser Reitor, e convida o professor Valdinar que me convida por sua vez para trabalhar com ele na pró-reitoria de assuntos estudantis, mas eu fiquei envolvido fortemente em negociações, negociava com os centros acadêmicos, com o DCE, com o coletivo dos residentes e assim por diante. Aí fui desenvolvendo um pouco essa história, quando tinha os conflitos eu era chamado, mas os meus assessores cuidavam do resto do restaurante, das residências, mas a minha parte mesmo era política. E aí a coisa vai crescendo e eu fico esse período na pró-reitoria de assuntos estudantis e aí vem a eleição para Reitor, o professor Anchieta que resistiu um pouco, mas, entrou com idéias comigo para fazer parte de uma comissão para dar uma organizada no processo assessorio, então fiz parte dessa comissão, saiu a eleição e o professor que ganhou foi o professor Helio Leite, aí o professor Raimundo Hélio Leite me convidou para ser Pró-Reitor de Planejamento, aí ele me convidou antes dele assumir.

Entrevistadora: Quando foi isso mais ou menos Professor?

Entrevistado: Em 1999. Então eu assumi a pró-reitoria no final de junho de 95, já no período de março, abri eu coordenei um projeto com o Carlos Marques e com o grande técnico, já falecido do DENOCS que veio prestar serviços para o CNPQ, o Dr. Paulo Sampaio Albuquerque que era muito experiente em administração pública nesses processos administrativos que ocorreu no nível federal no Brasil, aí montamos um documento prévio que logo quando o professor Helio Leite assumiu foi lançado, que foi o regimento da Reitoria, e aí foi criada a pró-reitoria de recursos humanos e a Pró-Reitor de Planejamento físico e operações e as pró-reitorias clássicas. Já nessa época como Pró-Reitor de Planejamento me inteirei num projeto que eu considero estratégico, mas infelizmente deu com os burros n'agua na outra administração, porque na renovação e manutenção do software que foi o sistema de automação universitária, que era um sistema bem moderno, com base única, dentro dele você tinha o SIAF, SIAPE, controle acadêmico e sistema de biblioteca e tudo. Infelizmente, coisa já desenhada e pronta conseguimos recursos do Ministério de Ciência e Tecnologia para desenvolver esse projeto e que foi muito importante na orientação para agente ter acesso a esse recurso que vinha pelo CETREDE. Foi o Professor Hélio Barros.

Nós implantamos esse projeto e fizemos uma rede com terminais dentro da Reitoria, mas a coisa não caminhou e aí eu tive muito envolvimento em atividades que eu chamaria assim de reorganização acadêmica na administração do professor Hélio Leite, então foi um Pró-Reitor muito atento e muito econômico, independente de quem estava dirigindo o centro, foi muito democrático e criterioso na maneira de atender as solicitações de recursos, apesar da escassez, e aí terminado o mandato do professor Hélio Leite, eu era pró-reitor de planejamento, teve eleição e saiu Reitor o professor Albuquerque porque era o primeiro da lista do conselho e aí encerra minha fase de envolvimento continuo na administração da universidade e eu fiquei nos próximos quatro anos, voltado para as atividades docentes e também um pouco para a atividade de consultoria, mas no nível nacional junto ao SAEB que era do INEP, junto ao próprio MEC para estudos especiais de custos e também junto ao Banco Mundial para alguns trabalhos isolados relacionados a pessoal na área da Secretaria de Educação, por exemplo: tentar dimensionar o quadro de pessoal e saber unidade de lotação e tudo. Então aqui encerra a parte que eu deixei a pró-reitoria de planejamento. Na próxima seção eu vou falar exatamente o que eu fiz nessa época e minha entrada na Reitoria como Reitor.

No ano de 1987 a partir do mês de junho iniciou-se a administração do professor Raimundo Helio Leite, a administração do professor Raimundo Helio Leite que foi quase um sequenciamento natural de algumas administrações que o precederam, houve a administração de 1983 á 1987 que foi do professor Anchieta, e teve a administração que foi do professor Paulo Elpidio que foi de 1979 a 1983. A administração do professor Paulo Elpidio, algumas (eu vou falar um pouco externamente o que se refere a universidade) teve uma forte recuperação no que se refere uma política forte cultural e uma política bem forte extensionista. Foi nessa administração que nos tivemos a Rádio Universitária inaugurada, foi nesta administração que nós tivemos a criação da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, foi nessa administração que aconteceram os grandes eventos culturais, foi nesta administração que teve inicio um certo grau de profissionalização.

Nas diversas Pró-Reitorias que compuseram essa administração, eram a Pró-Reitoria de Administração, Pró-Reitoria de Planejamento, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, Pró-Reitoria de Extensão, Pró-Reitoria de

Pesquisa e Pós-Graduação, e Pró-Reitoria de Graduação.

Então nessa administração teve início o processo de profissionalização, inclusive preparação de quadros. Nessas Pró-Reitorias, do outro lado da Reitoria, tinha um grupo de Centros que eram diversos Centros da Universidade Federal do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicado, Centro de Ciências, Centro de Humanidades, Centro de Ciências da Saúde, e Centro de Tecnologia, certo?

Então, na composição nos tínhamos aqui no *Pici*, nos tínhamos três grandes Centros: Centro de Ciências, Centro de Ciências Agrárias, Centro de Tecnologia, em Porangabussu. Nós tínhamos um único grande Centro, que era o Centro de Ciência da Saúde e no Benfica nós tínhamos o Centro de Estudos Sociais Aplicado e o Centro de Humanidades. Os seis Centros que constituíam a Universidade, todas elas vamos dizer assim, dirigidas por um Diretor, formalmente existia o Diretor com mandato, Vice- Diretor com mandato.

Esses Centros tinham diversos Cursos de Graduação, em outras palavras toda responsabilidade acadêmica dessas áreas do conhecimento, mas já começou com o Professor Paulo Elpidio, uma tentativa de discussão com relação a essa organização em Centros, certo? Ele abriu muito essa discussão, mas não chegou a concretizar nem uma nova divisão. Já na Administração subsequente, que foi o Reitor Professor Anchieta que tinha sido o primeiro Secretário Executivo da Fundação Cearense de Pesquisa, também Vice- Reitor, e Reitor na Administração do Professor Paulo Elpidio, então ele iniciou a administração em 1983, já com a preocupação desses diversos Centros.

Nessa administração dele, ele procurou intensificar a relação dos diversos Centros Acadêmicos, dos Centros que falei, onde começou uma mudança no Centro de Estudos Sociais aplicados. Então no âmbito do *campus* do Benfica, o Professor Anchieta restabeleceu a Faculdade de Direito, a Faculdade de Educação e a Faculdade de Ciências Econômicas, então foram criadas três grandes Faculdades. Isso daí já começou a sinalizar na direção de futuras mudanças que poderiam acontecer, e ele deu, e voltou sua administração de maneira muito forte com os diversos Centros, Centros e Faculdades da Universidade, certo?

Na administração do Professor Anchieta ficou muito claro na Nova República o Programa, o Projeto da nova Universidade que foi um projeto que tinha um grupo de notáveis da área acadêmica, pesquisadores, professores, e Reitores tentando dar um exemplo de como seria a nova Universidade brasileira, uma tentativa de reforma que nas discussões não avançaram, como era esperado, principalmente nesse momento, porque foi o momento de consolidação da organização do lado Sindical, tanto da Associação Docente, como da Associação do Técnico-Administrativo.

A partir daí, foram criados os Sindicatos Nacional(ANDES) e o Sindicato que seria a FASUBRA. Então se mostraram de forma organizada, coincidiu isso com uma certa abertura política do País, né? Com início da anistia que já foi no período desse governo de 1983 a 1987, os setores estavam extremamente organizados, então começou haver uma pressão muito grande sobre o processo de escolha do Reitor, uma cobrança dessas Entidades para uma maior participação no processo.

Então, a administração do Professor Raimundo Leite começou neste clima de maior participação, era um movimento de âmbito nacional. O Professor Anchieta nomeou alguns auxiliares para começar a pensar no processo de escolha e ao mesmo tempo assessorá-lo, e um desses auxiliares que ele convidou foi até mim, e então eu participei desse grupo de trabalho no sentido de discutir com ele e com ambiente que permeava a Universidade como um todo. Como poderia acontecer esse processo?

Então, o Professor Raimundo Leite foi o primeiro Reitor com o processo de participação mais ampla, certo? Só que na época dele, como não tinha nenhuma normativa nacional houve uma abertura para discussão em diversos ambientes, mas o que foi realmente elaborado foram nomes que foram apresentados nos diversos Centros e Faculdades. Depois eles foram concluídos em uma lista sêxtupla no Conselho Universitário, então a partir dessa lista sêxtupla, foi escolhido o novo Reitor.

Então, nesse período da administração do Professor Helio Leite existia no ambiente geral das Universidades uma sede muito grande de maior participação, algumas propostas advindas dos Sindicatos no sentido de maior democratização interna, isso era um fenômeno que transcendia o ambiente da Universidade, certo? Os diversos esquemas organizados de representação, passaram a ter uma atuação mais forte nesse período e fui escolhido pelo Professor Hélio Leite, convidado e aceitei e passei a ser integrante da sua administração, ocupando a Pró-Reitoria de Planejamento. Nessa época tive uma boa oportunidade com um certo grau de intensidade dos processos de negociação. O Professor Helio sempre foi muito aberto para as manifestações que aconteciam no ambiente acadêmico, até por uma questão de antiga participação dele no movimento estudantil, ele sentia quase na obrigação de dar uma maior abertura, no sentido de discutir determinadas questões acadêmicas ligadas não só a gestão, mas também a alguns aspectos acadêmicos.

A Pró-Reitoria de Planejamento fazendo parte do conserto de suas diversas Pró- Reitorias, ela se ateu a

funções específicas dela. Por delegação do Professor Hélio Leite fui responsável para negociar um Sistema de Informações para a Universidade Federal do Ceará. A partir de uma experiência bem sucedida e financiada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento na Universidade de São Paulo. Então nós chegamos a assinar um convênio entre a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal de São Paulo, na perspectiva de transferência de Tecnologia e de todo conhecimento que eles tinham nessa área do Sistema de Informações para passar até nós.

O Professor Helio Leite deu carta branca e garantiu infra-estrutura, inclusive para agente avançar na direção de ter uma rede de computadores que tivesse um serviço de base a um grande sistema que tivesse um serviço de dados único, desenvolvendo a área de pessoal, área de material, de finanças e toda parte ligada ao protocolo, além dos componentes acadêmicos. Nessa mesma época eu fui convidado a fazer parte do projeto *Columbus*, já na sua parte final, que era a relação de Reitores e Pró-Reitores de Universidades Brasileiras Latino- Americanas e Européias.

Então, o Professor Helio Leite me delegou também a função de representar nesse grupo de Reitores e Pró-Reitores e foi feito logo no início e consolidado uma reforma, que nós fizemos na época em que o professor Helio Leite estava em campanha. Fizemos um pré-projeto da reforma da Reitoria, dando novas definições de funções na Reitoria. Foi nessa época que foi criada a grande Superintendência de Recursos Humanos e a grande Superintendência de Planejamento Físico e Operações. Era uma visão mais moderna envolvendo na área de Superintendência de Recursos Humanos todo componente de processo avaliatório que já havia sendo disciplinado no Brasil como um todo, que era a progressão funcional dos Técnicos - Administrativos, certo? Envolvendo também uma área informatizada mais pesada ligada ao SIAPE que estava sendo implantado um Sistema de Administração de Pessoal Único junto às Universidades Federais e também estava avançando o Sistema de Administração Financeira.

Então dois grandes Sistemas que dariam uma base de todo procedimento administrativo da Universidade que seria e que teria que se pautar por orientações nacionais que existia nessas áreas com sistema centralizado. A partir daí o sistema de administração de pessoal passou inclusive por uma fase mais avançada, emissão de contracheque, sendo tudo feito diretamente do sistema de administração de pessoal de Brasília e vamos dizer assim, emissão de empenho e uma série de outros procedimentos financeiros e também acoplado ao sistema de administração financeira, processo licitatório e outros eventos administrativos.

Então nós, passamos por um processo que eu diria assim, de uma modernização administrativa nessa época e dentro dessa preocupação, para isso já havia sido criado na segunda metade da administração do Professor Helio Leite quase no final a ANDIFES que passou a congregar, a ser uma Associação de Reitores mais focada na problemática das Universidades Federais, então as Universidades Federais passaram a ter um fórum específico delas que tinham uma relação de representação direta de diálogo, um canal aberto direto com o Ministro da Educação e todos os desdobramentos e os Ministérios correspondentes em relação às Universidades.

Essa ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) essa Instituição, essa Associação que era de direito privado, ela não era ligada diretamente ao Ministério, era uma Associação de direito privado, ela representava os Reitores e representava também os Pró-Reitores e tinha nessa representação vários fóruns e um dos fóruns, o fórum de Planejamento e esse fórum de Planejamento eu tive uma participação ativa quando fui membro, quando fui Pró-Reitor de Planejamento, inclusive com a função bem intensa com desenvolvimento intenso na área de financiamento, envolvendo a discussão do modelo de alocação de recurso para todas as Universidades.

Saiu daquela relação que o Reitor e o Pró-Reitor de Planejamento iam à Brasília quase uma relação de balcão e diretamente negociavam os projetos ligados ao orçamento, e aí mudamos o eixo e não só a nossa Universidade, mas todas a partir de indicadores objetivos, tínhamos direito a uma certa fatia do orçamento e nessa discussão desse modelo que eu tive a participação intensa, levava em conta para não criar um caos administrativo. O histórico era como seria a distribuição dos orçamentos, então esse processo era um processo interativo que tinha etapa por etapa, em cada etapa tinha um componente que era a memória, isto é, que era o orçamento histórico para poder a Universidade sair de um determinado padrão para outro de forma abrupta que comprometeria os compromissos que ela vinha desenvolvendo, mas já apontando para frente para ser uma distribuição muito mais em cima da dimensão da Instituição e dos resultados apresentados pela Instituição.

Já nessa época também já se acenava com a discussão desse modelo e com a alternativa de melhorias em outras áreas da Universidade para sempre ter uma visão federativa do conjunto das Universidades, e não o Reitor por si só por ser uma pessoa de personalidade forte, ele captava mais recursos ou menos recursos, mas, muito mais de uma forma de ser, ver o conjunto como uma rede de Universidades Federais, tinha uma responsabilidade de pesquisa de produção de conhecimento, de formação de recursos humanos muito forte, e

se agente raciocinava em rede, passaríamos a ser mais estratégicos para o desenvolvimento do País, certo?

E na administração do Professor Hélio Leite também ela já em consequência de algumas questões desse ambiente, mas eu diria assim, participativo do conjunto das Universidades que ele colocou várias questões para discussão no conjunto do que seria o Conselho Universitário, o Conselho Superior de algumas questões ligadas ao próprio processo de eleição, outras questões ligadas ao processo do relativo ao regime de trabalho, certo?

Questões relativas a avaliação como é que seria o resultado da avaliação, como é que seria apropriada essas informações para progressão funcional, e assim por diante. Então várias questões desse nível foram tratadas e nas Pró-Reitorias de áreas, da Extensão, da Pesquisa, da Pós-Graduação e da Graduação, também vários avanços aconteceram, alguns vamos dizer assim, a própria Gestão Acadêmica dos diversos Cursos, o Programa de acesso à Universidade como também, questões relacionadas a uma interação, uma relação mais forte em uma busca constante de relação da Universidade com a sociedade.

Então, nesse sentido, o Pró-Reitor de Assuntos Estudantis era uma pessoa que veio da área tecnológica, uma pessoa que tinha também um envolvimento com setor industrial, um lado empresarial que tinha sido também Coordenador Nacional do Programa Agrícola Superior que foi o Professor José Nelson Espíndola Frota que veio ocupar a Reitoria de Extensão com um perfil um pouco diferenciado. A Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, onde foi colocado um cientista que tinha uma boa visão na área de pesquisa da Universidade, dando continuidade aos que o antecederam, também com o perfil de cientista, certo?

E, na Pró-Reitoria de Extensão o Professor José Nelson. Como eu falei, na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação o Professor Flávio Torres, uma cientista na Pró-Reitoria de Graduação a Professora Lúcia de Lara que era uma referência na área da Educação com formação pedagógica com Doutorado no Exterior. Todos os três Pró-Reitores de área afim eram Doutores, o Professor José Nelson que era na área da Química e de Solos, mas que tinha uma forte relação com a sociedade, o Professor Flávio Torres que era PHD em Física também no Exterior na Universidade de Oxford e a Professora Lúcia de Lara também com Doutorado nos Estados Unidos e com larga experiência em assuntos ligado a Pedagogia, também foi a Pró-Reitora de Graduação e o Pró-Reitor de Planejamento como eu já falei, eu fui escolhido.

O Pró-Reitor de Administração, o Professor Aprígio que veio da área médica, mas tinha uma experiência anterior na área de Gestão, o Professor Aprígio foi Pró-Reitor na área de Administração e o Pró-Reitor de Assuntos Estudantis foi o Professor Gustavo Ritchies que veio também com o perfil de pessoa que era Doutor também, mas uma pessoa que tinha um perfil muito fortemente envolvido já com movimento docente, ele era da área de Tecnologia de Alimentos e sobre o ponto de vista científico era um Doutor da área, mas ele tinha uma larga experiência na área Sindical dentro da Universidade, certo?

Então esse era o quadro do Pró-Reitor Professor Hélio Leite e tinha uma novidade, ele colocou na Chefia de Gabinete um Ex-Pró-Reitor o Professor Valdinar Custódio que tinha uma visão ampla da Universidade que tinha uma visão um pouco diferente, porque ele tinha uma amplitude das diversas áreas, e ele tinha uma atuação de certa forma política, no sentido de política universitária, política acadêmica. Certifico como Pró-Reitor de Graduação e Vice-Reitor do Professor Hélio Leite que era um Professor de larga experiência que tinha ocupado várias Pró-Reitorias nas administrações anteriores que era o Professor Raimundo Holanda Farias. Então essa era equipe do Professor Hélio Leite nessa administração.

O Professor Hélio Leite ele fez algumas viagens de cunho internacional procurando colocar a Universidade, internacionalizar mais a Universidade Federal do Ceará, dando inclusive continuidade a Reitores anteriores, mas ele focou mais fortemente em algumas Universidades que passaram a ter uma ligação mais estreita. Algumas Universidades no Exterior eu diria que essa administração se caracterizou, foi uma administração um pouco, ela foi uma administração rica no sentido de ter uma boa relação com a sociedade, no sentido de ter uma boa relação com o Governo de uma maneira geral que foi o Governo do Tasso Jereissati que já foi um programa de mudanças no Estado do Ceará.

E o Professor Hélio Leite com uma forte relação externa, talvez até uma atuação política forte no ambiente externo da Universidade, então no final dessa administração no que se refere a Pró-Reitoria de Planejamento nós entregamos um sistema de informações montado numa representação bem atuante do Projeto *Columbus*, a reforma da Reitoria. Algumas medidas foram tomadas dentro do Conselho Universitário de atualização da própria normatização e também uma forte atuação do Professor Hélio, ainda no ambiente inicial do clube e depois no ambiente da ANDIFES.

Aliás, eu estou cometendo um erro histórico, a ANDIFES atuou nessa época, mas ela estava nos primeiros movimentos do Professor Hélio, ele foi também Clube e depois é que passou a ser ANDIFES. E, substituiu o Professor Hélio Leite, o Professor Antônio Albuquerque que era um perfil de bom Administrador, ele tinha tido uma experiência grande, ele tinha sido por duas vezes Diretor do Centro de Ciências Agrárias, foi

Secretário de Educação do Estado, foi Secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério de Educação e Cultura, então ele tinha uma visão de administração muito ampla porque não só no ambiente da Universidade como no ambiente do Estado e no ambiente do próprio Ministério da Educação. Então o Professor Albuquerque substituiu o Professor Hélio Leite e teve uma administração muito operosa voltada muito fortemente.

Ele conseguiu um espaço de bons financiamentos e ele teve condição que o Professor Hélio Leite, não teve de dar uma melhoria no ambiente físico da Universidade Federal do Ceará. Então foi nessa época, que ele foi Reitor de 1987 a 1992, ele teve alguns problemas ligados a relação com os movimentos, porque quando ele assumiu, foi o primeiro da lista, mas como não tinha sido o mais votado, houve um certo grau de reação e os primeiros anos foram de alguns conflitos, aconteceram, mas ele com o passar do tempo superou os conflitos e entregou a Universidade em um determinado padrão.

Quando eu assumi a Reitoria fui candidato em uma lista de seis, inicialmente, pois eram sete candidatos que depois se transformaram em seis, porque um dos candidatos se retirou e a campanha foi feita de uma maneira inovadora, porque aconteceram grandes debates, inclusive aconteceram debates televisionados, então foi o momento assim, de participação diferenciada, de muitas críticas que as pessoas achavam que a Universidade não devia ter eleição. Eu acho que foi o momento importante para a Universidade, e depois o processo foi muito concentrado em cima do Professor.

O Professor tinha o domínio de 70% do peso, 15% dos estudantes e 15% dos funcionários com certo grau de abstenção de funcionários e estudantes, mas uma participação maciça dos professores. Os debates aconteceram um em cada *campus* depois aconteceu um debate fora da Universidade transmitido pela TV em que a sociedade teve um pouco da percepção do que acontecia no seio da Universidade.

Então houve o processo, houve a eleição e eu saí vencedor, em eleição direta eu fui o mais votado entre os professores, o mais votado entre os funcionários e fui o segundo mais votado nos estudantes. Foi feito a ponderação, então eu passei a ocupar a primeira posição e na hora da confecção da lista era lista tríplice, certo? Então a lista foi capitaneada por mim e foi uma quase inicial, eu fui escolhido e houve uma movimentação aqui ligada a alguns partidos políticos, algumas lideranças no sentido de me mostrar como uma pessoa iria administrar uma Universidade de uma forma muito corporativa, olhando para o próprio umbigo, mas isso não teve repercussão e eu fui escolhido pela Presidência da República.

Na época o Ministro era o Professor Paulo Renato e o Presidente era o Professor Fernando Henrique Cardoso, então eu fui escolhido Reitor da Universidade, então iniciei a administração com muito entusiasmo, certo? Vendo, colocando com foco principal numa administração de resgate da ideologia acadêmica e colocando como premissa, apesar do momento difícil que nós vivenciávamos na época, sobre o ponto de vista de financiamento com a premissa maior que a Universidade tinha, trabalho com processo de promoção da Universidade Pública que não o discurso que existia em defesa da Universidade Pública que usava até a imagem que quando você dizia sim, nós temos que defender a Universidade Pública da idéia de que nós estamos no canto do *ring*, sendo atacado sem muito espaço para se defender.

Então a minha visão era que agente tinha que ser mais proativo, retomar o entusiasmo e falar da promoção da Universidade Pública gratuita na Reitoria, eu tive grandes experiências todas elas muito gratificantes para mim, certo? Eu digo experiência no campo político, eu vou falar nos dois focos, a atuação política de um Reitor na condição de líder institucional e na condição de Representante do Poder Central, o Reitor de Universidade, cujo mantenedor é o Governo Federal, não adianta ficar querendo esconder o sol com a peneira, a responsabilidade que eu estava foi por Delegação da Presidência da República apesar de eu ter todo um respaldo e uma legitimação pela votação que eu recebi dos Professores, dos Funcionários e dos Estudantes da minha Universidade.

Então neste ambiente, a minha primeira prova de fogo foi a invasão da Reitoria, a Reitoria foi invadida pelos estudantes, eu estava em Brasília. Quando eu cheguei de Brasília um grupo de Pró-Reitores foi me receber dizendo que a Reitoria estava invadida e era melhor ir para casa. Eu disse: não, é melhor eu ir para a Reitoria que é o nosso local de trabalho, cheguei na Reitoria e estava toda invadida pelos os estudantes. Eu entrei e a porta estava aberta do meu Gabinete, tinha estudante, vários estudantes no meu Gabinete, alguns sentado na poltrona, outros deitados no carpete, outros conversando em pé.

Questionei a eles porque eles tinham feito à invasão. Eles disseram “Não professor, nós não invadimos, nós estamos ocupando”. Eu digo ocupação é uma coisa, invasão é quando vocês usam de atos de violência, vocês empurraram funcionários, vocês derrubaram funcionários, empurraram professores e arrobaram portas, então vocês invadiram a Reitoria. Eu queria saber por que vocês invadiram a Reitoria? Então eles responderam: “Não professor, é porque nós estamos no ato em defesa da Universidade Pública e Gratuita”. Aí eu disse: Sabe o que é que eu faço? Nessa época eu devia ter 26 a 27 anos de Universidade, sabe o que eu faço desde o

dia em que eu entrei aqui? Defender a Universidade Pública e Gratuita. Sabe o que eu estava fazendo em Brasília? Em uma reunião de Reitores no MEC? Defendendo a Universidade Pública e Gratuita, então essa conversa para cima de mim não vai colar, então vocês invadiram por uma atitude política que vocês podem considerar legítima, mas que eu considero ilegítima, vocês tem dois caminhos ou vocês saem agora ou então se vocês não desocuparem agora vou entrar com a medida judicial de Reintegração de Posse.

Aí eles pediram rapidamente um tempo, que esse tempo não demorou 30 segundos e voltaram, saíram um pouco, um grupinho voltou e falaram: Não, não, nós não vamos sair não. Então estou avisando a vocês que vou entrar com Reintegração de Posse. Desci para reunião, chamei o Procurador, juntei os Pró-Reitores e pedi ao Procurador entrar com medida de Reintegração de Posse e alguns ponderaram que talvez fosse melhor esperar mais um pouco. Eu disse: Eu não poderia esperar mais porque qualquer, vamos dizer assim, espera fragilizava o próprio direito de ter a Universidade de volta, de ter a oportunidade de estar retomado aqui.

Quando eu avisei que iria pedir a Reintegração de Posse fiz a reunião e foi pedido por alguns ponderação, pois seria melhor aguardar mais. Eu digo, não temos que fazer agora, foi feito o pedido de Reintegração de Posse, era 4 horas da tarde, quando foi 5 horas da tarde recebi um telefonema do Superintendente da Polícia Federal dizendo que tinha recebido uma ordem do Juiz para conseguir desalojar os estudantes para garantir a Reintegração da Posse na Reitoria. Teve uma coincidência histórica que eu sempre conto que foi até um bom momento entre a minha pessoa e a pessoa da Luiziane Lins.

Luiziane conviveu comigo na época em que eu era da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, ela líder estudantil na época das negociações, várias vezes eu tive a oportunidade [...]. Participei de um programa quando foi escolhido o Professor Albuquerque, Reitor pela lista sêxtupla e houve uma reação muito grande, eu fui convidado, participei eu, e ela como debatedores, eu obviamente com posição institucional que era de respeito a adição do Conselho, ela com opinião contrária, vários momentos tivemos alguns encontros sempre cordiais e respeitosos, de ambas as partes.

Então ela (Luiziane) chegou de uma forma até carinhosa e disse: Roberto eu vim aqui que eu soube que foi pedido a Reintegração de Posse, eu acho que você não deveria pedir a Reintegração de Posse, senão você não vai ser mais Reitor, você vai acabar com sua história, você sempre foi uma pessoa progressista e está tomando esta posição. Então eu respondi: Como assim Luiziane? Nós estamos no estado de direito pleno hoje, o que não era naquela época, então eu não pedi a Reintegração de Posse, significa que a partir de segunda-feira eu não sou mais Reitor? Isso era uma sexta feira porque eu não tenho mais liderança institucional, depois de um ato de violência que eu acho inaceitável, nunca me neguei receber qualquer representação estudantil e de funcionários e professores, em momento de greve em qualquer momento antes de greve, depois de greve, em qualquer momento sempre recebi, o gabinete estava de portas abertas para todas as representações dos diversos segmentos da Universidade, aí sim eu deixo de ser Reitor.

Aí ela perguntou se eu me incomodava dela convencer os estudantes a sair, eu disse: Não pelo contrário, eu faço é agradecer, ela foi conversar com os estudantes e mostrando para eles o significado daquilo, eles se retiraram obviamente com uma série de impropérios em relação a minha pessoa me chamando de ditador e de outras adjetivações menos publicáveis, certo? Mas, saíram e voltamos a atividade normal, isso serviu de exemplo porque depois na minha experiência de professor os Reitores que tiveram invasão desta forma com violência e tudo, os Reitores que não pediram Reintegração não conseguiram mais ser Reitor, o exemplo mais emblemático que eu uso é o da Universidade de São Paulo.

A Reitoria demorou muito e ficou em uma tentativa de negociação e o movimento radicalizou quando ela pediu a Reintegração e foi feita de forma violenta e ela perdeu a liderança institucional, então isso foi um fato interessante. Primeiro eu vou falar desses fatos que me marcaram. Outro fato também foi quando no momento de greve os professores decidiram que não iriam fazer o vestibular, no meio da greve eu pedi de uma forma inusitada como Reitor da Universidade.

Pedi a ADUFC (Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará) e ao Sindicato uma reunião, uma nova assembléia, que eu queria discutir a decisão que iria defender meu ponto de vista, então em lá chegando foi me dado todo espaço democrático e a ADUFC foi super correta comigo e na assembléia eu argumentei com os professores que um dos grandes objetivos do movimento era ganhar a sociedade, mostrar para a sociedade do que estava acontecendo na Universidade Federal do Ceará e das outras Universidades brasileiras, certo?

E, que era importante de ter a sociedade como aliada, aí eu fiz a seguinte pergunta: Como é que vocês vão ter a sociedade como aliada quando vocês estão prejudicando 30 mil jovens? Se eu colocar por baixo são 150 pessoas que estão contra a Universidade Federal do Ceará e seus docentes, porque está suspendendo o vestibular, poderia pensar que é um número abaixo e uma subestimativa porque tem de cara o avô e avó, o pai

e a mãe, tia, primos e irmãos, estou colocando os 5, um número reduzido, já penso o que é 150 mil pessoas que estão na expectativa de veres seus filhos dentro da Universidade e serem frustrados nessa posição por causa de um momento de radicalização de não haver vestibular.

Então eu pedi para colocar em votação, então a decisão foi de retomada do vestibular, a partir dali ficou acertada a retomada do vestibular, um grupo de professores da área de história na mesma assembléia eles me procuraram e, fizeram a seguinte afirmativa: Professor, depois dessa decisão os professores da História não participaram da Banca de História, na mesma rapidez me disseram, virou para o Presidente da Comissão do Vestibular, o Professor Valdinar Custódio, que infelizmente faleceu de forma pré-matura durante a minha administração já no final da minha administração. Então eu olhei para o Professor Valdinar Custódio e disse: Valdinar, você contata Professores da Federal de Pernambuco, Federal da Paraíba na perspectiva para sair um convite para eles constituírem a Banca de História, e eles toparam e nós fizemos o vestibular.

O vestibular ocorreu no meio da greve com toda a segurança e com toda normalização graças a contribuição dos professores e funcionários que tiveram a responsabilidade e o pessoal da história me procurou perguntando se podia corrigir a prova com todo prazer por parte da Universidade, porque vocês resolveram entender que era importante acontecer esse vestibular, o vestibular aconteceu e a greve se encerrou. Se fez um novo calendário em função disso, mas nós não perdemos essa chance, e outro momento foi o momento de greve, quando houve uma greve muito radical no ambiente do sistema hospitalar em que, os residentes que eram extremamente comprometidos com o trabalho deles que tinha uma importância muito grande na garantia do atendimento das pessoas de uma maneira geral no hospital, porque o residente e a mão de obra médica jovem entusiasmada, que está em um processo de complementação de aprendizagem que garante o atendimento hospitalar, principalmente no hospital de escola pública, né?

No sistema do SUS os residentes eram conhecidos por greves muito organizadas, bastante dura e bastante radicais porque eram greves que seguia um comando nacional, eram muito consistentes esses movimentos, ao mesmo tempo em que eles eram consistentes, eles eram muito duros no processo de negociação. O ambiente ficava muito aquecido e normalmente surgiam vaias e reações das mais variadas e estava acontecendo uma assembléia muito dura no *campus* do Porangabussu, com caixas de som e tinha uma espécie de palco, o pessoal assustou-se porque eu fui direto ao encontro deles e fiquei no palco, e fui discutir.

No começo surgiu uma pequena vaia, mas depois que eu comecei a discutir eles começaram a respeitar para ver como seria o encaminhamento, então eu adotei uma prática, teve greve eu conversava, teve greve eu recebia, teve greve eu ia para assembléias porque ficava mais fácil no dia-a-dia e sempre definir uma postura eu era o mesmo dentro do meu Gabinete, a mesma pessoa com os mesmos valores e as mesmas falas daquele que iria para a Reitoria do lado de fora. Ali na parte dos jardins conversava com eles, e da mesma forma que ia para assembléia deles para discutir, então nunca houve fechamento e distanciamento sobre essa questão.

Então consegui ao longo dos meus 8 anos de mandato ter uma relação bastante democrática e profissional que dizia inclusive para minha amiga Maria Luiza, eu sou docente, todo mundo é docente, mas agora estou Reitor, então minha função é essa em condição de Reitor, então assim, esses momentos me marcaram nessa relação, assim com a comunidade como um todo, então nunca houve da minha parte e das associações qualquer dificuldade de termos discussões, encaminhamentos, mas cada um no seu pedaço, por exemplo eu tinha uma posição que eu mantinha, que eu fui minoria, não sei se isso é uma posição gloriosa ou não, mas eu mantive essa posição até o fim da minha administração por uma condição conceitual.

Todas as greves, as primeiras coisas que eles faziam era pedir manifestação no Conselho Universitário que a greve era justa e os Conselhos das Universidades Federais geralmente faziam isso como uma forma de pressionar, eu dizia que não é o papel do Conselho Universitário era a justeza de greve ou não, então o movimento tem de forma autônoma que ele preconize dentro do que ele deseje garantir o movimento sem precisar desses apoios que eu considero artificiais no Conselho Universitário constituído de professores. Dizer que a greve é justa, a justeza da greve não cabe àquele fórum, então eu nunca como Presidente aceitei levar para o Conselho, então foi uma posição que mantive até as vezes considerada como uma postura conservadora demais.

Para mim de maneira muito clara, isso não era função do Conselho Universitário, gostava de separar muito os papéis, eu achava que você trabalha com critério e papéis claros, onde a relação pública fica mais democrática e mais clara não tem surpresa de ambos os lados, ,agora no que se refere ao lado acadêmico, que foi a grande busca que procurei fazer na Universidade, e o meu primeiro raciocínio, aí talvez o viés, a estatística e o seguinte: Por que é que a Universidade tem vaga ociosa? Segunda pergunta: Por que é que a Universidade não completa as vagas que ela coloca nos editais, e por que nós passamos tanto tempo para formar um aluno?

Onde a Universidade Pública deve dar a oportunidade? Então, para resolver essas perguntas, nós montamos uma espécie de equação, então a primeira coisa que eu fiz foi solicitar, que já veio como consequência do

tempo em que eu era Pró-Reitor de Planejamento desses sistemas que estava funcionando informatizado, eu pedi a lista de oferta de agosto de 1995, a lista de oferta da Universidade e qual foi minha surpresa, teve uma coincidência histórica bem cabalística, a Universidade ofertou 2.222 turmas em agosto de 1996, dessas 2.222 turmas, tinha 100 turmas com 1 aluno e estava ocupando professores em 100 turmas com 1 aluno, e descobri uma coisa mais escandalosa, ainda que 25% das turmas ofertadas naquele semestre $\frac{1}{4}$ tinha no máximo 6 alunos, e no Regimento da Universidade o Regimento rezava que não podia se ofertar turmas com menos de dez alunos, a não ser que fosse em condições especiais, isso acontecia na lista de oferta.

Então a minha pergunta por quê tanta ociosidade? Vamos ver alguns cursos. Tinham habilitações, por exemplo o curso de Engenharia Elétrica, tinham quatro habilitações, quando estava em um curso de Graduação, aquilo é um requinte de um País rico e você pode usar um professor na Graduação para esse tipo de requinte, ter várias habilitações em um curso de Graduação, descobrimos também que meu Curso de Estatística entrava um, dois, três, quatro por semestre. Economia Doméstica, idem, física, idem, biblioteconomia, idem, vários cursos da Universidade entrava um número baixíssimo de alunos, descobrimos também uma quantidade de aluno que não estava fazendo sua matrícula institucional, então vamos matar cada leão por vez.

Primeira coisa que nós fizemos, porque que não se preenche as turmas de vestibular? Nos tínhamos um vestibular com características eliminatórias. A primeira parte que era enciclopédia tinham várias disciplinas, vamos dizer que fosse nove disciplinas, se uma pessoa zerasse em uma disciplina então ele estava fora do processo. E aí, fomos descobrir o seguinte: vários candidatos de direito tinham zerado e Física vários candidatos de outros cursos tinham zerado em Matemática, e aí como se fosse os vilões de Física e Matemática, então nós resolvemos, aí entrou minha parte técnica junto com os colegas do Departamento, nós fizemos uma simulação de se juntar, qual a melhor disciplina para se juntar com Física para diminuir o número de zeros e aí não seria Física, seria física com a outra, Geografia.

Qual era a melhor matéria para se juntar com Matemática era História? Com base nesses dados nós fizemos um novo edital em que o próximo vestibular tinham as seguintes mudanças. Primeiro, ele não era mais eliminatório, ele era classificatório e tinha essa história de ter um determinado padrão, como era classificatório selecionava o número três ou quatro vezes do número de estudantes para na segunda fase completar, e eu dizia assim, nós somos Universidade Pública. Essa história de dizer que nós temos qualidade porque fica 20% sem entrar e tantos por cento fora isso, é uma falácia, nós temos uma obrigação de colocar do grupo de estudantes que tenta a Universidade Pública, nós temos a obrigação de colocar para dentro a totalidade das vagas, aí deixamos de ter vagas ociosas no vestibular, aí tivemos a felicidade no Curso de Economia Doméstica, aprovar 20 no Curso de Biblioteconomia, 20 em Estatística, recuperou um pouco a auto-estima desses cursos, e esses cursos passaram a funcionar de forma plena.

Essa foi a primeira ação que nós tomamos. Segunda ação, foi o processo de transferência, o processo de transferência era feito da seguinte forma: se você quisesse se transferir você era examinado por um provão com conteúdo até o quarto semestre, então as pessoas orgulhosamente na Universidade por exemplo, no Curso de Economia as pessoas faziam a prova e reprovava maciçamente, passavam uns 5 de 50 que tinham se inscrito de 100, então tem algo errado: Será que o aluno que está na UNIFOR, ou em outra Universidade que pede transferência para a Federal, ele não tem condições de cursar, aí nós mudamos, nós tiramos a prova, inclusive o pessoal, mas não pode, tem uma recomendação, aí eu digo: é por isso que a Universidade é autônoma.

Usei várias vezes o Princípio da Autonomia Acadêmica que a Universidade tem, então a transferência passou a ser diferente, a transferência passou a ser por número de créditos, se vier esse aluno a ser transferido para a Engenharia da Universidade Federal do Ceará que tivesse no sexto semestre completo sem reprovação e vim esse um da Paraíba no quinto semestre, o que entrava era o da UNIFOR, porque ele tinha mais crédito, aí com isso o que acontecia com esse aluno que vinha da Universidade gratuita, ele terminava mais rápido, aí nós melhoramos duas coisas, o alunado com menos ociosidade e melhor aproveitamento dos professores e melhoramos a produtividade da Universidade. A Universidade estava formando mais gente em menos tempo e fizemos a usrupação dessas pessoas que estavam fora do Regimento para jubilação.

Analisamos todos os casos e chamamos os alunos que estavam acima do tempo que era possível pelos Estatutos da Universidade, pelas regras da Universidade demos oportunidade e fizemos em cada Coordenação um plano como se fosse um plano de empréstimo em que o sujeito vai pagando um plano para ele concluir, terminado o plano ele não cumprisse o que tinha sido estabilizado, ele era jubulado. Jubilamos vários alunos da Universidade, nessa condição porque eles estavam tomando a vaga do que queria entrar, mas infelizmente boa parte deles retornaram pela Justiça.

Depois nós aperfeiçoamos o processo no sentido de não tirar o princípio de defesa deles, apesar deles assinarem um documento de negociação das dívidas deles de créditos que eles tinham que cumprir, e aí ficou

um certo equilíbrio, então uma das coisas que eu digo na minha herança, que eu fiquei feliz quando entrei em uma Universidade com 11.000 alunos e sair com a Universidade com 21.000 alunos da Graduação sem ter havido acréscimo de professores sem ter havido acréscimo de área física, nem nada que nós tínhamos infraestrutura para suportar aquele tamanho de Universidade.

Isso foi um caminho, outro caminho na área acadêmica. Na Graduação queríamos uma Graduação plena e produtiva e formando pessoas no número condizente e com número condizente com a infraestrutura da Universidade que era pública, que permitia a sociedade. Segundo regime que nós atacamos foi o regime com dez cursos de Mestrado, reprovado pela CAPES avaliado negativamente. O Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação foi o Professor Lindenberg Gonçalves que teve realce em várias posições nessa área de Pesquisa e Tecnológica no Estado, inclusive nós em recomendação para o Professor Linderbeg, recuperar dos dez cursos, nós recuperamos nove, e passar para Doutorado qualquer curso nosso.

Inventamos também uma fórmula nova, uma inovação que a CAPES assumiu nacionalmente, e que nosso projeto era pagar a consultores da CAPES e o Comitê avaliar os cursos de Pós-Graduação, que faria *ad hoc* e tinha um Parecer deles que então nós seguimos a receita. A CAPES rapidamente incorporou e nós não precisamos pagar pró-labore, nem passagem a CAPES. Bancou esse esforço nosso e o que, aconteceu 2 anos depois a Universidade Federal do Ceara foi a única que aprovou todos os cursos de Mestrado e Doutorado, nem a USP aprovou, nem a Federal do Rio de Janeiro, nem de Minas, nem do Rio Grande do Sul, só uma. A Universidade Federal aprovou todos os Cursos de Doutorado e Mestrado e aí começamos na segunda fase, a garantir qualidade e indicadores que dessem uma direção para que esse esforço acadêmico, e também aproveitando todos os esforços do que nos antecederam, nós focamos na Pró-Reitoria de Extensão, inclusive o Pró-Reitor era o professor Renê Barreira que tinha sido meu concorrente, que foi professor no sentido não só cultural, mas na área tecnológica.

Nós, como Universidade deveríamos aprofundar a relação com a sociedade e passamos a ter representação em todos os fóruns que se discutia ciência e tecnologia e cultura, a Universidade fez questão de estar representada, então avançamos bastante nessa direção e na Pró-Reitoria de Graduação, nós fizemos também inovação que houve um grande destaque, que foi a minha Pró-Reitora de Graduação que não era Pedagoga, não era de área base, era a Professora Helena Pitombeira, era médica, mas que eu conhecia a inteligência dela, a dedicação dela e a seriedade dela, conheci a capacidade dela de liderança, sempre lidero, sempre de forma muito meiga, mas também muito dura, ao mesmo tempo em que ela era meiga, ela não perdia a ternura.

Então, a Pró-Reitoria de Graduação com grandes assessores que ela tinha avançou muito nessa direção que falei e tive a sorte de ter como Pró-Reitor de Planejamento, mais tempo, primeiro o Professor Bosco, depois de um ano o Professor Bosco saiu, depois tive a oportunidade primeiro como Pró-Reitor de Administração, depois, Pró-Reitor de Planejamento o Professor Joaquim Aristides que era Arquiteto e que foi uma pessoa da minha confiança que foi um dos grandes responsáveis nos avanços nessa área de Gestão de Planejamento de Operação, e Planejamento mesmo, e tivemos também o Professor Sérgio Bezerra que deu uma boa colaboração, o Professor Guimarães que deu uma boa colaboração, tivemos a Professora Helena em uma segunda etapa como Pró-Reitora de Pesquisa, tivemos a Professora Elza como Pró-Reitora de Graduação que deu uma excelente contribuição e o Professor Melo que foi um excelente Pró-Reitor de Extensão, e no meu segundo mandato o Professor Renê que passou a ser meu Vice-Reitor.

Então, neste quadro todo de muita motivação, com todo entusiasmo que administramos com toda essa equipe nós tínhamos grandes pessoas, grandes consultores, pessoas experientes, como o Professor Luis Santiago Guerra que faleceu, depois o Professor Carlos Marques o famoso Carlão que foi de uma importância transcendental para nossa administração, experiência de gestão dele, tivemos o Professor Haroldo Lins na Superintendência de Recursos Humanos e outros auxiliares que foram importantes para todos nós, isso nesta fase.

Aliás, em 1998 eu fui surpreendido com um convite, fui votado pela Associação brasileira, Academia Brasileira de Ciências pela UNE e fui votado pela Sociedade Brasileira do Progresso da Ciência pelo Conselho de Reitores e pela ANDIFE para ser Membro do Conselho Nacional de Educação e fui escolhido. Aí tive outra dimensão da Educação Superior, foi muito útil para a Universidade Federal do Ceará e no Conselho eu fui muito útil porque, vim de uma experiência de gestão de uma Universidade que se consolidava.

No conselho foi um novo capítulo da minha vida, fui Vice-Presidente da Câmara de Educação, logo no dia que assumi, me elegeram Vice-Presidente da Câmara de Educação Superior, depois fui Presidente da Câmara, depois fui reeleito e fui reconduzido para um segundo mandato. Logo que terminei a Reitoria, fui visitante na Universidade do Arizona para estudar o Sistema Universitário Americano durante o período de pouco menos de 3 meses, tirei licença do Conselho de duas grandes seções que foi de 2 meses e meio, retornei ao Conselho e logo no outro ano eu fui guindado para Presidência Nacional de Educação, aí já tinha novos componentes o

Conselho de Educação, pois foi todo renovado.

No Conselho Nacional de Educação eu considero como grandes contribuições que dei ao realinhamento da Pós- Graduação brasileira, o formato de como fazer a validação dos diplomas estrangeiros, tive também importância muito grande e estou sendo modesto na área de educação à distância, pois eu era uma espécie de quadro de Consultor para que o próprio Governo fez, que passou no Governo a Educação à Distância, e tive um certo grau de envolvimento nas reformas universitárias e na pretensa reforma que não aconteceu, e também várias audiências públicas no Congresso voltadas para o Plano Nacional de Educação que estava terminado e o início da discussão de outros e lá aprendi muitas coisas, tive muitos companheiros no Conselho e foi uma época de grandes aprendizados.

Quando foi no ano de 2003 concluir meu mandato de Presidente e foi ao mesmo tempo que terminou meu mandato de Conselheiro. Então, o que resolvi fazer, eu me achava muito novo quando eu deixei o Conselho, eu tinha 58 anos quando eu deixei o Conselho, então eu me achava muito novo para parar e resolvi abrir o Instituto Educar e pegar algumas parcerias com alguns companheiros de batente entre eles, o Professor Abílio Barreto Neves, Vice-Presidente da CAPES, Ex-Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais e Ex-Secretário de Ensino Superior, o Professor João Batista Ferreira Gomes, Ex-Diretor de Avaliação da CAPES, e terminou também como Presidente do INEP e nós reunimos e formamos um grupo e a partir desse grupo fizemos alguns trabalhos.

O primeiro trabalho foi o ordenamento em torno da qualificação de oferta e certificação do Curso de Engenharia de Petróleo da PETROBRAS, fizemos todo o realinhamento, foi um trabalho que nós fomos contratados como Consultores, para isso e depois nós entramos em uma grande licitação do Governo do Estado para avaliar as três Universidades Estadual do Ceará, fizemos esse trabalho e foi um trabalho muito gratificante para gente, aprendemos bastante, depois fomos contratados como Consultoria de forma pública com a sistematização do Plano de Ciências e Tecnologia e também como condição do Instituto Educar.

Fomos contratados por licitação para avaliar o Centro de Ciências Agrárias onde tinha sido minha origem de tudo, onde tinha sido a grande ambiência acadêmica da Universidade por Excelência que estava passando por alguns problemas em função pelo próprio desinteresse do jovem para seguir a carreira agrônômica, e o curso foi caindo de procura e consequência, caiu a qualidade e fizemos um trabalho com um bom grau de participação, foi muito rico esse trabalho e depois temos colaborado e grandes trabalhos de avaliação de política pública, políticas públicas ligadas a trabalho e emprego, certo?

E estamos fazendo agora um trabalho também grande de avaliação e monitoramento e ao mesmo tempo de análise na área de Educação Profissional brasileira junto aos Centros e Institutos Federais de Educação Científica e Tecnológica, então essa foi mais ou menos, vamos dizer assim, tem sido mais ou menos a minha trajetória como estou fazendo aqui de forma muito espontânea, sei ser sistematizado, inclusive até de forma assimétrica, talvez, em algumas questões eu tenha me estendido mais do que desse porque me entusiasmo com algumas questões que foi realmente lideradas por mim na época de Reitor, e que eu tenho deixado em aberto outras coisas e também ainda na minha época de Reitor.

Estou lembrando agora, que eu participei do grande Centro com dois Reitores e o Presidente da CAPES, foi o Centro de Estudos Brasil e Espanha junto a Universidade de Salamanca com nomeação do Ministério da Educação Brasileira em conjunto com o Ministério da Educação da Espanha e fui Membro desse Conselho Superior, onde tive a oportunidade na condição de Reitor de várias Missões Internacionais de várias palestras fora do Brasil, uma na Universidade do Arizona, outra na Espanha dentro do Projeto Tordesilhas, duas na Espanha, outra em Portugal na Universidade de Coimbra, participando de mesa redonda relacionada a problemática da Educação Superior no Brasil e tive a oportunidade no Projeto Tordesilhas de fazer parte de uma mesa redonda relacionada a revalidação do Diploma e de dupla Titulação, além disso fiz várias Conferências pelo Brasil inteiro, várias palestras sempre relacionadas com a temática da Educação Superior sempre relacionada com tendências e desafios na Educação, foram outras contribuições, assim de palestras e tudo, a uma ambiência mais acadêmica por várias Universidades brasileiras.

Então em linhas gerais essa tem sido a minha trajetória e me considero ainda hoje aos 66 como um Ator bastante participativo nas questões relacionadas com a Educação Nacional.

ANEXO A – AUTORIZAÇÕES DOS PROFESSORES PARA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, EU, **CIRO NOGUEIRA FILHO**, ora Entrevistado, inscrito no Registro Geral sob o nº 92002124558 SSP/ce, com endereço profissional/domiciliado na Rua/Avenida Tiscande de Mauá nº 1661, Bairro Aldeota, CEP. nº 60.125.160 na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, **AUTORIZO** e **DECLARO CEDER** à **Doutoranda Sara Marli Magalhães Belarmino da Silva**, brasileira, inscrita no Registro Geral sob o nº 90002280006 SSP/CE, com endereço profissional à Avenida Antônio Sales, nº 1317, Sala 803, Bairro Aldeota, CEP. 60.135-100 em Fortaleza no Estado do Ceará, as entrevistas/ depoimentos orais e escritos que lhes foram prestados, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais das entrevistas/ depoimentos orais e escritos de caráter histórico e documental que prestei à doutoranda/entrevistadora aqui referida, na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, como subsídio à construção de sua TESE de Doutorado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, intitulada de *“Histórias da Universidade: Trajetórias e Experiências de Docentes da Universidade Federal do Ceará”*. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, as mencionadas entrevistas/depoimentos orais e escritos, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Fortaleza-CE, 23 de Abril de 2014.

Ciro Nogueira Filho
Entrevistado/Depoente

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, EU, **JOSÉ MARIA DE SALES ANDRADE NETO**, ora Entrevistado, inscrito no Registro Geral sob o nº 1312-D-CREA SSP/CE, com endereço profissional/domiciliado na Rua/Avenida Engenheiro Santana Júnior nº 2947, Bairro Cocó, CEP. nº 60175-650, na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, **AUTORIZO** e **DECLARO CEDER** à **Doutoranda** Sara Marli Magalhães Belarmino da Silva, brasileira, inscrita no Registro Geral sob o nº 90002280006 SSP/CE, com endereço profissional à Avenida Antônio Sales, nº 1317, Sala 803, Bairro Aldeota, CEP. 60.135-100 em Fortaleza no Estado do Ceará, as entrevistas/ depoimentos orais e escritos que lhes foram prestados, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais das entrevistas/ depoimentos orais e escritos de caráter histórico e documental que prestei à doutoranda/entrevistadora aqui referida, na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, como subsídio à construção de sua TESE de Doutorado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, intitulada de *“Histórias da Universidade: Trajetórias e Experiências de Docentes da Universidade Federal do Ceará”*. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, as mencionadas entrevistas/depoimentos orais e escritos, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Fortaleza-CE, 23 de Abril de 2014.


Entrevistado/Depoente

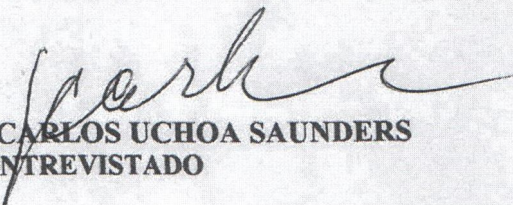
(Adaptado do CEDIC-Centro de Documentação e Informação Científica "Professor Casemiro dos Reis Filho" - PUC/SP)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, EU, LUIS CARLOS UCHOA SAUNDERS, ora Entrevistado, CPF nº 001149103-59, identidade profissional nº 3348 D Crea-CE, com endereço domiciliado na Avenida D. Almeida Lustosa, 1700 – Bairro: Parque Albano, na cidade de Caucaia/CE, CEP 61645-000, no Estado do Ceará, **AUTORIZO e DECLARO CEDER à Doutoranda Sara Marli Magalhães Belarmino da Silva**, brasileira, inscrita no Registro Geral sob o nº 90002280006 SSP/CE, com endereço profissional à Avenida Antônio Sales, nº 1317, Sala 803, Bairro Aldeota, CEP. 60.135-100 em Fortaleza no Estado do Ceará, as entrevistas/ depoimentos orais e escritos que lhes foram prestados, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais das entrevistas/ depoimentos orais e escritos de caráter histórico e documental que prestei à doutoranda/entrevistadora aqui referida, na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, como subsídio à construção de sua TESE de Doutorado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, intitulada de *“Histórias da Universidade: Trajetórias e Experiências de Docentes da Universidade Federal do Ceará”*. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, as mencionadas entrevistas/depoimentos orais e escritos, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Fortaleza-CE, 23 de Abril de 2014.


**LUIS CARLOS UCHOA SAUNDERS
ENTREVISTADO**

(Adaptado do CEDIC-Centro de Documentação e Informação Científica "Professor Casemiro dos Reis Filho" - PUC/SP)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
DOCTORADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, EU, Roberto Cláudio Frota Bezerra, ora Entrevistado, inscrito no Registro Geral sob o nº 94014001797 SSP/CE, com endereço profissional/domiciliado na Rua/Avenida Monsenhor Catão nº 1450, apto 500, Bairro Aldeota, CEP. nº 60.175-000, na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, **AUTORIZO e DECLARO CEDER à Doutoranda Sara Marli Magalhães Belarmino da Silva**, brasileira, inscrita no Registro Geral sob o nº 90002280006 SSP/CE, com endereço profissional à Avenida Antônio Sales, nº 1317, Sala 803, Bairro Aldeota, CEP. 60.135-100 em Fortaleza no Estado do Ceará, as entrevistas/ depoimentos orais e escritos que lhes foram prestados, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais das entrevistas/ depoimentos orais e escritos de caráter histórico e documental que prestei à doutoranda/entrevistadora aqui referida, na Cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, como subsídio à construção de sua TESE de Doutorado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, intitulada de *“Histórias da Universidade: Trajetórias e Experiências de Docentes da Universidade Federal do Ceará”*. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, as mencionadas entrevistas/depoimentos orais e escritos, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Fortaleza-CE, 23 de Abril de 2014.



Entrevistado/Depoente

(Adaptado do CEDIC-Centro de Documentação e Informação Científica "Professor Casemiro